



**AS MASIES CATALÃS COMO CASAS RURAIS DE LAVRADOR
ABASTADO E O SEU POSSÍVEL EQUIVALENTE EM PORTUGAL**
VOLUME I

José Pedro Dias Cardoso

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura

Orientador: Professor Doutor João Rosa Vieira Caldas

Júri

Presidente: Professor António Manuel Barreiros Ferreira
Orientador: Professor Doutor João Rosa Vieira Caldas
Vogal: Professora Doutora Maria Alexandra de Lacerda Nave Alegre

Maiο 2014

AS MASIES CATALÃS COMO CASAS RURAIS DE LAVRADOR
ABASTADO E O SEU POSSÍVEL EQUIVALENTE EM PORTUGAL

VOLUME I

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que me ajudaram a desenvolver este trabalho.

Ao Professor João Caldas por me ter despertado o gosto pela arquitetura vernacular. Pela sua orientação indispensável, incansável disponibilidade e exigência.

Ao Professor Joan Curòs i Vilá pelo seu interesse em dar-me a conhecer as *masies* da comarca da Garrotxa.

A todos os proprietários que amavelmente me abriram a porta de sua casa.

Ao Iván, ao Jaewoo, à Anna, à Angèla e à Amanda.

Aos meus amigos e à minha família todo o apoio.

Obrigado.

RESUMO

Este trabalho incide sobre o estudo da arquitetura rural da Catalunha e, em particular, sobre as edificações rurais mais representativas deste território - as *masies*. A *masia*, que designa casa rural isolada, está associada a uma unidade de exploração agrícola e, portanto, comporta quase sempre campos de cultivo no seu entorno. É o edifício-símbolo de toda a propriedade - o *mas* - e espelha a vida agrícola catalã, fundada por unidades familiares com um espectro social que vai do lavrador abastado até ao grande proprietário.

O estudo destes objetos passa por uma perspetiva evolutiva, geográfica, tipológica e construtiva centrada na habitação e na sua relação com as dependências e espaços de apoio à atividade agro-pecuária. Tendo como fim a comparação, embora sucinta, com a arquitetura rural portuguesa do Algarve, única região de características claramente mediterrânicas.

Neste processo, e para consolidar o conhecimento deste património *in situ*, parte-se da análise sistemática de um inventário de casos de estudo, baseado num levantamento realizado no território catalão.

Palavras-chave: Mediterrâneo; casa rural; *masia*; *monte*.

ABSTRACT

This work focuses on the study of rural architecture in Catalonia and in particular on the most representative rural buildings of this territory - the *masies*. The *masia*, that designates the rural isolated house, is associated with agriculture holding units and it therefore has fields in its surroundings. It is a 'building-symbol' of the entire property – the *mas* – and epitomises Catalan agricultural life, founded by family units from across the social spectrum, from the wealthy farmer to the nobleman.

The study of these objects aims to bring together evolutionary, geographical, typological and constructive perspectives, centered on places of residence, in relation to their utility, leisure, and areas of production. A brief comparison with the Portuguese rural architecture of Algarve, the only region with clearly Mediterranean characteristics, will also be established.

In order to consolidate knowledge about this heritage, we start from the systematic analysis of an inventory of case studies, based on a survey conducted in Catalan territory.

Keywords: Mediterranean; rural house; *masia*; *monte*.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	ix
Índice Geral	xi
Glossário	xiii
Índice de Figuras	xvii
INTRODUÇÃO	2
I. PAISAGEM CATALÃ	8
Geografia física	8
Clima	11
Vegetação silvestre	15
Agricultura	15
II. A MASIA, CASA RURAL POR EXCELÊNCIA DA CATALUNHA	18
Definição e origem	18
Influências geográficas e climatológicas	20
Distribuição geográfica do <i>mas</i>	21
As transformações do mas a partir do século XII	24
Consolidação do tipo	26
Relações de implantação	28
Circulações	31
A estrutura da construção	32
A neutralidade formal da <i>masia</i>	35
III. ASPETOS DA CONSTRUÇÃO	38
Paredes	38
Pavimentos e coberturas	40
Arcos e abóbadas	45
Fachadas	48
IV. CLASSIFICAÇÃO DE MASIES	56
Proposta de classificação	61
V. ARQUITECTURA RURAL DE LAVRADOR ABASTADO EM PORTUGAL	72
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
BIBLIOGRAFIA	92

GLOSSÁRIO

Aprisó – era o direito à concessão legal de uma terra desde que fosse explorada e cultivada. Não era propriamente um direito do primeiro ocupante do terreno transmitido por herança aos seus descendentes, pois era necessário uma exploração ininterrupta durante 30 anos até pertencer à família. Este fenómeno na Catalunha Velha deu-se, sobretudo, do século XVIII ao X.

Barri – organização dos vários corpos da *masia* em torno de um pátio fechado.

Casa pairal – tipologia de casa de grande magnitude em virtude das inúmeras adições ao tipo inicial, apenas conseguido pela concentração de riqueza.

Crugia [plural *crugies*] – tramos ou unidades estruturais da *masia* constituídas pelo espaço entre as paredes mestras, normalmente paralelas entre si, com uma largura aproximadamente de 4-5m.

Era – palavra de origem latina – *area* – que significa exactamente área, pedaço de terra. Não se afasta, portanto, da terminologia original, bastante relacionada com a agricultura e o cultivo de cereais. Na Catalunha este espaço exterior não coberto pode ser privilegiado com um tipo de pavimento distinto da restante área de percursos exteriores, com ladrilhos cerâmicos ou de pedra. Não é obrigatoriamente demarcado e parece não ser mais do que a área envolvente da entrada da edificação principal do *mas*, geralmente mantida limpa e de carácter polivalente.

Golfes – sótão ou último piso de uma *masia* destinado ao armazenamento dos produtos agrícolas.

Hereu – herdeiro, o principal proprietário das terras e da casa *pairal*.

Llata per canal – uma das técnicas utilizadas para cobrir a estrutura da cobertura que consiste na colocação de telhas sobre o ripado de madeira, disposto no sentido da pendente e com um espaçamento que permite apoiar as telhas canal, que de seguida são encimadas pelas telhas capa.

Manents – nome dado aos camponeses na Idade Média

Mas – refere-se à unidade de exploração agrária e pecuária, formada pelas terras de cultivo e pelo conjunto de edifícios, ou seja, a *masia* e os edifícios complementares.

Masia [plural *masies*] – designa a casa rural isolada da Catalunha inserida num núcleo edificado que funciona como uma unidade agrária.

Maso – *masia*.

Masos ròncs – antigos *masos* deixados ao abandono.

Masover – responsável pela exploração das terras dos proprietários.

Masoveria [plural *masoveries*] – habitações dos *masovers*.

Mas-torre – trata-se de uma edificação com tendência para planta quadrada, como geralmente são as torres medievais ou anteriores, mas com maiores dimensões, de

três ou quatro níveis estratificados segundo funções.

Pairalisme – instituição relacionada com a herança da terra, manifestando-se num sistema jurídico que impede a divisão das propriedades nas partilhas, mantendo-se assim intacta a superfície das terras.

Punt rodó – arco de volta perfeita.

Quadres – estábulos, ramadas.

Revoltó ceràmic – tipo de cobertura que consiste numa abobadilha apoiada sobre vigas de madeira.

Revoltó de guix – é uma técnica formalmente semelhante à do *revoltó ceràmic*, mas ao invés do material cerâmico é constituído por gesso.

Sala – designa uma habitação medieval constituída por um edifício de apenas um espaço. Esta consiste numa peça única acompanhada normalmente de uma torre ou ocasionalmente de pequenas dependências e um muro envolvente, que conforma um pátio.

Salt de garsa – é a técnica para cobrir a estrutura da cobertura mais generalizada na Garrotxa, que tem um conjunto de ripas perpendiculares à direção da empena, com um espaçamento suficiente para pousar os extremos da telha.

Serfs – servos ou criados do campo na Idade Média

Serralada – cordilheira, conjunto de serras.

ÍNDICE DE FIGURAS

Fonte

[Todas as imagens com autoria não identificada são de José Pedro Dias Cardoso]

Capa - Vista geral de La Grossa e campos de cultivo.
Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 1. Paisagem do vale de Ordesa com algumas casas rurais.
Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 2. Mapa geográfico da Catalunha.
blocs.xtec.cat/racodenatus/files/2012/09/mapa_fisic_catalunya_editorial_Barcelona.jpg

Figura 3. Mapa com a temperatura média anual.
Institut Cartogràfic de Catalunya

Figura 4. Mapa com a precipitação média anual.
Institut Cartogràfic de Catalunya

Figura 5. Mapa com o tipo de vegetação predominante.
Institut Cartogràfic de Catalunya

Figura 6. Entrada de Can Reimir.
Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 7. *Golfes* de Can Sam com trigo amontoado.
Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 8. Entrada de Can Borrel onde estão armazenadas as ferramentas de trabalho. Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 9. Galerias de Farró (Sant Salvador de Bianya).
Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 10. Galerias de Colldecarrera.
Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 11. Povoamento de montanha.
Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 12. Cozinha de Can Claris (Badalona) com chaminé adossada à parede.
Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 13. Desenhos esquemáticos do *Mas-torre*.
2C: Construcción de la Ciudad, número 17-18, Março de 1981, p. 40

Figura 14. Torre de Can Paulet.
Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 15. Can Titó Serra como exemplo de *masia* do tipo consolidado de três tramos. Escala 1:600.
Lluís Bonet GARÍ, *Masies del Maresme: estudi de les masies, elements defensius, ermites i molins*, 1983, p. 234. Redesenhado por José Pedro Cardoso.

Figura 16. Casa rural italiana que tem uma estrutura de três tramos, cujo tramo central é mais estreito que os laterais.

2C: Construcción de la Ciudad, número 17-18, Março de 1981, p. 40

Figura 17. Vista parcial de Seriny.

Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 18. *Veïnats* de Farrès.

2C: Construcción de la Ciudad, número 17-18, Março de 1981, p. 38

Figura 19. Figuras esquemáticas da composição estrutural da masia.

2C: Construcción de la Ciudad, número 17-18, Março de 1981, p. 40

Figura 20. Sala da Casa Alta.

Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 21. Sala de Can Brú.

Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 22. Sala de Can Famades.

Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 23. Mas Coll.

Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Figura 24. Can Casals como exemplo de *masia* do tipo consolidado de três tramos com ampliações. Escala 1:600.

Lluís Bonet GARÍ, *Masies del Maresme: estudi de les masies, elements defensius, ermites i molins*, 1983, p. 234. Redesenhado por José Pedro Cardoso.

Figura 25. Can Gaietano. Paramento em alvenaria e taipa.

Figura 26. Can Gaietano. Paramento em taipa.

Figura 27. Can Titó Serra. Paramento em taipa.

Figura 28. Can Titó Serra. Paramento em taipa e alvenaria.

Figura 29. Els Matins. Paramento em alvenaria de pedra.

Figura 30. Els Callís. Paramento em alvenaria de pedra.

Figura 31. La Plana. Cobertura do corpo das galerias com vigamento de madeira.

Figura 32. Can Mora. Cobertura do tramo central com vigamento de madeira.

Figura 33. Estrutura das coberturas e pavimentos entre pisos:

Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.104.

Figura 34. La Plana. Pavimento em madeira

Figura 35. La Plana. Pavimento em madeira e ladrilho cerâmico.

Figura 36. Arranjo dos pavimentos cerâmicos

Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.109.

- Figura 37. Can Mora. Cobertura de estrutura de asnas de madeira.
- Figura 38. Can Gaietano. Cobertura de vigamento de madeira sobre arcos torais.
- Figura 39. Can Viguetà. Beiral.
- Figura 40. Els Callís. Beiral.
- Figura 41. Els Callís. Beiral.
- Figura 42. La Plana. Beiral.
- Figura 43. Can Viguetà. Cobertura em telhado de duas águas com revestimento cerâmico.
- Figura 44. Can Viguetà. Beiral com ladrilhos pintados.
- Figura 45. Exemplos de telhados.
Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.111.
- Figura 46. Can Viguetà. Abóbadas de arestas.
- Figura 47. El Ventòs. Abóbada de berço com arestas.
- Figura 48. Can Calderó. Abóbada em vela.
- Figura 49. Can Calderó. Abobáda de berço com penetrações.
- Figura 50. Can Viguetà. Abobadilha cerâmica.
- Figura 51. Can Calderó. *Revoltó de guix*.
- Figura 52. El Ventòs. Abóbada de berço com penetrações.
- Figura 53. El Ventòs. Abóbada de berço com penetrações
- Figura 54. El Ventòs. Abóbada de barrete de clérigo.
- Figura 55. Mas Coll. Abóbada em vela.
- Figura 56. Caraterísticas construtivas de abóbadas e de arcos.
Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.107.
- Figura 57. Estudo geométrico das janelas.
Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.96.
- Figura 58. Can Gaietano. Ajimez.
- Figura 59. Can Doctor. Ajimez.
- Figura 60. Can Bragulat. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.
- Figura 61. Can Bragulat. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.
- Figura 62. Can Lladò. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.

Figura 63. Can Monnar. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.

Figura 64. Can Monnar. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.

Figura 65. Can Teixidor. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.

Figura 66. Casino de Tiana. Janela do tipo classicizante.

Figura 67. Can Gaietano. Janela do tipo classicizante.

Figura 68. Can Fabrègues. Janela do tipo classicizante.

Figura 69. Can Teixidor. Janela com moldura simples em cantaria de verga reta

Figura 70. Can Manyé. Janela com moldura chanfrada em cantaria de verga reta.

Figura 71. Can Oriach. Janela com moldura esgrafitada do tipo classicizante

Figura 72. Can Lladò. Janelas com moldura em tijoleira a tardoz.

Figura 73. Els Martins. Janela com moldura simples em cantaria de verga reta.

Figura 74. Els Martins. Janela com moldura chanfrada em cantaria de verga reta.

Figura 75. Can Titó Serra. Janela com moldura chanfrada em cantaria de verga reta.

Figura 76. Can Titó Serra. Janela com moldura chanfrada em cantaria de verga reta.

Figura 77. Can Titó Serra. Janela com verga reta de madeira e ombreiras em tijoleira a tardoz.

Figura 78. Can Doctor. Relógio de sol.

Figura 79. Can Teixidor. Relógio de sol.

Figura 80. Can Teixidor. Relógio de sol.

Figura 81. Can Vilà. Relógio de sol.

Figura 82. Can Lladò. Relógio de sol.

Figura 83. Can Magarola. Relógio de sol.

Figura 84. Can Fabrègues. Portal com aduelas em arco de volta inteira.

Figura 85. Can Andreu. Portal com aduelas em arco de volta inteira.

Figura 86. Can Magarola. Portal com aduelas em arco de volta inteira.

Figura 87. Can Monnar. Portal com aduelas em arco de volta inteira.

Figura 88. Can Lladò. Portal com aduelas em arco de volta inteira.

Figura 89. Can Vilà. Portal com aduelas em arco de volta inteira.

Figura 90. Can Cirera. Portal com arco rebaixado.

Figura 91. Ca l'Anlada. Portal com verga curva em tijoleira

Figura 92. Els Martins. Portal com verga reta em cantaria.

Figura 93. Esquema dos 12 tipos de *masies*, segundo Josep Danés i Torras.
2C: *Construcción de la Ciudad*, número 17-18, Março de 1981, p. 40

Figura 94. Quadro de de *masies* com galerias, de Josep Danés i Torras.
Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.64 e 65.

Figura 95. Tipo I

Figura 96. Els Martins. Ortofotomapa. Escala 1:1500
Institut Cartogràfic de Catalunya. www.icc.es/

Figura 97. La Plana. Ortofotomapa. Escala 1:1500
Institut Cartogràfic de Catalunya. www.icc.es/

Figura 98. Els Martins. Fachada principal.

Figura 99. Els Martins. Fachada posterior.

Figura 100. La Plana. Fachada principal.

Figura 101. La Plana. Fachada nascente.

Figura 102. Tipo II

Figura 103. Can Bragulat. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.

Figura 104. Can Lladò. Ortofotomapa. Escala 1:1500.
Institut Cartogràfic de Catalunya. www.icc.es/

Figura 105. Can Lladò. Piso 1. Escala 1:600
Lluís Bonet GARÍ, *Masies del Maresme: estudi de les masies, elements defensius, ermites i molins*, 1983, p. 211. Redesenhado por José Pedro Cardoso.

Figura 106. Can Andreu. Fachada principal.

Figura 107. Can Oriach. Fachada principal.

Figura 108. Can Lladò. Fachada principal.

Figura 109. Can Fabrègues. Fachada principal.

Figura 110. Tipo III

Figura 111. Can Magarola. Ortofotomapa. Escala 1:1500
Institut Cartogràfic de Catalunya. www.icc.es/

Figura 112. Can Magarola. Piso 1. Escala 1:600
Lluís Bonet GARÍ, *Masies del Maresme: estudi de les masies, elements defensius, ermites i molins*, 1983, p. 283. Redesenhado por José Pedro Cardoso.

Figura 113. Mas Coll. Janelas com molduras do tipo classicizante.

Figura 114. Can Teixidor. Fachada principal.

Figura 115. Can Viguetà. Fachada principal.

Figura 116. Can Magarola. Fachada principal.

Figura 117. Tipo IV|A

Figura 118. Tipo IV|B

Figura 119. Can Mora. Piso 1. Escala 1:600

Lluís Bonet GARÍ, *Masies del Maresme: estudi de les masies, elements defensius, ermites i molins*, 1983, p. 336. Redesenhado por José Pedro Cardoso.

Figura 120. Can Mora. Ortofotomapa. Escala 1:1500

Institut Cartogràfic de Catalunya. www.icc.es/

Figura 121. Can Casals. Fachada principal.

Figura 122. Can Mora. Fachada principal.

Figura 123. Can Umbert. Fachada principal.

Figura 124. Can Manyé. Fachada principal.

Figura 125. Tipo V

Figura 126. Can Roca. Ortofotomapa. Escala 1:1500

Institut Cartogràfic de Catalunya. www.icc.es/

Figura 127. Can Roca. Piso 1. Escala 1:600

Lluís Bonet GARÍ, *Masies del Maresme: estudi de les masies, elements defensius, ermites i molins*, 1983, p. 391. Redesenhado por José Pedro Cardoso.

Figura 128. Tipo VII

Figura 129. Can Roca. Fachada poente.

Figura 130. Can Pol. Piso 1. Escala 1:600

Lluís Bonet GARÍ, *Masies del Maresme: estudi de les masies, elements defensius, ermites i molins*, 1983, p. 405. Redesenhado por José Pedro Cardoso.

Figura 131. Can Pol. Ortofotomapa. Escala 1:1500

Institut Cartogràfic de Catalunya. www.icc.es/

Figura 132. Can Calderó. Fachada principal.

www.poblesdecatalunya.cat/

Figura 133. Can Pol. Fachada principal.

www.poblesdecatalunya.cat/

Figura 134. Tipo VI

Figura 135. El Ventòs. Fachada principal.

Figura 136. El Ventòs. Ortofotomapa. Escala 1:1500

Institut Cartogràfic de Catalunya. www.icc.es/

Figura 137. El Ventós. Piso 2. Escala 1:600

Joan Curòs i Vilá.

Figura 138. Exemplo genérico de implantação do monte. Escala 1:600

Figura 139. Exemplo genérico de um monte. Piso 1. Escala 1:600

Figura 140. Monte no Vale das Gralhas. Parede em alvenaria de pedra.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 172.

Figura 141. Monte dos Henriques. Parede em taipa.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 177.

Figura 142. Quinta do Morais. Janela com recorte manuelino.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 50.

Figura 143. Monte da Bolota. Janela com verga curva.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 117.

Figura 144. Casa dos Salgados. Janela com verga curva.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 187.

Figura 145. Monte no Brejo. Fachada principal.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 105.

Figura 146. Monte em Quatrim. Fachada principal.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 180.

Figura 147. Monte em Quelfes. Fachada principal.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 180.

Figura 148. Monte no Vale das Gralhas. Fachada principal.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 180.

Figura 149. Aroeira. Interior do telhado de tesouro.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 193.

Figura 150. Monte Baião. Pormenor do telhado de tesouro.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 193.

Figura 151. Monte de Ângela Clara. Ortofotomapa. Escala 1:1000

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 201.

Figura 152. Monte de Ângela Clara (parcial). Reconstituição. Escala 1:600

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 202.

Figura 153. Monte dos Henriques.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 103.

Figura 154. Monte dos Henriques (parcial). Reconstituição. Escala 1:600

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 204.

Figura 155. Monte dos Henriques. Ortofotomapa. Escala 1:1000

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 203.

Figura 156. Quinta da Terra Branca. Núcleo edificado. Escala 1:1000

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 144.

Figura 157. Quinta da terra Branca.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 207.

Figura 158. Quinta da terra Branca. Telhados de tesouro.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 144.

Figura 159. Monte de Ângela Clara. Abóbada de arestas.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 210.

Figura 160. Monte no Vale das Gralhas.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 215.

Figura 161. Monte no Vale das Gralhas. Abóbada de vela.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 215.

Figura 162. Monte no Vale das Gralhas. Açoteia sobre uma estrutura de “dormentes” em estado de ruína.

João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, 2007, p. 215.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, elaborada no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitectura do Instituto Superior Técnico, aspira contribuir para a aquisição de conhecimento da arquitectura rural da Catalunha e, num sentido mais vasto, a valorização da arquitectura vernácula própria de cada lugar, para que fique o registo possível de um passado sem retorno.

OBJETO DE ESTUDO

Este trabalho tem como centro da sua investigação a *masia* catalã, inserida no panorama mais amplo da arquitectura rural da Catalunha. Numa primeira instância, é feita uma abordagem geral dos aspectos que motivaram a sua concepção e distribuição no território, do ponto de vista geográfico e histórico-social, para de seguida aprofundar a sua evolução arquitectónica desde a origem até à consolidação do tipo. Parte-se, portanto, de uma visão global que, gradualmente, vai focalizando o seu objeto de estudo, a *masia*, não descurando as relações com as restantes dependências e construções do núcleo rural edificado, necessárias para o funcionamento da unidade agro-pecuária, e as relações com o território onde está implantado. O leque de exemplares estudados tem uma diversidade tipológica que vai da pequena e modesta casa rural à grande casa senhorial com elementos de alguma erudição, abrangendo os núcleos construídos isolados e os assentos rurais organizados em pequenos aglomerados, incidindo, sobretudo, nas comarcas do Maresme e da Garrotxa.

OBJETIVOS

O objetivo primordial é, justamente, tentar perceber como eram estas casas rurais disseminadas pela Catalunha, de que forma se inseriam na paisagem e as suas relações com o mundo rural. A singularidade deste património reside, numa primeira fase, na sua resposta particular ao meio em que se insere, influenciado também por acontecimentos sociais, e que vai conduzir à formação de um modelo canónico que, posteriormente, se sobrepõe, muitas vezes, às condicionantes próprias do lugar e aos costumes locais. Tendo como base o estudo aprofundado dos aspetos estruturais e construtivos, dos elementos estilísticos e eruditos, vai-se tentar descortinar a sua origem, a sua evolução tipológica e a distribuição no território destes objetos. De certo modo, esta dissertação pretende contribuir para a aquisição e consolidação do conhecimento de uma arquitectura vernacular, em termos gerais, e do caso catalão, em particular, apontando as suas raízes na arquitectura mediterrânica e estabelecendo, como fim último, uma comparação com o seu equivalente em Portugal.

ESTADO DA ARTE

Existem numerosos estudos sobre a arquitectura rural catalã, especialmente focados na *masia*, considerada o objecto arquitectónico mais representativo deste território. O I Congresso da Coroa de Aragão, em 1908, marca o início da valorização/descoberta da arquitetura vernacular e da *masia*, com o artigo de Josep Puig i Cadafalch denominado *La casa catalana*. A partir deste momento mobilizaram-se mais estudiosos e recursos em torno do tema, motivados por um profundo interesse e, de certa forma, para enaltecer o património da Catalunha, provando a sua singularidade como nação.

Josep Danés i Torras apresenta uma importância indelével, que ainda hoje se faz notar nos diversos estudos e entendimento desta arquitetura. Foi responsável pelo primeiro estudo exaustivo destas construções, entre 1923 e 1936 (data em que eclode a Guerra Civil de Espanha), promovendo o levantamento, registo e catalogação de masies de todas as regiões da Catalunha para, assim, criar uma base que sustentasse uma investigação teórica. *Arquitectura Popular – Secció septentrional de la comarca d'Olot* (1919), *Gènesi de l'estructura arquitectónica de la masia catalana* (1931) e *Estudi de la masia catalana* (1933) são algumas das suas publicações de maior peso e que influenciaram bastante os estudos posteriores sobre esta matéria, inclusivamente até à actualidade. *Arquitectura Popular – Secció septentrional de la comarca d'Olot* é especialmente relevante, pois, dá os primeiros passos para uma arrumação tipológica assente no tipo de topografia. *Gènesi de l'estructura arquitectónica de la masia catalana* pretende dar uma explicação para a origem da *masia* e a sua evolução estrutural. *Estudi de la masia catalana* é uma obra que tem como objetivo aprofundar o conhecimento da *masia* catalã, com base no intenso registo fotográfico e documental, nos seus diversos aspectos: arquitetura, mobiliário, indumentária e comportamento social e humano.

Joaquim Camps i Arboix escreve *La masia catalana* (1959) e *Les cases pairals catalanes* (1965). No primeiro explana os acontecimentos históricos e sociais que ocorreram paralelamente à evolução da arquitetura rural, como também, os aspectos jurídicos, a legislação medieval e a divisão das terras que influenciaram, em certa medida, o comportamento destas unidades agro-pecuárias. A segunda obra aprofunda o sistema jurídico no qual se apoia o *pairalisme* (instituição relacionada com a herança da terra) e os instrumentos para a manutenção do património familiar, bem como a descrição de uma série de *masies* em que é visível este sistema.

A revista *2C: Construcción de la Ciudad*, número 17-18 (Março de 1981), contribui para uma visão ampla deste tema, com a junção de várias referências e autores para, assim, ajudar o leitor a criar um entendimento mais fundamentado. Aborda a inserção da *masia* na paisagem, a sua génese e a evolução da estrutura tipológica.

A monografia *La casa rural a Catalunya: cases aïllades i cases de poble* (1980) de Marc-Aureli Vila desenvolve uma análise aturada das casas rurais das diferentes regiões da Catalunha, tendo em conta a suas variantes, orografia, clima e circunstâncias histórico-sociais que influenciaram o modo de construir.

Arquitectura rural de la Garrotxa (1994), de Joan Curós i Vilà, publica um estudo complexo do sistema estrutural das *masies* da região da Garrotxa, com a respectiva investigação subjacente da sua evolução, antecedido por uma larga explicação introdutória e generalista da arquitetura rural da Catalunha: a sua génese, os seus materiais e as diferenças geográficas. Em 2003, com a tese de Doutoramento *Arquitectura rural de Catalunya: metodologia d'anàlisi i d'intervenció*, Joan Curós i Vilà estende o seu território de análise, propondo uma nova arrumação das várias *masies*, com base num estudo extensivo de vários exemplares em toda a Catalunha, em que altere os princípios formal e estrutural das classificações anteriores. É a mais recente e dilatada publicação sobre a arquitetura rural catalã.

A importância da recente monografia *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració* (2005), dirigido por Ramon Ripoll, reside no seu enquadramento desta tipologia arquitectónica, as implicações na paisagem e o levantamento selectivo de certos exemplos chave para a compreensão deste património.

No que se refere à arquitetura rural portuguesa partir-se-á de *Arquitectura Popular em Portugal* (1961), da Associação dos Arquitectos Portugueses, como obra bastante generalista do levantamento realizado a partir da década de 50 do século XX para catalogar a arquitetura vernacular portuguesa. *A Casa Rural nos Arredores de Lisboa no Século XVIII* (1999) de João Vieira Caldas, já estuda os diferentes usos da arquitetura rural, como centro de unidade de lavoura, núcleo de uma propriedade de recreio e/ou habitação do pequeno agricultor.

A Arquitectura Rural do Antigo Regime no Algarve (2007) e *A Arquitectura Popular dos Açores* (2000) da Ordem dos Arquitectos, onde se podem encontrar referências específicas à casa rural de lavrador abastado em Portugal.

Apesar do número considerável de estudos desta temática relacionados com a arquitetura popular espanhola e enquadramento na arquitetura rural do Mediterrâneo, não existem ainda estudos que estabeleçam a ponte com a arquitetura rural em Portugal, tendo em conta a sua importante proximidade geográfica e o contexto mediterrânico de parte do país. Este será, portanto, o argumento primordial para justificar a pertinência desta dissertação.

MÉTODO E ESTRUTURA DO TRABALHO

Numa primeira fase foi feito um extenso trabalho de pesquisa e recolha de informação para, assim, adquirir os conhecimentos teóricos necessários à compreensão deste património e das suas particularidades dentro da arquitetura rural da Catalunha. A segunda etapa, depois de consolidada a análise, consistiu na seleção de casos de estudo, com o respectivo levantamento e registo fotográfico, para completar a investigação e colmatar qualquer lacuna no entendimento teórico desta arquitetura. Estes casos de estudo encontram-se em anexo, com uma descrição formal dos núcleos edificados, acompanhados de fotografias tiradas pelo autor e desenhos trabalhados a partir dos levantamentos feitos para a monografia *Les masies del Maresme: estudi de les masies, elements defensius, ermites i molins*. Alguns desenhos, nomeadamente os que dizem respeito à comarca da Garrotxa, foram

cedidos pelo Professor Doutor Joan Curós i Vilà. Os casos de estudo estão organizados segundo uma classificação adotada para este trabalho, tendo em vista catalogar todos os diferentes exemplares analisados, numa perspetiva, sobretudo, formal. Para a comparação com as estruturas algarvias foi utilizada a tese *A Arquitectura Rural do Antigo Regime no Algarve*, como único estudo do *monte* do Baixo Algarve, correspondentes a um leque social que vai do pequeno lavrador ao nobre, embora se esteja no domínio preferencial do lavrador abastado. Em suma, a dissertação estruturou-se em duas componentes complementares: a investigação baseada na análise crítica de monografias, de artigos periódicos e dissertações académicas e a construção de um inventário de *masies* estudadas, cujo programa de intercâmbio realizado em Barcelona no ano letivo 2012/2013 mostrou-se essencial.

I. PAISAGEM CATALÃ

“Prendre possession de l’espace est le geste premier des vivants, des hommes et des bêtes, des plantes et des nuages, manifestation fondamentale d’équilibre et de durée. La première preuve d’existence, c’est d’occuper l’espace.”

Le Corbusier, 1976

GEOGRAFIA FÍSICA

Dentro do conjunto de terras catalãs – Catalunã, país Valenciano e o arquipélago das Baleares –, situadas a nordeste da Península Ibérica, a Catalunha é a parcela mais extensa e com uma forma vagamente triangular, limitada a norte por uma barreira natural formada pelos Pirenéus, a sudeste pelo mar Mediterrâneo, a poente por Aragão e a sul tem um estreito limite com o país Valenciano. O território da Catalunha é composto pelas províncias de Barcelona, Girona, Lleida e Tarragona dentro da divisão administrativa espanhola, com a área mais significativa – 32.200 km² –, podendo estender-se tradicionalmente para a zona catalã de Aragão, Andorra e para a maior parte dos departamentos dos Pirenéus Orientais, dentro do Estado francês. No total soma uma superfície de 40.400km.

A sua geografia física tem uma natureza acidentada muito diversa, dotada de uma gradação gigantesca que tem início nas margens do mar, com secções de altitude de 500 m ao longo de toda a costa (Tibidado, 530 m), passando pela cadeia montanhosa do interior que atinge o patamar dos 1000 m (Montserrat, 1200 m), até aos cumes do Pireneu com altitudes de 3000 m (Aneto, 3404 m). Com efeito, o carácter topográfico da Catalunha é traduzido por três elementos vertebrais: a cordilheira pirenaica, as cordilheiras costeiras e a Depressão Central Catalã¹.

CORDILHEIRA PIRENAICA

Esta cadeia eleva-se a norte, como o bloco mais potente da estrutura geológica catalã, com cerca de 430 km, aligeirando-se à medida que se aproxima do mar nas extremidades leste e oeste, no Cabo de Creus e no Golfo da Biscaia, respetivamente. A serra vista desde a parte central produz a sensação de uma massa compacta, agreste, quase impenetrável. Uma característica geral da topografia pirenaica é a falta de grandes vales longitudinais, paralelos ou até ligeiramente oblíquos, em relação ao eixo da cadeia, que abundam em muitas outras serras, facilitando as vias de comunicação. O único esboço de grande vale longitudinal é a fossa da Cerdanya que tem início na Alta Vall del Segre até ao vale do rio Tet. No entanto, o tipo de vale dominante está posicionado perpendicularmente ao eixo da serra, no sentido norte-sul, completamente em desacordo com a estrutura geológica. O relevo pirenaico resulta, com efeito, de dois factores: a estrutura geológica que determina a orientação este-oeste imposta ao conjunto da serra e os vales secundários; o outro aspeto é representado pelos cursos fluviais mais rele-



Figura 1. Paisagem do vale de Ordesa com algumas casas rurais.

¹ Pau VILÀ, *Resum de Geografia de Catalunya*, p. 5.



Figura x. Mapa geogràfic de Catalunya.

vantes que moldam a cadeia de norte a sul, seguindo a linha de máxima pendente e cortando transversalmente o maciço geológico. Existe ainda uma ampla faixa de 40 km, que faz fronteira a sul com a cadeia montanhosa central, designada por Prepirineu. Os seus cumes não são tão altos, mas também são dignos de respeito (Coll de la Perxa, 1577 m)².

CORDILHEIRA COSTEIRA

O território constituído pelas cordilheiras costeiras é também designado por Sistema Mediterrani Català, formado por dois conjuntos montanhosos paralelos, que se estendem ao longo de grande parte da costa. Estas duas barreiras ao longo do Mediterrâneo, Serralada Prelitoral (ou d'Interior) e Serralada Litoral (ou de Marina), são divididas por uma longa e estreita depressão intermédia – Depressão Prelitoral - que se estende por uns 200 km desde Girona até Tarragona, atravessando as comarcas de Selva, Vallès, Penedès e Camp de Tarragona para se abrir ao mar. A cordilheira mais oriental, a Serralada Litoral, é delimitada a norte por Empordà e a sul por Camp de Tarragona, está inserida no escalão médio dos 500 m de altura sobre o nível do mar e tem uma largura que varia entre os 10 e os 15 km³. A sua importância topográfica assenta, sobretudo, no desenho do perfil litoral que, muitas vezes, termina no mar de modo abrupto. O melhor exemplo deste cenário encontra-se no extremo nordeste, na Costa Brava, de natureza escarpada constituída por pequenas praias entre desfiladeiros graníticos semeados por uma vegetação rasteira. Esta paisagem vai-se transformando a sul, correspondente à comarca de Maresme onde se encontra grande parte das *masies* estudadas, que adquire um perfil mais ameno ao aproximar-se do mar. Na base desta comarca está a cidade de Barcelona, distanciada da cadeia montanhosa e disposta em anfiteatro, numa planície deltaica entre os rios Besòs e Llobregat.

A cadeia mais ocidental, conhecida como a Serralada Prelitoral, igualmente delimitada por Empordà e Tarragona, tem uma fisionomia muito mais acentuada que a *serralada* anterior, com uma ordem de grandeza que ultrapassa os mil metros – as Guillerries (Sant Miquel, 1200 m), o Montseny (1708 m), o Montserrat (Sant Jeroni, 1224 m). Inclui na extremidade sul um notável maciço montanhoso, designado por Ports de Tortosa-Beseit, com uma área que ronda os 30 km² e que se eleva constantemente entre os 1000 e os 1500 m de altura⁴.

O constante paralelismo das *serralades* condicionou as vias fundamentais de circulação entre o interior da Catalunha e o litoral mediterrânico, com especial ênfase nas terras da Depressão Prelitoral, por vezes estreitas faixas entre as duas cordilheiras, que estariam isoladas caso não existissem rios que cortassem os maciços rochosos⁵.

2 Pau VILÀ, *Resum de Geografia de Catalunya*, p. 9.

3 Joan Curòs i VILÀ, *Arquitectura Rural de Catalunya – metodologia d'anàlisi i d'intervenció*, p.22.

4 Idem, p. 22.

5 Pau VILÀ, *Resum de Geografia de Catalunya*, p. 17.

DEPRESSÃO CENTRAL CATALÃ

A depressão central catalã, situada na região central da Catalunha entre o Pré-pireneu e as cordilheiras costeiras, é dotada de variadas formas e paisagens, ricamente contrastadas ou, por vezes, matizadas entre si. A sua característica fundamental é, como o nome indica, a grande depressão que acompanha o percurso do rio Ebro e a junção dos seus vários afluentes, materializada numa série de planaltos, entre os 800 e os 1000 m, que vão perdendo altitude até chegar ao vale do rio. No decorrer do percurso, no interior desta grande depressão, a paisagem é construída por extensas e monótonas planícies que ganham um certo dinamismo nos extremos oriental e ocidental, tornando a topografia acidentada e montanhosa.

Os contrastes desta unidade geográfica são tão notáveis que é difícil mencionar um denominador comum para comarcas tão diferentes: existem as pequenas bacias da planície de Vic e d'Igualada, circundadas pelos relevos abruptos de mais de 500 m de altitude; os planaltos calcários da Segarra, entre os 600 a 800 m, horizontalmente dilatadíssimos que vão desde as montanhas costeiras até ao Pireneu, apertados por pequenos vales estreitos e desfiladeiros e povoados por pequenos núcleos rurais quase exclusivamente dedicados à produção de cereais; as terras de Lleida, por oposição, são planas como a palma da mão e extensas até perder de vista, atravessadas pela grande faixa ubérrima de hortas, irrigadas pelo leito do rio Segre, que parecem verdadeiros oásis inimigos das terras de uma aridez extrema. Ainda faz parte deste conjunto geográfico uma zona vulcânica, atualmente extinta ou adormecida, na região de Olot e Empordà, a mais impressionante da península ibérica, onde se encontra parte dos casos de estudo deste trabalho, e que originou terras extremamente férteis⁶.

CLIMA

Enquanto os feitos geológicos e a formação do relevo são em parte fenómenos puramente locais, e aparentemente estáticos, por outro lado os feitos climáticos são de ordem geral e estão ligados à circulação atmosférica mundial que os torna dinâmicos por natureza.

A Catalunha, situada entre as 40° 30' e os 43° de latitude norte, insere-se aproximadamente dentro de um clima subtropical, com uma considerável amplitude térmica e um regime de pluviosidade mais intenso durante as estações frescas, ao contrário do clima tropical que tem a sua época de chuvas nos meses mais quentes. Pode afirmar-se que a Catalunha tem um clima subtropical fortemente mediterrânico, com invernos secos e calmos, sem um frio acentuado, verões com temperaturas próprias de um país cálido e precipitações máximas no outono e na primavera. O clima é profundamente influenciado pelas massas de ar do norte de África, no verão, e da zona temperada oceânica sem frios extremos, no inverno. As terras a sul têm tendencialmente um carácter mais desértico e as comarcas mais ocidentais e setentrionais têm um clima temperado frio⁷.

⁶ Joan Curòs i VILÀ, *Arquitectura Rural de Catalunya – metodologia d'anàlisi i d'intervenció*, p. 25.

⁷ Pau VILÀ, *Resum de Geografia de Catalunya*, p. 32.

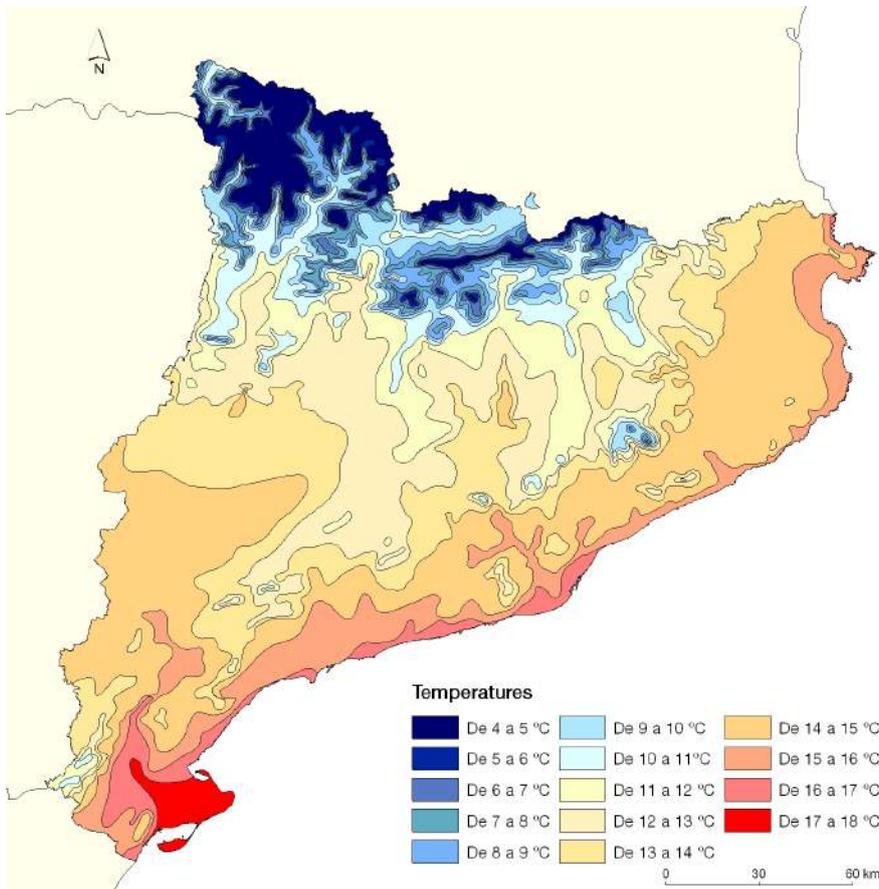


Figura 3. Mapa com a temperatura média anual.

A acrescentar a estas características gerais, não podem deixar de ser considerados factores variáveis como a altitude, a latitude e a proximidade ao litoral que tornam o clima consideravelmente diversificado nos diferentes contextos territoriais. A suma dos factores climáticos – temperatura, ventos, chuvas – e o repartimento destes elementos pelo ano, constituem o clima. Para compreender melhor as condições climáticas de um país, é necessário separar estas componentes e estudá-las a parte, coisa que faremos brevemente para tal apresentar os feitos essenciais do clima catalão.

TEMPERATURAS

A temperatura do ar na Catalunya tem um valor médio anual de 16 °C que varia de acordo com a latitude e com a altitude, diminuindo gradualmente de norte para sul e do litoral para o interior. No inverno a temperatura média no litoral é sensivelmente 10 °C, contra os 3-7 °C do interior, e no verão as temperaturas situam-se mais equiparadas por volta dos 25 °C (21-25°C no interior, 25 °C litoral). A amplitude térmica diária e a amplitude térmica anual são geralmente

bastante regulares e sem grandes oscilações, reflectindo-se, portanto, no tipo de vegetação e na atividade humana. Barcelona, por exemplo, de clima temperado pela humidade marítima, tem uma oscilação termométrica anual de 24 °C, enquanto a temperatura diária varia 8 a 9 °C durante o ano. Lleida, cidade do interior de clima continental seco, apresenta um intervalo de 32 °C entre os valores extremos das médias anuais – máxima 31 °C e mínima -1 °C. A variação diária move-se entre os 5° e os 14 °C. Certamente, existem casos extremos como a cidade montanhosa de Puigcerdà, onde em dias de verão a amplitude térmica varia entre os 30° a 35 °C⁸.

VENTOS

A situação geográfica da Catalunya, de uma notável riqueza orográfica, provoca a instabilidade das massas de ar superficiais que atravessam o território, originando fortes correntes eólicas. Os dois ventos mais característicos, exemplo disso, são a *tramuntana* e o *mestral*. O primeiro é um vento frio e violento de norte, que desce dos Pirenéus podendo atingir 200 km/h de velocidade máxima, afectando sobretudo as planícies de Rosseló e de Empordà, no norte da Catalunya. O *mestral*, por sua vez, é um vento seco provindo de noroeste,

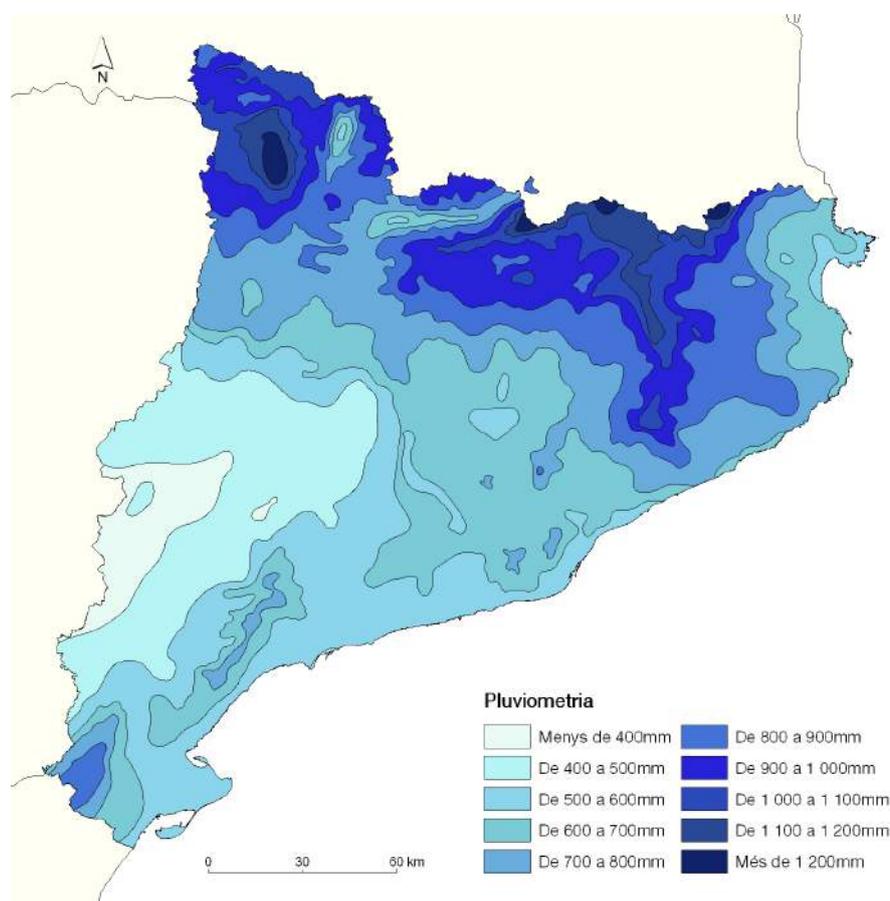


Figura 4. Mapa com a precipitação média anual.

⁸ Pau VILÀ, *Resum de Geografia de Catalunya*, p. 33.

que atravessa os Pirenéus e pode afetar impetuosamente as explorações agrícolas. Há ventos mais próprios da temporada de calor: as brisas do mar e da terra que se fazem sentir ao longo da costa e entram terra adentro a uma velocidade média de 12 km/h, fazendo-se sentir nos territórios que não distam mais de 50 km do litoral. Estas brisas são consequência do ciclo de arrefecimento e aquecimento das terras e do mar. A brisa da terra – terral – desloca-se da terra ao mar durante a madrugada e a brisa marítima – marinada – faz o percurso inverso durante a manhã. Estes ventos são inexistentes no inverno, moderados durante a primavera e o outono e tornam-se mais intensos e frequentes no verão devido aos ventos dominantes do litoral⁹.

PLUVIOSIDADE

As diferentes paisagens são também consequência da ampla amostra pluviométrica que se verifica em todo o território, desde as zonas verdejantes de Olot até às plataformas semidesérticas do Segre. Portanto, é possível dividir a Catalunha em duas regiões distintas: a Catalunha húmida, de que faz parte o sistema pirenaico e a *Serralada Prelitoral*; e a Catalunha seca, das planícies do centro-oeste e da costa sul; tendo como referência a isoieta dos 700 mm

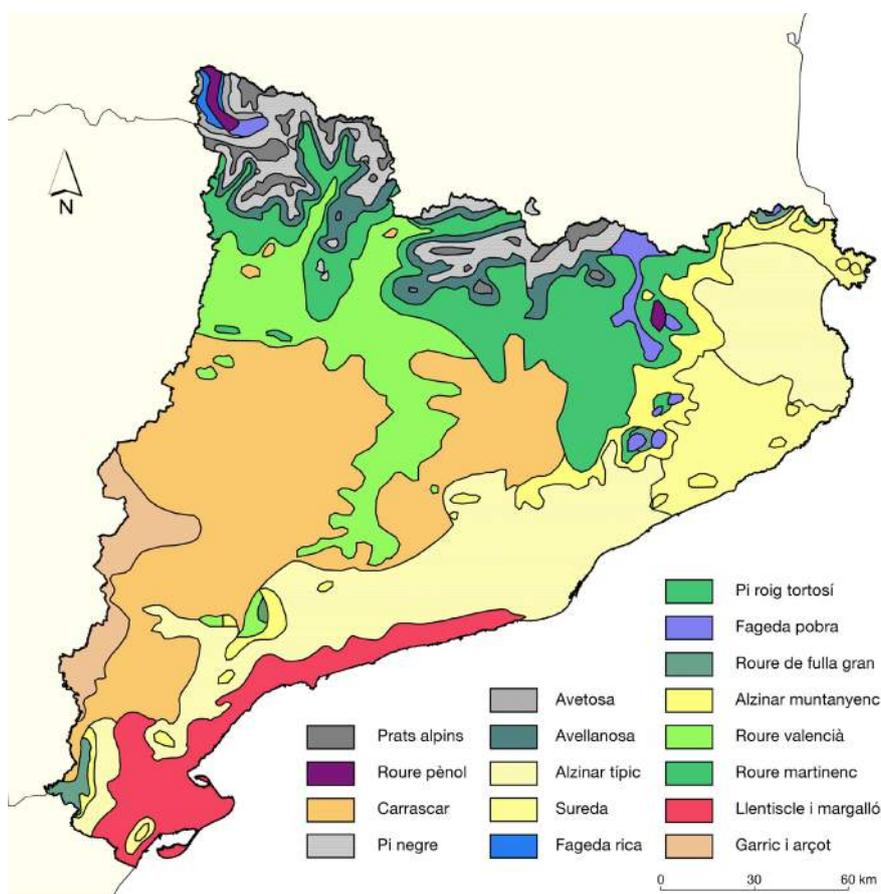


Figura 5. Mapa com o tipo de vegetação predominante.

⁹ Pau VILÀ, *Resum de Geografia de Catalunya*, p. 34.

de chuva, que permite catalogar um determinado território, como húmido ou seco, caso tenha um nível pluviométrico anual superior ou inferior ao valor médio estabelecido. Os valores de precipitação mínimos verificam-se nas Garrigues e nas planícies de Urgell e de Lleida entre os 300 a 400 mm. Em Montseny e Puigmal, na *Serralada Prelitoral* e no Pireneu oriental, respetivamente, atingem-se duas máximas, 1200 e 1400 mm. Na costa a pluviosidade começa a subir gradualmente os seus valores de sul a norte com 500 até 800 mm.

Existem diferentes regimes pluviométricos dentro da Catalunha, dos quais se destacam dois: o regime que abrange a cadeia pirenaica e pré-pirenaica, que tem a sua precipitação máxima no verão e a precipitação mínima no inverno, contrariamente ao regime mediterrânico; e o regime que atinge grande parte do restante território, sobretudo visível no litoral e na Depressão Central, em que as chuvas dominantes dão-se nos equinócios, outono e primavera¹⁰.

VEGETAÇÃO SILVESTRE

O manto vegetal está intrinsecamente relacionado com a maior ou menor pluviosidade dada numa determinada área. A existência de uma Catalunha húmida e de uma Catalunha seca, sensivelmente dividida pela linha do rio Llobregat, evidencia gradualmente diferentes estratos vegetais, em que a ocidente, nas comarcas mais secas, o arvoredo escasseia e as terras tornam-se mais áridas à medida que se aproximam do interior ibérico, em oposição às comarcas a nordeste com vegetação espessa e abundante.

As cadeias montanhosas do litoral são povoadas por pinhais de pinheiro de alepo, de pinheiro manso e de pinheiro bravo, pontuados com carvalhos, que a nordeste são substituídos pelo sobreiro. Nas serras do pré-litoral aparecem novamente os carvalhos e diferentes espécies de pinheiros: pinheiro larício, pinheiro de salzmänn e pinheiro silvestre. Nos Pirenéus predominam os bosques de *Pinus mugo*, na copa superior, e abetos, no estrato inferior. A bacia de Olot e de Collsacabra comunga de uma exuberância florestal, de onde sobressaem os bosques de faia. Dentro do *Sistema Mediterrani*, nos maciços montanhosos, Montseny ao centro, e Ports de Tortosa-Beseit no extremo meridional, constituem verdadeiras ilhas florestais com altitudes que chegam aos 1740 e 1400 m, respetivamente, formadas por abetos e faias¹¹.

AGRICULTURA

A gradação da vegetação silvestre é, até certo ponto, repetida pela vegetação cultivada. A linha do Llobregat separa as terras do sudoeste, abundantemente cobertas de vinhas e oliveiras, que a norte apenas formam parte do panorama territorial na estreita faixa litoral e, excepcionalmente, nas planícies de Empordà e de Rossellò. Por uma questão de altitude, as videiras e as oliveiras deixam de ser cultivadas

10 Pau VILÀ, *Resum de Geografia de Catalunya*, p. 35.

11 Idem, p. 320.

aos 800 e aos 600 m, respetivamente. Embora existam alguns casos particulares, como Horta de Sant Joan e Vilanova de Prades, que continuam a produzir vinhas entre os 850 e os 1000 m de altitude.

O trigo é um dos produtos agrícolas mais cultivados na Catalunha, tantos nos territórios mais chuvosos como nos mais secos. A altitude não é um fator impeditivo, ao contrário da temperatura. Dentro dos maiores produtores deste cereal temos as regiões de Segarra, da planície de Vic, de Lluçanès e de Moianès. A Cerdanya, que antes apenas produzia centeio, tem atualmente um papel na exploração de trigo.

A vinha, a oliveira e o trigo são, efetivamente, os cultivos que caracterizam, de um modo geral, a paisagem agrícola catalã, inclusivamente no contexto pré-pirenaico. O trigo que chega aos 1400 m é substituído pela produção de centeio e de batata que conseguem ascender até aos 1900 de altitude.

Além da oliveira, produto por excelência do Mediterrâneo, nas comarcas mais secas a construção da paisagem deve-se à plantação de pomares de sequeiro sujeitos a uma rigorosa geometria: ao longo da costa, de Valência até Tordera, estende-se uma linha de alfarrobeiras; em l'Alt Camp e les Garrigues, alinham-se plantações de amêndoas que entram também por Vallès; Camp de Tarragona especializou-se no cultivo de avelãs, também adotado pelas comarcas de Vallès Oriental e de Gironès. Além destes pomares de sequeiro plantados em série existem ainda, mais ou menos por todo o lado, nos campos e nas vinhas, todo o tipo de árvores de fruto com uma distribuição irregular semeados ao acaso. Na Catalunha húmida encontramos cultivos especializados de certos frutos como a maçã nas encostas montanhosas de Cantó de la Selva e em Alt Vallespir e a pera de inverno na Cerdanya. Dentro da Catalunha seca, a implantação de um sistema de rega criou verdadeiros oásis na paisagem anteriormente árida e agreste. Nestas terras, agora bem irrigadas pelas ribeiras e deltas, cresce toda uma variedade de produtos agrícolas, desde as hortaliças aos frutos, até à alfafa e à vinha em Urgell¹².

12 Pau VILÀ, *Resum de Geografia de Catalunya*, p. 335.

II. A MASIA, CASA RURAL POR EXCELÊNCIA DA CATALUNHA

“Aquests edificis [les masies] tan nostres, d’aquesta modalitat arquitectònica tan lliure i tan racialment catalana, la que més allunyada d’influències erudites i estrangeres s’ha mantingut servant així, a través dels segles, els feçants testimonis de la nostra ascendència llatina(...). No ens vàrem adonar del gran tresor artístic servat a la nostra terra, fins que l’excursionisme començà a desvetllar en nosaltres el sentiment pairal, esmorteït de segles per influències estrangeres.”

Eusebi Busquets, 1932

DEFINIÇÃO E ORIGEM

Na história da arquitetura, na geografia humana e na história social da Catalunha os termos *masia* e *mas* são conceitos de primeira importância para entender o carácter, a idiosincrasia, a evolução histórica e os costumes desta cultura. Um dos fatores que permite distinguir um território de outro território vizinho é a arquitetura própria do lugar, a arquitetura vernácula, ao contrário da arquitetura que segue as tendências ligadas ao gosto de um momento específico, muitas vezes importada. Esta arquitetura vernácula utiliza frequentemente materiais locais e técnicas construtivas próprias que resultaram da transmissão secular de saberes e de tradições intrinsecamente relacionadas com a microrealidade de uma parcela do território de um determinado grupo humano.

As edificações rurais mais representativas da Catalunha são sem dúvida as *masies*. Todas têm um denominador comum, como também têm uma panóplia de características que as diferenciam e colocam, naturalmente, em diferentes grupos. *Masia* designa casa rural isolada, está associada a uma unidade de exploração agrícola e, portanto, comporta quase sempre campos de cultivo no seu entorno. O *mas*, por sua vez, refere-se à unidade de exploração agrária e pecuária, formada pelas terras de cultivo e pelo conjunto de edifícios, ou seja, a *masia* e os edifícios complementares. A *masia* é, pois, o edifício-símbolo de toda a propriedade, responsável pela exploração agrícola e que serve de residência. Normalmente o *mas* costuma estar constituído por uma única parcela, mas também existem parcelas de terra isoladas que fazem parte do *mas*, já que formam parte da atividade económica deste. Dentro deste marco da arquitetura rural existe uma ambiguidade terminológica entre os termos *mas* e *masia*, já que o significado destes dois termos varia consoante a zona geográfica da Catalunha, ou seja, o termo *mas* em algumas regiões poderá significar também *masia*. Esta aplicação analógica por vezes conduz a uma confusão ou a uma falta de clareza. É, portanto, necessário conhecer exaustivamente os respetivos significados: a palavra *mas* que deriva de *mansus* – participio do verbo em latim *manere* – documentada no século XI designa o nome que se dava às casas e às terras de *manents* (camponeses) ou *serfs* (servo/criado) do campo na Idade Média. Os termos *masia* e *maso* são derivações da palavra original. O nome de cada *masia* é normalmente precedido das palavras *ca*, *cal*, *can* ou *mas*. *Ca* deriva da contracção da palavra *casa* e os termos *cal* e *can*, muito frequentes, são resultado da aglutinação da palavra *ca* e o artigo *el*, e de *ca* mais a preposição *en*, respectivamente. Os nomes próprios das propriedades,



Figura 6. Entrada de Can Reimir.
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Figura 7. Golpes de Can Sam com trigo amontoado.
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

e portanto também das *masies*, têm muito que ver com as características de determinada região: como o relevo do lugar, particularidades climáticas, rios, produtos cultivados, bosques, a orientação a que estão expostos ou caminhos (La Serra, El Serrat, La Costa, El Coll, L'alzina, La Noguera, El Solà). Outro grupo toponímico prende-se com as características da própria *masia*, como a sua magnitude ou antiguidade (Casa Gran, Casa Mitjana, La Sala, La Grossa, El Casal, La Casa Alta), a existência de construções mais singulares (La Torre Ponsa, La Torre d'en Canal), características externas (Can Blanc, Can Roig). O nome dos habitantes, a profissão, a carreira política ou a carreira eclesiástica são também motivos que denominavam as *masies*¹³ (Can Doctor, Can Teixidor, Els Ferrers, Cal Pagès).

As *masies* são espelho da vida agrícola catalã e quase sempre de explorações familiares. Uma visão menos simplista destes objetos de estudo entende que não são apenas edifícios rurais para habitar, mas elevam-se à categoria de instituição jurídica e económica, com as suas dependências, os seus campos de cultivo e os seus direitos, coisa que lhe dá o seu carácter especial.

Quanto ao tipo de organização, de forma geral e simplificada, aparecem dois tipos de núcleos edificados: os que são constituídos por um só edifício reunindo habitação, espaço para os animais e restantes atividades rurais e outro em que se destaca um edifício, o dos proprietários, com maior investimento na arquitetura, que tem ao lado os diferentes edifícios anexos para as atividades que nutrem a sua economia. Estes são construídos posteriormente à *masia* e seguem uma determinada disposição, de forma a criar a melhor articulação possível entre os volumes e promover uma fluidez funcional das atividades rurais e domésticas. A estrutura da *masia* é quase sempre de casa alta. O mais comum será encontrar um edifício dividido em três pisos, o piso térreo, o piso superior e o sótão (*golpes*). Existem alguns casos mais singulares onde encontramos um piso extra, sobretudo em zonas montanhosas, e raramente encontramos *masies* de um só nível. Esta estruturação deve-se à intenção de ordenar e seccionar por piso as diferentes funções. Geralmente, o piso térreo era destinado aos animais (*quadres*), o segundo piso para a habitação e o sótão para armazenar e secar os alimentos. A *masia* é, portanto, um produto funcional, uma adaptação à vida, aos trabalhos e à produção. Como disse Demangeon, “a casa rural é uma ferramenta de trabalho agrícola”¹⁴.

É possível compreender uma evolução destas edificações desde o século XII, quando encontramos os primeiros exemplares que vão ser o ponto de partida para a criação de um paradigma da arquitetura rural da Catalunha. Naturalmente, as mudanças ou inovações da exploração agrícola e das técnicas construtivas foram causadoras de transformações tanto da organização do espaço como, conseqüentemente, da imagem exterior do edifício, apesar de ser possível apontar determinadas características que se mantêm sensivelmente idênticas até à formação do tipo ou da designada “estrutura clássica”. Como é o caso das *crugies*, tramos ou unidades estruturais da *masia* constituídas pelo espaço entre as pare-

13 Joan Curòs i VILÀ, *Arquitectura rural de Catalunya – metodologia d'anàlisi i d'intervenció*, p. 245.

14 Demangeon, citado por Joan Curòs i VILÀ, *Arquitectura rural de Catalunya – metodologia d'anàlisi i d'intervenció*, p. 76.

des mestras, normalmente paralelas entre si, com uma largura aproximadamente de 4-5m. Estas unidades que compõem a *masia* vão ter uma grande influência na disposição da cobertura, sabendo-se que, inicialmente estes tramos eram de menores dimensões e mais humildes.

De acordo com as explorações agro-pecuárias preponderantes numa certa região, as *masies* vão adotar uma linha geral que se vai combinar com a tradição regional ou histórica, ou seja, as edificações podem corresponder a uma exploração predominantemente cerealífera, vinícola, hortícola ou pecuarista. Muitas vezes estas linhas construtivas encontram uma solução intermédia entre os diferentes tipos de *masies*, pois as propriedades podem dedicar-se a mais de um tipo de exploração ou, então, sofreram uma mudança de regime económico. Esta linha geral nem sempre é definidora das características essenciais do edifício. Um papel também bastante importante é desempenhado pelo mestre de obras que, de certa forma, marcava uma tendência construtiva nas edificações que estavam a seu cargo e, por vezes, resultavam numa prática que abrangia toda a região. Observando o aspeto exterior das numerosas *masies* existentes na Catalunha podem assinalar-se algumas particularidades bem distintas entre elas, as quais originam uma diversidade de tipos.

Será importante entender a *masia* como um edifício isolado e principal do *mas*, independentemente da sua situação geográfica e do conjunto das edificações anexas.

Também será relevante notar as dimensões, em muitos casos, desmesuradas de alguns compartimentos da *masia*. Efetivamente, parece existir uma opinião consensual em relação a esta desproporção do espaço correspondente, sobretudo, à entrada da casa e à sala, cujas grandes áreas têm uma utilidade muito diminuta. A entrada das *masies*, que normalmente equivale a uma *crugia*, tem uma função muito limitada, reduzindo-se ao armazenamento momentâneo de alguns alimentos ou de ferramentas e nalguns casos serviam de vestíbulo para entrarem os cavalos ou as carruagens. O mesmo se passa com a *sala*, pois não tem uma função permanente que justifique as suas dimensões. Não passa de um espaço distribuidor para os quartos que ocupam o segundo piso e pontualmente local de reunião familiar. Estes factos reforçam a ideia que a casa alta existe por uma tradição antiga.

INFLUÊNCIAS GEOGRÁFICAS E CLIMATOLÓGICAS

Entre os muitos fatores que podem ter influído na diferente distribuição no território das *masies*, o clima e a geografia, são indubitavelmente dois deles. Pelo menos tiveram bastante peso numa primeira instância até à formação de um tipo arquitetónico transversal.

O clima será responsável por determinar algumas componentes construtivas como a pendente da cobertura, os materiais de cobrimento, as dimensões das aberturas, ou seja, as características morfológicas exteriores do edifício. Mas também o relevo e o lugar onde este está situado vão influenciar bastante o tipo de cobertura e, por sua vez, toda a edificação, já que a cobertura é o elemento que mais transforma a *masia* nas suas duas dimensões: no seu aspeto exterior e, conseqüentemente, na sua estrutura interna, a qual gera os espaços internos. A orien-



Figura 8. Entrada de Can Borrel onde estão armazenadas as ferramentas de trabalho .
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Figura 9. Galerías de Farró (Sant Salvador de Bianya).
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Figura 10. Galerías de Colldecarrera.
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

tação também tem o seu papel destacado na implantação da *masia*. A edificação com a orientação canónica será aquela que expõe a fachada principal a sul, para melhor aproveitar os raios solares em qualquer altura do ano. Com efeito, existe uma notória maioria que se apresenta nesta situação, apesar de algumas vezes a pendente do terreno exigir uma outra orientação. No entanto, é primordial proteger a casa dos ventos dominantes e dos ventos vindos das pendentes das montanhas, como também da possível sombra provocada por uma orografia desfavorável. Por conseguinte, a disposição do edifício vai influir, uma vez mais, na organização dos diversos compartimentos e conduzir a um arranjo preferencial. Considera-se que a melhor orientação da *masia* deve servir os compartimentos principais como a sala, os quartos e, nas dependências, o espaço para a secagem e armazenamento das colheitas. Também é comum encontrar *masies* com amplas galerias porticadas, em regra ocupando toda a extensão da fachada sul, e assim aumentando a área de uso doméstico.

É difícil extrair uma teoria sobre a distribuição, forma e implantação destes objetos, pois em arquitetura rural há muitas exceções. Muitas vezes as edificações estavam sujeitas a economias de meio muito restritivas ou optavam por soluções mais eficientes e rápidas, sem pretensões a seguir fielmente modelos canónicos. Mas, efetivamente, existe um número elevado de *masies* em determinadas regiões que adotam um conjunto de características comuns. Como é o caso das que se encontram em zonas montanhosas, com topografia acidentada e desníveis acentuados que dificultam a adaptação ao terreno. A cobertura destes edifícios é geralmente de duas águas paralelas à fachada principal, reproduzindo, de certa forma, o sentido da pendente da montanha¹⁵. Por outro lado, nos locais mais planos, em que a topografia não é protagonista, abundam *masies* com coberturas paralelas às fachadas laterais.

Efetivamente, existe uma adaptação da *masia* à realidade física do lugar, bem como aos meios de subsistência que este apresenta. Conseguimos assim distinguir três grandes grupos tipológicos relacionados com a distribuição geográfica, *masies* de alta montanha, média montanha e de planície, que vão evoluir no sentido de aperfeiçoar as suas condições dentro de um limite tipológico. A maior ou menor dificuldade em desenvolver a atividade agropecuária é visível no tipo de construções e agrupamento das casas. Havia uma tentativa de maximizar os campos com a construção das habitações e dependências nos terrenos menos favoráveis e acidentados, aproveitando as terras planas para o cultivo. Portanto, é expectável que as *masies* de alta montanha sejam em regra mais modestas que as de planície, pois tinham mais limitações para a produção agrícola.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA MAS

Ao falar sobre a origem do *mas* e, concretamente, da sua estrutura arquitetónica, muitos historiadores defendem o vínculo com o mundo romano e com as *villae* rurais que, até à invasão visigoda, povoaram grande parte da Catalunha. Esta

¹⁵ Joan Curòs i VILÀ, *Arquitectura Rural de Catalunya – metodologia d'anàlisi i d'intervenció*, p. 77.

teoria, aceite por alguns autores, tem origem nas investigações de Josep Puig i Cadafalch aquando da descoberta e estudo dos mosaicos romanos de Centcelles e Tabarca. Existe, também, a convicção de que houve uma continuidade do regime agrário romano na época visigoda, influenciando a formação e desenvolvimento do *mas* catalão nos séculos VIII e IX, posteriormente reforçada pela *adscriptio a la Gleba*¹⁶, do século XI ao XII. A presença de uma cobertura de duas águas nas representações das *villae* romanas são para Puig i Cadafalch uma prova incontestável da precedência romana da *masia*. Para outros investigadores a presença do frontão completo nessas mesmas representações é suficiente para desistir da suposta permanência das formas¹⁷. Os frontões clássicos não se voltaram a utilizar na arquitetura até ao Renascimento, e na *masia* não se introduziram até ao neoclassicismo. Relativamente ao sistema de exploração e à unidade jurídica romanos, certos estudos advogam que estes foram perdidos posteriormente, devido aos inúmeros saques e clima de instabilidade que se instalou, convertendo-se estas *villae* em pequenos núcleos rurais com diferentes mecanismos de exploração.

A dúbia ligação à *villa* romana, aliada à escassez de documentos e edificações preservadas até à actualidade, condicionam a solidez desta teoria que para muitos estudiosos revela, sobretudo, uma vontade de encontrar uma verdadeira arte nacional catalã¹⁸, sem influências externas diretas. Contudo, actualmente, existem menos incertezas por parte dos historiadores em relação à influência direta da repovoação franca, que se registou no século VIII com a formação do *mas*. Efetivamente, o verdadeiro conceito de *mas*, tal como o conhecemos, como unidade de produção que inclui a terra, a casa e a famílias, surge com esta consolidação do domínio franco na Catalunha Velha¹⁹. A nova emigração do excedente de população dos vales pirenaicos, uma vez estabilizada a situação política, é realizada basicamente através do direito de *aprisió*²⁰ das terras abandonadas. Os séculos seguintes, IX e X, são uma época de reconstrução e reorganização política para atingir uma certa

16 “*La adscriptio a la gleba* ó, en palabras más vulgares, el vínculo a la tierra, queda definido en el Código de Justiniano, prohibiendo la venta de tierras sin implicar las de lo que las cultivan. Esta condición es de carácter hereditario y redimible a cambio de un cánón, si el señor lo consiente.” *La evolución del Mas, 2C: Construcción de la Ciudad*, número 17-18, Março de 1981, p. 17.

17 *Idem*, p. 17.

18 “En Catalunya, la arquitectura de la casa es un arte permanente, es el arte arquitectónico que no es más propio. No es el templo, unas veces llegando de Oriente con formas impuestas por artistas italianos, otras veces arte de Occidente o de Francia, traído por las órdenes religiosas que se afanan en obtener un método universal; nuestro arte es, en cambio, nacional, catalán, potente, de modo que se extiende por todos los dominios de nuestra raza. En él permanece siempre, hasta bien entrado el periodo gótico, un fondo románico o quizás mejor romano, tal como lo son nuestras costumbres y lo es nuestra familia.” J. Puig i CADAFALCH, *La casa catalana*, 1913, ob. cit., p.17.

19 Corresponde ao território entre a serra de l’Albera a norte, o maciço de Garraf a sul e Montserrat e as serras que separam a bacia de Llobregat de Anoia e de Segre a oeste. Pertencem a esta área os antigos condados de Rosselló, Conflent, Vallespir, Empúries, Besalú, Cerdanya, Urgell, Berga, Osona, Girona e Barcelona.

20 “*La aprisó* (...) era, esencialmente, el derecho a la concesión legal de una tierra con la obligación de romper-la, es decir, de reconvertir los bosques (...) en terrenos aprovechables para su explotación. No era exactament un derecho de primer ocupante, que se transmitía por herencia y que quedaba afirado al cabo de treinta años de explotar la tierra sin interrupción.” *La evolución del Mas, 2C: Construcción de la Ciudad*, número 17-18, Março de 1981, p. 18.



Figura 11. Povoamento de montanha.
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

estabilidade. A terra é dividida, por um lado, em pequenas propriedades fruto da mencionada *aprisió* e, por outro, em grandes herdades pertencentes a igrejas, a mosteiros. A matriz primordial do *mas* é então consolidada entre os séculos XII e XIII e até à atualidade vai sofrer algumas alterações.

Este conceito de propriedade rural propaga-se a partir da Catalunha Velha, da franja pré-pirenaica, pelas regiões de Solsonès, Berguedà, Bages, Osona, Ripollès e Garrotxa, tornando-se no modelo de povoamento disperso e integrado na paisagem da montanha, graças ao seu clima propício aos campos de pastagem e existência de bosque. Por outro lado, na denominada Catalunha Nova, inicialmente de domínio muçulmano, que se estende para sul de Llobregat, dificilmente encontramos a mesma quantidade de amostras de *masies*, e geralmente estas estão agrupadas em comunidades rurais mais densificadas ou até mesmo pequenos povoamentos. Este tipo de aglomerado rural deve-se em parte ao clima seco e escassez de recursos que dificultam a exploração agrícola, mas sobretudo a pecuária devido à inexistência pastos. As populações tendem, assim, a concentrar-se para superar estas dificuldades e dividir recursos como poços de água. O povoamento concentrado predomina também nas regiões de alta montanha pelas suas condições especiais, relevo acidentado e de difícil acesso. Esta aglomeração em comunidades tem como objetivo poupar esforços na construção e manutenção de estradas, sobretudo quando as condições climatéricas são mais adversas, mas também facilitar o acesso a estes núcleos rurais por parte de comerciantes e mercadorias.

A partir da área limitada inicial em que nasce a *masia*, é possível verificar uma propagação geográfica deste conceito com alterações ao lugar onde se instalam e tendo fielmente em conta os recursos disponíveis. No vale pirenaico da Cerdanya existem casos de *masies* que apresentam uma estrutura algo peculiar, organizadas em volta de um pátio (ou *barri*) de grandes dimensões e, geralmente, destinado à criação de animais. Nas terras planas da “Depressão Central”, por regra, as *masies* desenvolviam-se tendo por base uma intensa atividade agrícola e situavam-se muitas vezes à volta da paróquia, formando um pequeno aglomerado. Na planície de Empordà os *masos* apareceram tardiamente, nos séculos XVI e XVII, e em muitos casos são fortificados com torres, ameias e outros elementos de defesa, da mesma forma que no litoral tarragonês, uma vez que a costa mediterrânica era frequentemente assaltada por piratas. Mais tarde, sobretudo nos séculos XVIII e XIX a *masia* tinha também uma presença importante em Maresme, Barcelonès e nas terras férteis do delta de Llobregat.

Nem sempre é fácil estabelecer um fio condutor desde o aparecimento do conceito de *mas* até à atualidade, passando por todos os processos e derivações intermédias. Com efeito, crê-se que a sua evolução está relacionada com a adoção ou fusão de características de outras edificações rurais isoladas, nomeadamente os castelos e as *salas*. Ambos são antecedentes da casa nobre e, de certa forma, sem atender a especificidades, são um produto transversal em todo o território europeu, especialmente na Idade Média. Os castelos tinham uma preponderante componente defensiva materializada pela presença de certos elementos: a torre, o muro de defesa e os compartimentos residenciais dispostas em torno

de um pátio ou espaço aberto. Apesar de Danés ser um convicto defensor da importância do castelo dentro da evolução tipológica do *mas*, outros autores acreditam que terá sido mais importante a conversão de muitos castelos em *masos* a partir do século XVI na formação do modelo de arquitetura rural²¹.

Também será interessante atender a outro exemplo de edifício rural já referido, a *sala*. Terminologia de origem germânica, designa uma habitação constituída por um edifício de apenas um espaço. Esta consiste numa peça única acompanhada normalmente de uma torre ou ocasionalmente de pequenas dependências e um muro envolvente, que conforma um pátio. Apesar de se confundirem muitas vezes com castelos pela sua expressão fortificada, a função destas edificações terá uma componente menos defensiva. A sala é um lugar de residência permanente que satisfaz múltiplas funções como a habitação, a receção e a celebração. Esta não é apenas a palavra que designará a peça essencial da *masia*, que será explanado mais adiante, mas possivelmente a criadora da ideia de espaço único determinante na arquitetura civil e religiosa da Catalunha a partir dos finais do século XII. É de referir que, segundo J. Puig i Cadafalch, também a *sala* tem origem romana e é um passo intermédio até chegar à *masia* tipologicamente definida²². Muitas destas construções também se converteram em *masos* a partir do século XVI, o que pode confundir um pouco as arquiteturas.

AS TRANSFORMAÇÕES DO MAS A PARTIR DO SÉCULO XII

Durante o período entre a segunda metade do século XII e a primeira do século seguinte houve uma transição concludente que vai moldar as construções rurais futuras, levando à formação de um tipo. Esta mudança deve-se sobretudo a dois fenómenos: a deslocação do fogo central para paredes com chaminé e a construção do *mas-torre*, de pedra bem trabalhada e com dois ou três pisos de uso diferenciado.

Como sabemos, sempre foi atribuído ao fogo uma carga muito especial, simbólica e divina em todas as culturas primitivas. Além do seu carácter utilitário para uso doméstico à volta do qual se centrava toda a família, o fogo era também um elemento essencial na celebração de ritos e adoração de divindades da família e, portanto, assume uma posição central, de acordo com a sua importância. Era o ponto a partir do qual se criava uma relação equidistante do espaço da casa e das zonas de calor. Esta relação espacial altera-se quando o fogo passa a estar adossado a uma parede e o espaço deixa de ser único, existirão tantos mais quartos quantos sejam necessários. Finalmente, o seu deslocamento denota determinados conhecimentos técnicos necessários para a construção da chaminé.

21 “(...) sin negar totalmente las afirmaciones de Danés, creemos que es más importante la conversión de muchos castillos en *masos* a partir del siglo XVI, que su dudosa influencia en la evolución del *mas*.” Idem, p.18.

22 “Basándose en documentos que citan *Sales* con patio – que él – supone central – o bien con patio y “pórtic”, extrae la conclusión de que la Sala es la “traducción del atrium romano que se perpetúa en Catalunya en el periodo románico, con mayor intensidad que en las escuelas francesas y germánicas”. Idem, p. 20.



Figura 12. Cozinha de Can Claris (Badalona) com chaminé adossada à parede.
 Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

Por outro lado, o aparecimento do *mas-torre* no século XII foi outro fenómeno importante para a construção do modelo de *masia* que chegou até aos nossos tempos. Trata-se de uma edificação com tendência para planta quadrada (como geralmente são as torres medievais ou anteriores, mas com maiores dimensões), de três ou quatro níveis estratificados segundo funções. Um primeiro piso onde ficavam as lojas agrícolas e os animais, sobreposto, de acordo com o exemplar e a região em questão, teríamos um ou dois pisos para a habitação propriamente dita e, finalmente, o sótão destinado ao armazenamento da produção agrícola. As plantas dividem-se em duas partes geralmente simétricas, no piso térreo por um muro de pedra e nos restantes pisos por um pilar central e uma viga transversal. No piso destinado à família, um dos espaços resultantes da partição contém a cozinha-comedor, com lareira e chaminé, a escada interna e, caso o desnível assim o permitisse, um acesso direto à habitação a partir do exterior. A restante área deste piso dava lugar a dois quartos acessíveis pela cozinha e, por vezes, podia existir um segundo piso de habitação com a mesma configuração já descrita. A escada interior que acedia a todos os pisos da edificação apoiava-se numa parede mestra. As paredes eram de pedra, os pavimentos de madeira ou com ladrilhos cerâmicos sobre o vigeamento de madeira. As divisões interiores não estruturais podiam ser de madeira, de tabique com gesso ou de tijolo. A cobertura apresentava uma ou duas águas revestidas com palha, lousa ou pedra calcária. Só mais tarde, no século XIII, se começou a cobrir com telhas e também se ampliaram as janelas.

Como podemos perceber pela descrição do tipo do *mas-torre*, o seu princípio estrutural matiza dois aspetos: a subdivisão do espaço e a concentração da área de implantação. Através da construção de uma parede estrutural ou coluna com a respetiva viga transversal, os espaços bipartiam-se para desempenharem diferentes

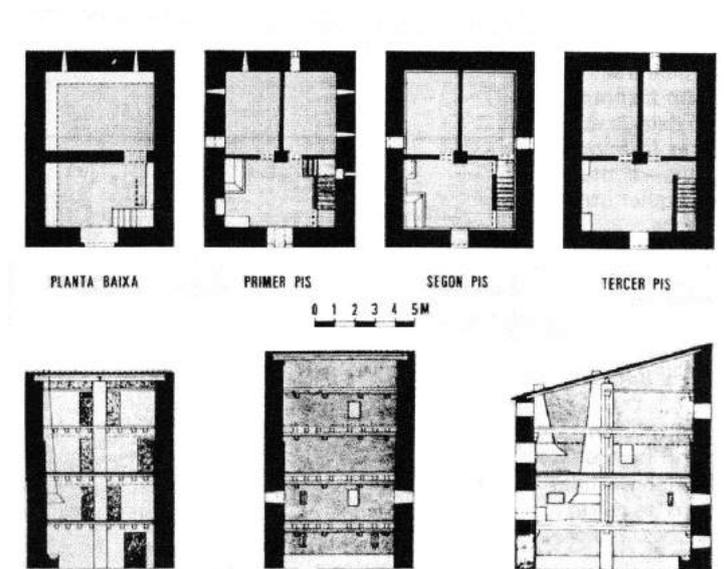


Figura 13. Desenhos esquemáticos do *Mas-torre*.
 Fonte: 2C: Construcción de la Ciudad, número 17-18, Março de 1981, p. 40

funções. Apesar disso ainda se nota uma contenção do esqueleto estrutural, pois não se estendia num grande corpo, mas pelo contrário, aproximava-se ainda da ideia de torre – mínima planta e máximo desenvolvimento em altura, atitude defensiva e de vigilância. Este modelo de *mas* significa uma melhora na vida doméstica com o aproveitamento do calor dos animais dos estábulos, o isolamento do palheiro no sótão, a separação de funções e uma distribuição de plantas quase definitiva na sua evolução posterior. Estava criado o protótipo de casa rural que ditou a arquitetura tradicional catalã, por vezes um género de receita eficaz e segura, que, quando levado ao limite, transformava o território numa paisagem redutoramente uniforme.

CONSOLIDAÇÃO DO TIPO

Durante o período que antecedeu o século XVI estavam a ser criadas as fundações para uma mudança no mundo agrário da Catalunha. Uma época traduzida por uma certa instabilidade devido às pestes que devastavam populações e ao descontentamento social face ao sistema feudal implantado. Segundo Danés, houve um incremento de casas de campo nos séculos XIV, XV e XVI com maior incidência nas regiões planas e, sobretudo, já com dois tramos perpendiculares à fachada principal. Nesta época a cobertura de duas águas seria a norma e, portanto, dá lugar a dois tipos de fachada, uma em que a cobertura é rematada numa linha horizontal e outra em forma de “frontão” criado pelas duas vertentes²³. Puig i Cadafalch considera, pelo contrário, que a casa rural se compõe desde o período românico de um, dois ou três tramos paralelos de igual largura, destacando-se o tipo de três tramos com sala central nas comarcas planas durante o século XVI²⁴. O tipo de três tramos é denominado por “estrutura clássica”, segundo Danés, ou por “tipo consolidado”²⁵. No entanto, ambos concordam com a existência, nesta época, de uma estrutura modular baseada em *crugies* (tramos), de forma retangular alargada e justapostos, de modo a criar um sistema. Como também dão por certo a posição destes tramos de modo a estratificar os diversos níveis por funções.

A transformação do padrão do meio rural catalão, no século XVI, foi determinante para uma alteração e consolidação desta arquitetura. É uma época caracterizada por novas relações entre camponeses e senhores que reestruturam o modo de administrar as propriedades, através de uma nova forma contratual. Surge assim o *masover*, responsável pela exploração das terras dos proprietários, mas agora com mais vantagens associadas e distanciado do antigo sistema feudal. Esta nova situação social permite inclusivamente a formação de uma nova burguesia e a construção de *masoveries*²⁶ ou a ocupação e reforma de *masos rònecs*²⁷, com o conseqüente repovoamento do território rural. Esta mutação procede-se pela perda de privilégios feudais de alguns senhores, pela aquisição de algumas terras, por



Figura 14. Torre de Can Paulet.
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

23 Gènesi de l'estructura arquitectònica de la *masia*, 2C: *Construcció de la Ciudad*, número 17-18, Març de 1981, p. 84.

24 La evolución del Mas, 2C: *Construcción de la Ciudad*, número 17-18, Març de 1981, p. 28.

25 Idem, p. 30.

26 Habitações dos *masovers*.

27 Antigos *masos* deixados ao abandono.

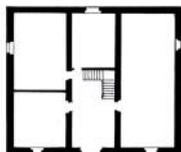


Figura 15. Can Titó Serra como exemplo de *masia* do tipo consolidado de três tramos. Escala 1:600.

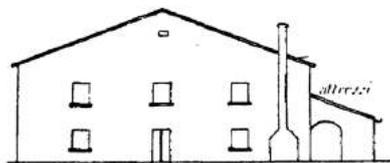
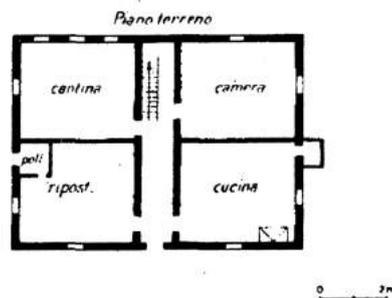


Figura 16. Casa rural italiana que tem uma estrutura de três tramos, cujo tramo central é mais estreito que os laterais.
Fonte: 2C: Construcción de la Ciudad, número 17-18, Março de 1981, p. 40

parte dos *masovers*, que incluem algum castelo ou *sala*, ou pela saída da nobreza para os núcleos urbanos, depositando as suas residências nas mãos de *masovers* que as adaptam para um novo uso.

O *mas* é, portanto, alvo de inúmeras ampliações para responder aos ativos investimentos que estavam a ser concretizados na economia agrária da Catalunha. As *masies*, em regra, compostas por dois tramos justapostos, vão agora admitir a adição de um terceiro tramo paralelo, de acordo com o mesmo princípio, e se necessário adiciona-se ainda outro tramo transversal. O funcionamento estrito da *masia* é, conseqüentemente, distorcido com estas novas disposições. A cozinha-comedor, no caso das *masies* de dois tramos, preenche total ou parcialmente um destes volumes, onde assumirá o cerne da vida familiar. Ao adicionar um novo tramo junto à cozinha-comedor, este espaço adquire uma situação central da nova casa, mas tem tendência a mover-se para um dos lados deixando a meio um espaço amplo, por onde se processa a entrada²⁸. De facto, ao contrário de outros exemplares homólogos²⁹, a *masia* dá uma certa relevância ao tramo central, que poderá ter uma largura maior que os laterais. Esta tendência do espaço central amplo parece ser uma constante da arquitetura catalã, visível a partir do século XIII na *Sala*, no grande salão da *masia* ou na nave única da igreja, que constituem a essência do edifício. O resto dos compartimentos se existem, passam a ter um papel secundário.

A partir do final do século XVI, este modelo de *masia* de três tramos começou a ser projetado e reproduzido de raiz. Como sabemos, as casas rurais até este momento eram, por regra, uma soma de partes construídas em períodos distintos, de acordo com as necessidades e possibilidades da família. Esta alteração parece indicar que existe outro fator, para além da mera necessidade de ampliação da casa³⁰. As novas condições sociais e o clima de mudança exaltaram uma consciência do papel histórico da nova sociedade que se estava a formar e conseqüentemente reproduziu-se na arquitetura através da produção de um arquétipo – “uma evolução de elementos tipológicos configurados anteriormente guiada por uma determinada vontade criadora”³¹.

Outro conceito chave bastante entroncado neste período de mudança é o *Pairalisme* – instituição relacionada com a herança da terra, manifestando-se num sistema jurídico que impede a divisão das propriedades nas partilhas, mantendo-se assim intacta a superfície das terras³². O instrumento base desta indivisibilidade

28 Idem, p.30.

29 “En Italia, y sobre todo en el Véneto, región que mantiene algunas similitudes geográficas com las grandes llanuras de Catalunya, así como ciertas relaciones económicas y culturales, se observa un tipo de estructura semejante para la casa rural. Pero en esse tipo de construcción, también compuesta por três cuerpos alargados colocados paralelamente, el tramo central que corresponde a la entrada, distribución y escalera de comunicación vertical, es, logicamente, mucho más estrecho que los laterales. Ello explica, entre otras cosas, como el carácter simbólico-social de la estructura de la *masia*, frente a las condiciones constructivas y de uso, está por encima de cualquier forma de evolución simplista relacionada com los determinismos de tipo físico.” Idem, p.30.

30 “Danés señala la ampliación como la base de una evolución lineal que va desde el mas de dos cuerpos a los três de l’estructura clàssica.” Idem, p.30.

31 Idem, p. 30.

32 Sistema semelhante aos dos morgadios em Portugal.

patrimonial é o princípio do herdeiro universal, de livre eleição, por norma, o primogénito masculino. Este é um costume inspirado no Direito Romano, conformando uma forma orgânica jurídico-social muito sólida e benéfica para a preservação das propriedades rurais e manutenção do *mas*, principalmente desde o século XVII até aos nossos dias. Efetivamente, havia uma acumulação dos bens num único indivíduo, o *hereu*, o principal proprietário das terras e da casa *pairal*, tipologia de casa de grande magnitude em virtude das inúmeras adições ao tipo inicial, apenas conseguido pela concentração de riqueza. Nestas grandes *pairalies* individualiza-se a grande custo o seu núcleo original, os corpos que formam o tipo consolidado, a *sala* ou a torre, devido às sucessivas ampliações. Por outro lado, as *masoveries* oferecem-nos a sua estrutura tipológica de maneira mais evidente, devido à economia de meios e à menor contaminação de intervenções “cultas”.

No fundo podemos entender que para além de todas as condições de carácter histórico e social que fazem evoluir a arquitetura do *mas*, na sua estrutura organizativa fundamental, também o entendimento histórico, de todo este processo e do próprio tempo em que estavam, tem um papel na consolidação desta tipologia arquitetónica. E uma vez conseguida, não se modifica a estrutura arquitetónica essencial, apesar das posteriores evoluções, tanto no que respeita a relações de produção como a influências artísticas, climatéricas e de uso, que podem ter afetado a morfologia mas não a tipologia. É por esse motivo que o *mas* de três corpos paralelos, com a sala central no segundo piso começa a produzir-se desde os finais do XVI e sobretudo no século XVII, ao qual Danés denomina “estrutura clássica”. Embora a expressão “tipo consolidado”, comumente utilizada no artigo *La evolucion del Mas*, seja efetivamente mais alusivo ao seu sentido evolutivo. A partir daqui a história da agricultura catalã deixará de produzir-se de maneira sincrónica com a evolução da estrutura arquitetónica da *masia*, como tinha sucedido até este momento. É certo que estas casas venham a sofrer alterações morfológicas devido às ampliações, adições ou sistemas construtivos, mas trata-se de mudanças aparentes, já que a estrutura do tipo consolidado mantém-se invariável até grande parte do século XX.

RELAÇÕES DE IMPLANTAÇÃO

Para compreender verdadeiramente a arquitetura do objecto de estudo, será importante ter em conta que esta é o resultado da convergência de vários fatores para o seu surgimento. O início do repovoamento do território, a sul da franja pré-pirenaica, a formação de um sistema familiar de exploração da terra, o sistema social e jurídico que é criado para a estruturação do conjunto, bem como os acontecimentos históricos decorridos no território são fulcrais para o nascimento e modelação da *masia* e todos os seus aspectos inerentes. Por conseguinte, estas condicionantes vão influenciar a área de desenvolvimento desta arquitetura. A implantação da *masia* coincidirá sensivelmente com as dos limites fronteiriços da Reconquista durante os séculos X, XI e XII, período de maior estabilidade. A partir daqui começa a expandir-se, sobretudo no século XVI, mas sempre bastante influenciada pelo contexto histórico-social em que se inseria. Com efeito, alguns



Figura 17. Vista parcial de Seriny.
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Figura 18. Veïnats de Farrès.
Fonte: 2C: Construcción de la Ciudad, número 17-18.

estudiosos defendem que os fatores geográficos não tiveram um papel tao relevante na área de implantação da *masia*, pelo menos inicialmente, ao contrário dos fatos históricos e sociais, isto é, a maior estabilidade e segurança que permitia o assentamento das populações e construção de sistemas de exploração agrícola.

A implantação da *masia* estrutura o território através de três sistemas de relações, com diferentes escalas de aproximação. Em primeiro lugar, temos as relações entre os diferentes *masos*, como uma célula num tecido topográfico e as suas reações metabólicas que incidem fortemente no território dando-lhe forma. De seguida, os aspectos internos do *mas* propriamente dito, incluindo toda a propriedade, as construções, o conjunto familiar e as terras exploradas. Por último, as relações da *masia*, do espaço construído e dos seus elementos internos com a área de implantação.

1. O primeiro ponto prende-se com o relacionamento dos diferentes *masos* isolados, as suas relações de proximidade e de interação, que determinam a disposição específica que estes vão adotar entre eles. A premissa da implantação e organização dos *masos* é ainda pouco clara e de difícil extração de leis que motivem uma explicação. O número excessivo de variáveis, como os aspetos geográficos e as relações de propriedade estabelecidas pelo princípio de *aprisió*, pela aquisição de terras na expansão franca, tornam árdua a tarefa de formular conclusões. Por exemplo, existe a teoria de que as edificações dos *masos* estavam situadas de tal forma que é sempre possível comunicar visualmente entre eles, contudo carece de consistência³³. Em certas regiões, sobretudo nas zonas mais planas, pode verificar-se um fenómeno de concentração de *masos* produto de uma disposição em torno a uma igreja. A aglomeração destes *masos* é designada por *veïnats* (vizinhanças), que sem chegarem a ser um núcleo urbano, em que as leis de agrupação eram mais rígidas, estabelecem um sistema de relação diferente de uma *masia* isolada. Existem distintos graus de proximidade, é possível observar desde conjuntos de meia dúzia de *masies* num raio de 1000m em torno uma igreja até autênticas concentrações. Muitas vezes cria-se um espaço comum entendido mais como era do que praça. Outras regiões, sobretudo em zonas montanhosas em que as temperaturas são mais baixas e as neves frequentes, exigem que as povoações agrícolas se agrupem em pequenos *escamots*, autênticas comunidades agregadas.

2. Relativamente às relações internas do *mas*, apesar de em muitos casos se tratar do mesmo conceito de exploração rural, encontramos *masos* de diferentes formas e conjugações, desde aqueles que apresentam os espaços agro-pecuários integrados no edifício principal ou separados deste, formando uma era ou de modo pontuado pela propriedade. Também a relação entre as áreas de cultivo, pasto e bosque são variáveis, consoante a superfície do terreno e as necessidades de exploração. Efetivamente, as diferentes condições topográficas influíram o assentamento do *mas* e contribuíram para estabelecer as diversas relações do uso da terra. No entanto, procuravam-se sempre as melhores condições para o espaço construído, tendo especial atenção à insolação, geralmente nos limites que

³³ La estructura tipologica de la masia, 2C: *Construcción de la Ciudad*, número 17-18, Março de 1981, p. 38.

separavam as zonas cultivadas dos bosques, relacionados muitas vezes com os caminhos que atravessam o território. Com efeito, a implantação destas células rurais serve-se bastante da preexistência de trilhos delineados no território, normalmente de forma bastante harmoniosa com a paisagem, serpenteando as diferentes cotas altimétricas para aceder aos campos de cultivo, aos bosques ou a lugares onde já existe uma atividade humana em funcionamento. Caso se trate de uma área não explorada será necessário traçar um caminho que se adapte ao seu suporte físico, à topografia acidentada do terreno, aos rios e aos limites da propriedade, de modo a torná-la acessível. O resultado desta construção procura atingir um equilíbrio entre o que é concebido e o natural. O acesso ao *mas* é um eixo vertebral responsável pela disposição dos volumes que compõem o conjunto edificado, como também da adaptação ao lugar, a determinação dos limites e as áreas para construir. O caminho é o elemento que ordena os volumes do *mas* e a nossa percepção deles. Contudo, o acesso à *masia* pode ser feito de diversas formas, paralelo ou perpendicular às fachadas principal e posterior, ou paralelo ou perpendicular às fachadas laterais. O mais comum, e de certa forma também o mais prestigioso, será aceder à casa pelo lado principal paralela ou perpendicularmente. Só após a edificação da propriedade principal, é que se considera a construção das *masoveries*, tendo em conta a proximidade à casa do senhor.

Um outro fator importante na escolha de um lugar são os pontos de água existentes, através da prospeção de poços e canalização de água ao edifício que serviria sobretudo para consumo doméstico e rega dos campos, se a quantidade de água fosse suficiente. Um grande número de *masies* dispõe de cisternas, nas quais são depositadas águas pluviais conduzidas pela cobertura³⁴.

É importante sublinhar que a grande maioria dos *masos* foi alvo de adições e reformas sobre as edificações pré-existentes e um pouco por toda a propriedade, produzindo variações dos seus limites, como também do seu funcionamento e configuração inicial. Estas condicionantes dificultam a extração de uma teoria sobre a implantação destas unidades agrícolas. Outras variantes como existência de água, caminhos, antigas *masies* ou edificações, um suposto domínio visual sobre a terra e também as sucessivas mudanças de limites das propriedades devido aos contratos agrários ou divisões de heranças, são fulcrais para compreender toda a estrutura que gera o *mas*.

3. As relações entre os elementos construídos da *masia*, por sua vez prendem-se com um ponto levemente abordado no tópico anterior, nomeadamente a separação-junção de funções no conjunto edificado. Temos como exemplos, casas que vão desde a estrutura mínima, com um volume único que incorpora a habitação e as lojas destinadas aos animais, às colheitas e às ferramentas da labuta diária, até à construção mais complexa com todos os elementos separados segundo funções e ordenados a partir do caminho e da *era* (eira). Este espaço exterior e intersticial entre as construções acaba por revelar uma relativa importância na atividade rural, é um lugar de trabalho e de celebração quando convém.

34 Joan Curós i VILÀ, *Masies de Catalunya que cal conèixer*, p.235.

CIRCULAÇÕES

A organização do *mas* revela um sentido prático de racionalização da construção do espaço habitacional e do espaço de trabalho, de modo a promover uma fluidez própria daquilo que é funcional. Deste modo, apesar das circulações não estarem desvinculadas umas das outras, podem-se salientar dois tipos de circulações na propriedade, as exteriores – no espaço de comunicação entre os diversos edifícios que compõem o *mas* – ou interiores – entre a *masia* e os edifícios anexos. Existe uma espécie de fio condutor destes diferentes espaços que se interrelacionam, criando áreas de prolongamento ou de transição entre o exterior e o interior. Esta *promenade* inicia-se com o caminho de entrada, ao qual se liga às circulações externas entre edifícios do *mas*, de seguida à entrada e daqui liga-se às circulações interiores do edifício principal. Praticamente todas as habitações rurais têm uma zona mais ou menos delimitada à sua frente que pode funcionar como espaço de lazer e extensão da casa ou como continuação do espaço de trabalho, fator que evidencia a relação entre as circulações interiores e exteriores. A *era* (eira) é, portanto, esta área responsável pela articulação das circulações horizontais do *mas* e que tem como contraponto a sala, o compartimento principal na organização do espaço interno e das circulações verticais. Palavra de origem latina – *area* – que significa exactamente área, pedaço de terra. Não se afasta, portanto, da terminologia original, bastante relacionada com a agricultura e o cultivo de cereais. Na Catalunha este espaço exterior não coberto pode ser privilegiado com um tipo de pavimento distinto da restante área de percursos exteriores, com ladrilhos cerâmicos ou de pedra. Não é obrigatoriamente demarcado e parece não ser mais do que a área envolvente da entrada da edificação principal do *mas*, geralmente mantida limpa e de carácter polivalente. Em Portugal a eira “corresponde a um espaço bem delimitado, e com atribuições claras: “era a debulhada dos cereais e a seca da novidade (nome dado aos frutos maduros como os figos, etc.)”³⁵. Habitualmente desviada da casa e murada, de forma rectangular ou circular, com um pavimento especial, lageado, ladrilhado ou com um solo de palha e barro endurecido.

Todo o espaço exterior entre edifícios é espaço útil para pastar, não existindo áreas decoradas ou ajardinadas. Espaços destinados a jardins projetados apenas se encontravam em casas senhoriais. As distâncias e circulações exteriores entre edifícios não se alargam, geralmente, mais que 5 a 20m, uma vez que os edifícios partilham funções. Maioritariamente, têm superfícies situadas em cotas altimétricas equivalentes ou com pouca variabilidade, para tornar mais cómoda a deslocação. Contudo, quando o terreno é caracterizado por pendentes e desníveis, criava-se uma espécie de plataforma, para facilitar as circulações que unem diferentes zonas.

O caminho é um elemento estruturador de primeira ordem na configuração da propriedade. Antes de construir qualquer edificação é elaborado um esquema funcional e ordenador, tendo especial atenção à topografia do terreno e às características orográficas, se for o caso, de modo a promover uma harmonia entre os volumes uma vez construídos, um melhor aproveitamento dos raios solares e a

35 Adérito Fernandes VAZ citado por João Vieira CALDAS, *A casa rural do Antigo Regime do Algarve*, p.163.

proteção dos ventos vindos das pendentes das montanhas. Com efeito, a orientação é um fator primordial para projectar o assentamento dos diferentes edifícios do *mas*. Considera-se que a melhor orientação da casa, geralmente a sul, deve ser cedida aos compartimentos principais como a sala, os quartos e o espaço de secagem das colheitas.

Na maioria das vezes as dependências de carácter agro-pecuário estão separadas da *masia*, contudo esta separação é mínima, dada a inter-relação que existe entre todos, pelo facto de compartilharem funções que se encontram repartidas pelos diferentes edifícios, diminuindo os trajetos entre cada um. Não há dúvida que o espaço exterior de maior carácter é aquele que está diante do edifício principal, onde se instala a eira para proteger e trilhar o grão, muitas vezes rodeado por um pequeno muro de 40cm de altura. Inicialmente esta área teria limites diáfanos, pontuados por algumas dependências, mas com o tempo vai sendo absorvida por outras edificações e ampliações que distorcem a configuração inicial do *mas*. As construções de maior pujança vão ser realizadas no século XVIII.

A ESTRUTURA DA CONSTRUÇÃO

A construção da *masia* baseia-se num sistema modular, formado pela junção de uma série de tramos alongados, aos quais denominam por *crugies* ou *crujias*. Estes módulos com cerca de 4m de largura, medida frequente e comum a muitas arquiteturas vernáculas ou primitivas, materializam-se mediante muros de carga quase sempre levantados com alvenaria de pedra do lugar e encimados por vigas de madeira perpendiculares aos muros. Por vezes, pode haver uma substituição parcial ou total do sistema de muros por uma estrutura porticada de pilares de pedra e vigas de madeira, mas mantendo a ideia de volume compacto – *crugia* – através da execução de paredes de alvenaria de tijolo cerâmico ou de tabique com gesso. Esta largura entre muros permite cobrir o volume com vigas de madeira de medidas discretas, normalmente de acordo com a dimensão das árvores, podendo alargar-se o tramo no sentido longitudinal.

O modo de cobrir o espaço da *crugia* é, possivelmente, a característica que melhor indicia o poder económico da família e o período em que esta foi concebida. Inicialmente, e também nas casas mais modestas, podemos encontrar pavimentos simples com tábuas de madeira sobre as vigas ou, noutros casos, abóbadas de berço sobretudo nos pisos inferiores. Nas construções posteriores ao século XVI, são mais comuns as abóbadas de tijolo cerâmico ou de ladrilho de tijoleira, de arista ou de quatro pontos, as contínuas ou as rebaixadas de três raios. Geralmente, os pisos superiores ou o piso que vai constituir o sótão estão associados a uma composição mais leve, ou seja, a uma estrutura porticada aliada a um sistema de vigas de madeira, enquanto o piso térreo mantem as suas paredes contínuas. Portanto, a cobertura do espaço mais nobre da *masia*, a sala, podem ter o sobrado e o envigamento à vista ou, nos casos de maior nobreza, superfícies de madeira trabalhadas.

Naturalmente, podem existir alguns casos em que não se verifica um esquema

baseado na *crugia*, por regra nas casas mais antigas ou modestas. Possivelmente algumas delas derivam da acumulação de cubículos. O sistema modular é um fenómeno que se estabelece no mesmo período com a noção de “estrutura clássica” de *masia*, como podíamos supor. Durante os séculos XVI e XVII, muitos *masos rònecs* situados em áreas recônditas, de forte pendente ou entre bosques, que ainda não tinham sofrido qualquer modificação desde a sua construção, vão ser recuperados. No entanto, o seu esqueleto não terá obrigatoriamente esta estrutura canónica que define a *masia*. Ao contrário do que se passa no século XVIII, no auge do crescimento da agricultura catalã, em que é bem distinguível a estrutura de tipo consolidado, uma vez que neste período as casas eram comumente construídas de raiz, das outras ampliações, geralmente associadas a um único piso. Curiosamente, em certas edificações é possível identificar outros sistemas construtivos derivados diretamente da tipologia do castelo, formados por um agrupamento de peças em torno de um pátio. Mais tarde, ao cobrir este pátio, resulta muitas vezes a sala. Segundo alguns teóricos, apoiando a tese de Puig i Cadafalch, este é o elo que liga a arquitetura da *masia* à *villa* romana.

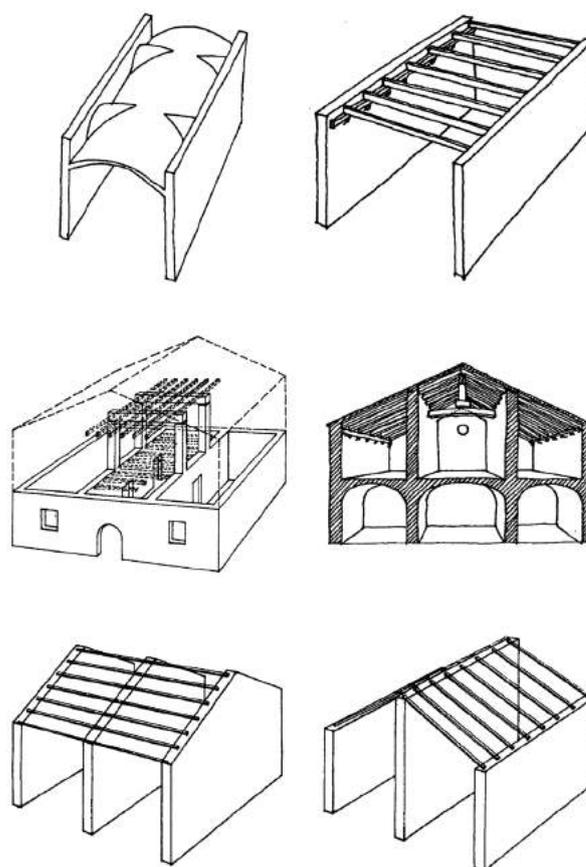


Figura 19. Figuras esquemáticas da composição estrutural da *masia*.
Fonte: 2C: Construcción de la Ciudad, número 17-18, Março de 1981, p. 40

A SALA. O ESPAÇO CENTRAL POR EXCECELÊNCIA

Como já foi referido, a *masia* é um feito arquitetónico resultado de um processo histórico determinado e com uma estrutura que se baseia num conceito espacial produto da junção de várias *crugies*. O arranjo destes módulos, de acordo com a estrutura clássica de Danés de três tramos colocados paralelamente, vai reconhecer um em especial pela sua posição central – a sala. De facto, a sua centralidade geométrica e posição elevada, em relação às dependências agrícolas e à vida rural, concedem a este espaço um carácter especial, simbólico e representativo da *masia*. Para muitos é o elemento definidor fundamental da sua estrutura tipológica, resultante da apropriação do valor do espaço central único da arquitetura do século XIII na Catalunha. De certo modo, este foi um passo para incorporar um símbolo das arquiteturas de poder, religiosas e monumentais, na arquitetura doméstica.

Não é o lugar da vida quotidiana, pois está reservado a eventos e celebrações especiais da família. Aqui encontram-se os melhores móveis da casa, os retratos dos antepassados, imagens religiosas. Este espaço não apresenta uma função em concreto, mas sim uma sobreposição de funções como estar, comer, celebrar e distribuir, que lhe dão dá-lhe um carácter menos especializado e sobretudo menos definitivo. Com efeito, tem um papel relevante como distribuidor da casa, para os dormitórios, para a cozinha muitas vezes e, naturalmente, permite o acesso vertical para os restantes pisos.

Dada a sua posição central, existe uma tendência em criar um eixo que muitas vezes assinala a porta principal, a janela mais importante, duas janelas simétricas ou uma varanda. Efetivamente, a sala transpõe uma importância traduzida pela sua posição privilegiada, orientada a sul, além de muitas vezes estar relacionada com o caminho ou com a era e, portanto, representa toda o poder da família. A adicionar a estes pontos, caso se trate de um casa de dois pisos e cobertura de duas águas, a sala será o espaço com maior pé-direito, procurando situar-se no eixo da sala, de forma a enfatizar o seu significado. Com efeito, qualquer peripécia construtiva é válida para conseguir as conotações formais internas e externas deste espaço, até aos limites de negar a lógica construtiva e a economia de meios, própria da arquitetura de *crugies*³⁶.

A SIMETRIA COMO VALOR SIMBÓLICO DA FORMA

O protótipo de *masia* existente até ao século XVI é constituído por não mais que dois corpos justapostos e duas formas possíveis de cobertura em relação ao eixo longitudinal. Uma em que a forma dos três muros de carga determina a sua pendente com o vigamento em posição horizontal e outra em que se levanta mais o muro central e o vigamento acompanha-o, alienando-se horizontalmente de todos os seus apoios. Com esta disposição a porta de entrada pode situar-se tanto no lado mais largo como no mais estreito, dando lugar a quatro possibilidades ou disposições. Este cenário realça os dois eixos de simetria do volume, dominando



Figura 20 Sala da Casa Alta.
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Figura 21. Sala de Can Brú.
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Figura 22. Sala de Can Farnades.
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

36 La estructura tipologica de la masia, 2C: *Construcción de la Ciudad*, número 17-18, Março de 1981, p. 43.



Figura 23. Mas Coll como exemplo de fachada simétrica. Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya

o que passa pela cumeeira e, que raramente coincide com a porta de entrada. Se se pode falar de uma fachada principal, temos de considerar sempre como tal a que corresponde ao lado maior da sala e que está melhor orientada. A posição da entrada principal das *masies* neste período é determinada principalmente pela topografia e pela situação do caminho, independentemente da fachada principal e de qualquer eixo intencionado de simetria.

Por sua vez, quando se consolida o esquema de três tramos com a sala no centro, a partir do século XVI, o conceito de simetria adquire um novo valor, começando a estabelecer uma ordem de importância e a patentear-se um sentido classicista na composição da fachada principal. Inclusivamente, este esquema dá origem a uma mutação do módulo central que se eleva mais do que os laterais, ficando expresso na fachada. Batizado por Danés e Bonet i Garí por *masia* do tipo basilical. Segundo Pau Vila, esta alteração da cobertura de duas águas deve-se ao clima em que se inseria, na região pré-litoral, caracterizado por uma débil exposição solar e, portanto, necessitava de um espaço de desvão para secar os alimentos. Danés, por sua vez, situa a procedência deste tipo no litoral até ao interior, devido à necessidade defensiva dos ataques corsários³⁷.

A NEUTRALIDADE FORMAL DA MASIA

O momento a partir do qual se dá a formação do tipo consolidado, é também o momento em que nasce o conceito de “neutralidade” formal da *masia*, que está intrinsecamente relacionado com a estrutura construtiva e o seu aspeto formal resultante. Este conceito é especialmente evidente se se considerar uma amostra de *masies* de diferentes pontos geográficos, de diferentes situações sociais e diferentes explorações económicas, e com isto depreender a existência de uma base estrutural comum, claro está, nos exemplares que adotaram o tipo consolidado. Danés, tal como outros autores, fez notar a importância da composição estrutural mais do que qualquer outro aspeto estilístico, funcional, geofísico e social. “Só a partir desta neutralidade formal é possível compreender a incorporação dos diferentes estilos históricos e os distintos tamanhos e conotações sociais, sobrepostos ao tipo assinalado”³⁸. A neutralidade formal da *masia* é transversal a qualquer posição social, ou seja, a estrutura tipológica pode ser igual na casa rural do nobre, na casa do lavrador abastado ou na casa do *masover*. Encontramos diferenças na amplitude dos vãos, na importância dada à sala, nos elementos decorativos mais eruditos e no tratamento das fachadas. Nada disto apaga a profunda relevância da base estrutural, aceite por todos³⁹.

Apesar de existirem muitas exceções na arquitetura rural – nomeadamente na sua implantação, na disposição de volumes e no crescimento – devido, por vezes, a economias de meio muito restritivas, há uma clara sequência no crescimento da

³⁷ La estructura tipologica de la masia, 2C: *Construcción de la Ciudad*, número 17-18, Março de 1981, p. 45.

³⁸ Idem, p.48.

³⁹ La tipologica de la masia, 2C: *Construcción de la Ciudad*, número 17-18, Março de 1981, p. 50.

masia catalã, que tem como fim preservar dentro do possível as características mais essenciais da edificação e, sobretudo, a forma da fachada principal e da cobertura. Em primeiro lugar dá-se o crescimento vertical, através da construção de um piso sobre a estrutura existente, até atingir geralmente os três pisos. Esta operação é muito frequente, uma vez que a construção da cobertura com estrutura de madeira tem, de certo modo, um carácter provisório e mais facilmente mutável. Portanto, a alteração das pendentes dos telhados é igualmente exequível, aquando do crescimento lateral da *masia* pela adição de tramos paralelos e contíguos aos tramos existentes, dispostos perpendicularmente à fachada principal. Com efeito, esta é a segunda etapa do processo de ampliação do conjunto edificado e a mais comum, que está muitas vezes relacionada com a adição de tramos com galerias. Por último, pode-se encostar um volume na fachada posterior, colocado transversalmente em relação aos restantes e promovendo a forma compacta e quadrangular da edificação⁴⁰. A cobertura destes últimos tramos pode adotar o mesmo esquema do edifício original ou, em muitos casos, pode ser independente, com cobertura em telhado de uma água.

A rigidez deste sistema de crescimento pode ser transposta caso haja alguma impossibilidade de implantação, em territórios mais acidentados por exemplo, ou alguma incompatibilidade de funções. As distorções e os elementos que fogem à regra são, efetivamente, consequência de limitações que promoveram a invenção arquitetónica de soluções menos cultas mas engenhosas, que enriqueceram o espetro da arquitetura rural.

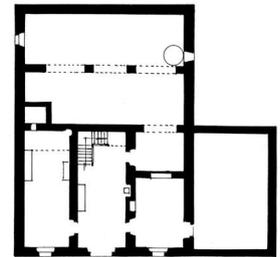


Figura 24. Can Casals como exemplo de *masia* do tipo consolidado de três tramos com ampliações. Escala 1:600.

⁴⁰ Idem, p. 56.

III. ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO

“La casa és la primera creació d’un poble. Amb les seves parets i finestres, amb els seus sostres i teulats, la casa és com un rostre; és el rostre de la terra, de la pàtria; és com el mirall de la seva gent.”

Joaquim de Camps i Arboix,
La masia catalana, 1959

O modo de construir a casa rural catalã e os materiais utilizados pouco mudaram ao longo dos séculos. A tecnologia construtiva, em grande parte herdada da arquitetura romana⁴¹, não foi objeto de transformações significativas exigidas pela atividade agro-pecuária. O trabalho árduo do campo, a utilização dos recursos disponíveis do lugar e a satisfação com os resultados conduziu à manutenção dos mesmos conhecimentos construtivos, dos mesmos métodos e dos mesmos materiais durante centenas de anos. O sistema construtivo da *masia* baseia-se na junção de uma série de elementos combinados com um sentido prático de racionalização da construção e do espaço. O muro de carga e os pilares, os arcos e as abóbadas, as vigas e as asnas, os telhados e os revestimentos, são, portanto, os componentes fundamentais para compreender a linguagem desta arquitetura.

Deve recordar-se que as *masies* têm por base um sistema estrutural modular, de uma simplicidade explícita, transversal a todo o território catalão – a *crugia* (ou tramo). Esta unidade, de uma enorme versatilidade, constituída pelo espaço entre as paredes de carga que distam de 4-5 m entre si e coberta por vigamento de madeira ou por abóbadas, vai ser reproduzida inúmeras vezes numa mesma edificação, em diferentes pisos e, por vezes, em diferentes períodos, sem suscitar grandes rupturas arquitectónicas.

Os materiais utilizados eram obtidos preferencialmente na propriedade ou na região, potenciando uma profunda relação entre a casa e a terra. A introdução de novos materiais e de novas técnicas, como o uso de betão, só terá expressão sensivelmente a partir da segunda metade do século XX.

PAREDES

A casa rural da Catalunha apresenta vários tipos de paredes portantes, que vão estar dependentes dos recursos do lugar, dos recursos dos proprietários e das tradições locais, podendo ser construídas em alvenaria de pedra, em taipa, em adobe e com soluções mistas. A construção com terra é, indubitavelmente, sinónimo de simplicidade e humildade, utilizada sobretudo nos *masos* mais austeros ou nos edifícios de regiões onde escasseia pedra. Servia para executar paredes de taipa ou argamassa para o revestimento das paredes de pedra. A rapidez de manipulação, a solidez considerável, o baixo custo e o bom isolamento térmico são características que incentivaram o seu uso.

⁴¹ Joan Curòs i VILÀ, *Arquitectura rural de la Garrotxa*, 1994, p. 76.

A parede de taipa é realizada com terra argilosa que é colocada dentro de um taipal de madeira com 40 a 50 cm de largura, dependendo do peso que terá de suportar. A terra era calcada dentro dos caixões de madeira, tornando-a mais compacta, e depois ancorada com tirantes, que atravessavam a parede de modo a evitar a sua deformação. A profunda retração que a terra sofre ao secar, provocando fissuras ao longo da sua superfície, vai levar à necessidade de melhorar a sua resistência adicionando areia, gravilha, cal e fragmentos cerâmicos. Após a descofragem, tapavam-se os buracos dos tirantes e revestia-se com argamassa para proteger da chuva e de acções mecânicas. A acrescentar a estes procedimentos que beneficiam a utilização deste material, ainda é frequente a execução de fundações em alvenaria de pedra, subindo um pouco acima do nível do terreno, de modo a evitar a ação negativa da água por capilaridade.

Mais tarde, generalizou-se o uso de adobe nas construções de terra, para evitar a perda desigual do volume das paredes que conduzia a retracções e fissuras. Este sistema requeria a preparação antecipada do adobe, que resulta do produto da mistura de argila, palha e outros elementos vegetais que ajudavam a reduzir a plasticidade inicial e tornavam o adobe muito mais forte e resistente. A palha, graças à sua porosidade, acelerava o processo de secagem e diminuía a sua retracção, com a consequente redução de fissuração nas paredes. Estes blocos podiam ser empilhados húmidos na parede em construção, o que permitia a sua união sem argamassa.



Figura 25. Can Gaietano. Paramento em alvenaria e taipa.



Figura 26. Can Gaietano. Paramento em taipa.



Figura 27. Can Titó Serra. Paramento em taipa.



Figura 28. Can Titó Serra. Paramento em taipa e alvenaria.

A pedra é também um dos materiais elementares da maioria das construções rurais, e como tal, a arquitectura vernacular catalã não foge à regra. Normalmente esta matéria-prima extraía-se de pedreiras exteriores e só em alguns casos de galerias subterrâneas. A sua compacidade, resistência e durabilidade tornavam-

na bastante requisitada, apesar destas características dificultarem a sua trabalhabilidade. Poderia ser utilizada em blocos regulares ou simplesmente em fragmentos irregulares de diferentes dimensões agregados por uma argamassa. A areia utilizava-se como elemento corrosivo e de desgaste para polir a pedra, técnica que prevaleceu até aos nossos dias. Curiosamente, nos documentos de pagamentos dos mestres de obra, encontra-se poucas vezes o custo da pedra, mas sim o valor do seu transporte até a obra: “*traginar la pedra per dita paret*”, “*portar las pedras per ditas parets*”⁴².

Com efeito, a área geográfica vai influenciar o tipo de pedra aplicada na construção. Na zona pirenaica abunda a ardósia que, graças à sua forma lamelar, era facilmente aplicada nas paredes de alvenaria seca, nos pavimentos e nas coberturas. O granito é comum nas zonas costeiras e também nas zonas pirenaicas, embora tenha um comportamento distinto segundo as regiões: na alta montanha o granito é de grande dureza e encontra-se fragmentado em blocos angulosos e irregulares; no litoral a pedra é mais fácil de trabalhar, pois apresenta-se sob a forma de arenitos. Finalmente, na Catalunha Central predomina a pedra calcária, muito apreciada pelo seu fácil aparelhamento em formas geométricas, que lhe permitia uma rápida colocação em obra.

Em muitos casos os pilares substituem as paredes de carga, sobretudo nos pisos superiores das *masies* mais recentes. Normalmente os pilares estão entre os 30 a 60 cm de lado, dependendo da carga que têm de suportar. Também executados com os mesmos materiais. Podem adotar as formas que são mais convenientes em função da estética do edifício: quadradas, retangulares e cilíndricas⁴³.

PAVIMENTOS E COBERTURAS

A madeira tem sido um material muito comum na história da construção. Obtinha-se dos bosques próximos à edificação e faziam-se elementos diferentes de acordo com a função estrutural que iam desempenhar. Para suportar os diferentes pisos era frequente utilizar um conjunto de vigas horizontais que poderiam estar encastradas nas paredes, apoiadas sobre arcos transversais ou sobre vigas de madeira paralelas às paredes.

Este último sistema construtivo era especialmente utilizado nas comarcas húmidas, de modo a evitar a ação deteriorante da água nas extremidades das vigas encastradas, conseqüentemente mais expostas à água das chuvas. A união das vigas realizava-se simplesmente por gravidade ou, nos pontos de maior dificuldade, era ajudada por cunhas de madeira ou por uniões metálicas.

Os antigos mestres de obra não tinham métodos complexos de cálculo da resistência das vigas. As suas dimensões, principalmente a secção, eram determinadas em função do vão, das cargas que tinham de suportar e da separação entre vigas. A



Figura 29. Els Matins. Paramento em alvenaria de pedra.



Figura 30. Els Callís. Paramento em alvenaria de pedra.

42 “Transportar a pedra para a dita parede”, “trazer as pedras para as ditas paredes”. Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.94.

43 Idem, p.x.

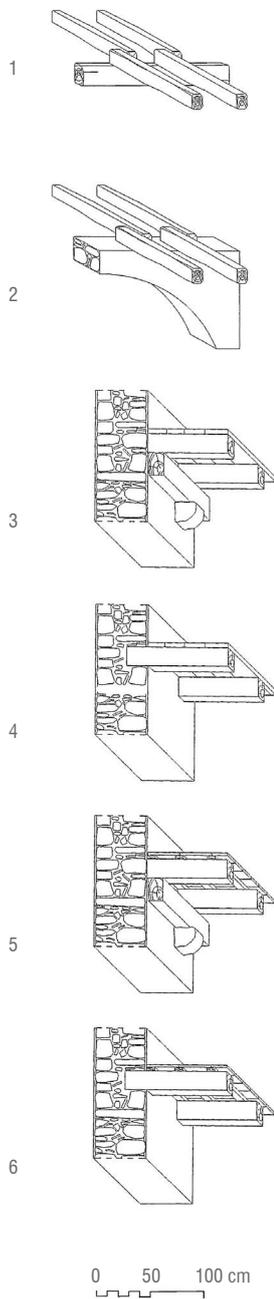


Figura 33. Estrutura das coberturas e pavimentos entre pisos:

1. Vigamento apoiado em viga central.
2. Vigamento apoiado num arco.
3. Tabuado de madeira sobre vigamento apoiado em viga de perfil e mísulas
4. Tabuado de madeira sobre vigamento encastrado na parede
5. Pavimento cerâmico sobre vigamento apoiado em viga de perfil e mísulas
6. Pavimento cerâmico sobre vigamento encastrado na parede

Fonte: Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.104.

distância entre vigas podia variar entre os 50 a 70 cm⁴⁴ e a secção não ultrapassava os 30-40 cm. São geralmente de carvalho com uma continuidade muito uniforme, procurando colocar-se de maneira a que as fibras fiquem orientadas perpendicularmente às forças transversais a que a viga estará sujeita.



Figura 31. La Plana. Cobertura do corpo das galerias com vigamento de madeira.

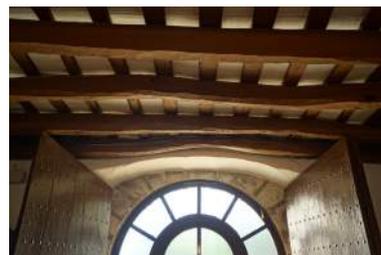


Figura 32. Can Mora. Cobertura do tramo central com vigamento de madeira.

Pouco há a desvendar sobre os pavimentos na arquitetura rural catalã. Apenas foram encontrados três tipos de pavimentos com algumas variantes. Os pisos térreos, especialmente aqueles que estavam destinados aos estábulos e às lojas agrícolas, são em pedra: pedra regular sob a forma de lajetas colocadas sobre a terra, ou pedra irregular e arredondada, como é o caso dos calhaus rolados que se encastravam no solo. Este pavimento, claramente resistente, para a suportar o desgaste provocado pelo animais e pelas ferramentas da labuta diária, vai ter um melhor ou pior comportamento dependendo da qualidade do material pétreo, da sua colocação e da sua junta. As fiadas perimetrais e as fiadas centrais, que serviam de guia, eram as primeiras a ser executadas. Utilizava-se areia para nivelar as peças, e cal ou argila nas juntas⁴⁵.

Nos pisos superiores da *masia* os pavimentos eram revestidos com tábuas de madeira, de 2 a 3 cm de espessura, pregados diretamente no vigamento. Utilizava-se a madeira de carvalho, de castanheiro ou de pinho. As escadas de acesso ao segundo piso eram construídas em pedra.

A partir do século XVIII e XIX generalizou-se o uso da tijoleira em todo o tipo de pavimentos, tanto nos compartimentos habitacionais como nos espaços de trabalho⁴⁶. Só variam as dimensões das peças e os arranjos dos conjuntos, embora predomine largamente, nos casos estudados, a tijoleira retangular em espinha de peixe, de cerca de 7x14 cm, sobre a quadrada de 10x10 cm e sobre qualquer outro arranjo de tijoleira retangular. O ladrilho vem, portanto, substituir a pedra, no piso térreo, e o tabuado de madeira, nos pisos superiores. As escadas podem, também, ser revestidas com ladrilhos cerâmicos e peças de madeira nos focinhos. A tijoleira pode estar disposta numa quadrícula, em espinha de peixe ou num arranjo modular.

Alguns espaços exteriores da casa, para onde se estendiam determinadas actividades quotidianas da vida rural, como os pátios, as *eras* ou as faixas junto às fachadas das *masies*, são também pavimentadas. Todavia, o pavimento destes espaços

44 Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.106

45 Idem, p. 106.

46 Idem, p.106

era muito semelhante ao dos pisos térreos das *masies*, ou seja, com pedra miúda ou com lajedo. As soluções de pátio mais antigas, ou de exemplares de grande rusticidade, são simplesmente em terra batida. Nos pátios mais recentes o material utilizado é preferencialmente a tijoleira.



Figura 34. La Plana. Pavimento em madeira.



Figura 35. La Plana. Pavimento em madeira e ladrilho cerâmico.

A multiplicidade de soluções utilizadas para as coberturas na Catalunha aponta para uma influência geográfica bem vinculada, em que o perfil climático e orográfico do lugar vão ter um papel determinante na adoção de um tipo de cobertura. Em modo de síntese da distribuição dos vários tipos de coberturas das *masies*, poder-se-ia começar por confirmar que o telhado de duas águas, com uma inclinação de 25 a 30%, é largamente preponderante no território catalão⁴⁷. A pendente da cobertura será maior nas regiões mais montanhosas, sobretudo, na cadeia pirenaica. O telhado de uma água surge quase sempre em partes da casa que vão sendo acrescentadas ao conjunto construído inicial e em dependências. A sua simplicidade adapta-se bem ao crescimento orgânico próprio da arquitetura rural. O telhado de quatro águas está geralmente associado a casas senhoriais pelo seu caráter prestigiante e de difícil execução. Todos eles assentam sobre uma estrutura de madeira, material de excelência pelo seu reduzido peso, grande resistência e bom comportamento face à humidade.

As coberturas em telhado são, geralmente, revestidas por uma trama de madeira pregada sobre a estrutura, onde pode assentar uma esteira de caniço, simples ou com argamassa, e a telha de canudo sobre uma fina camada de argamassa. A partir do século XVIII e XIX generalizou-se o revestimento com ladrilho cerâmico, ao invés do encançado. Uma das técnicas utilizadas para cobrir a estrutura da cobertura é a *llata per canal*, que consiste na colocação de telhas sobre o ripado de madeira, disposto no sentido da pendente e com um espaçamento que permite apoiar as telhas canal, que de seguida são encimadas pelas telhas capa. *Salt de garsa*, é o método mais generalizado na Garrotxa⁴⁸, que tem, por outro lado, um conjunto de ripas perpendiculares à direção da empena, com um espaçamento suficiente para pousar os extremos da telha.

Nas regiões mais chuvosas, nomeadamente na Catalunha húmida, é comum encontrar beirais que se prolongam em relação às paredes portantes, que têm como principal objetivo proteger as fachadas da chuva, conquistando uma maior durabilidade.

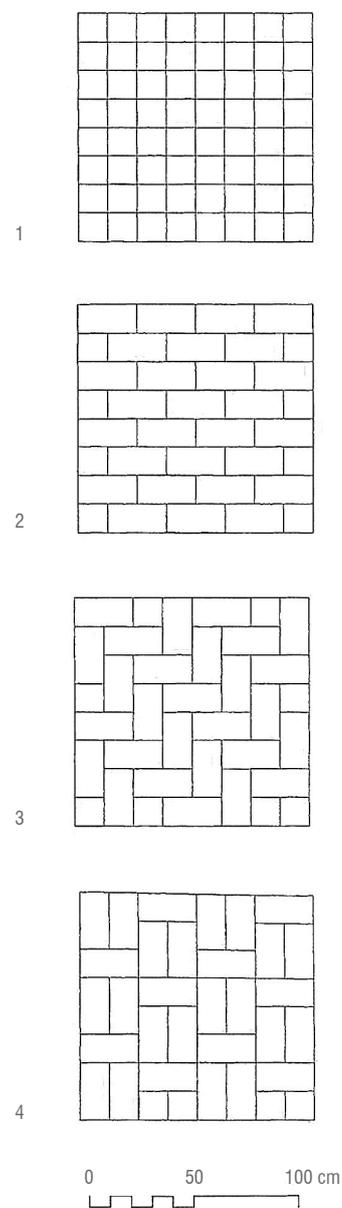


Figura 36. Arranjo dos pavimentos cerâmicos:
1. Quadricula
2. Juntas desencontradas
3. Espinha de peixe
4. Modular

Fonte: Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.109

⁴⁷ Lluís Bonet i GARÍ, *Masies del Maresme: estudi de les masies, elements defensius, ermites i molins*, p. 61.

⁴⁸ Joan Curòs i VILÀ, *Arquitectura rural de la Garrotxa*, 1994, 84.

O sistema de caibros de madeira fica exposto, tal como o revestimento cerâmico sob o telhado, pintado com desenhos geométricos na superfície inferior, com cores fortes e vivas, que, segundo Ramon Ripoll, se tornou num símbolo de ostentação⁴⁹.



Figura 37. Can Mora. Cobertura de estrutura de asnas de madeira.



Figura 38. Can Gaietano. Cobertura de vigamento de madeira sobre arcos torais.



Figura 39. Can Viquetà. Beiral.



Figura 40. Els Callís. Beiral.



Figura 41. Els Callís. Beiral.



Figura 42. La Plana. Beiral.

⁴⁹ Joan Curòs i VILÀ, *Arquitectura rural de la Garrotxa*, 1994, p. 85.

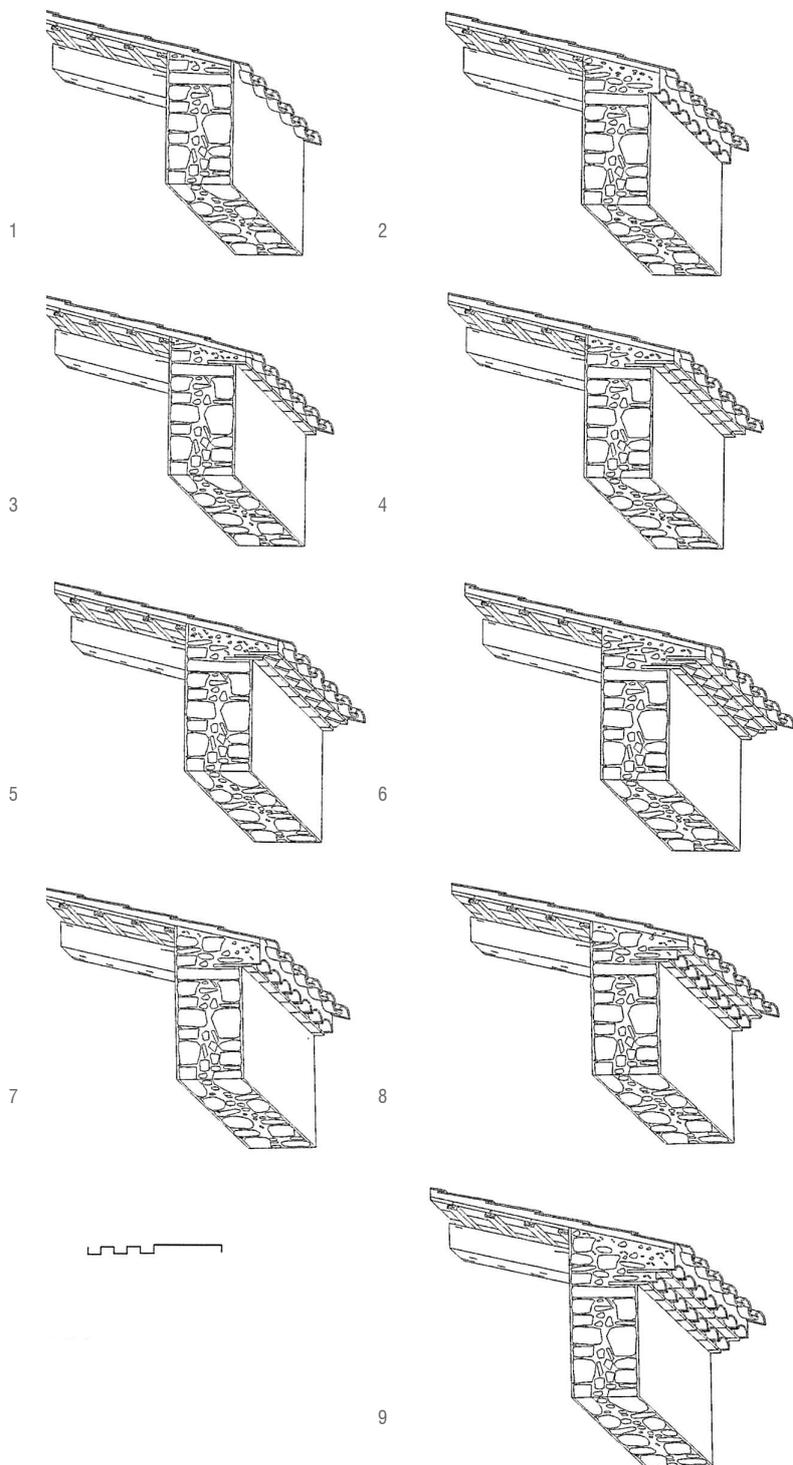


Figura 45. Exemplos de telhados:

1. Beiral simples
2. Beiral duplo
3. Beiral sobre uma fiada de ladrilhos cerâmicos
4. Beiral sobre duas fiadas de ladrilhos cerâmicos
5. Beiral sobre três fiadas de ladrilhos cerâmicos
6. Beiral sobre quatro fiadas de ladrilhos cerâmicos



Figura 43. Can Viguetà. Cobertura em telhado de duas águas com revestimento



Figura 44. Can Viguetà. Beiral com ladrilhos pintados.

ARCOS E ABÓBADAS

Estes elementos estão presentes, de um modo geral, em todos os tipos de *masies* e, especialmente, naquelas mais abastadas, como os tipos V, VI (a ver mais à frente). O repertório de arcos é o habitual da arquitetura civil, incluindo o arco de volta perfeita, o arco rebaixado e o arco abatido. Estes poderiam ser executados em alvenaria de pedra irregular, com blocos de pedra aparelhada, com tijoleira a cutelo, tijoleira a uma-vez ou a meia-vez, sustentados, temporariamente, por cambotas. Os arcos mais abundantes são os de pedras irregulares com argamassa e com interior reforçado a cimento⁵⁰.

Cobrir um espaço com uma abóbada era sinónimo de perpetuidade, por isso, encontra-se frequentemente na documentação escrita sobre a construção de *masies* a expressão: “*refer el pis amb obra forta*” ou “*fer un pis amb volta*”, como sinónimos de durabilidade⁵¹. Tal como nos arcos, encontramos também abóbadas de diferentes tipos. As mais elementares eram de argamassa ou de cimento, preenchidas com pedras irregulares, colocadas a modo de cunha, de forma a atribuir alguma rigidez. As abóbadas têm a sua aplicação primordial na construção das coberturas dos pisos inferiores das *masies*, impedindo a propagação das humidades, cheiros e ruídos dos animais para os pisos superiores (Can Viguetà, abóbada de arestas).

Com a introdução do material cerâmico na construção, as abóbadas passam a ser executadas com peças cerâmicas dispostas a cutelo ou a uma-vez, em diferentes fileiras *a trencajunt* (de modo a não coincidirem as juntas). O rim das abóbadas passou a ser preenchido com materiais ligeiros, como pedras volcânicas, fragmentos cerâmicos e outros materiais de características semelhantes⁵².



Figura 46. Can Viguetà. Abóbadas de arestas.

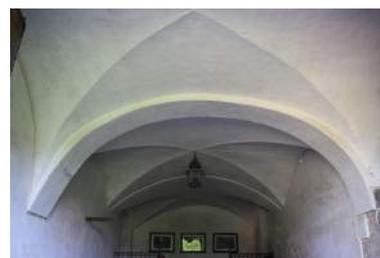


Figura 47. El Ventós. Abóbada de berço com arestas.

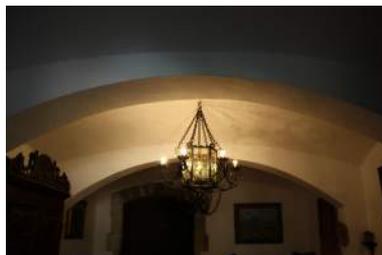


Figura 48. Can Calderó. Abóbada em vela.



Figura 49. Can Calderó. Abóbada de berço com penetrações.

50 Joan Curòs i VILÀ, *Arquitectura rural de la Garrotxa*, 1994, p.x

51 “Fazer um piso com uma obra forte”, “Fazer um piso com abóbada”. Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.107.

52 Joan Curòs i VILÀ, *Arquitectura rural de la Garrotxa*, 1994, p.x

Uma evolução que vai permitir a realização de abóbadas com pouca altura (abóbadas rebaixadas e abatidas), possibilitando cobrir tramos mais amplos e com menos altura. Esta mudança vai ajudar a racionalizar a estrutura das *masies*, permitir um melhor aproveitamento do espaço interior e diminuir consideravelmente a espessura das paredes de carga.

Outro tipo de cobertura bastante difundido por toda a Catalunha é a denominada *revoltó ceràmic*, que consiste numa abobadilha apoiada sobre vigas de madeira (Can Viguetà). *Revoltó de guix* é uma técnica formalmente semelhante, mas ao invés do material cerâmico é constituído por gesso (Can Calderò). Em alguns casos, as coberturas em *revoltó ceràmic* podem estar rebocadas e, portanto, confundir-se com a cobertura em *revoltó de guix*.

As abóbadas que mais se destacam são as de berço: abóbadas de berço com penetrações (Can Calderò) e abóbadas de berço com arestas (El Ventòs). Existem também abóbadas em vela (Can Calderò), abóbadas de barrete de clérigo (El Ventòs), abobadilhas (Can Coll) e abóbadas com arestas (Can Doctor).



Figura 50. Can Viguetà. Abobadilha cerâmica.

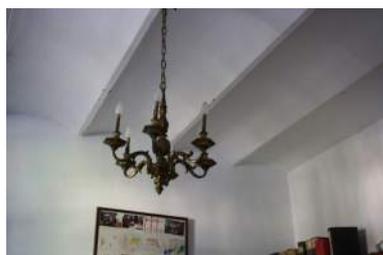


Figura 51. Can Calderó. *Revoltó de guix*.



Figura 52. El Ventòs. Abóbada de berço com penetrações.



Figura 53. El Ventòs. Abóbada de berço com penetrações



Figura 54. El Ventòs. Abóbada de barrete de clérigo.



Figura 55. Mas Coll. Abóbada em vela.

A maior parte das *masies* vai utilizar a cerâmica para a construção de abóbadas, coberturas e pavimentos. Usavam-se formas de onde saíam as peças modeladas e

húmidas que de seguida eram secas ao sol ou cozidas no forno, resultando ladrilhos cerâmicos de grande qualidade. Criaram-se peças de cerâmica de diferentes medidas e formas: quadradas, rectangulares, triangulares, circulares e de outras qualidades geométricas. As cerâmicas catalãs pré-industriais fabricavam fundamentalmente o tijolo de secção retangular, o ladrilho cerâmico e a telha árabe (ou de canudo) que resultaram num grande avanço na técnica da construção das coberturas. Embora as dimensões das peças variem de acordo com o fabricante, a telha de canudo comum tem cerca de 45 cm de comprimento e 20 cm de largura. A sua colocação é feita de baixo para cima aplicando primeiro as telhas canal e depois as telhas capa. O ladrilho era utilizado especialmente para pavimentos, lareiras, beirais e chaminés. O tijolo, pela sua durabilidade e resistência, era especialmente útil para sistemas construtivos de suporte, como pilares, abóbadas, paredes, cantos e até lares. Inicialmente estes dois tinham aplicações mais limitadas e só se generalizou o seu uso, a partir do final do século XVIII, na construção de vergas de vãos, paredes interiores e parede de carga das *masies*⁵³.

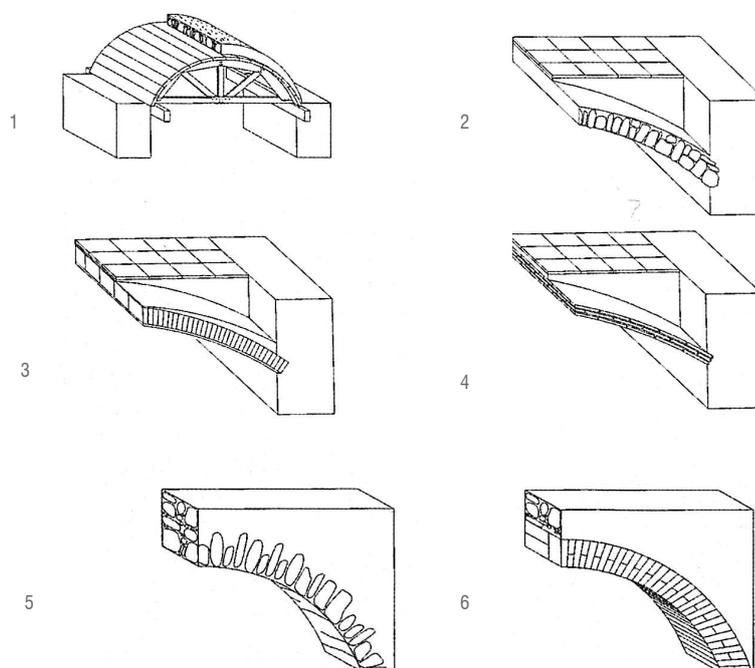


Figura 56. Características construtivas de abóbadas e de arcos:
 1. Processo construtivo com cofragem e alvenaria de pedra.
 2. Abóbada de pedra irregular e argamassa
 3. Abóbada de ladrilho cerâmico a cutelo
 4. Abóbada tabicada
 5. Arco de pedra irregular e argamassa
 6. Arco de ladrilho cerâmico a meia-vez
 Fonte: Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.107.

⁵³ Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.96.

FACHADAS

É indiscutível a importância dada, na arquitetura rural catalã, às fachadas, especialmente à fachada principal. A sua posição privilegiada, geralmente orientada a sul, muitas vezes relacionada com o caminho ou com a *era*, a sua composição simples e tendencialmente classicizante, os eixos de simetria, são características transversais às frontarias das *masies* de toda a Catalunha. Efetivamente, qualquer peripécia construtiva é válida para conseguir as conotações formais pretendidas, até ao limite de negar a própria lógica construtiva das *crugies* (tramos). A sua conservação, ao longo dos anos, vai depender em grande parte ao tipo de revestimento dos paramentos.

As paredes exteriores das *masies* podem apresentar, simplesmente, a alvenaria à vista ou podem ser rebocadas, de modo a proteger e dignificar as paredes de carga. Os *masos* que não eram rebocados tinham um aspeto mais humilde que, efetivamente, traduzia a carência de recursos da família. Curiosamente, em grande parte dos casos estudados, verifica-se que apenas a fachada principal, de caráter mais prestigioso, está rebocada e as restantes fachadas têm a alvenaria a descoberto ou, por vezes, parcial e grosseiramente rebocadas. Aspeto bastante relevante para compreender a importância indelével dada à frontaria. Apenas as famílias com melhor situação económica tinham casas totalmente rebocadas. Atualmente, pode ser uma tarefa árdua comprovar se as paredes exteriores das *masies* já eram rebocadas tradicionalmente ou se é algo recente. Só passível de ser sabido através de inquéritos e apenas visível em construções parcialmente deterioradas ou, por acaso, durante obras de remodelação. Os blocos de pedra dos cunhais e dos vãos não eram rebocados pela difícil aderência da argamassa na superfície fina da pedra e, sobretudo, para deixar à vista estes elementos construtivos mais distintos e mais bem trabalhados do edifício. Os revestimentos eram deixados naturais sem pintura. A cor da areia, os tons terrosos da cal e as tonalidades que surgiam com os anos eram incorporados nestes rebocos.

As paredes interiores das *masies* encontram-se hoje praticamente todas rebocadas, até porque muitos espaços deixaram de ter as funções de apoio à atividade agropecuária, sendo incluídos na parte habitacional. A habitação era, portanto, em regra, rebocada interiormente. O piso térreo, com os estábulos, as lojas agrícolas e a adega, tal como a maioria das dependências, raramente era rebocado, quanto muito apresentava um revestimento tosco. O mais frequente era ter a alvenaria à vista.

Cada família, segundo as suas possibilidades económicas, comprava pedras com diferentes níveis de acabamento e ornamentação. A sofisticação estilística destas peças utilizadas nos vãos das *masies* representava o nível social e económico dos seus proprietários. Entre os séculos XVI e XVII, as *masies* utilizavam pedras mais brandas (arenitos) para as guarnições e, nos séculos XVIII e XIX, graças ao desenvolvimento das técnicas de manipulação da pedra, é generalizado o uso de pedras mais duras como os calcários ou granitos⁵⁴.

⁵⁴ Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.97.

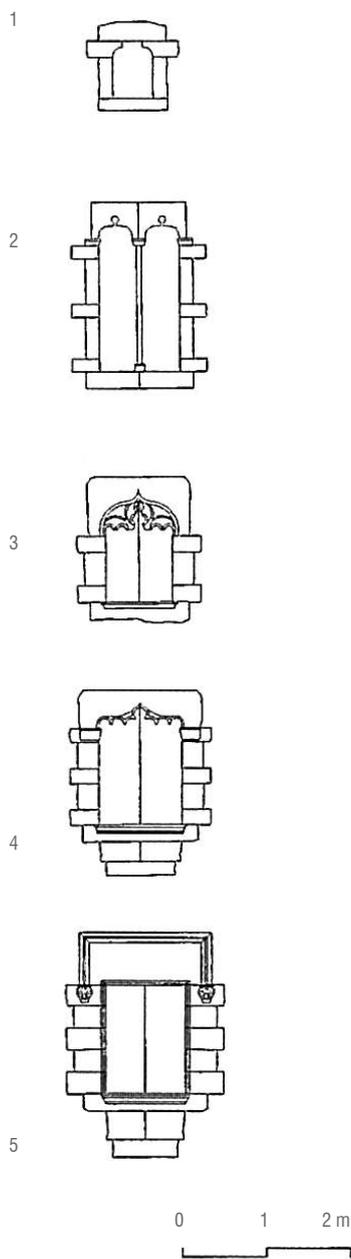


Figura 57. Estudo geométrico das janelas:

1. Janela com arco recortado
 2. Ajimez
 3. Janela com linha exterior conopial e linha interior polilobada
 4. Janela com linha exterior conopial e linha interior polilobada
 5. Janela de estilo classicizante enquadrada na parte superior por um toro apoiado por mísulas
- Fonte: Ramon RIPOLL, *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*, 2005, p.96.

As peças para os portais, janelas e lares são feitas por artesãos especializados, em que os motivos ornamentais eram esculpidos seguindo o gosto comum da época. Com efeito, existe um amplo leque de vãos com figuras, motivos florais e arabescos, extraordinariamente esculpidos e que revelam o domínio da arte figurativa pelos artesãos. As pedras tinham um acabamento bujardado ou polido.

Merecem referência os vãos com molduras tardomedievais em arco conopial sobre mísulas e com uma simulação de alfiz, que constituem um distintivo de qualidade nas *masies* da comarca de Maresme (Can Andreu, Ca l'Anglada, C'al Basté, Can Bragulat, Can Casals, Can Lladò, Can Mora, Can Monnar, Can Vilà). As janelas geminadas com um colunelo ao centro, também do tipo tardomedieval, foram mais raramente encontradas (Can Doctor, Can Gaietano). As janelas de tipo classicizante, enquadradas na parte superior por um toro em sugestão de alfiz apoiado por mísulas figurativas e com os ângulos das ombreiras formados por estreitíssimos colunelos com pequenos capitéis figurativos, são outro exemplo da riqueza e erudição destes vãos, presentes na arquitetura rural da Catalunha (Can Fabrègues, Can Gaietano, Casino de Tiana). A moldura simples em cantaria de verga reta é a mais comum, podendo em alguns casos mais raros ter as arestas chanfradas (Can Magarola, Can Manyé, Can Monnar, Can Titó Serra, Can Viguetà, Els Martins).



Figura 58. Can Gaietano. Ajimez.



Figura 59. Can Doctor. Ajimez.



Figura 60. Can Bragulat. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.



Figura 61. Can Bragulat. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.



Figura 62. Can Lladó. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.



Figura 63. Can Monnar. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.



Figura 64. Can Monnar. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.



Figura 65. Can Teixidor. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.



Figura 66. Casino de Tiana. Janela do tipo classicizante.



Figura 67. Can Gaietano. Janela do tipo classicizante.



Figura 68. Can Fabrègues. Janela do tipo classicizante.



Figura 69. Can Teixidor. Janela com moldura simples em cantaria de verga reta



Figura 70. Can Manyé. Janela com moldura chanfrada em cantaria de verga reta.



Figura 71. Can Oriach. Janela com moldura esgrafitada do tipo classicizante



Figura 72. Can Lladó. Janelas com moldura em tijoleira a tardoz.



Figura 73. Els Martins. Janela com moldura simples em cantaria de verga reta.



Figura 74. Els Martins. Janela com moldura chanfrada em cantaria de verga reta.



Figura 75. Can Titó Serra. Janela com moldura chanfrada em cantaria de verga reta.



Figura 76. Can Titó Serra. Janela com moldura chanfrada em cantaria de verga reta.



Figura 77. Can Titó Serra. Janela com verga reta de madeira e ombreiras em tijoleira a tardoz.

Os portais de entrada da *masia* são geralmente constituídos por grandes aduelas em arco de volta inteira, por vezes, com o reboco recortado nas ombreiras (Can Andreu, Can Bragulat, Can Casals, Can Doctor, Can Lladò, Can Magarola, Can Monnar, Can Mora, Can Oriach, Can Pol). Os portais, no âmbito dos casos considerados, de moldura em cantaria com verga reta são muito raros (somente encontrados na comarca da Garrotxa: Els Martins, Els Callís), tal como o portal de verga curva, em tijoleira a cutelo, que só foi encontrado na Ca l'Anglada. O portal da Can Cirera tem um arco rebaixado.

Outro elemento bastante presente nas fachadas das *masies* da comarca do Maresme é o relógio de sol, pintado ou esgrafitado numa posição elevada, não obrigatoriamente central (Casa Alta, Can Bragulat, Can Doctor, Fabrègues, Can Lladò, Can Magarola, Can Mora, Can Oriach). Existem *masies* com mais de um relógio de sol na frontaria (Can Teixidor).



Figura 78. Can Doctor. Relógio de sol.



Figura 79. Can Teixidor. Relógio de sol.

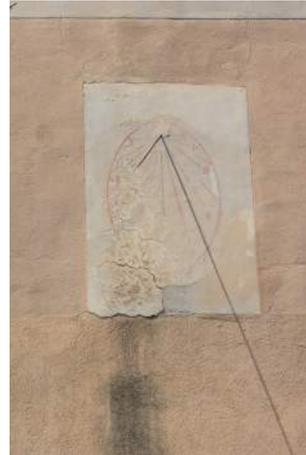


Figura 80. Can Teixidor. Relógio de sol.



Figura 81. Can Vilà. Relógio de sol.



Figura 82. Can Lladò. Relógio de sol.

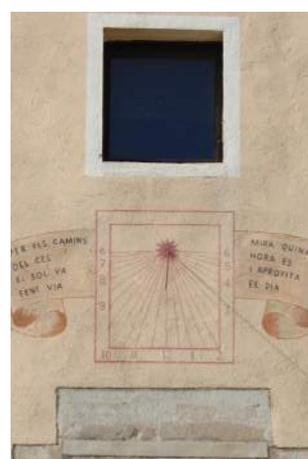


Figura 83. Can Magarola. Relógio de sol.



Figura 84. Can Fabrègues. Portal com aduelas em arco de volta inteira.



Figura 85. Can Andreu. Portal com aduelas em arco de volta inteira.



Figura 86. Can Magarola. Portal com aduelas em arco de volta inteira.



Figura 87. Can Monnar. Portal com aduelas em arco de volta inteira.



Figura 88. Can Lladò. Portal com aduelas em arco de volta inteira.



Figura 89. Can Vilà. Portal com aduelas em arco de volta inteira.



Figura 90. Can Cirera. Portal com arco rebaixado.



Figura 91. Ca l'Anigada. Portal com verga curva em tijoleira

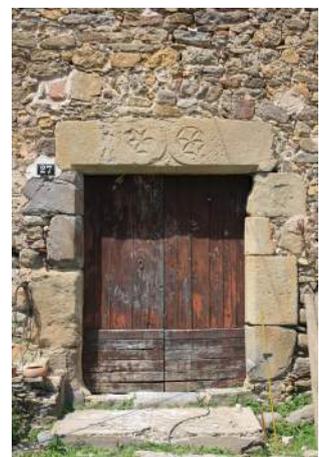


Figura 92. Els Martins. Portal com verga reta em cantaria.

IV. CLASSIFICAÇÃO DE MASIES

“[Les masies] són art nacional, en el qui ha concentrats elements purs de la naturalesa, ja que han sortit de la pròpia terra”

Josep Danés i Torras, 1911

A obra de Josep Danés i Torras apresenta uma importância indelével, que ainda hoje se faz notar nos diversos estudos e entendimento deste património. Toda a sua contribuição para o conhecimento das *masies* está relacionada com a vinculação ao *Centre Excursionista de Catalunya* de qual foi membro desde a sua juventude. Aqui teve a oportunidade de publicar e dar a conhecer os seus estudos e propostas classificatórias, através de *Arquitectura Popular – Secció septentrional de la comarca d’Olot*⁵⁵, *Gènesi de l’estructura arquitectònica de la masia catalana*⁵⁶ e *Estudi de la masia catalana*⁵⁷. Entre 1923 e 1936, Danés constrói uma base de estudo composta por mais de 5 mil fotografias documentais, um bom número de desenhos originais e levantamentos, que lhe permite propor uma classificação tipológica, numa perspetiva em que protagoniza a forma da *masia*. A morfologia da cobertura, a fachada e o número de vãos são, portanto, as características que tem em conta para agrupar os diferentes exemplares em famílias. O autor limita à partida o grupo de estudo que vai ser catalogado, evitando excessivos compromissos com outras construções rurais, como a pequena casa campesina ou com a cultura construtiva ibérico-pirenaica. Como também, vincula a classificação das casas a vastas áreas geográficas para assim oferecer uma visão ampla da lógica da forma.

Este estudo parte da *masia* de estrutura clássica simples⁵⁸, de três tramos, dando grande ênfase à cobertura e daqui estabelece 3 grupos –I, II e III – subdivididos ainda em 12 tipos (figura 1). No primeiro grupo, geralmente construído em lugares de intensa pluviosidade e escassez de madeira de grande comprimento, como em Segarra e em Camp de Tarragona, os *masos* são caracterizados pelas suas reduzidas dimensões e, sobretudo, pela pendente da cobertura orientada para a fachada principal, e posterior caso seja dotada de duas águas. Não seria de estranho encontrarmos exemplares de uma água apenas nos casos mais humildes. O grupo II constitui o tipo mais generalizado, com 70 por cento de *masies* de estrutura clássica de duas águas direcionadas para as fachadas laterais⁵⁹. O tipo 2 desta família é o mais relevante, com 57 por cento do total do grupo, transformando-se a partir do século XVI, dando origem aos tipos 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

55 Barcelona, Centre Excursionista de Catalunya, 1919

56 Tagamanent, Butlletí de la Societat *Excursionista Tagamanent*, Butlletí nº 4, 1931.

57 Barcelona, Centre Excursionista de Catalunya nº458.

58 O título do estudo das diferentes categorias, *Els tipus de la masia d’estructura clàssica simple*.

59 Joaquim Camps i ARBOIX, *La masia catalana*, p. 108.

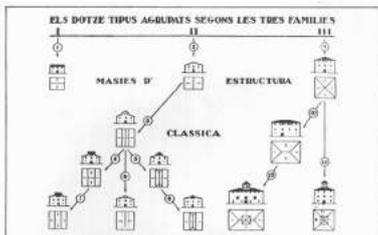


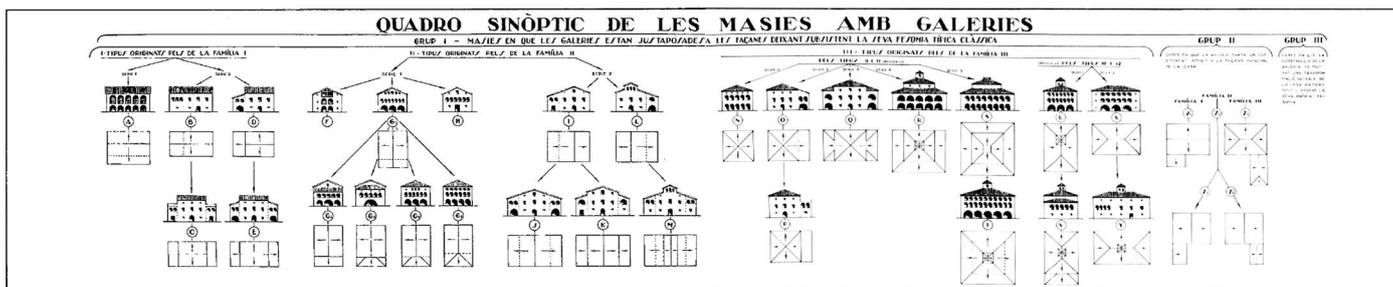
Figura 93. Esquema dos 12 tipos de *masies*, segundo Josep Danés i Torras.
 Fonte: 2C: Construcción de la Ciudad, número 17-18, Março de 1981, p. 40

Segundo Camps i Arboix, o tipo 2 situa-se nas, preferencialmente, zonas costeiras e algumas comarcas vizinhas⁶⁰ e os tipos 4, 5, 6, 7 e 8 são próprios da região de Barcelonès e das comarcas limítrofes. As casas do grupo III têm uma cobertura de quatro águas e são precursoras da casa senhorial. Com o intuito de engrandecer a *masia*, surge posteriormente uma torre ou lanterna, que ilumina a escada localizada no centro do edifício. Não são muito comuns exemplares deste grupo, mas, com efeito, têm dimensões admiráveis.

Um segundo estudo, com o título *Els tipus de Masies amb galeria* estabelece um grande número de tipos e subtipos de *masies* nas quais a galeria, na grande maioria dos casos acrescentada posteriormente à construção principal, representa o aspeto morfológico mais significativo. É uma perspetiva meritória do estudo da casa agrícola, no entanto, não parece adotar a melhor premissa para catalogar estes objetos na sua essência mais primordial, das suas raízes conceptuais, estruturais ou mesmo funcionais.

Por outro lado, no âmbito da arquitetura rural da costa da Catalunha, Luis Bonet i Gari com o seu estudo *Masies del Maresme*⁶¹ propõe uma classificação com base na investigação de Danés. A disposição da cobertura e o número de pisos são as características que prevalecem para formar os 6 grupos de *masies*. Grupo I tem a cumeeira paralela à fachada principal, ou seja, as águas da chuva caem para a entrada. O Grupo II apresenta uma cobertura a duas águas, com a pendente orientada para as fachadas laterais, criando um género de frontão na fachada principal e posterior. O Grupo III, tal como o Grupo II, tem a mesma disposição da cobertura, no entanto apresenta mais um piso. O grupo IV oferece uma nova solução de aproveitamento do corpo central com um piso destinado ao armazenamento e secagem do produto das colheitas. Tem a particularidade de se assemelhar a uma basílica romana. O Grupo V é uma derivação do grupo IV, com a diferença da cobertura do corpo principal que orienta a pendente para as fachadas principal e posterior. Construtivamente é mais económica pois prescinde da viga de cumeeira (*carenera*) ou de uma cobertura a quatro águas. Finalmente, o Grupo VI apresenta uma solução a quatro águas e por norma é dotada de generosas dimensões. Também é conhecida como *casa pairal*.

Figura 94. Quadro de de *masies* com galerias, de Josep Danés i Torras.
 Fonte: Ramon RIPOLL, La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració, 2005, p.64 e 65.



60 Idem, p. 108.

61 Barcelona, Editorial Montblanc – Martín, C.E.C., 1983.

Por outro lado, Joan Curós i Vilà, na sua tese de *Arquitectura rural de Catalunya*⁶², faz uma abordagem distinta, catalogando as *masies* com outros parâmetros:

MASIES PEQUENAS OU DE ALTA MONTANHA (*PETITES OU D'ALTA MUNTANYA*)

Este grupo de casas inseridas em regra num território mais acidentado, apresenta uma relação estrita com a pendente do terreno e, portanto, as suas construções podem atingir numerosos pisos, que podem ser acedidos pelo exterior em diferentes cotas topográficas, de acordo com a natureza do lugar. A característica que melhor define este tipo de casa será, talvez, a disposição das duas águas com as pendentes para a fachada principal e posterior. Como também o seu aspeto humilde, desprezioso e sem qualquer elemento de ostentação nem ornamentação, resultado dos escassos recursos económicos e construtivos.

A fachada principal está orientada a sul, onde se encontra também o sótão. Os acabamentos das fachadas são em pedra à vista sem qualquer revestimento. As aberturas são reduzidas, sem qualquer ordem compositiva e rigor arquitectónico. Predomina o cheio pelo vazio. O piso térreo além de ter a função de acolher os animais, poderá, em alguns casos, albergar também a cozinha-*comedor* dos proprietários. Algumas casas mais simples têm apenas uma água.

MASIES MÉDIAS OU COMUNES (*MITJANES OU COMUNES*)

Neste grupo a casa aproxima-se do arquétipo de *masia* construída em três tramos paralelos, perpendiculares à fachada principal, ou seja, a “estrutura clássica” segundo Danés. Apresenta, portanto, uma distribuição canónica de três andares, piso térreo, piso da habitação propriamente dita e sótão. A cobertura composta por duas águas cria um frontão nas fachadas principal e posterior.

É o tipo de *mas* que predomina na Catalunha, do qual saem muitas variações. A casa poderia crescer facilmente segundo as suas necessidades, justificando o variado leque de dimensões que podemos encontrar neste grupo. No entanto, estas ampliações desvirtuam, em muitos casos, o esquema original do tipo consolidado.

As fachadas, conforme a classe social a que pertencem os proprietários, vão apresentar diferentes acabamentos e ornamentação, podendo ser rebocadas ou em pedra à vista, com relógio de sol, lintéis ornamentados de pedra nas portas e janelas e por vezes esgrafitados. A composição geométrica da fachada inicia-se com algum rigor, mas pode ser completamente desfigurada. Um dos elementos adicionados de maior carácter são as galerias. Algumas *masies* têm sótão com compartimentos para dormitórios, mas outras apenas têm espaço para o armazenamento do grão com algumas aberturas em arcos de volta perfeita (*punt rodó*) no frontão da fachada principal para a ventilação e secagem dos produtos armazenados. Costumam estar construídas em terrenos de reduzida pendente, geralmente planos, em zonas de terras férteis.

⁶² Joan Curós i VILÀ, *Arquitectura rural de Catalunya – metodologia d'anàlisi i d'intervenció*, p.77.

MASIES GRANDES OU CASAS PAIRALS (GRANS)

Tipo que surge provavelmente no século XVI, caracterizado pelo aspeto senhorial com cobertura de quatro águas, galerias exteriores e fachadas pintadas e ornamentadas. A composição arquitetónica da fachada principal tem uma simetria absoluta, com predomínio do vazio sobre o cheio, produto do corpo das galerias. Nas *masies* senhoriais dos séculos XVII e XVIII encontram-se bastantes exemplos de esgrafitado nas fachadas, grandes salas, janelas de pedra picada com motivos escultóricos de estilo gótico, renascentista ou estilos posteriores.

Com efeito, existe uma clara intenção de manifestar o poder económico da família, fruto da riqueza e extensão das suas propriedades rurais, pela dimensão do edificado, geralmente, composto por um piso térreo para as carruagens e cavalos, dois pisos para habitação e um sótão. Estas proporções, muitas vezes desmesuradas, levam a uma distribuição alternativa à do tipo consolidado, com pequenas variações devido à sua escala. A planta destes *masos* é quadrada ou retangular e algumas das janelas da fachada sul foram substituídas por uma galeria. Praticamente todas dispõem da sua capela particular, onde se celebram a maior parte das festas familiares, batizados, casamentos, funerais.

Ao contrário de outras habitações rurais, grande parte do edificado das casas *pairals* não resultada de sucessivas ampliações ao longo do tempo, pois graças ao desafogo económico a sua construção era realizada na íntegra, o que permite atingir um rigor e coerência arquitetónicas principalmente na ordem compositiva das janelas e fachadas. Os edifícios anexos à volta da casa são poucos ou inexistentes na grande maioria dos casos, já que a economia dos proprietários provinha mais da agricultura que da pecuária, ou então serviam-se da *masoveria* para alojar os animais.

Alguns exemplares apresentam um pátio central ou no lugar deste uma pequena torre, também com cobertura de quatro águas, facilitando a entrada luz para o espaço interior. Com efeito, crê-se que esta terá sido a evolução natural desta tipologia, uma estrutura base composta por quatro corpos em torno de um pátio que, posteriormente, é coberto pela construção de uma torre, enobrecendo o carácter do edifício. Todos os exemplares deste tipo são caracterizados por ter um beiral horizontal nos quatro lados, constituídos por telhas pintadas de branco e vermelho.

MASIES COM TORRE

Este grupo tende a englobar um leque mais variável de *masies*, no entanto, a existência da torre é imprescindível e em grande parte dos casos o conjunto edificado apresenta uma aparência fortificada, capaz de resistir à ação do tempo e ao ataque dos homens. A torre pode ser prismática, de secção quadrada, ou cilíndrica de base circular, de três pisos, poucas aberturas de dimensões consideráveis e quase sempre com um coroamento dentado de forma regular. Encontra-se anexada lateralmente ao edifício, num plano inferior, igual ou superior à fachada. As janelas do edifício são quase sempre retangulares, contudo ainda se podem ver

alguns vãos com arcos quebrados.

As torres de defesa, mais que as torres de vigia adossadas às habitações, são encontradas em algumas terras do interior, mas sobretudo na costa devido à maior exposição aos ataques de inimigos e piratas. Muitas torres estão construídas com pedra à vista (*carejada*) e a *masia* muitas vezes tem o mesmo acabamento em pedra. A *masies* associadas a estas torres costumam ter dimensões notáveis e em regra podem ter um tipo de *masies* de alta montanha ou *masies comunes*. A sua construção abrange o período entre a Idade Média e finais do século XVIII.

MASIES BASILICAIS

O modelo subjacente a esta categoria é caracterizado pela existência de um corpo central, entre dois corpos laterais, menos amplo e mais esbelto que os anteriores, o qual produz um melhor aproveitamento do espaço do sótão. Tem um aspeto que evoca a basílica romana, embora as suas funções sejam bastante distintas, pois tem como objetivo aumentar a capacidade volumétrica do sótão e não providenciar luz ao interior, como sucedia nas basílicas originalmente. Tem a particularidade do corpo central ser coberto por uma cobertura com a cumeeira perpendicular à fachada, enquanto os outros corpos laterais continuam com a mesma orientação lateral da pendente mas a um nível inferior. A fachada principal tem uma coerência e rigor arquitetónicos bastante pronunciados, bem como uma simetria inerente na composição das fachadas, onde é produzido um certo equilíbrio entre o cheio e o vazio. Neste tipo são frequentes corpos de galerias. As janelas costumam estar marcadas com cantarias bem enquadradas com lintéis que formam um arco falso.

A *masia* basilical quase sempre corresponde a uma construção de dimensões consideráveis que está relacionada com uma exploração económica rural de grande rendimento. Estas *masies* são uma derivação formal externa que se encontra entre as *masies mitjanes* o *comunes* e as torres, dada a composição das pendentes da cobertura e a elevação central que faz lembrar um corpo como o de uma torre.

MASIES DE VINHA

Todo o conjunto edificado do *mas*, a *masia* e os edifícios anexos, está disposto articuladamente em torno de um espaço central, de forma a criar um pátio. São edificações de dimensões medianas localizadas no meio de um terreno plano com um piso térreo e apenas outro piso. Normalmente tem as águas orientadas para as fachadas principal e posterior, como as *masies* pequenas de alta montanha. É um tipo territorialmente mais centralizado, localizado numa zona bem confinada da Catalunha, l'Alt Penedès.

Algumas têm a estrutura das *masies* basilicais como o *Mas Ventura* (el Pla del Penedès), com o pátio central delimitado por uma banda da *masia* e pelos outros dois edifícios anexos, que albergam as cavalariças e um armazém. Como forma de remate existe num outro lado um muro com a porta de entrada no recinto, com

o mesmo acabamento que os edifícios do conjunto. A fachada principal eleva-se 50cm do remate do telhado, formando uma platibanda, de modo a ter uma aparência volumétrica mais pura e nobre.

As aberturas não são muito grandes, predomina o cheio sobre o vazio, como também não é costume a existência de galerias anexadas à *masia*. Todo o conjunto está geralmente rebocado e pintado de branco ou de uma cor clara. Não tem um aspeto ostentativo. O pátio serve de lugar de estada dos animais quando é propício.

MASIES D'INDIANS OU COLONIAIS

Edificação com características importadas da América Latina, aquando do regresso dos emigrantes afortunados, no século XIX, que decidiram investir o seu capital em terra e na construção de uma *masia*. A fachada principal é dotada de uma composição arquitetónica caracterizada por uma rigorosa simetria central, na qual emerge um equilíbrio entre o cheio e o vazio. É composta por um piso térreo, dois pisos de habitação e as *golfes*. A sua altura notória, faz ressaltar este objeto implantado em terrenos bastante planos. Apresenta uma distribuição clássica, com o tramo central numa posição de destaque, pois permite a comunicação com todos os níveis da casa. O vestíbulo no piso térreo e as grandes salas nos pisos superiores que davam acesso aos quartos nos corpos laterais.

Existem algumas semelhanças com as *masies* de vinha pelos acabamentos e ornamentos da fachada principal. Normalmente rebocadas e pintadas de uma cor clara, branco ou bege, com molduras e ornamentos nas janelas e no remate da cobertura. Não se evidenciam muitos edifícios anexos de uso agrícola para manter um aspeto senhorial, como também não tinham *masoveries*, já que se trata de uma *masia* que explorava mais o lado habitacional que a atividade agrícola ou pecuária.

PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO

As propostas de classificação anteriores, como pudemos perceber, revelam a existência de um sistema definido de parâmetros para categorizar as diferentes *masies*. Por um lado, existe uma organização mais estrita que ordena os diferentes tipos de acordo com um princípio. No caso de Danés, que constrói duas famílias tipológicas, a morfologia da cobertura e a existência de galerias são dois dos seus princípios reguladores, aplicado apenas em *masies* de estrutura clássica. Por outro lado, Curòs oferece-nos uma visão mais abrangente de cada grupo da sua classificação, na medida em que estes, muitas vezes, estão organizados de acordo com a sua situação geográfica ou partilham um único elemento em comum, como a torre ou o corpo central elevado. A ideia de um modelo de classificação único e definitivo é, no entanto, incorrecta, pois as *masies*, como quase toda a arquitetura rural, apresentam muitas variantes e exceções, de facto, estão em constante transformação e não tem uma “forma definitiva” por natureza.

Considerando as classificações anteriores e tendo em conta os exemplares estudados neste trabalho, que se encontram dentro de um limite geográfico preciso,

nomeadamente a comarca do Maresme e da Garrotxa, e existentes num atual momento histórico, é recomendado propor uma nova classificação que alcance todo o leque de amostras obtido no trabalho de campo.

TIPO I

É um modelo de casa agrícola que parece ter particular significado nas regiões de alta montanha, de densos bosques e chuvas abundantes. Pelo que, será mais difícil encontrar um exemplar deste tipo em zonas costeiras e de clima mais seco. De facto, as únicas *masies* estudadas desta categoria surgem na comarca da Garrotxa, com especial enfoque na casa Els Martins, que melhor representa o paradigma de casa rural plebeia deste território.

A sua cobertura com a pente orientada para a fachada principal é a característica matriz que define este tipo. Por vezes, nos casos mais modestos, a casa poderá apresentar uma única água, sendo a cobertura de duas águas a mais comum. De aspeto humilde e despretensioso, construída em alvenaria de pedra, habitualmente à vista, e imbuída de uma óbvia rusticidade, a *masia* do tipo I parece reflectir um modelo primordial com limitações construtivas e de conhecimentos, aliada à escassez de recursos económicos, própria de um território acidentado, de difícil produção agrícola e, por vezes, estéril. Efetivamente, Els Martins representa a casa rural de pequenas dimensões e organização simples, por oposição à casa senhorial La Plana, fruto de inúmeras reformas e ampliações, sobretudo, durante os séculos XVI e XVII, segundo Ramon Ripoll⁶³, que dificultam uma compreensão rigorosa das construções originais.

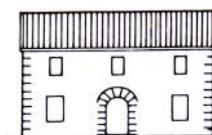


Figura 95. Tipo I



Figura 96. Els Martins. Ortofotomapa. Escala 1:1500



Figura 97. La Plana. Ortofotomapa. Escala 1:1500

63 Cit. por Joan Curòs i VILÀ, *Arquitectura Rural de Catalunya – metodologia d'anàlisi i d'intervenció*, p.105.

Tendo em conta a área geográfica e a situação topográfica em que se insere este grupo, por regra num território acidentado e desnivelado, é natural que estas *masies* estabeleçam uma relação intrínseca com a pendente do terreno. Por conseguinte, as edificações podem apresentar uma planta irregular e atingir numerosos pisos, que podem ser acedidos pelo exterior em diferentes cotas topográficas, de acordo com a natureza do lugar.

A fachada principal está orientada a sul, habitualmente com pouco rigor arquitectónico na composição dos vãos, como pode ser observado nos dois casos de estudo. As aberturas são reduzidas, predominando o cheio sobre o vazio, excetuando os exemplares que apresentam ampliações posteriores, como é o caso das galerias setecentistas.



Figura 98. Els Martins. Fachada principal.



Figura 99. Els Martins. Fachada posterior.



Figura 100. La Plana. Fachada principal.



Figura 101. La Plana. Fachada nascente.

TIPO II



Figura 102. Tipo II

Este é o tipo de casa com maior representação na Catalunha rural e, portanto, como seria de esperar, é também o que mais se destaca no número de exemplares vistos no trabalho de campo. Genericamente, organizada em dois pisos, é dotada de um telhado de duas águas orientadas para as fachadas laterais, criando na fachada principal um género de frontão. Por regra, e como podemos comprovar *in situ*, sobretudo na região do Maresme onde encontramos o corpo de exemplares mais significativo, este tipo é estruturado de acordo com os cânones de Danés com os três eixos bem pronunciados de linhas verticais que compõem os vãos da fachada, pelo menos ao nível do frontispício, pois em planta é possível existirem composições menos convencionais. Esta evidência permite-nos propor uma arrumação cronológica para as *masies* estudadas, inserindo-as no período do surgimento das casas de campo com estrutura clássica, ou seja, entre os séculos

XIV e XVI⁶⁴, apesar de alguns casos terem sido alvo de remodelações até à contemporaneidade, de maior ou menor dimensão.

Considerando o panorama da arquitetura rural da Catalunha, as *masies* do tipo II enquadram-se num perfil de casa mediana, de aspeto cuidado, com elementos estilísticos nobres e eruditos, como é o caso das janelas, que remetem para uma origem ou persistência medieval. Efetivamente, estas janelas góticas de arcos conopiais e arcos polilobados, extraordinariamente executados, são uma característica notável e transversal aos *masos* da comarca do Maresme, com especial enfoque neste grupo. De acordo com a estrutura de três eixos que rege a fachada, podemos encontrar habitualmente uma destas janelas no eixo central (Can Doctor) ou, criando uma simetria, duas janelas nos eixos laterais (Casa Alta), ou, ainda, nas três linhas (Can Boquet e Can Bragulat). Em qualquer dos casos, estes vãos apenas se instalam no segundo piso.

A partir da observação e análise dos diversos exemplares deste grupo, como também na grande maioria das *masies*, é inteligível uma apropriação bastante doméstica do espaço exterior que se encontra à entrada do edifício, geralmente na fachada principal. Esta área está muitas vezes rodeada por outras dependências, árvores ou outros elementos que a delimitam, criando uma espécie de pátio. Rematada com o banco adossado ao longo de toda a fachada para um melhor uso deste espaço de recreio.



Figura 104. Can Lladò. Ortofotomapa. Escala 1:1500.



Figura 103. Can Bragulat. Janela com moldura tardomedieval em arco conopial.

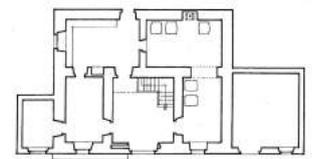


Figura 105. Can Lladò. Piso 1. Escala 1:600

64 La evolución del Mas, 2C: *Construcción de la Ciudad*, número 17-18, Março de 1981, p. 28.



Figura 106. Can Andreu. Fachada principal.



Figura 107. Can Oriach. Fachada principal.



Figura 108. Can Lladò. Fachada principal.



Figura 109. Can Fabrègues. Fachada principal.



Figura 110. Tipo III

TIPO III

Neste modelo de casa rural entende-se a clara semelhança com o grupo anteriormente descrito. Tal como o tipo II, é dotado de uma cobertura de duas águas com a cumeeira perpendicular à fachada principal, com a diferença que apresenta mais um piso, geralmente destinado ao armazenamento das colheitas. Apesar da óbvia parecença, foi proposto um grupo distinto, pois é possível conjecturar sobre a provável relação evolutiva entre os dois tipos de *masies*.

Naturalmente de maior dimensão, este tipo parece perder cada vez mais a expressão rústica dos tipos anteriores, emergindo certos elementos nobilitantes que o elevam a um outro estatuto. Da fachada principal, com orientação canónica, podem individualizar-se a torre recortada, as varandas ao nível do segundo piso, as galerias porticadas e o brasão de família. Com efeito, apesar de muitos destes elementos terem sido construídos posteriormente à edificação original, absorvendo as tendências do século XVIII, permitiram a sua transformação numa autêntica casa rural de lavrador abastado.

Ao contrário das torres habitadas e continuamente ampliadas originando o *mas*, no período tardo-medieval, os exemplares estudados neste trabalho evidenciam uma relativa juventude e, afastados das funções bélicas ou militares, foram concebidas sobretudo como um distintivo de nobreza no todo edificado, além de responderem a um programa doméstico (Can Teixidor, Can Brossa, Can Magarola). Este modelo de casa rural com torre influenciou claramente as reformas setecentistas.

Ainda se conservam pontualmente algumas janelas de estilo gótico nas fachadas principais, como na Can Teixidor e no Casino de Tiana. Por outro lado, Can Coll exhibe dois pisos repletos de vãos góticos de arcos lobados no eixo central e arcos conopiais nos tramos laterais. Caso raro entre as habitações rurais da Catalunha, incluindo as mais abastadas, porém, representativo da prosperidade da família.



Figura x. Janelas com moldura do tipo classicizante.



Figura 111. Can Magarola. Ortofotomapa. Escala 1:1500

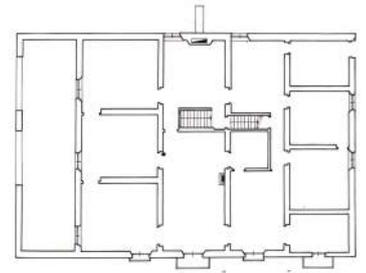


Figura 112. Can Magarola. Piso 1. Escala 1:600



Figura 113. Mas Coll. Fachada principal.



Figura 114. Can Teixidor. Fachada principal.



Figura 115. Can Viguetà. Fachada principal.



Figura 116. Can Magarola. Fachada principal.

TIPO IV

A)

Este tipo, genericamente denominado por outros autores *masies* basilicais, pela sua semelhança com a basílica romana, tem uma grande expressão na comarca do Maresme. É caracterizado pela existência de um corpo central elevado entre os dois corpos laterais, tendo por base a estrutura do tipo consolidado de três tramos. Este crescimento vertical permite a construção de um espaço adicional consagrado ao depósito de bens diversos, em particular produtos agrícolas, ao contrário da função original das basílicas. O tramo central é dotado de uma cobertura de duas águas direcionadas para os tramos laterais, mantendo-se a mesma pendente a um nível inferior. A fachada principal é, salvo raras exceções,



Figura 117. Tipo IV | A

desenhada com uma rigorosa disposição das aberturas e com a acentuação dos três eixos em simetria absoluta. Os vãos góticos são encontrados ao nível do segundo piso nos três tramos, em certos casos, sendo os restantes emoldurados em pedra aparelhada e encimadas por um lintel simples. Relativamente, ao piso destinado ao sótão é possível encontrar exemplares com um, dois ou três janelas, geralmente de menores dimensões e de moldura rectangular ou em arco de volta perfeita.

O modelo subjacente a esta categoria tem um aspeto que evoca a basílica romana, embora as suas funções sejam bastante distintas, pois tem como objetivo aumentar a capacidade volumétrica do sótão e não providenciar luz ao interior, como sucedia nas basílicas originalmente. Tem a particularidade do corpo central ser coberto por uma cobertura com a cumeeira perpendicular à fachada, enquanto os outros corpos laterais continuam com a mesma orientação lateral da pendente mas a um nível inferior. A fachada principal tem uma coerência e rigor arquitetónicos bastante pronunciados, bem como uma simetria inerente na composição das fachadas, onde é produzido um certo equilíbrio entre o cheio e o vazio. Neste tipo são frequentes corpos de galerias. As janelas costumam estar marcadas com cantarias bem enquadradas com lintéis que formam um arco falso.

A *masia* basilical quase sempre corresponde a uma construção de dimensões consideráveis que está relacionada com uma exploração económica rural de grande rendimento. Estas masies são uma derivação formal externa que se encontra entre as *masies mitjanes o comunes* e as torres, dada a composição das pendentes da cobertura e a elevação central que faz lembrar um corpo como o de uma torre.

B)

O tipo B, variante da *masia* basilical, é dotado das mesmas características gerais do tipo anterior e, sobretudo, preserva o tramo central elevado em relação aos tramos laterais. No entanto, a cobertura em telhado de duas águas do tramo central tem a cumeeira paralela à fachada principal, contrariamente à do tipo IV|A.

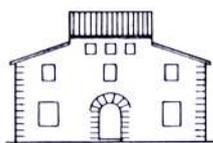


Figura 118. Tipo IV|B

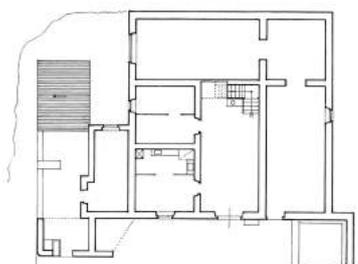


Figura 119. Can Mora. Piso 1.
Escala 1:600



Figura 120. Can Mora. Ortofotomapa. Escala 1:1500



Figura 121. Can Casals. Fachada principal.



Figura 122. Can Mora. Fachada principal.



Figura 123. Can Umbert. Fachada principal.



Figura 124. Can Manyé. Fachada principal.

TIPO V

Este modelo de casa rural marca, efetivamente, uma mudança que se vai estender aos tipos seguintes. A escala, claramente maior, o aspeto senhorial, a cobertura em telhado de quatro águas, as reformas classicizantes (do século XVII-XVIII) e a existência de capela são as premissas partilhadas pelas *masies* do tipo V, VI e VII. Concretamente em relação ao tipo V, do qual existe apenas um exemplar, Can Roca, podem retirar-se alguns pontos gerais: o contorno, geralmente, quadrangular do edifício, a existência de três pisos completos e os múltiplos tramos, resultado de sucessivas adições parcelares, que evidenciam prosperidade económica. A fachada tende a adotar uma composição ordenada e com eixos axiais bem pronunciados de vãos em cantaria do tipo classicizante.

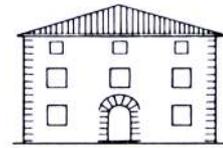


Figura 125. Tipo V



Figura 126. Can Roca. Ortofotomapa. Escala 1:1500

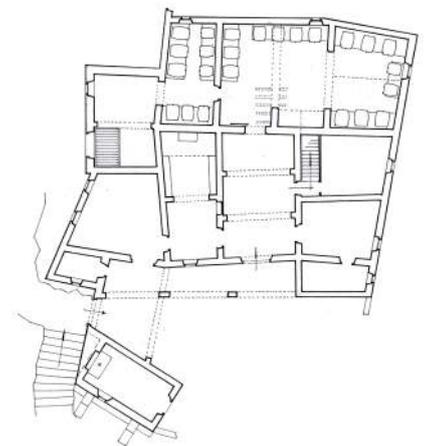


Figura 127. Can Roca. Piso 1. Escala 1:600

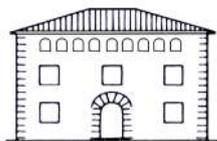


Figura 128. Tipo VI



Figura 129. Can Roca. Fachada poente.

TIPO VI

Variante do tipo anterior de casa senhorial com cobertura de quatro águas com cumeeira paralela à fachada principal. Destaca-se pelo seu terceiro piso reservado ao sótão, com uma fiada de pequenos vãos em arco de volta perfeita e ladeado por uma ou duas torres recortadas, que enaltecem o conjunto edificado. Esta construção de dimensões apreciáveis tenta, efetivamente, criar uma imagem de poder e amparo económico, observável na própria escala do edifício de três pisos com vãos avarandados, terraços ao nível do segundo piso, como é o caso da Can Calderó, e na composição arquitetónica da fachada principal, bastante ordenada e seguidora de uma métrica precisa, mas que nem sempre alcança uma simetria absoluta. Dispõe do piso térreo para as cavalariças, adega e lojas agrícolas. O seguinte piso destina-se à habitação e o terceiro alberga o sótão com as galerias onde se armazenava e secava o produto das colheitas. Geralmente, apresentam uma capela. A organização em planta nem sempre segue o modelo clássico, pois soma inúmeros tramos de diferentes proporções, em parte explicado pela dimensão do edificado e, por outro, pelas ampliações sucessivas ao longo do tempo, que tornavam a habitação mais confortável, refletindo a importância da propriedade agrícola. Can Calderó é precisamente o exemplo disso, segundo a descrição de Camps i Arboix, em que a construção das primeiras edificações data de 1292⁶⁵. Can Pol, por sua vez, apresenta uma planta com uma organização mais racional, que poderia ser um indicativo da construção integral da *masia*, no entanto a volumetria parece evidenciar precisamente uma construção parcelar. Grande parte destas casas *pairals*, graças ao desafogo económico dos proprietários, era construída na íntegra.

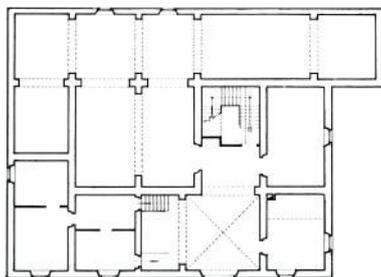


Figura 130. Can Pol. Piso 1.
Escala 1:600

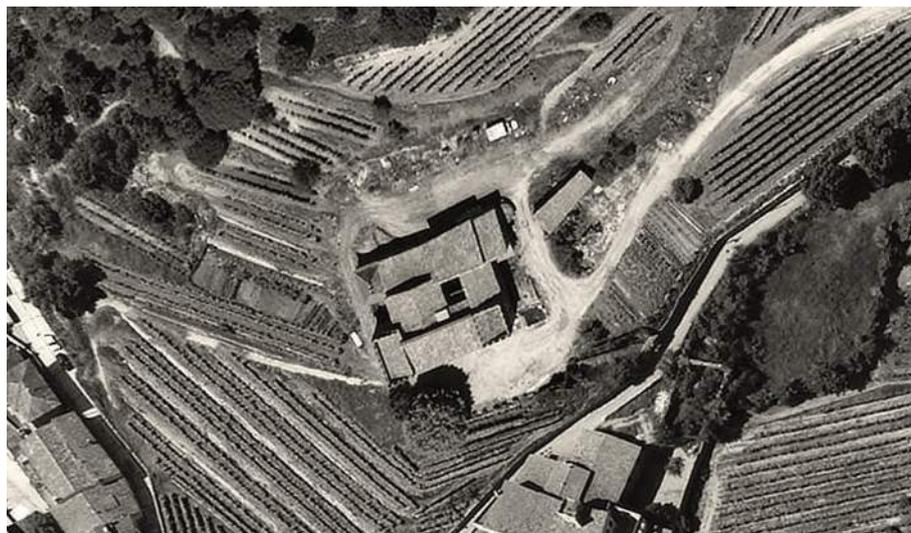


Figura 131. Can Pol. Ortofotomapa. Escala 1:1500

⁶⁵ Camps i ARBOIX citado por Lluís Bonet i GARÍ, *Masies del Maresme*, p.x.



Figura 132. Can Calderó. Fachada principal.



Figura 133. Can Pol. Fachada principal.

TIPO VII

Também inserido na categoria mais ampla de casa *pairal*, o tipo VII é dotado de uma planta tendencialmente quadrangular e de uma torre central com cobertura de quatro águas, que se individualiza do todo edificado, iluminado as escadas e os espaços internos centrais. O edifício também com telhado de quatro águas, apresenta uma volumetria única e um rigor arquitetónico de alguma erudição, que de certo modo testemunha a sua construção realizada integralmente, ao contrário de outros cuja irregularidade lembram uma existência feita de ampliações e adaptações constantes.

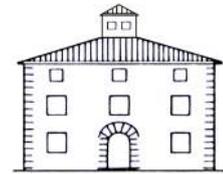


Figura 134. Tipo VII

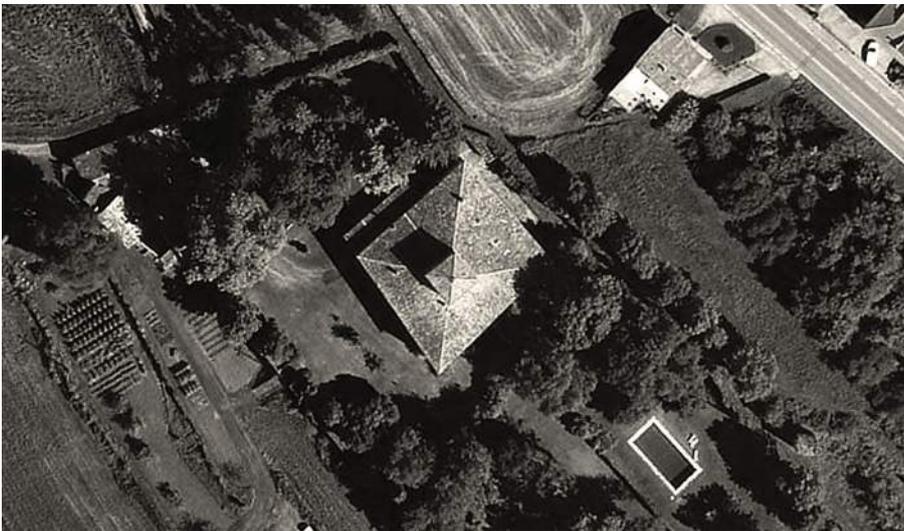


Figura 136. El Ventós. Ortofotomapa. Escala 1:1500



Figura 135. El Ventós. Fachada principal.

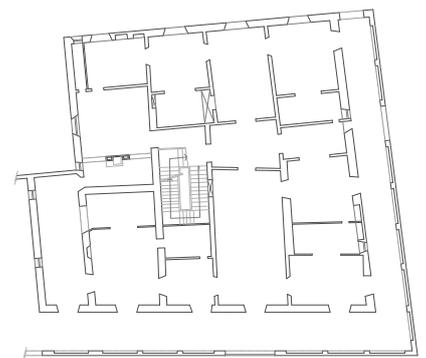


Figura 137. El Ventós. Piso 2.
Escala 1:600

V. ARQUITETURA RURAL DE LAVRADOR ABASTADO EM PORTUGAL

Em Portugal a única zona suscetível de ser comparável com o território catalão é o Algarve sobretudo pelas suas características tipicamente mediterrânicas, embora seja um território mais pequeno e não tenha uma zona de alta montanha, como a cordilheira pirenaica, nem regiões de grandes planícies, como a Depressão Central Catalã. A existência de um trabalho específico debruçado sobre esta área geográfica e, concretamente, sobre as estruturas agrícolas algarvias, facilitou o entendimento deste património⁶⁶. Parte-se, portanto, desta premissa para estabelecer uma análise comparativa de arquiteturas homólogas entre os dois territórios com uma base geográfica e climatológica semelhante, por forma a garantir a equiparação dos termos deste estudo.

A região do Algarve subdivide-se, de norte para sul, em três faixas que gradualmente adquirem um perfil topográfico mais ameno ao aproximarem-se do mar: a Serra, como elemento mais acidentado, formando uma fronteira natural que divide o Algarve do resto do país; o Barrocal, com suaves colinas; o Litoral, que corresponde à zona mais estreita e plana junto ao mar. A natureza destas faixas é especialmente distinta entre a Serra e as outras duas que constituem o denominado Baixo Algarve. No que respeita às diferenças podemos salientar, naturalmente, a geografia física, o clima, e, conseqüentemente, a ocupação humana e as atividades económicas.

O estudo vai centrar-se, precisamente, nesta região do Baixo Algarve pela sua semelhança com a comarca do Maresme na Catalunha, assinalada entre os rios Bésos e Tordera. Ambas são dotadas de uma estreita zona costeira que rapidamente ganha algum dinamismo geomorfológico, à medida que se avança para o interior, sob a forma de colinas calcárias no Barrocal e sob a forma de elevações graníticas no Maresme. A *Serralada Litoral*, cadeia montanhosa situada no limite noroeste desta comarca, tem o mesmo efeito barreira que a Serra do Algarve.

Aliado a esta similitude de características territoriais está o caráter construído da paisagem, também com pontos em comum: o tipo de explorações agrárias e a arquitetura, mais ou menos dispersa. No Algarve predomina o pomar de sequeiro, em particular a figueira, a oliveira, a amendoeira e a alfarrobeira, cultivados com um aparente desarranjo que se assemelha à paisagem natural: “Os troncos tortuosos das oliveiras e as alfarrobeiras frondosas misturam-se desigualmente com as figueiras e as amendoeiras criando uma enorme diversidade de combinações e disposições. Todo o espaço livre era também aproveitado para a cultura de cereais (por vezes em rotação com leguminosas)”⁶⁷. Por outro lado, no Maresme, o ambiente agrário não difere muito. As parcelas mais planas foram destinadas também ao pomar de sequeiro, nomeadamente as amendoeiras e as alfarrobeiras combinados com os cereais, deixando para os terrenos mais declivosos a produção de vinhas, submetidas a uma rigorosa organização. De facto, a intensidade da exploração da vinha no Maresme contrasta com a menor produção desta no Algarve que, embora sempre tenha existido, não é caracterizadora da paisagem algarvia.

66 João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve* (2007).

67 João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, p.99.

Relativamente à arquitetura rural do Algarve, o *monte* é, sem dúvida, a única tipologia passível de ser comparada com as *masies* do Maresme. Apesar de existirem outras tipologias, o *monte* ganha em número e no tipo de propriedade. Este corresponde a um núcleo edificado isolado, associado a uma unidade de exploração agrícola, que forma uma rede dispersa de propriedades – fenómeno visível, sobretudo, no Litoral e no Barrocal, com uma maior concentração em torno dos centros urbanos. “O *monte* é a casa rural de todos os lavradores e de todos os proprietários. Desde o pequeno agricultor que tem um montareco num pedaço de terra cuja exploração é insuficiente para a subsistência da família, tendo simultaneamente de trabalhar para um proprietário mais abastado, até ao rendeiro que explora as terras de um grande proprietário ausente, ou de vários grandes proprietários. Desde o artesão urbano ou o marítimo que trata das suas figueiras nas horas vagas, até ao fidalgo proeminente que tem capela privativa e esconde o *monte* por trás de uma fachada solarenga”⁶⁸. Tal como no caso catalão, do conjunto construído ressalta uma edificação principal, com características específicas, a que se designa *monte*. Este termo, com uma certa ambiguidade terminológica, além de dar nome ao edifício principal, pode também significar toda a propriedade, à semelhança da palavra *mas*. Com efeito, tanto a *masia* como o *monte* estabelecem uma relação íntima com o território e, de certo modo, as suas arquiteturas são uma resposta à envolvente agrícola e paisagística.

IMPLANTAÇÃO

O *monte* apresenta, claramente, uma implantação dispersa no território. Estas casas rurais estão disseminadas no Baixo Algarve pela planície Litoral, onde a topografia não permite a existência de grandes elevações, e pelo Barrocal, pontuando a paisagem sinuosa que, por vezes, quase atinge as alturas da Serra. Aqui os *montes* raramente se situam nos cumes, ficando pelas vertentes ou, por vezes, junto aos vales e, excepcionalmente, ocupam o cimo de um pequeno cerro. No contexto alentejano o termo *monte*, também utilizado, tem uma conotação óbvia, pois o núcleo construído está, de facto, situado no ponto mais alto da elevação. Provavelmente, este termo tem origem no Alentejo, tendo migrado posteriormente para o Algarve⁶⁹.

Na comarca do Maresme a distribuição das *masies* tem uma lógica ligeiramente diferente. Ao longo da costa, que gradualmente sobe em direção à *Serrallada Litoral*, formaram-se pequenos aglomerados de *masies* em torno de uma paróquia, sem chegar à categoria de aldeia, e estão, sobretudo, localizados nas zonas mais baixas e planas entre linhas de água. Apesar de poderem existir distintos graus de proximidade entre os *masos*, esta estrutura rural é sem dúvida mais compacta que a distribuição dos *montes* no Baixo Algarve. Aparentemente, a edificação principal do *mas* não está necessariamente ligada a toda a propriedade. Provavelmente, existiam algumas parcelas de terreno distantes do núcleo edificado e que completavam a unidade de exploração agropecuária de uma determinada propriedade.

68 Idem, p. 298.

69 Idem, p. 97.

À medida que nos distanciamos destes aglomerados, torna-se evidente a dispersão dos *masos* pelo território, que começa a ganhar um perfil topográfico mais dinâmico, localizados, muitas vezes, nos cumes dos *montes*. Atualmente, estas concentrações tornaram-se autênticos centros urbanos que absorveram todo o espaço entre as *masies*, dificultando o entendimento dos limites das suas propriedades.

TIPO DE ESTRUTURA

Em relação às soluções arquitetónicas dos dois conjuntos construídos, são claramente visíveis as diferenças formais entre a *masia*, de aspeto compacto com uma sobreposição de pisos e funções, e o *monte*, de apenas um piso sob a forma de um volume retangular alongado. Com efeito, a tendência para a concentração de funções num só edifício ou num núcleo edificado coeso está patente sobretudo na *masia*, e de modo menos evidente no *monte*. Este inclui uma edificação principal de perímetro retangular com pelo menos uma habitação, por vezes duas (a do proprietário e a do caseiro), e as dependências necessárias ao desenvolvimento da atividade agrícola: “os estábulos, o palheiro e, frequentemente, um celeiro, um armazém, um abrigo para a carroça ou para o carro de bois e diferentes arrecadações.”⁷⁰

O *monte* algarvio apresenta uma disposição e composição genéricas, eventualmente com algumas exceções: o corpo principal está organizado em duas fiadas paralelas de compartimentos, separadas por uma parede estrutural que acompanha todo o comprimento do edifício e onde assenta a cumeeira de um telhado de duas águas pouco inclinadas em telha de meia-cana. A fachada principal, está preferencialmente orientada para o quadrante sul, tal como nas *masies*, e é a única que inclui consistentemente vãos, ao contrário do tardo e das empenas onde estes escasseiam.

O edifício tem tendência a crescer pelos lados menores, estendendo o comprimento do volume sem se perder o contorno retangular. Efetivamente, estas adições parcelares, quer seja para aumentar a habitação quer seja para alargar e acrescentar novas dependências, são executadas de modo a dissimular as ampliações, tentando preservar a forma única. Só é possível detetar estas novas construções, eventualmente, pela diferença de altura dos telhados ou no interior pelo entaipamento de vãos. Existem casos em que o crescimento resultou num conjunto de corpos distintos que, ainda assim, mantiveram a forma retangular e, por vezes, *montes* que deixaram de dar continuidade ao crescimento modular com a parede estrutural ao centro (elemento fundamental de apoio da cumeeira do telhado de duas águas), construindo, ao invés, nos extremos da edificação, tramos cobertos por telhados de uma água com uma inclinação perpendicular à cobertura do bloco original⁷¹.

As restantes construções anexas, como o forno, os pocilgos ou os galinheiros, podem estar encostadas ao edifício retangular ou dispersas à sua volta, mas geralmente

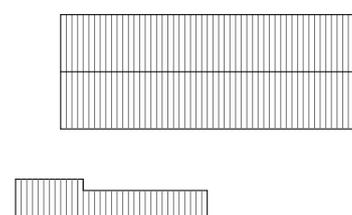


Figura 138. Exemplo genérico de implantação do *monte*. Escala 1:600

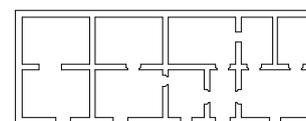


Figura 139. Exemplo genérico de um *monte*. Piso 1. Escala 1:600

⁷⁰ Idem, p. 298.

⁷¹ Idem, p. 298.

encontram-se agrupadas numa pequena fileira diante da fachada principal, formando um pequeno espaço intersticial, entre as duas edificações, dotado de uma complexidade funcional. Tanto pode ser um caminho de acesso e atravessamento do *monte*, como um espaço de lazer e de trabalho, e é predominantemente revestido com um pavimento próprio que atesta o caráter especial desta área exterior. Vai, portanto, ser designado por *rua do monte* ou por “pátio”, consoante a função que prevaleça: circulação ou estada, respetivamente. “No Algarve rural este pátio é o espaço mais franco da casa, frequentemente o local de receber”⁷².

Por regra, extrair uma teoria com padrões precisamente definidos em arquitetura rural é uma tarefa árdua, uma vez que esta é constituída por inúmeras exceções que nem sempre têm a pretensão de seguir modelos canónicos. No caso do *monte* algarvio este trabalho é ainda mais difícil. Apesar destas casas poderem ser distinguidas das restantes casas rurais do Algarve, pela sua origem, organização genérica e tipo de crescimento, não existem mais normas que rejam a sua construção: o aspeto formal do *monte* é muito variado, a distribuição interna não tem uma fórmula, os compartimentos não apresentam dimensões estandardizadas e nem sequer há uniformidade nos elementos construtivos.

A *masia*, pelo contrário, apresenta uma série de características transversais em todo o território: a mesma volumetria, de acordo com o tipo em que se insere, é identificada em diferentes exemplares; a distribuição interna segue preferencialmente a organização do tipo consolidado com três tramos retangulares paralelos e contíguos entre si, concedendo uma importância especial aos tramos centrais, onde se encontra a sala; as dimensões dos compartimentos são definidas pela largura dos tramos que variam entre os 4 e os 5m; os elementos construtivos assumem, por regra, uma mesma uniformidade.

ASPETOS DA CONSTRUÇÃO

O património romano e islâmico deixado na península ibérica é incontornável, sobretudo no que toca aos materiais e métodos construtivos. O Algarve foi, efetivamente, influenciado por estas culturas, embora a arquitetura anterior dos povos autóctones já utilizasse consistentemente a alvenaria de pedra e a taipa na construção, como em quase toda a península. Este modo de construir e os materiais utilizados no seu processo pouco mudaram ao longo dos séculos. A manutenção dos mesmos costumes construtivos, em parte pela satisfação com os seus resultados, verifica-se nos dois territórios, claro está, com as respetivas particularidades regionais, levando a supor que esta conservação também possa ter-se dado em toda a península, com uma ou outra inovação pontual. As diferenças na edificação da arquitetura vernácula destas duas regiões têm que ver, sobretudo, com a predominância de materiais do próprio lugar, não alterando significativamente a identidade da casa inserida no seu contexto territorial. A partir da terceira década do século XX começam-se a utilizar gradualmente novas técnicas e novos materiais⁷³.

AS PAREDES

⁷² Idem, p. 299.

⁷³ Idem, p. 168.

O *monte* algarvio, ou mesmo a casa rural algarvia de um modo geral, é predominantemente construído em alvenaria de pedra que varia de acordo com a região. Pode ser de xisto na Serra, de calcário no Barrocal e no Litoral e de arenito entre estas duas primeiras regiões. Nas zonas de transição de diferentes formações geológicas é, portanto, comum as casas serem executadas com alvenarias mistas. A colocação da pedra nas paredes pode ser feita de modo a que mal se veja a argamassa – alvenaria “rica” – ou, por outro lado, utilizando um rácio superior de argamassa com pedras irregulares – alvenaria “pobre” –, comum nas construções do Litoral, ou, ainda, construir apenas com pedra seca⁷⁴.



Figura 140. Monte no Vale das Gralhas. Parede em alvenaria de pedra.

A taipa é também um sistema construtivo utilizado no território algarvio, principalmente no Litoral e no Barlavento, embora sejam raras as edificações construídas exclusivamente com este material. O mais comum será encontrar uma construção mista de taipa e alvenaria de pedra. O reboco e a caiação revestem obrigatoriamente estes paramentos para a sua conservação, a não ser, claro, que o edifício se encontre num estado de degradação avançado ou mesmo em ruínas. De facto, as habitações do Baixo Algarve, sobretudo, as fachadas mais visíveis, são sempre rebocadas e caiadas, dificultando o entendimento da sua composição construtiva. Esta era a característica mais exaltada da arquitetura algarvia. Algumas paredes exteriores, nomeadamente as empenas e o tardo da edificação principal, podem apresentar simplesmente a alvenaria de pedra à vista, tal como algumas dependências destinadas aos animais e a produtos agrícolas. Os pocilgos e as cercas são predominantemente deixados com a pedra à vista. No entanto, a maior parte destes anexos das casas rurais são, por regra, rebocados e caiados à semelhança das habitações. Por outro lado, a face interior das construções anexas, como as cabanas ou os palheiros, não têm geralmente revestimento, ou têm apenas um reboco tosco, ao contrário do interior da habitação que é sempre rebocada e caiada⁷⁵.



Figura 141. Monte dos Henriques. Parede em taipa.

A existência de outros materiais na construção de paredes é mais rara. O tijolo, por exemplo, só começou a ser mais aplicado com o início da produção industrial em paredes, antes disso era utilizado para reforçar as ombreiras e as vergas dos vãos e o adobe não tem expressão efetiva no *monte* algarvio, a não ser, excecionalmente, em paredes divisórias ou paredes exteriores de pequena dimensão e em remendos de paredes de outros materiais⁷⁶. A construção de paredes em alvenaria de pedra permitia, por vezes, a ausência de molduras em cantaria nos vãos. Alguns *montes* têm inclusivamente molduras em argamassa, na maior parte dos casos, em ampliações de construções mais antigas e em *montes* remodelados ou transformados já na Idade Contemporânea⁷⁷, que podem ser pintadas para dissimular o seu material menos nobre. Por outro lado, a utilização de pedra nas molduras dos vãos dá, claramente, um carácter mais prestigioso ao edificado, apreciado como tal por várias arquiteturas vernáculas.

74 Idem, p. 170.

75 Idem, p. 171.

76 Idem, p. 171.

77 Idem, p. 170.



Figura 142. Quinta do Morais. Janela com recorte manuelino.



Figura 143. Monte da Bolota. Janela com verga curva.



Figura 144. Casa dos Salgados. Janela com verga curva.

Merecem referência as molduras tardomedievais em arco quebrado e as molduras de verga reta e aresta chanfrada, presumivelmente do século XVI, que ainda se encontram preservadas em algumas casas rurais, sinal distintivo e nobilitante. As molduras de recorte manuelino são mais raras, tendo sido apenas observadas na Quinta do Morais, em Portimão, e no Monte ao Poço do Vale, no concelho de Tavira⁷⁸. Não resta dúvida que a ornamentação das molduras tardomedievais das *masies* catalãs é mais elaborada. Os diversos motivos e arabescos são notavelmente esculpido, revelando um grande domínio da arte figurativa. Este fenómeno tem particular interesse por se tratar de arquitetura vernacular, ou seja, a existência destes elementos eruditos ricamente decorados em ambiente rural causam, na Catalunha, alguma perplexidade.

Existem, ainda, no Algarve molduras do tipo classicizante, “de fortes ombreiras”, com duplo lintel e cornija, que só começaram a aparecer a partir do século XVIII, e molduras de recorte pombalino que tiveram uma utilização, provavelmente, a partir da segunda metade do século XVIII até ao século XX⁷⁹. A moldura de verga curva, tipicamente setecentista, é igualmente rara no território algarvio, tendo sido apenas encontrada em dois núcleos rurais modestos: no Monte da Bolota e na Casa dos Salgados.

Na verdade, muitas das guarnições utilizadas nos vários tipos de casas rurais do Baixo Algarve só começaram efetivamente a ser colocadas no último quartel do século XIX até às primeiras décadas do século XX. A composição destas molduras resulta, em parte, da combinação dos vários modelos anteriores e “são até mais sofisticadas nos rebordos e outros remates e acrescentam frequentemente um elemento decorativo vegetalista ao eixo da verga, como sinal da sua época”⁸⁰.

Apesar do uso do material lítico elevar o estatuto da casa rural, alguns *montes* mais antigos podem ter molduras, socos, pilastras ou cunhais pintados. Na Catalunha, aparentemente, esta não é uma característica comum. Só foi documentado um caso, dentro do leque de amostras consideradas, em cujas duas janelas do piso superior estavam toscamente pintadas de branco (Els Martins, Garrotxa). Contudo, a cor também não é um forte da arquitetura algarvia. À exceção de algumas fachadas coloridas de edificações acrescentadas ou de corpos remodelados, sobretudo a partir do século XIX (Monte no Brejo, Monte em Quatrim, Monte em Quelfes, Monte no Vale das Gralhas), predomina a caiação total a branco nas casas rurais do Algarve. Este aspecto é especialmente tangível nos exemplares mais antigos, com vãos tardomedievais, ou nas casas mais modestas sem guarnições nos vãos⁸¹.

78 João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, p. 182.

79 Idem, p. 184.

80 Idem, p. 189.

81 Idem, p. 180.



Figura 145. Monte no Brejo. Fachada principal.



Figura 146. Monte em Quatrim. Fachada principal.



Figura 147. Monte em Quelfes. Fachada principal.



Figura 148. Monte no Vale das Gralhas. Fachada principal.

OS PAVIMENTOS

Os pavimentos em ambiente rural pouco diferem entre estes dois territórios em questão. A marca deixada por romanos e muçulmanos perdurou até à Idade Contemporânea e parece ter tido uma extensão em toda a Península Ibérica. Segundo a investigação levada a cabo por João Vieira Caldas, existem apenas dois tipos de pavimentos com algumas variações e dois ou três casos particulares. Os pisos das dependências agrícolas são em pedra irregular, geralmente de pequenas dimensões, poucas vezes em calhau rolado ou incluindo pedras maiores sob a forma de lajetas. No exterior, nas faixas junto às habitações ou mesmo nas *ruas dos montes* ou nos “pátios” mais antigos também estão revestidos a pedra de pequenas dimensões, mas uniformes de modo a compor desenhos geométricos. Nos “pátios” mais recentes a tijoleira é o material mais utilizado, tal como nas casas rurais do Maresme.

O interior das habitações também é pavimentado a tijoleira, excluindo, portanto, a madeira como material de revestimento de pisos. Na Catalunha a madeira é utilizada apenas nos pisos superiores, uma vez que o seu comportamento em contacto com o solo não é o melhor, explicando, assim, a sua ausência na construção do Baixo Algarve, pois o *monte* é formado por apenas um nível. As peças cerâmicas podem apresentar diferentes dimensões e arranjos, embora a tijoleira retangular de cerca de 30x15 cm seja mais frequente que a quadrada de 15x15 cm ou a de 21x21cm. Estes pavimentos cerâmicos no Baixo Algarve podem estar dispostos de modo a sugerir um tapete na parte central do compartimento ou formando uma moldura nas fiadas perimetrais⁸², ao contrário do que acontece nas *masies*, onde não foram observados arranjos mais elaborados.

82 Idem, p. 178.

OS TELHADOS

À semelhança da Catalunha, na arquitetura rural do Baixo Algarve predomina a cobertura em telhado de duas águas⁸³. Este aspeto é especialmente notório no *monte* algarvio em que o telhado, de pouca inclinação, assenta na cumeeira que está apoiada numa parede central e que percorre toda a longitude do volume retangular, dividido, assim, em duas fiadas de compartimentos. O telhado de duas águas das *masies* tem geralmente uma pendente mais acentuada, sobretudo nas regiões mais montanhosas, e apresenta uma estrutura formada por asnas de madeira no tramo central, apoiadas lateralmente nas paredes portantes do tramo. Eventualmente pode existir um caso ou outro em que a cobertura tem o seu vigeamento assente em arcos torais (Can Gaietano), ou tem um sistema de escoras que segura diretamente a cumeeira e apoia-se nas paredes mestras, dispensando as linhas e os pendurais (Casa Alta), ou ainda um pequeno conjunto de vigas transversais à cumeeira, colocadas toscamente de modo a ampará-la (Can Viguetà).

O telhado de uma água está normalmente presente em construções adicionadas ao núcleo edificado inicial ou em certas dependências. Esta parece ser uma premissa comum aos dois territórios e talvez, de forma genérica, uma característica da arquitetura rural mediterrânica pela sua grande conveniência. Inclusivamente, alguns telhados de duas águas no *monte* parecem ter resultado da construção parcelar de dois volumes contíguos com uma água cada⁸⁴, ou seja, teria crescido de acordo com as possibilidades da família, o que explicaria, talvez, a persistência da parede central que suporta a cumeeira. Todavia, os *montes* mais antigos, com vestígios medievais, têm sempre um telhado de duas águas tendencialmente sobre uma única fileira de divisões, ou seja, sem parede central⁸⁵.

Independentemente do tipo de telhado, o modo de revestimento prevaleceu ao longo de toda a Idade Moderna e Contemporânea até ao século XX. A estrutura de madeira, composta por fiadas de tábuas regulares, era coberta por uma esteira de canas bem apertadas e por telhas de canudo, muitas vezes firmadas por uma camada de argamassa sobre o encançado. Esta tradição conservou-se em todos os tipos de telhado do Baixo Algarve, com uma ou outra variante⁸⁶.

Um outro tipo de cobertura existente no *monte* é o telhado de tesouro, elemento distintivo do Algarve, dotado de quatro águas muito inclinadas, de inclinação igual ou superior a 45°, que formam uma curva acentuada na parte inferior, tornando o beiral quase horizontal. Uma das suas características fundamentais é o facto de a cada telhado corresponder uma divisão da casa, delimitada, claro está, por paredes portantes. A sua origem remonta ao século XVI, nas casas nobres dos centros urbanos, onde era visível logo do exterior a excelência da habitação pelo número de telhados de tesouro, e conseqüentemente de divisões, que tinha. Posteriormente passaram a ser construídos nas casas de campo destes senhores, incidindo principalmente em Tavira e arredores. Este telhado era visto como um



Figura 149. Aroeira. Interior do telhado de tesouro.



Figura 150. Monte Baião. Pormenor do telhado de tesouro.

83 Idem, p. 192.

84 Idem, p. 192.

85 Idem, p. 193.

86 Idem, p. 193.

distintivo de nobreza e, portanto, foi adotado nos *montes* de alguns nobres, como também de lavradores abastados, embora não cobrisse todos os compartimentos da habitação, ao contrário do que acontecia nas casas urbanas e em outras casas rurais de maior prestígio. Apenas cobria os compartimentos mais importantes – as salas ou os quartos principais⁸⁷. Com efeito, este telhado, aparentemente de aspeto oriental⁸⁸, parece aproximar-se do modelo indiano (goês) de teto plano com reixas, que possibilitava a subida do ar quente e, conseqüentemente, a circulação do ar. Embora no Algarve seja mais comum a cobertura sem teto, tornando visível toda a estrutura de madeira e encançado. De qualquer forma, em ambos os casos desempenham um bom papel na manutenção do conforto térmico⁸⁹.

No Monte dos Henriques, ao que parece, foi possível perceber, pela observação das ruínas, vestígios de telhados de tesouro individuais sobre os três compartimentos do edifício. Embora a fotografia aérea de 1972 comprove a existência de um pequeno telhado de tesouro sobre o comprimento que cobria dois dos compartimentos. A substituição das coberturas, erguidas em cada divisão, por telhados de tesouro que abrangiam mais que um compartimento parece ser um fenómeno comum, como atesta o autor de *A Arquitectura rural do Antigo Regime do Algarve*.



Figura 153. Monte dos Henriques.

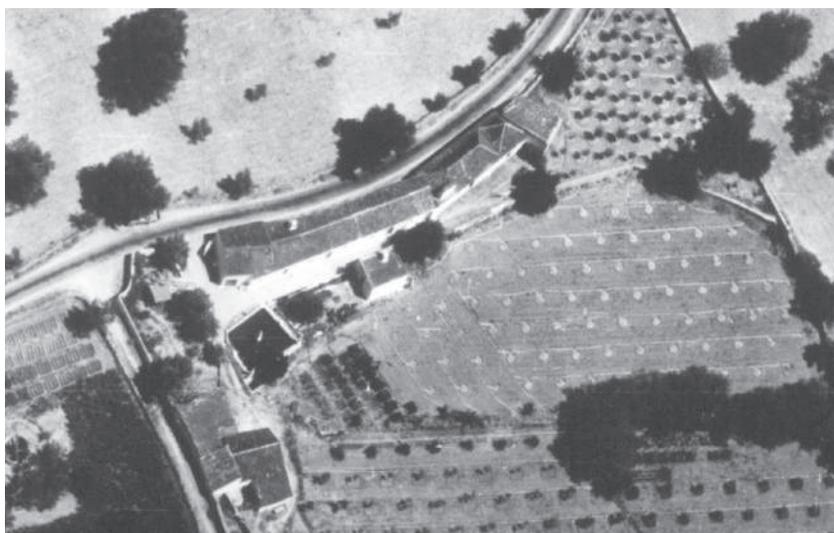
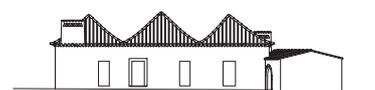
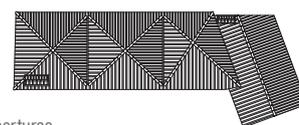


Figura 155. Monte dos Henriques. Ortofotomapa. Escala 1:1000



Alçado sul.



Coberturas

Figura 154. Monte dos Henriques (parcial). Reconstituição. Escala 1:600

Este tipo de cobertura também existe como elemento único em algumas casas rurais muito alteradas, o que não permite, ou pelo menos dificulta, perceber se no passado havia mais telhados de tesouro ou sempre existiu um, reservado ao espaço

87 Idem, p. 200.

88 “Parece-nos que estes são, na sua origem, uma criação indo-portuguesa, resultando da necessidade de afirmação dos portugueses quando, na Índia, encontram uma sociedade milenar com uma tradição e hierarquia bem definidas. Surgem, assim, por encomenda portuguesa, a que se junta a mão-de-obra hindu com larga experiência em marcenaria. (...) Pensamos, assim, que os telhados algarvios não foram inspirados nos pagodes da Índia e da China, mas antes importados da Índia, onde nasceram como criações indo-portuguesas, fruto do encontro de culturas.” Isabel AFONSO, “Telhados de Tesouro em Faro” in *Monumentos*, nº 24, Março 2006, p. 51.

89 João Vieira CALDAS, *A Arquitectura rural do Antigo Regime no Algarve*, p. 195.



Figura 157. Quinta da terra Branca.



Figura 158. Quinta da terra Branca. Telhados de tesouro.

mais importante do conjunto construído – a sala principal. No entanto, o *monte* com dois telhados de tesouro é a solução mais usual até ao início do século XX, patente nas casas rurais mais abastadas, como é o caso da Quinta da Terra Branca, e dispostos lado a lado e com uma planta quadrada. O restante edifício com cobertura de duas águas envolve, na extremidade poente, este dois compartimentos cobertos com telhados de tesouro e que estão encostados a uma secção de apenas uma água.

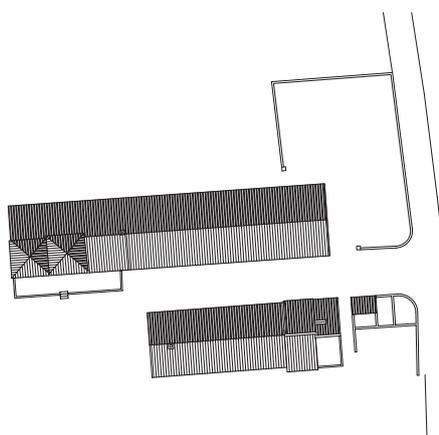


Figura 156. Quinta da Terra Branca. Núcleo edificado. Escala 1:1000

AS AÇOTEIAS

Estas coberturas em terraço, também existentes na Catalunha, não parecem assumir uma grande importância para os estudiosos na arquitetura vernacular catalã. Durante a investigação deste património, não foi encontrada qualquer referência às coberturas em terraço, embora tenham sido observadas em inúmeros exemplares que compõem o inventário. São, indiscutivelmente, construções acrescentadas ao núcleo edificado, geralmente, encostadas nos extremos laterais numa possível indicação de que o crescimento está a chegar ao fim, e têm, por regra, uma área reduzida com cobertura abobadada. A sua origem deverá ser, portanto, tardia, coeva das grandes ampliações realizadas no auge do crescimento da agricultura da Catalunha, no século XVIII.

Por outro lado, existem vários estudos e teorias sobre o aparecimento e expansão das açoteias no Algarve. Alguns autores advogam a existência permanente destes terraços ao longo dos séculos como herança deixada pela presença islâmica, que serviriam para a recolha de água e secagem de frutos ou de peixe. A semelhança climática e a forte influência cultural legada pelos muçulmanos permitiram a introdução e manutenção deste elemento arquitetónico na construção corrente algarvia⁹⁰.

Outros autores defendem que a tradição da açoteia, desaparecida com a Reconquista, foi reanimada com o desenvolvimento da pesca e, conseqüente, contacto com Marrocos e a sua arquitetura, no final do século XVIII. As vantagens asso-

⁹⁰ Mariano Feio, *Le Bas Alentejo et l'Algarve* (1950), citado por João Vieira CALDAS, *A Arquitetura rural do Antigo Regime no Algarve*, p. 207.

ciadas à cobertura em terraço relacionadas com aspetos funcionais da atividade económica, já referidas, ajudaram a assentar esta tradição⁹¹.

Em qualquer destes casos, a origem por via islâmica do terraço algarvio não é posta em causa nem por Mariano Feio nem por José Leite de Vasconcelos. O próprio termo – açoteia –, adotado pela língua portuguesa, tem proveniência árabe⁹².

Outra evidência que, talvez, apoie a segunda ideia é a inexistência de qualquer vestígio de açoteias nas secções medievais dos *montes* ou outras tipologias de casa rural do Algarve. Segundo João Vieira Caldas, a mais antiga açoteia descoberta, no âmbito do seu inventário extensivo, é a do Monte de Ângela Clara. “Nesse *monte* existe, atrás das duas salas arruinadas, um conjunto de quatro pequenos compartimentos com cobertura em açoteia. O do extremo leste foi indiscutivelmente transformado, pois tem uma laje de betão armado, o seguinte (caminhando para oeste), com uma abóbada de berço, pode tê-lo sido, mas os dois restantes, correspondentes à sala maior, são duas alcovas que ainda conservam as suas abóbadas, de arestas, muito simples. Partindo do princípio que essas alcovas são coevas das salas a que estão ligadas (e não uma adição posterior), não serão anteriores à primeiras décadas do século XVIII.”⁹³ Embora tenha sido bastante alterado durante o século XX, é ainda possível datar as partes mais antigas do início do século XVIII. Atualmente bastante degradado, o conjunto edificado teria na parte habitacional, que ocupa grande parte do corpo retangular alongado, virada a sul, quatro telhados de tesouro, como prova a fotografia aérea de 1972. Dois foram substituídos por novas coberturas e os restantes encontram-se em ruínas.



Figura 151. Monte de Ângela Clara. Ortofotomapa. Escala 1:1000

Relativamente às suas estruturas de suporte, as açoteias têm por norma uma cobertura abobadada. As abóbadas, de um modo geral, surgiram na arquitetura

91 José Leite de Vasconcelos, “No reino do Algarve, 1894” in *De terra em terra* (1927), citado por João Vieira CALDAS, idem, p. 208.

92 Idem, p. 208.

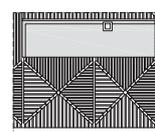
93 Idem, p. 210.



Figura 159. Monte de Ângela Clara. Abóbada de arestas.



Alçada sul



Coberturas



Piso 1

Figura 152. Monte de Ângela Clara (parcial). Reconstituição. Escala 1:600



Figura 160. Monte no Vale das Gralhas.



Figura 161. Monte no Vale das Gralhas. Abóbada de vela.



Figura 162. Monte no Vale das Gralhas. Açoteia sobre uma estrutura de "dormentes" em estado de ruína.

algarvia no século XVIII, à semelhança destes terraços, e são sobretudo as abóbadas de arestas simples as mais correntes na construção, embora as açoteias tenham outros tipos preferenciais. As abóbadas de vela são bastante frequentes e cobrem geralmente pequenas divisões quadrangulares, como alcovas (Monte no Vale das Gralhas, Monte em Quatrim, Monte em Quelfes), vestíbulos (Monte em Quelfes) ou até cozinhas (Quinta de Miraflores). O gosto pelos elementos decorativos em estuque do século XIX levou a que se decorassem estas abóbadas com florões, remates ou circunferências centrais.

A abóbada de berço abatido é o segundo tipo de cobertura abobadada mais comum na arquitetura rural algarvia: "muito simples, sem qualquer decoração e de difícil enquadramento cronológico". No Monte dos Correias, por exemplo, as abóbadas de berço abatido surgem em três alcovas de um corpo principal de origem, provavelmente, quinhentista, e no Monte na Sambada esta cobertura aparece no único quarto sobrevivente do conjunto edificado, "associada a uma construção de platibanda e cantarias nas janelas, da transição de oitocentos para novecentos. No pouco que resta da sala logo ao lado, a abóbada com penetrações e molduras em estuque é totalmente coerente com essa cronologia."⁹⁴

Um bom exemplo, que condensa as diversas estruturas de suporte de açoteias no Algarve, é o Monte no Vale das Gralhas. Aqui encontram-se as abóbadas de vela com estuques, as abóbadas de berço abatido, uma estrutura em betão armado e uma estrutura mais leve de "dormentes". Esta última é um tipo de cobertura, muito comum na Catalunha, formada predominantemente por pequenas vigas de madeira relativamente juntas, revestidas por ladrilhos com uma ou duas camadas em que se altera o sentido das fiadas. A distância entre os eixos dos barrotes deve ser igual ao comprimento das peças de tijoleira⁹⁵.

Tal como ocorreu com os telhados de tesouro, também as açoteias e as abóbadas que as suportam tiveram uma origem urbana expandindo-se, posteriormente, para as construções rurais⁹⁶. Este acaba por ser o sentido mais natural dos acontecimentos, como se tem vindo a compreender ao longo da História. Com efeito, não há qualquer prova conservada até à actualidade ou mesmo qualquer vestígio da utilização e manutenção deste elemento arquitetónico desde a invasão muçulmana. Contudo, sabe-se que Olhão tem uma tal densidade de açoteias que o colocam, naturalmente, numa posição de relevo como difusor destas coberturas em terraço pelo Algarve⁹⁷.

94 Idem, p. 212.

95 Idem, p. 214.

96 Idem, p. 216.

97 Idem, p. 217.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A orla mediterrânica é dotada de uma grande variedade de paisagens, em que o clima e a orografia são, sem dúvida, dois dos principais protagonistas que ajudaram a moldar o seu perfil. A enorme extensão desta faixa territorial é dotada de diferentes unidades paisagísticas matizadas entre si, criando um rico e complexo mosaico meridional. A arquitetura vernácula das duas regiões consideradas – Algarve e Catalunha – é, portanto, uma pequena amostra do vasto quadro cultural do Mediterrâneo.

A importância das contribuições romana e islâmica para a formação cultural e civilizacional da Península Ibérica é aceite por quase todos os autores. A longa permanência destas civilizações no território influenciou, indubitavelmente, as culturas autóctones e a arquitetura do lugar, não tanto pelas soluções tipológicas e construtivas, mas sobretudo pelos materiais e pela forma de os aplicar. Este estudo corrobora, portanto, a tese que defende a inexistência de uma linha hereditária direta entre as tipologias romanas e islâmicas, e a arquitetura vernacular, concretamente, do Algarve e da Catalunha. Efetivamente, os exemplos arquitetónicos que se mantiveram até aos dias de hoje não evidenciam as mesmas directrizes estruturais dos modelos passados das *villae* romanas e das casas pátio mediterrânicas em geral.

O assentamento disperso e a casa isolada, testemunhados nas duas regiões consideradas, são conceitos fundamentais e profundamente caracterizadores do território mediterrânico: “Scattered housing is present in all Mediterranean countries. It is associated with the rural environment, whatever the social status, from the poorest to the wealthiest.”⁹⁸ Com efeito, a casa rural isolada mediterrânica não pertence a um grupo social restrito, mas pelo contrário abrange um conjunto de classes, e, mais importante ainda, não apresenta, por norma, diferenças de fundo de acordo com a classe a que pertence. É, precisamente, esta a realidade presente no Algarve e na Catalunha: as unidades agrícolas e habitacionais, do modesto camponês ao nobre, são tipologicamente semelhantes.

Na verdade, embora o Algarve não contacte diretamente com o Mediterrâneo, o seu clima, a sua geografia, a sua vegetação e a sua produção agrícola têm um carácter, claramente, mediterrânico. De facto, apesar da sua localização geográfica deslocada, esta faixa a sul do país não escapou a beber da cultura mediterrânica, resultado não só da própria Natureza do território, mas também pela proximidade com estes povos vindos do Mediterrâneo. Aliás, o modo de vida algarvio, desde tempos remotos, distanciava-se, de certo modo, da organização e hábitos sociais instituídos a norte do país. A casa rural isolada do Baixo Algarve insere-se, portanto, no grande e variado grupo da arquitectura tradicional mediterrânica, no qual vai encontrar as raízes da sua existência, tomando uma posição diferenciada dentro do leque de países mediterrânicos mas, ainda assim, utilizando uma mesma linguagem.

⁹⁸ “A habitação dispersa está presente em todos os países mediterrânicos. Está associada ao ambiente rural, qualquer que seja o estatuto social, do mais pobre ao mais abastado.” AAVV, *Tradicional Mediterranean Architecture*, p. 37.

Tanto a *masia* como o *monte* são resultado da íntima comunhão com a paisagem. Uma paisagem explorada, domesticada e, em parte, construída pelo homem. As suas arquiteturas são uma resposta ao próprio território e não têm sentido sem o ambiente agrário onde se inserem. Ainda que tenham uma base cultural comum bastante vincada, que define as suas características construtivas dominantes, estes dois objetos apresentam grandes diferenças formais. A geomorfologia do Baixo Algarve e da comarca de Maresme, ambos com uma disposição em anfiteatro para sul e flanqueados, a norte, por cadeias montanhosas, é surpreendentemente idêntica. Além de também partilharem o mesmo tipo de exploração agrária, assente no pomar de sequeiro – com uma desordem aparente no Algarve e sujeito a uma rigorosa geometria na costa catalã – nos cereais e na vinha, cultivada sobretudo no Maresme. Nos dois territórios estão presentes a oliveira, a amendoeira e a alfarrobeira, porém a figueira tem uma maior expressão no Algarve (como também os pomares irrigados), sendo uma cultura já com uma longa tradição.

Ambas as estruturas agrícolas têm um aspeto inconfundível: sobressai uma edificação principal com características próprias, inserida num núcleo edificado que funciona como uma unidade agrária isolada. Encontram-se, de um modo geral, disseminadas pelo território, embora, excecionalmente, possam estar mais concentradas em torno dos centros urbanos, ou, ainda, formando pequenos aglomerados à volta de uma paróquia, como acontece no Maresme. Apesar de poderem existir distintos graus de proximidade entre os *masos*, estas estruturas rurais apresentam distribuição mais densa que a dos *montes* no Baixo Algarve. Relativamente ao aspeto formal, os dois conjuntos construídos apresentam, claramente, soluções arquitetónicas distintas: a *masia*, de aparência compacta, apresenta uma sobreposição de pisos e funções, e o *monte*, de apenas um piso, estende-se sob a forma de um volume retangular alongado. Com efeito, a tendência para a concentração de funções num só edifício ou num núcleo edificado coeso está patente sobretudo na *masia*, e de modo menos evidente no *monte*.

O *monte* algarvio apresenta uma disposição e composição genéricas, qualquer que seja a distribuição funcional: o corpo principal está dividido em duas fiadas paralelas de compartimentos, separadas por uma parede central que acompanha todo o comprimento do edifício e onde assenta a cumeeira de um telhado de duas águas pouco inclinadas em telha de meia-cana. A fachada principal, está preferencialmente orientada para o quadrante sul, tal como nas *masies*, e é a única que inclui consistentemente vãos, sendo estes mais raros no tardo ou nas empenas. As paredes são todas rebocadas e caiadas, à exceção da face interna, por vezes também da face externa das paredes de algumas dependências agrícolas, e os pavimentos são quase sempre em tijoleira exceto os do palheiro e da ramada que são revestidos a pedra irregular de pequenas dimensões.

A *masia*, por outro lado, tem uma estrutura de casa alta, com uma distribuição interna preferencial, de acordo com o tipo consolidado de três tramos retangulares, contíguos entre si e perpendiculares à fachada principal, concedendo uma importância especial aos tramos centrais, onde se encontra a sala. O edifício está geralmente dividido em três pisos, onde predomina uma determinada função por

nível: o piso térreo, destinado aos animais e às lojas agrícolas; o piso superior para a habitação; o sótão para secar e armazenar o produto das colheitas. Prevalece a cobertura em telhado de duas águas suportada por uma estrutura de asnas de madeira no tramo central, com uma maior inclinação que a do *monte*, também em telha de canudo. Os paramentos são executados à semelhança do que é feito no *monte*, ainda que o brilho da caiçação das casa rurais do Algarve seja um aspeto singular e bastante apreciado pelos visitantes, que difere das cores telúricas das *masies*. Os pavimentos são frequentemente em tijoleira, com exceção do piso térreo que pode ser, muitas vezes, revestido a pedra, ou de alguns pisos superiores que têm simplesmente tabuado de madeira.

A repetição de certos aspectos da arquitetura das *masies*, como a disposição interna, as dimensões dos compartimentos, ou os elementos construtivos, contrasta, efetivamente, com a ausência de normalização no *monte*. Este não apresenta uma fórmula comum para a organização interna, não há uniformidade nas formas, nas dimensões ou nas proporções dos compartimentos, nem sequer nos elementos construtivos.

O crescimento das duas tipologias tem uma lógica claramente diferente. Enquanto no *monte* o edifício tem tendência a crescer para os lados menores, estendendo o comprimento do volume sem se perder o contorno retangular, dissimulando assim a existência das ampliações, a *masia* catalã tem como fim preservar, dentro do possível, a forma da cobertura e o caráter prestigiante da fachada principal. Em primeiro lugar dá-se o crescimento vertical, através da construção de um piso sobre a estrutura já existente, até atingir geralmente os três pisos. De seguida, o conjunto edificado cresce lateralmente com a construção de tramos paralelos e contíguos aos tramos existentes, perpendiculares à fachada principal e cobertos, frequentemente, pelo prolongamento das águas dos tramos adjacentes. Por último, pode-se encostar um volume na fachada posterior, colocado transversalmente em relação aos restantes e promovendo a forma compacta e quadrangular da edificação. A cobertura destes últimos tramos pode adotar o mesmo esquema do edifício original ou, em muitos casos, pode ser independente, em telhado de uma água. De qualquer modo, em ambos os casos estudados o crescimento é compreendido de uma forma modular e parcelar, com uma óbvia condensação de edificações e funções num só núcleo construído coeso, na *masia*, e uma maior dispersão do conjunto edificado no *monte*, como atesta também a existência da rua do *monte*. Efetivamente, a apropriação do espaço exterior é feita de uma forma muito natural, como extensão da própria casa, onde os limites das áreas de lazer e das áreas de trabalho tornam-se difusos.

Tendo em conta todos os aspetos abordados neste trabalho, pode concluir-se que apesar do fundo comum mediterrânico, influenciado fortemente pelas civilizações romana e islâmica, a arquitetura vernácula do Baixo Algarve e da Catalunha diferem em muitos pontos, concedendo-lhes identidades distintas, embora muitas vezes, com um mesmo vocabulário construtivo.

DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

Esta investigação teve constantemente como pano de fundo a consciência da importância do estudo comparativo das várias formas de arquitetura vernacular mediterrânica que, devido a limites temporais e aos próprios objectivos da dissertação, não foram passíveis de ser estudadas. Embora possam existir alguns estudos extensivos de uma determinada região ou até de toda a orla do Mediterrâneo, não se conhece qualquer investigação aprofundada que correlacione afincadamente as arquiteturas tradicionais da Península Ibérica e, muito menos, de toda a faixa mediterrânica. Este trabalho pode ser entendido como um ponto de partida para um estudo que se pretende mais vasto, estabelecendo pontos de contacto e evidenciando as diferenças de uma análise comparativa de pares de diferentes zonas mediterrânicas, numa perspectiva evolutiva, histórico-social e tipológica.

BIBLIOGRAFIA

PUBLICAÇÕES EM LIVRO

ARBOIX, Joaquim Camps, ROCA, Francesc Català – *Les cases pairals catalanes*. 2ª Edição. Barcelona: Edicions Destino, Outubro 1966.

ARBOIX, Joaquim Camps – *La masia catalana*. 2ª Edição. Barcelona: Editorial Aedos, 1969.

Arquitectura Popular em Portugal. 3ª Edição. Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.

AUSIELLO, Gigliola, CALVINO, Carla – *Habitat rurale mediterraneo*. Nápoles: Luciano Editore, 2000.

AAVV – *Traditional Mediterranean Architecture*. Barcelona: Meda-Euromed Heritage/Corpus, 2002.

CALDAS, João Vieira – *A Casa Rural nos Arredores de Lisboa no Século XVIII*. Porto: FAUP Publicações, 1999.

CALDAS, João Vieira (Coordenação) – *A Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.

CIRICI, Alexandre – *L'Arquitectura catalana*. 2ª Edição. Barcelona: Teide, 1975.

FONT, Antoni Pladevall (Direcção) – *Dels palaus a les masies. L'Art Gòtic a Catalunya, Arquitectura III*. Barcelona, Enciclopèdia Catalana, Outubro 2003.

GARÍ, Lluís Bonet – *Masies del Maresme: estudi de les masies, elements defensius, ermites i molins*. Barcelona : Montblanc-Martín, C. Excursionista de Catalunya, 1983.

GIBERT, J. – *La masia catalana: origen, esplendor i decadencia*. Barcelona: Editorial Millá, 1947.

MACIÀ, Anna Borbonet – *La Masia*. Barcelona: Editorial Columna, Abril 1996.

MACIÀ, Anna Borbonet – *Masies de Catalunya que cal conèixer*. Barcelona: Barcanova, Dezembro 2006.

MERCADAL, Fernando García– *La casa popular en España*. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

MARTÍ, Carles (Coordenação) – *Masies de Barcelona*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona e Angle Editorial, Novembro 2009.

RIPOLL, Ramon – *Les masies de les comarques gironines*. Girona: Editorial Gòthia,

1983.

RIPOLL, Ramon (Direccão) – *La Masia Catalana: Evolució, arquitectura i restauració*. Figueres: BRAU edicions, Junho 2005.

SABORIT, Ignasi Terradas – *El Món Històric de les Masies: Conjectures generals i casos particulars*. Barcelona: CURIAL, 1984.

VILA, Marc-Aureli – *La casa rural a Catalunya: cases aïllades i cases de poble*. Barcelona: Edicions 62, 1980.

VILÀ, Joan Curós – *Arquitectura rural de la Garrotxa*. Girona: Univerversitat de Girona, Escola Politecnica Superior, 1994.

VILÀ, Pau – *Resum de Geografia de Catalunya*. Barcelona: Barcino, 1936.

DISSERTAÇÕES ACADÉMICAS

AGUILERA, Dolores Sánchez, VENTURA, Xavier Roigé – *Patrimonialización y conservación de la masía en Cataluña*. Universidade de Barcelona, 2010. Disponível em: age.ieg.csic.es/geografia_rural/Actividades%20de%20grupo/Documentos/XVColoquio_Caceres%202010/Comunicaciones/contenido/3%C2%AA%20ponencia%20pdf/3.12.pdf

CALDAS, João Vieira – *A Arquitectura rural do Antigo Regime do Algarve*. Dissertação para Doutoramento em Arquitectura, IST-UTL, 2007

EIZAGUIRRE, Xabier – *Los componentes formales del territorio rural: Los modelos de estructuras agrarias en el espacio metropolitano de Barcelona. La masía como modelo de colonización en Torrelló*. Dissertação para Doutoramento em Arquitectura. Barcelona: Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha, 1990.

GARCÍA, Rodriguez Anna – *Estudi de la rehabilitació de ma masia Ca L'Umbert*. Dissertação para a obtenção da Licenciatura em Engenharia Civil. Barcelona: Escola Politécnica Superior de Edificação de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha, 2011.

SOLÀ, Joaquim M. Puigvert – *L'elaboració del discurs pairalista a la Catalunya contemporània: la contribució dels arquitectes i els estudiosos de la masia (1908-1936)*. Institut de Llengua i Cultura Catalanes, Universitat de Girona. Disponível em: www.raco.cat/index.php/EHA/article/viewFile/99683/145605

VILÀ, Joan Curós – *Arquitectura rural de Catalunya: metodologia d'anàlisi i d'intervenció*. Dissertação para Doutoramento em Arquitectura. Barcelona: Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidade Politécnica da Catalunha, 2003.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS

AFONSO, Isabel Maria Vieira – “Telhados de tesouro em Faro”. *Monumentos*, n.º 24, Lisboa, DGEMN, 2006, pp. 50-55.

CORREA, Yago Bonet – “Cuando se contempla el campo catalán”. *2C: Construcción de la Ciudad*, nº 17-18. Barcelona: Março 1981, pp. 6-7.

MONER, Jeroni; PLA, Arcadi; RIERA, Josep – “La estructura tipológica de la masia”. *2C: Construcción de la Ciudad*, nº 17-18. Barcelona: Março 1981, pp. 36-59.

MONER, Jeroni; PLA, Arcadi; RIERA, Josep – “La evolucion del mas: Un largo proceso hacia la creacion de un tipo”. *2C: Construcción de la Ciudad*, nº 17-18. Barcelona: Março 1981, pp. 16-35.

TORRAS, Josep Danés – “Génesis de la estructura arquitectónica de la masia”. *2C: Construcción de la Ciudad*, nº 17-18. Barcelona: Março 1981, pp. 82-85.

SÍTIOS NA INTERNET

Ortofotomapas da base de dados do Institut Cartogràfic de Catalunya
www.icc.es/ [consultado em 12.03.2014]

Catálogo do património histórico e artístico dos municípios da Catalunha
www.poblesdecatalunya.cat/ [consultado em 4.05.2014]

Arquivo fotográfico do Centre Excursionista de Catalunya
www.cec.cat/ [consultado em 16.05.2014]



TÉCNICO
LISBOA



**AS MASIES CATALÃS COMO CASAS RURAIS DE LAVRADOR
ABASTADO E O SEU POSSÍVEL EQUIVALENTE EM PORTUGAL**
VOLUME II

José Pedro Dias Cardoso

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura

Orientador: Professor Doutor João Rosa Vieira Caldas

Júri

Presidente: Professor António Manuel Barreiros Ferreira
Orientador: Professor Doutor João Rosa Vieira Caldas
Vogal: Professora Doutora Maria Alexandra de Lacerda Nave Alegre

Mai 2014

AS MASIES CATALÃS COMO CASAS RURAIS DE LAVRADOR
ABASTADO E O SEU POSSÍVEL EQUIVALENTE EM PORTUGAL

VOLUME II

INTRODUÇÃO

Este segundo volume da dissertação *As masies catalãs como casas rurais de lavrador abastado e o seu possível equivalente em Portugal* inventaria os casos de estudo analisados nas comarcas do Maresma e da Garrotxa, entre as localidades de Teià, Tiana, Alella, Mongat, Olot, Hostalets d'en Bas, Riudaura, Sant Salvador de Bianya e La Pinya. Os casos de estudo estão organizados segundo uma classificação adotada para este trabalho, tendo em vista catalogar todos os diferentes exemplares, numa perspetiva, sobretudo, formal: Tipo I – *Masia* de Alta Montanha, Tipo II – *Masia* Mediana, Tipo III – *Masia* Abastada, Tipo IV|A – *Masia* Basilical, Tipo IV|B – *Masia* Basilical, Tipo V – *Masia* Senhorial, Tipo VI – *Masia* Senhorial com Galerias, Tipo VII – *Masia* Senhorial com Torre, Torre de Defesa. Cada ficha pretende condensar um conjunto de elementos caracterizadores da *masia*, objeto de estudo por excelência, mas também de todo o núcleo edificado, de modo a compreender as relações entre as várias dependências, necessárias para o funcionamento da unidade agro-pecuária, e as relações com o território onde está implantada. Foram reunidas fotografias do Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya, uma fotografia aérea do Institut Cartogràfic de Catalunya à escala 1:5000, uma descrição formal do núcleo edificado, fotografias tiradas pelo autor e desenhos documentais trabalhados ou redenhados pelo autor a partir do levantamento efetuado para a publicação *Les masies del Maresme: estudi de les masies, elements defensius, ermites i molins*. Alguns desenhos, nomeadamente os que dizem respeito à comarca da Garrotxa, foram cedidos pelo Professor Doutor Joan Curós i Vilà.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	5
Índice Geral	8
Tiana - Fotografia aérea	13
Alella - Fotografia aérea	15
Teià - Fotografia aérea	17
Olot - Fotografia aérea	19
TIPO I - MASIA DE ALTA MONTANHA	
1. Els Martins	20
2. La Plana	24
TIPO II - MASIA MEDIANA	
3. Can Bragulat	32
4. Can Doctor	40
5. Can Fàbregues	46
6. Can Andreu	50
7. Can Ros	54
8. Ca l'Anglada - Casa Met	58
9. Can Gaietano	64
10. Casa Alta	70
11. Can Vilà	76
12. Can Oriach	82
13. Can Lladó	88
14. C'al Basté	94
15. Can Boquet	100
16. El Callís	106
TIPO III - MASIA ABASTADA	
17. Mas Coll	112
18. Can Teixidor	118
19. Can Brossa	130
20. Can Cirera	134
21. Casino de Tiana	136
22. Can Magarola	142
23. Can Viguetà	148
TIPO IV A - MASIA BASILICAL	
24. Can Casals	156
25. Can Torredà	162
26. Can Matas - Can Baratau	168
27. Can Costa	172
28. Can Mora	176
29. Can Monnar - Can Monac	184
30. Can Titó Serra	190

TIPO IV B - MASIA BASILICAL	
31. Can Manyé	198
32. Can Umbert	202
TIPO V - MASIA SENHORIAL	
33. Can Roca	210
TIPO VI - MASIA SENHORIAL COM GALERIAS	
34. Can Calderó	218
35. Can Pol	228
TIPO VII - MASIA SENHORIAL COM TORRE	
36. El Ventós	238
TORRE DE DEFESA	
Torre Ca l'Alsina	248

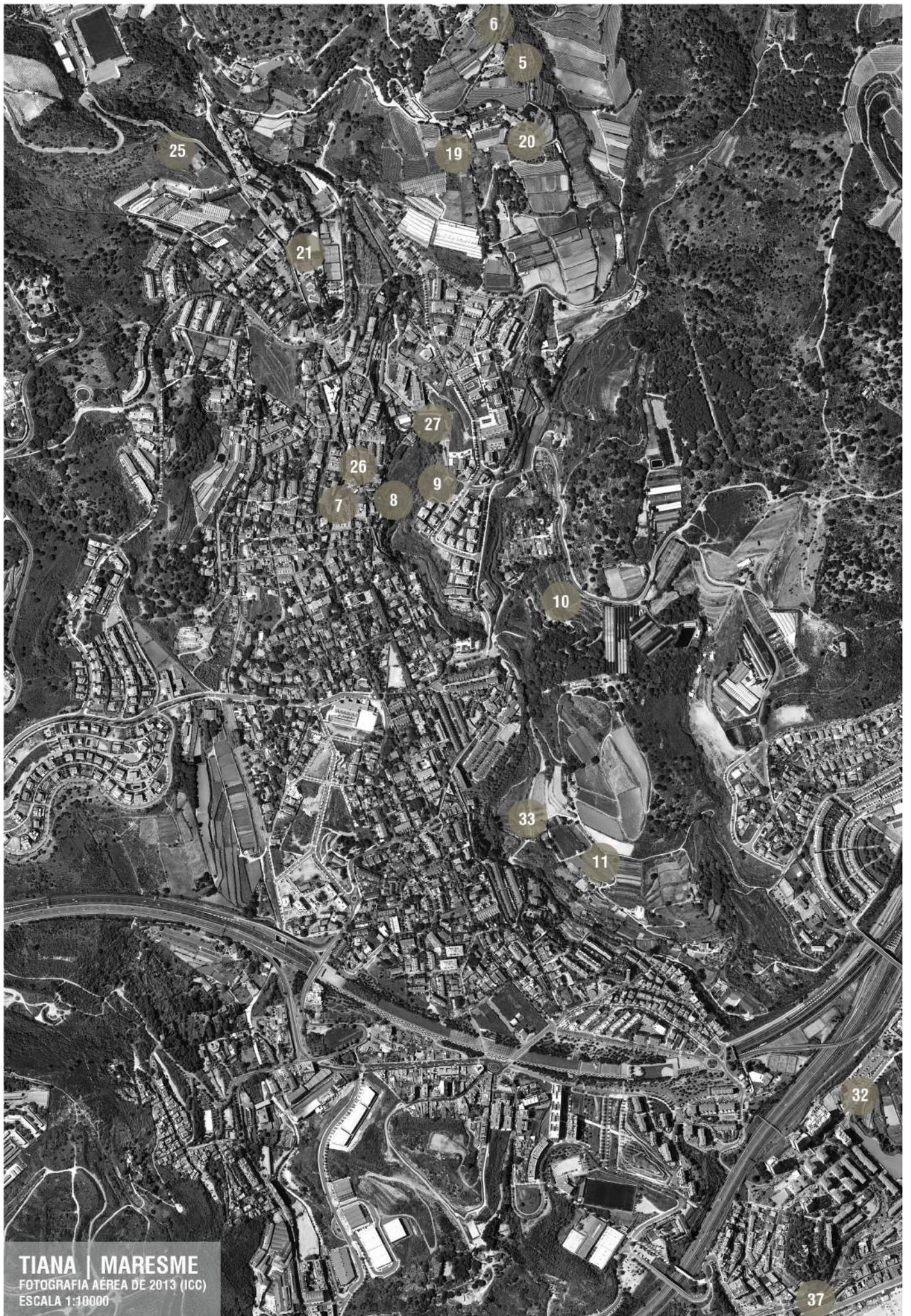
ANEXO 1

INVENTÁRIO

[Todas as imagens com autoria não identificada são de José Pedro Dias Cardoso]

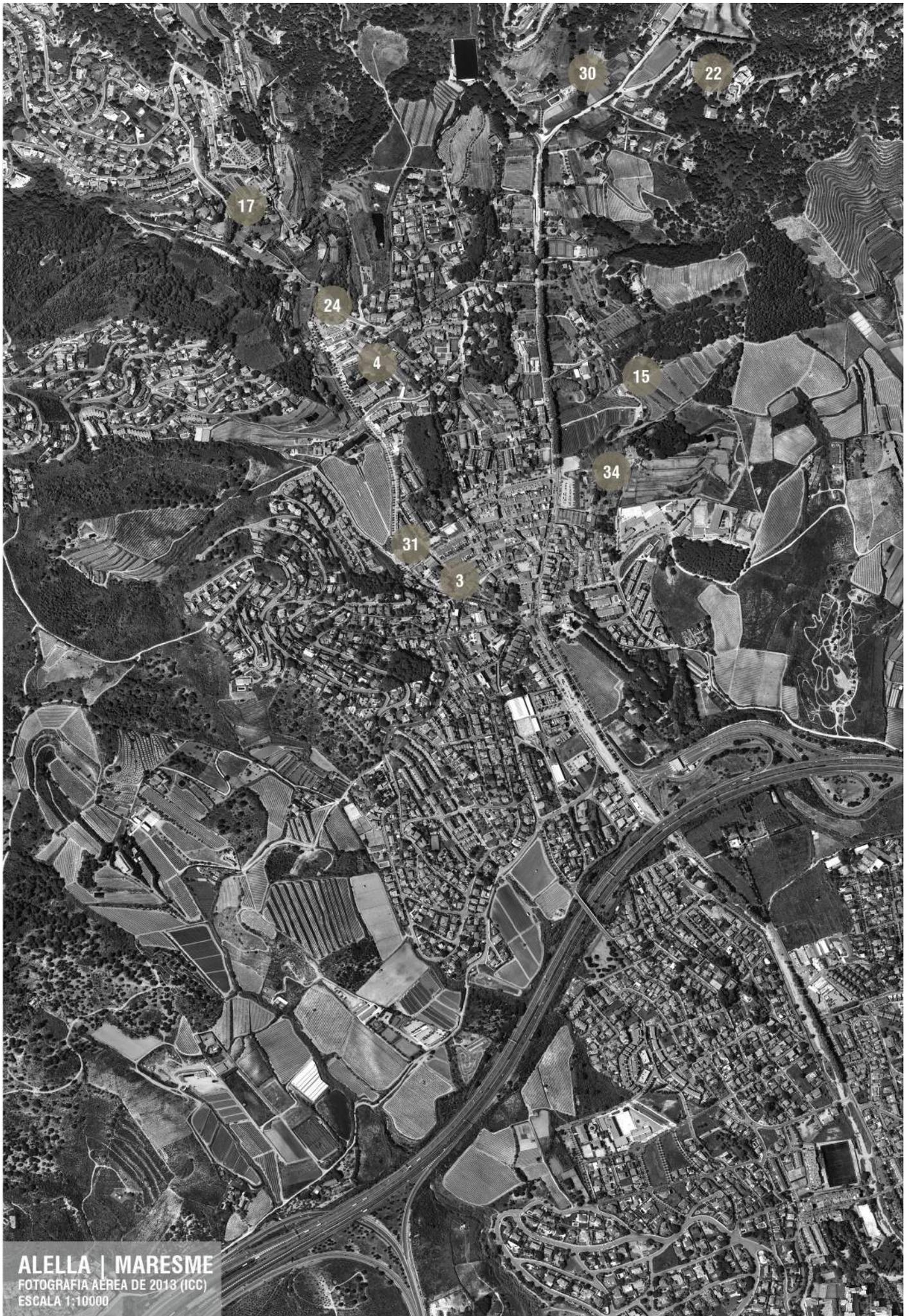
[Todos os desenhos com autoria não identificada são retirados do livro *Masies del Maresme: estudi de les masies, elements defensius, ermites i molins* e redesenhados por José Pedro Dias Cardoso]

- 7 CAN FÀBREGUES
- 6 CAN ANDREU
- 7 CAN ROS
- 8 CA L'ANGLADA
- 9 CAN GAJETANO
- 10 CASA ALTA
- 11 CAN VILÀ
- 19 CAN GARNIER
- 20 CAN CIRERA
- 21 CASINO DE TIANA
- 25 CAN TORREDÀ
- 26 CAN MATAS
- 32 CAN UMBERT
- 33 CAN ROCA
- 37 TORRE CA L'ALSINA



TIANA | MARESME
FOTOGRAFIA AÉREA DE 2013 (ICC)
ESCALA 1:10000

- 3 CAN BRAGULAT
- 4 CAN DOCTOR
- 15 CAN BOQUET
- 17 MAS COLL
- 22 CAN MAGAROLA
- 24 CAN CASALS
- 30 CAN TITÓ SERRA
- 31 CAN MANYÉ
- 34 CAN CALDERÓ



ALELLA | MARESME
FOTOGRAFIA AÈREA DE 2013 (ICC)
ESCALA 1:10000

12 CAN ORIACH

13 CAN LLADÓ

14 C'AL BASTÉ

28 CAN MORA

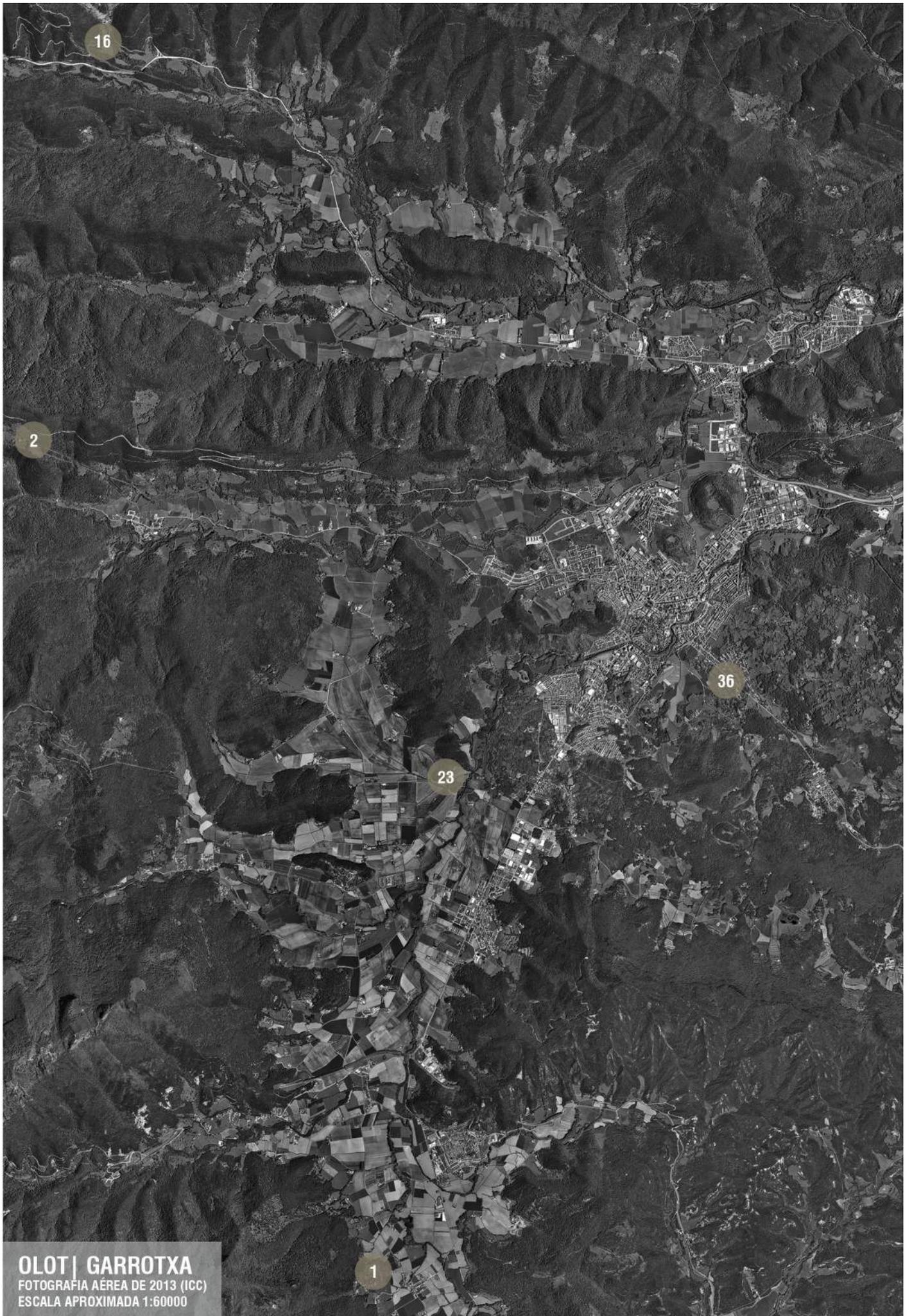
29 CAN MONNAR

35 CAN POL



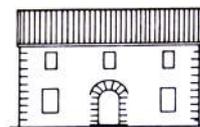
TEIA | MARESME
FOTOGRAFIA AÉREA DE 2013 (ICC)
ESCALA 1:10000

- 1 ELS MARTINS
- 2 LA PLANA
- 16 ELS CALLÍS
- 23 CAN VIGUETÀ
- 36 EL VENTÒS



OLOT | GARROTXA
FOTOGRAFIA AÉREA DE 2013 (ICC)
ESCALA APROXIMADA 1:60000

TIPO I
MASIA DE ALTA MONTANHA
Casa rural com a pendente do telhado orientado para a fachada principal



1 ELS MARTINS

LOCAL

Hostalets d'en Bas

COMARCA

Garrotxa



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo I

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XV?

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação

CONSERVAÇÃO

Mau estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

27.07.2013

DESCRIÇÃO

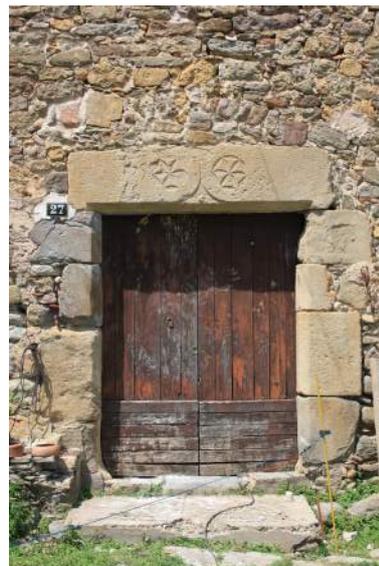
O pequeno núcleo rural está implantado num dos vales de Olot, Vall d'en Bas, e é formado por uma edificação principal de perímetro retangular e dois pisos, com alguns anexos a tardoz, e uma dependência de planta retangular que se projeta perpendicularmente à fachada principal. O conjunto construído está ladeado por um bosque a norte e a oeste. O acesso à *masia* é feito por um caminho a sul que desemboca na fachada principal.

O edifício original, de aspeto humilde e de reduzidas dimensões, tem uma cobertura em telhado de duas águas, em que a pendente está orientada para a frontaria, inserindo-a, portanto, no tipo I. Tendo em conta o estudo tipológico das *masies*, tudo parece indicar que esta esteja dividida em três tramos, em que o tramo da direita foi construído posteriormente, prolongando-se a cobertura em telhado do tramo adjacente. Este recente tramo tem um espaço exterior coberto, no piso térreo, provavelmente para guardar os utensílios e ferramentas agrícolas, e, ao nível do segundo piso, tem uma varanda, com a largura do tramo e coberta pelo telhado. Efetivamente, esta *masia* exemplifica a casa rural plebeia, construída frequentemente nas regiões montanhosas e imbuída de uma óbvia rusticidade.



ASPETOS MAIS RELEVANTES

- Construída em alvenaria de pedra, habitualmente à vista, reforçada com blocos de pedra aparelhada nos cunhais e nos vãos.
- As janelas da fachada principal têm molduras simples em cantaria, com verga reta e com peito saliente. As janelas do segundo piso apresentam vestígios de caiação. O portão tem uma moldura em cantaria com verga reta e as arestas chanfradas, em cujo lintel estão inscritos dois símbolos. A tardoz e nas empenas encontramos apenas pequenas aberturas em pedra.
- A estrutura de vigas de madeira que suporta o telhado estende-se para lá dos limites das paredes exteriores e, entre esta estrutura de madeira e as telhas, está, numa parte da cobertura, uma fiada ladrilhos cerâmicos ou simplesmente tabuado de madeira.





2 LA PLANA

LOCAL

Riudaura

COMARCA

Garrotxa

Vista geral de La Plana
Fachada leste
Fachada sul

Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo I

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XV-XVIII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação esporádica de família, habitação permanente dos caseiros

CONSERVAÇÃO

Bom estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

27.07.2013

DESCRIÇÃO

Este *mas* está implantado numa clareira de um terreno montanhoso, onde a pendente cresce rapidamente em direção a oeste, e é atravessado por um caminho no limite leste do conjunto. O núcleo construído, resultante do somatório de sucessivas ampliações e transformações, é formado pela edificação principal, inscrita num retângulo, com três pisos e cobertura em telhado de duas águas, a cuja fachada poente encosta uma série de corpos destinados aos caseiros. A sudoeste, encontra-se uma edificação, com dois pisos e telhado de duas águas (antiga dependência que vai acomodar uma nova habitação), e, a sul, alinhado com a empena nascente, está um corpo retangular alongado, com dois pisos e telhado de uma água, que encerra um pátio diante da fachada principal.

Este pátio, a sul do conjunto, tem dois níveis separados por um muro que sustem o terreno superior e cria uma rampa a poente. O nível superior pode ser acedido por umas escadas encostadas ao muro e à frontaria da *masia*, ou pela extremidade sul do pátio, onde começa a crescer a rampa. A fachada não tem uma composição arquitetónica rigorosa. Além das duas janelas de sacada, no segundo piso, e do portal com aduelas em arco de volta inteira, no piso térreo, a fachada tem apenas algumas aberturas dispersas, sem molduras. Existe ainda uma porta, com verga



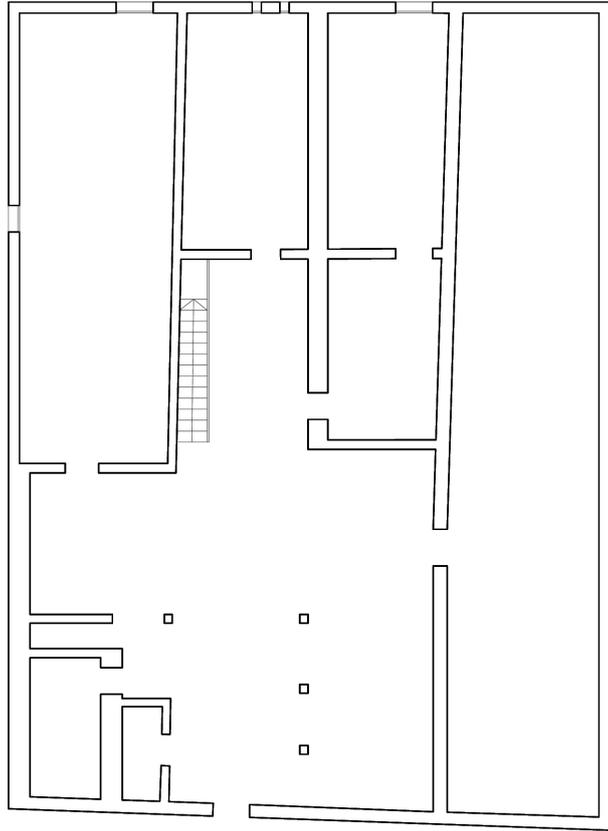
reta de madeira, que dá acesso à capela, situada no canto esquerdo da frontaria, ao nível do pátio com a cota mais alta. A fachada mais impressionante é, pois, a empena com as suas galerias setecentistas que têm vistas para o vale.

Apesar de ter uma cobertura com o telhado orientado para a fachada principal, esta não é uma masia típica do grupo I, de dimensões modestas e com limitações materiais. Pelo contrário, a sua existência é feita de constantes ampliações e remodelações, conferindo-lhe uma escala notável. A configuração interna da masia atesta isso mesmo: uma soma de tramos.

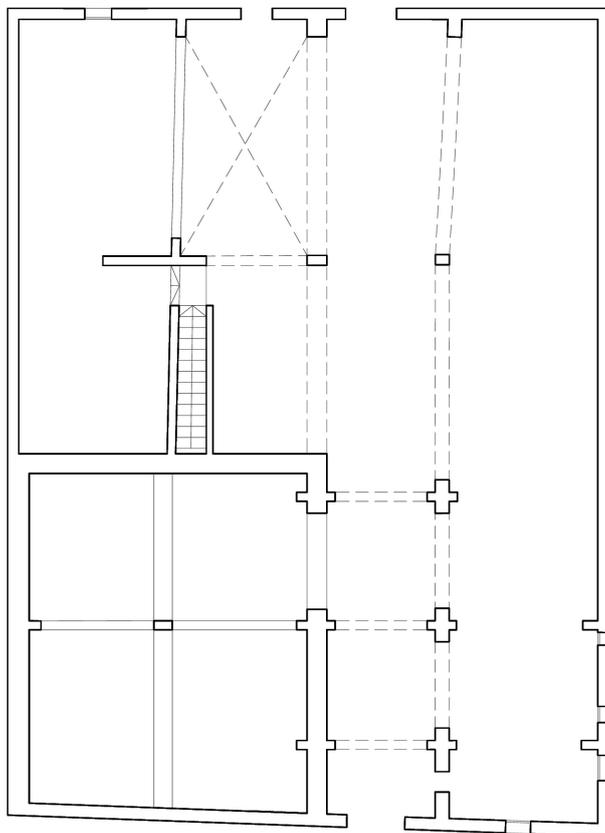
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A edificação principal está executada em alvenaria de pedra, apenas rebocada parcialmente nas galerias da fachada leste.
- As galerias são formadas por arcos de volta inteira sobre colunas de pedra, no segundo piso, e sobre pilares de tijoleira, rematados por capitéis, no terceiro piso. Existem ainda três pequenas aberturas sobre a arcada do terceiro piso, também de arco de volta inteira sem moldura.
- A cobertura, recentemente recuperada, exhibe beirais salientes, cujas vigas de madeira prolongam-se para suportar o tabuado de madeira e o telhado.
- A fachada sul tem uma cornija, sob o beiral, com seis fiadas de ladrilhos cerâmicos pintados na superfície inferior e com uma disposição alternada de ladrilhos planos e ladrilhos curvos.
- O portão de entrada na fachada poente tem uma moldura de blocos de pedra aparelha, com as arestas chanfradas e com a data de execução inscrita (1753).
- A capela é coberta por abóbadas de arestas pintadas e tem um altar classicizante, composto por quatro colunas, duas das quais são coríntias, encimadas por uma arquitrave recortada.
- É possível distinguir os diferentes tramos ou ampliações no interior pelos diferentes pavimentos. A sala, por exemplo, tem metade do pavimento revestido com tábuas de madeira e outra metade com ladrilhos cerâmicos.
- Existem dois quartos com duas alcovas cada um.



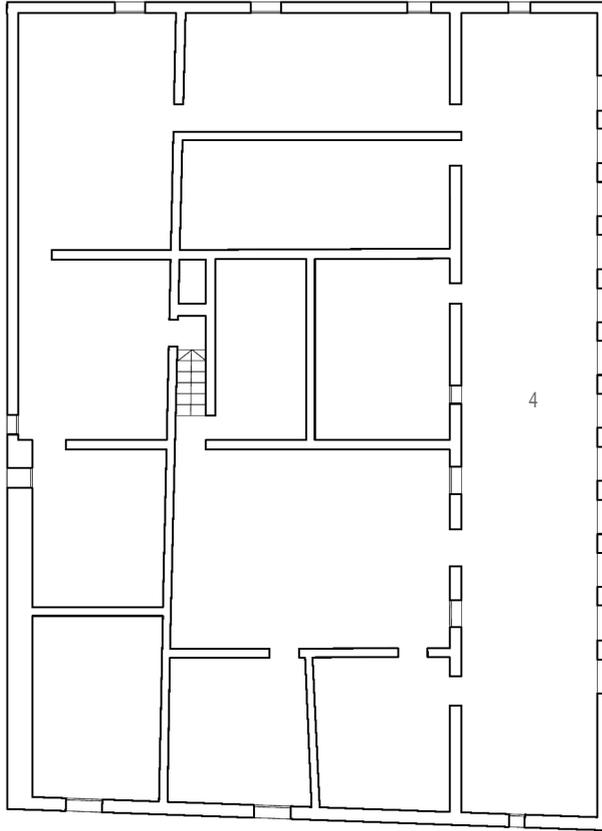


PISO 2
ESCALA 1:200

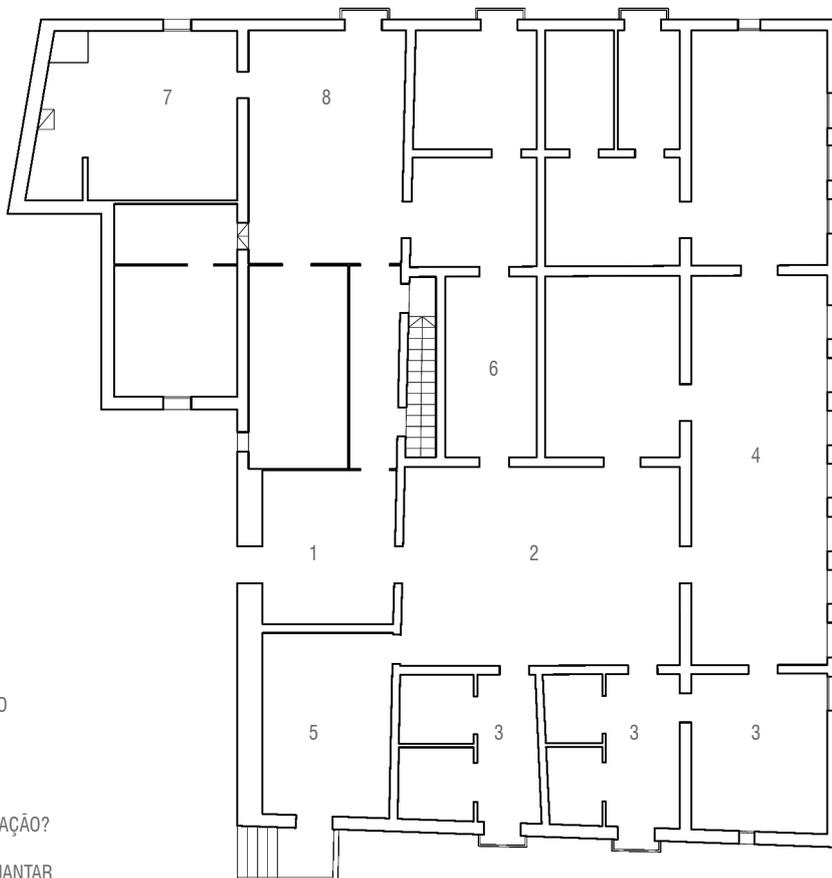


PISO 1
ESCALA 1:200





PISO 4
ESCALA 1:200



- 1. VESTÍBULO
- 2. SALA
- 3. QUARTO
- 4. GALERIAS
- 5. CAPELA
- 6. ARRECADAÇÃO?
- 7. COZINHA
- 8. SALA DE JANTAR

[Desenhos de Joan Curòs i Vilà]

PISO 3
ESCALA 1:200

TIPO II

MASIA MEDIANA

Casa rural de dois pisos com telhado de duas águas orientadas para as fachadas laterais





3 CAN BRAGULAT

LOCAL

Alella

COMARCA

Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XV-XVI

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudeste

FUNÇÃO ACTUAL

Restauração. Habitação.

CONSERVAÇÃO

Bom estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

11.07.2013

DESCRIÇÃO

O núcleo construído da Can Bragulat insere-se no centro urbano de Alella, próximo do Ajuntament e da igreja da vila, junto às duas artérias principais, Riera Coma Fosca e Riera Coma Clara, que estruturam a comunidade. Actualmente apresenta um pequeno caminho de acesso entre a Riera Coma Fosca e a entrada, o único espaço aberto de entre as restantes edificações que rodeiam o núcleo da *masia*. O edifício principal, originalmente de planta rectangular com dois pisos, foi alvo de inúmeras ampliações: ao tardoz foi adicionado um corpo transversal que acompanha a largura da edificação e acomodava a adega; na fachada nordeste encostou-se outro corpo de dois pisos e telhado de uma água que mantém a pendente da cobertura inicial; um outro corpo, também de dois pisos e telhado de uma água (apesar de sugerir um tímido começo de outra água) projeta-se no enfiamento deste último corpo, fazendo um ângulo reto com a fachada principal. Este volume, apesar de ter continuidade ao nível da cobertura, não se relaciona com a edificação pré-existente, pois apresenta uma entrada própria e exclusiva, não comunicando internamente com a habitação. Actualmente é uma residência distinta. O canto formado pelo núcleo originário e este corpo permite uma passagem para a fachada nascente.



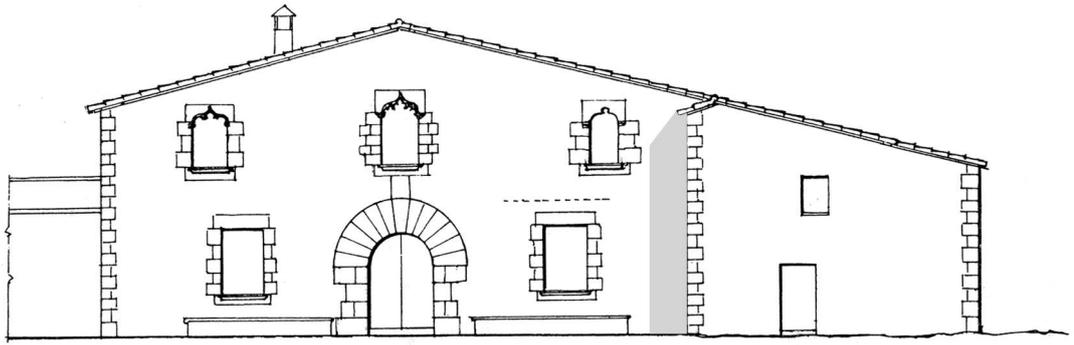
Os vãos deste último corpo – duas janelas de arcos conopiais trilobados, simulando um alfiz na parte superior do vão – parecem apontar para uma certa contemporaneidade entre as construções, uma vez que as janelas da fachada principal também adotam a mesma linguagem gótica, ou, por outro lado, são uma persistência medieval, copiadas a partir das molduras mais antigas existentes.

Finalmente, para completar o conjunto, temos um outro edifício de dois pisos e cobertura de duas águas que se encosta perpendicularmente à empena sudoeste. Era uma antigo armazém, mas atualmente é uma loja de vinhos da região de Alella, independente da *masia*, e que agregou o piso térreo do corpo transversal da edificação original para estender a sua área comercial. Este edifício apresenta lateralmente, na fachada sudeste, uma cobertura em terraço acedida ao nível do segundo piso da *masia*.

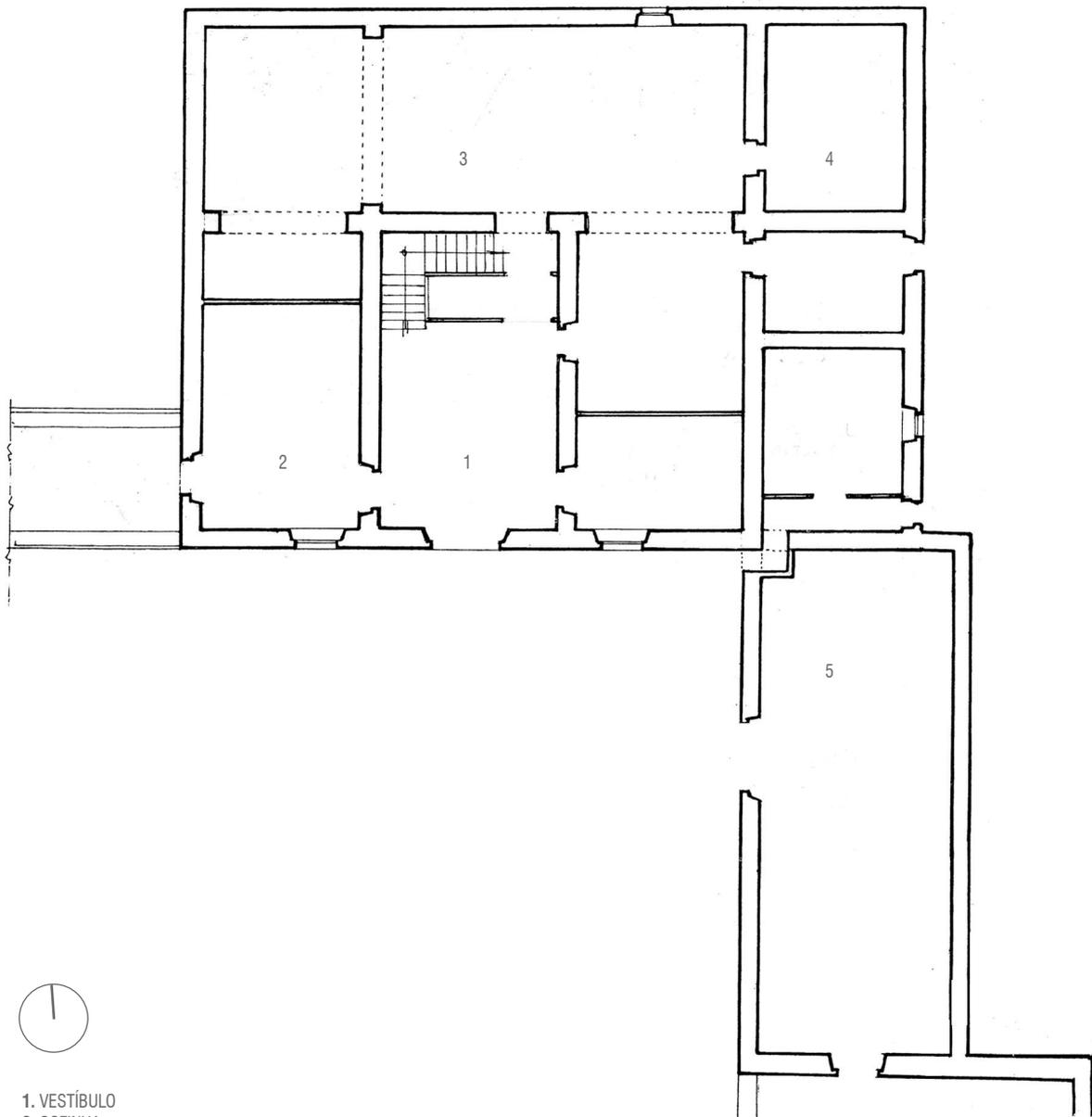
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- Deste núcleo edificado, ressalta a composição clássica da fachada principal, demarcada pelos três eixos verticais que compõem os vãos. Um eixo central que assinala a entrada por um portal com grandes aduelas em arco de volta perfeita e recortado na parte inferior. Este é ladeado, no piso térreo, por duas janelas de moldura em cantaria com a verga reta.
- No segundo piso a janela central tem um desenho externo conopial e uma linha interna polilobada, formando um alfiz e rematado por duas mísulas com o desenho de cachos de uvas, produto de excelência da região. Ao nível das ombreiras o reboco encontra-se recortado.
- Os dois vãos dos eixos laterais são de menores dimensões, mas têm um traçado semelhante com arcos do tipo tardogótico menos trabalhados.
- Tem um relógio de sol e dois bancos adossados ao longo da fachada.
- A casa é construída em alvenaria rebocada e caiada, só com um reforço de blocos de pedra parcialmente aparelhada nos cunhais.
- O interior, apesar de alterado para albergar uma nova função, preserva a estrutura de tipo consolidado de três tramos, ainda bem identificável em planta.
- Conserva duas namoradeiras.



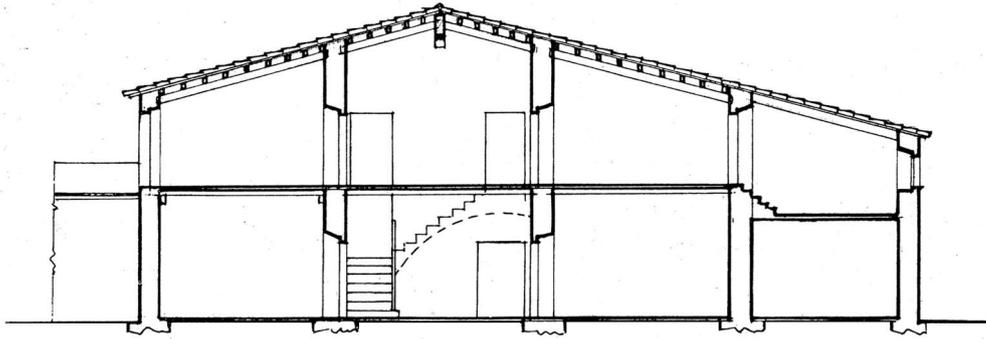


ALÇADO SUL
ESCALA 1:200

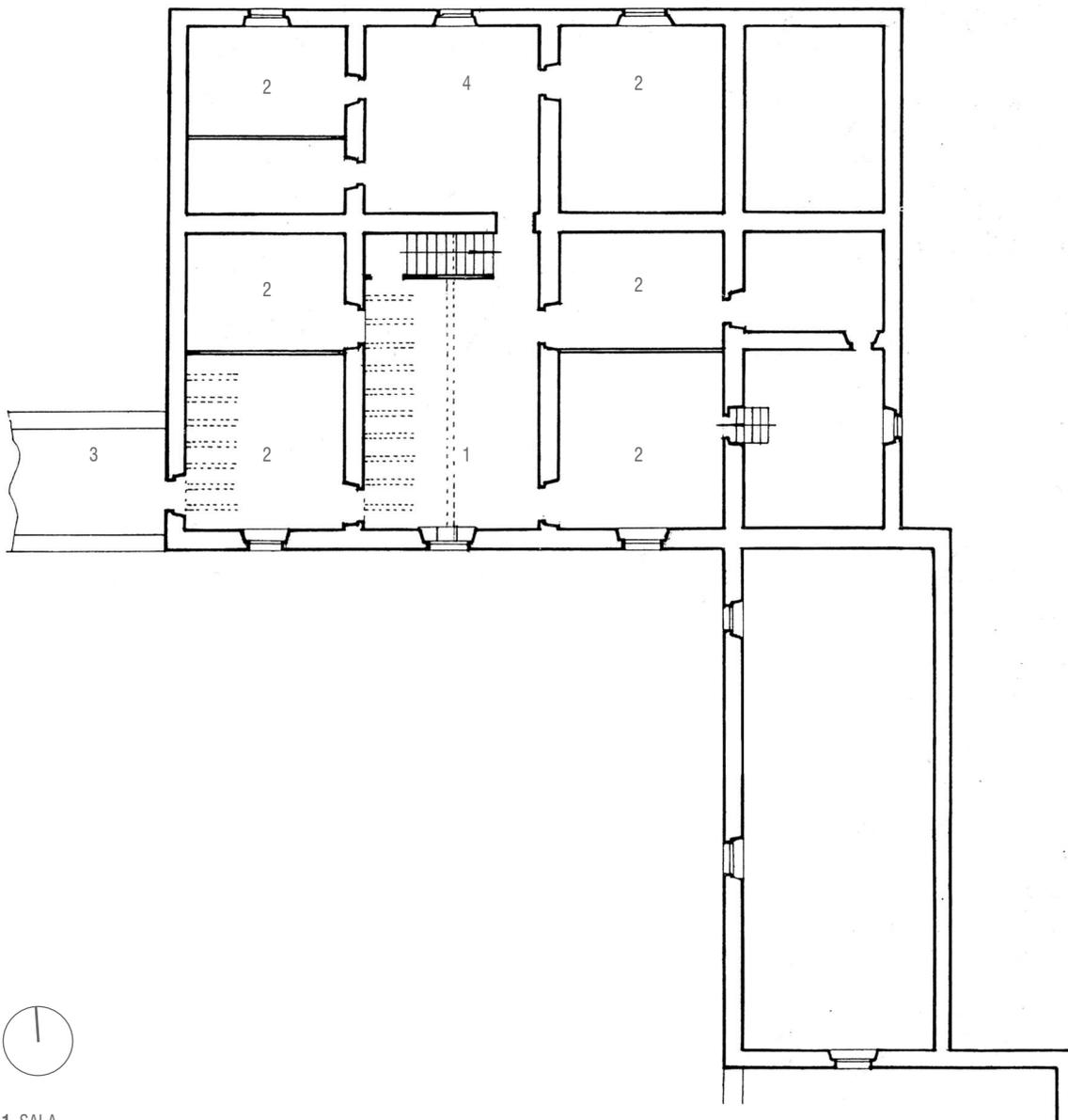


- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA
- 3. ADEGA
- 4. ARRECADAÇÃO
- 5. ESTÁBULOS

PISO 1
ESCALA 1:200



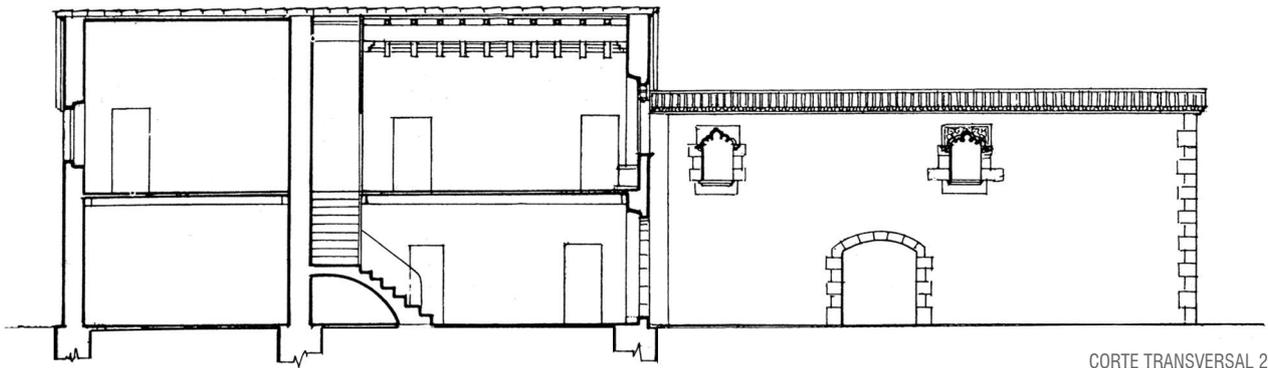
CORTE TRANSVERSAL 1
 ESCALA 1:200



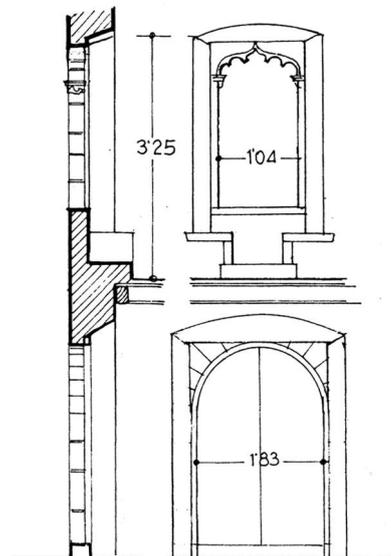
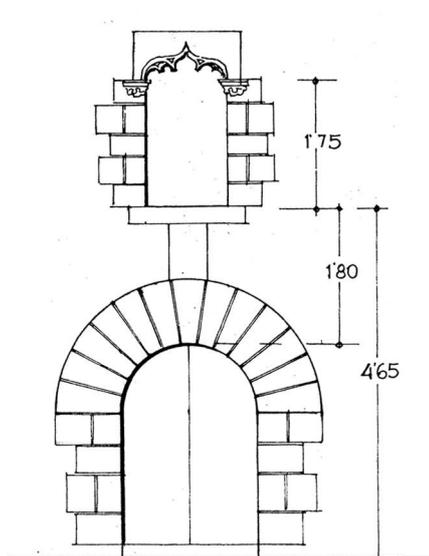
- 1. SALA
- 2. QUARTO
- 3. TERRAÇO
- 4. VESTÍBULO

PISO 2
 ESCALA 1:200

[Desenhos com base no levantamento de 1973, GARÍ (1983), redesenhados por José Pedro Cardoso]



CORTE TRANSVERSAL 2
 ESCALA 1:200



VÃOS
 ESCALA 1:100



4 CAN DOCTOR

LOCAL
Alella

COMARCA
Maresme

Vista geral de Can Doctor
Fachada principal
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação

CONSERVAÇÃO

Bom

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

11.07.2013

DESCRIÇÃO

A propriedade da Can Doctor situa-se a norte da Can Bragulat, é também acedida pelo caminho da Riera Coma Fosca e está ladeada por dois condomínios. É uma edificação de planta retangular com dois pisos e cobertura de duas águas de onde emerge uma torre de planta quadrada de quatro pisos encostada à fachada posterior. O rectângulo da construção principal é acompanhado, do lado poente, por um outro edifício de dois pisos e telhado de duas águas, que atualmente serve de garagem no piso térreo, e, do lado nascente, por um pequeno corpo de um piso e cobertura em terraço, também acessível por uma escada desde o exterior. Todos estes corpos excrescentes devem ser resultado de sucessivas ampliações, necessários para complementar com funções habitacionais, ou de apoio à actividade rural, excetuando a torre. Provavelmente proveniente de uma Idade Média tardia acabou por praticamente não ter uma função militar. É apenas um símbolo de nobreza utilizado como mirante. Pode acrescentar-se que devido à pendente a que a *masia* está sujeita a norte, a torre apenas inicia os seus alicerces ao nível do segundo piso do edificado principal e apresenta uma janela com arco conopial na linha superior e polilobado na inferior (do tipo tardogótico) e inclui no interior um par de namoradeiras. A torre termina em ameias recortadas.



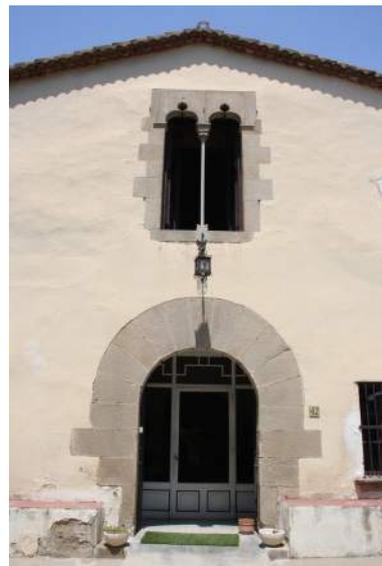
Existe uma escada externa do lado nascente para acesso directo ao piso superior da edificação original.

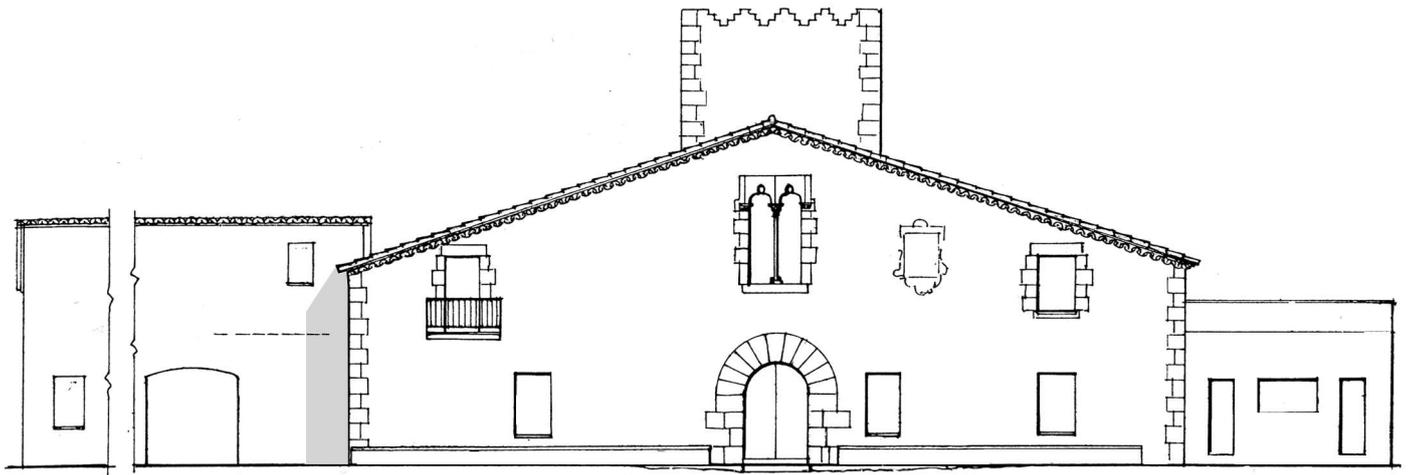
A configuração interna da *masia* não está projectada de acordo com o tipo clássico. Os tramos estão organizados paralelamente à fachada principal, com o tramo central de maior dimensão, ladeado por dois tramos de planta quadrada e rematado com um outro tramo cujo comprimento ainda excede, por pouco, a soma das larguras dos outros corpos. Existe, portanto, uma parede portante que atravessa longitudinal e paralelamente à fachada sul.

A habitação dos proprietários divide-se pelos dois pisos. No passado o piso térreo adaptava algum espaço para as lojas agrícolas, enquanto o piso superior estaria reservado à sala e aos quartos. Atualmente parte deles estão no tramo norte, dividido em cinco quartos, alguns dos quais intercomunicantes, no entanto, não é possível assegurar que esta tenha sido a compartimentação primitiva. O quarto correspondente ao eixo central está elevado em relação ao restante piso e pode ser acedido por duas pequenas escadas axiais, uma pela sala e outra pelo quarto contíguo. A partir deste quarto central também se pode aceder à torre.

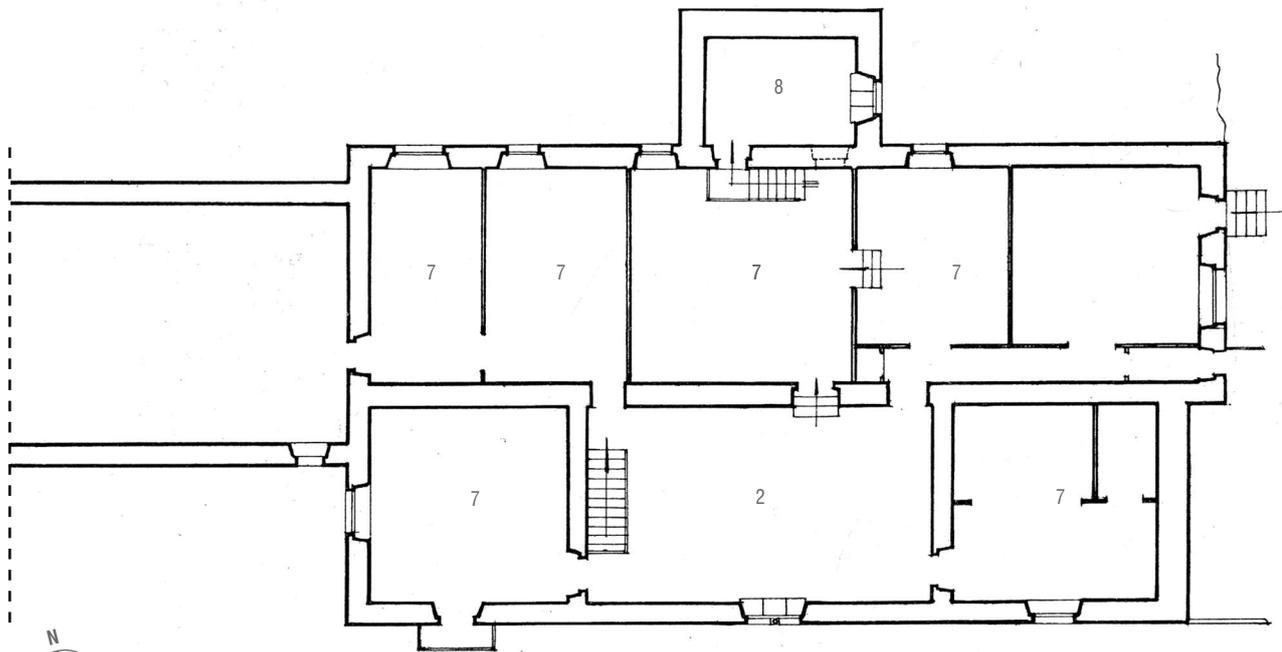
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- Um dos tramos menores de planta quadrangular é coberto por uma abóbada de arestas.
- A fachada principal inclui um portal constituído por aduelas em arco de volta perfeita com o reboco recortado ao nível as ombreiras, uma janela de sacada de arco trilobado e consola cerâmica suportada por uma estrutura de metal e um ajimez. Os restantes vãos têm molduras simples em cantaria, sendo dois deles caiados. O telhado remata em beiral duplo.
- O edifício que serve de garagem destoa do núcleo edificado pela sua alvenaria de pedra à vista, pelos vãos modificados e acabamentos pobres ou mal executados. A cobertura do piso térreo é feita com ladrilho cerâmico (*revoltó ceràmic*) típico da Catalunha.



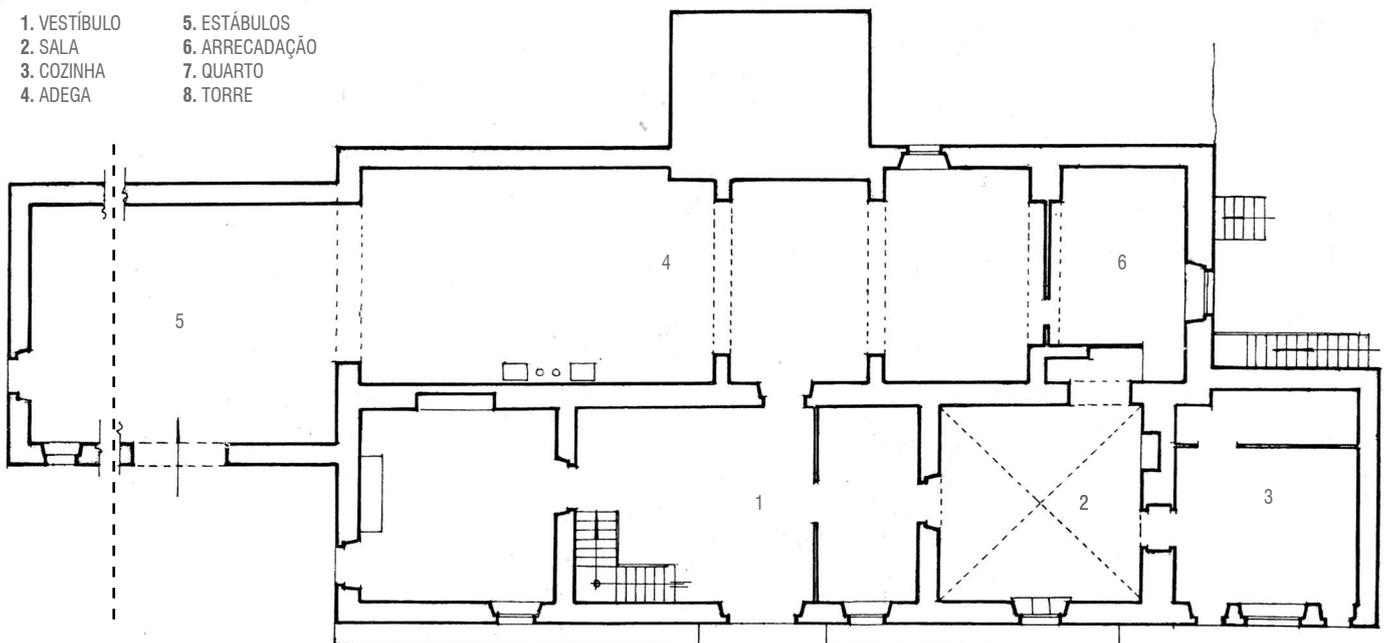


ALÇADO SUL
ESCALA 1:200

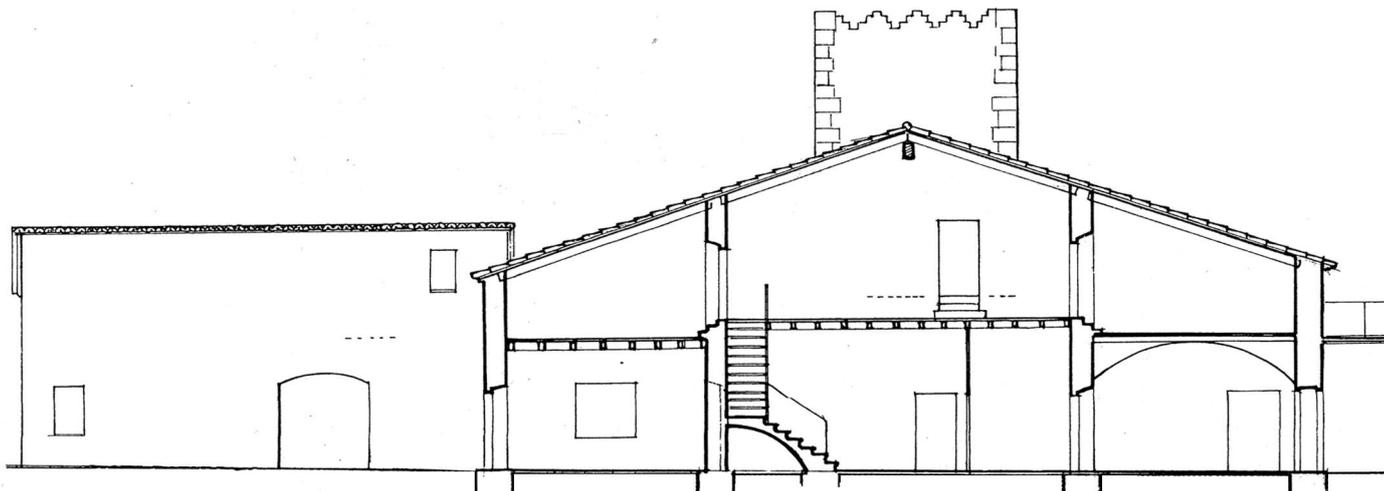


PISO 2
ESCALA 1:200

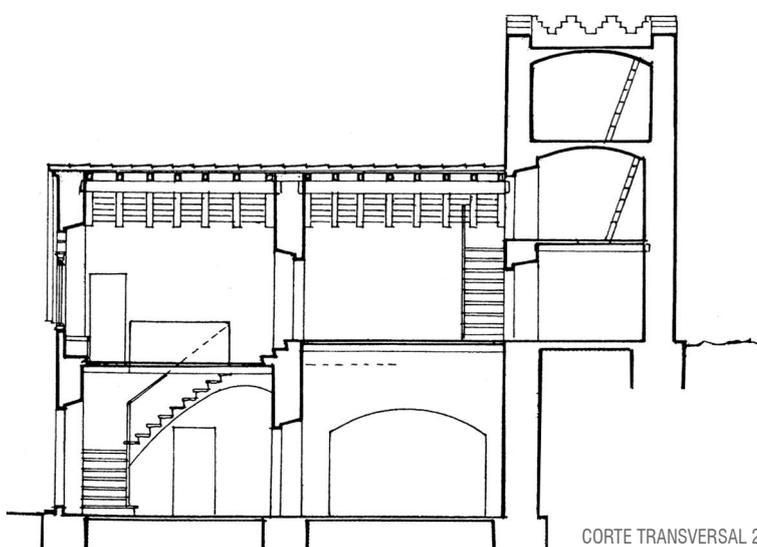
- 1. VESTÍBULO
- 2. SALA
- 3. COZINHA
- 4. ADEGA
- 5. ESTÁBULOS
- 6. ARRECAÇÃO
- 7. QUARTO
- 8. TORRE



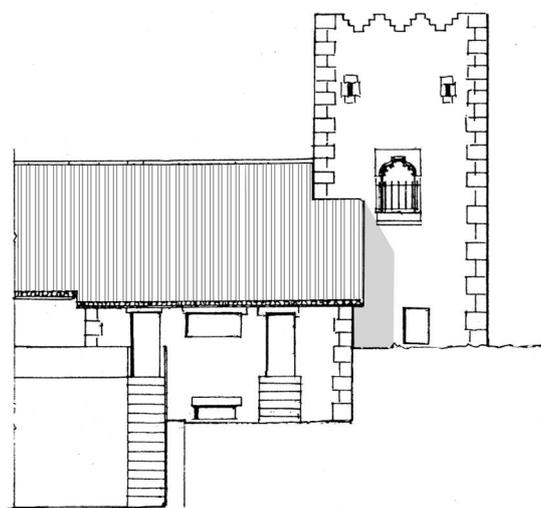
PISO 1
ESCALA 1:200



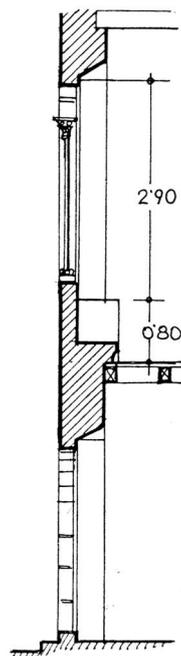
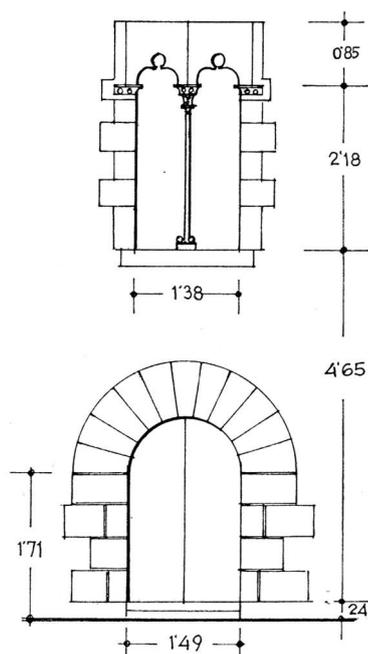
CORTE TRANSVERSAL 1
ESCALA 1:200



CORTE TRANSVERSAL 2
ESCALA 1:200



ALÇADO ESTE
ESCALA 1:200



VÃOS
ESCALA 1:100

[Desenhos com base no levantamento de 1973, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]



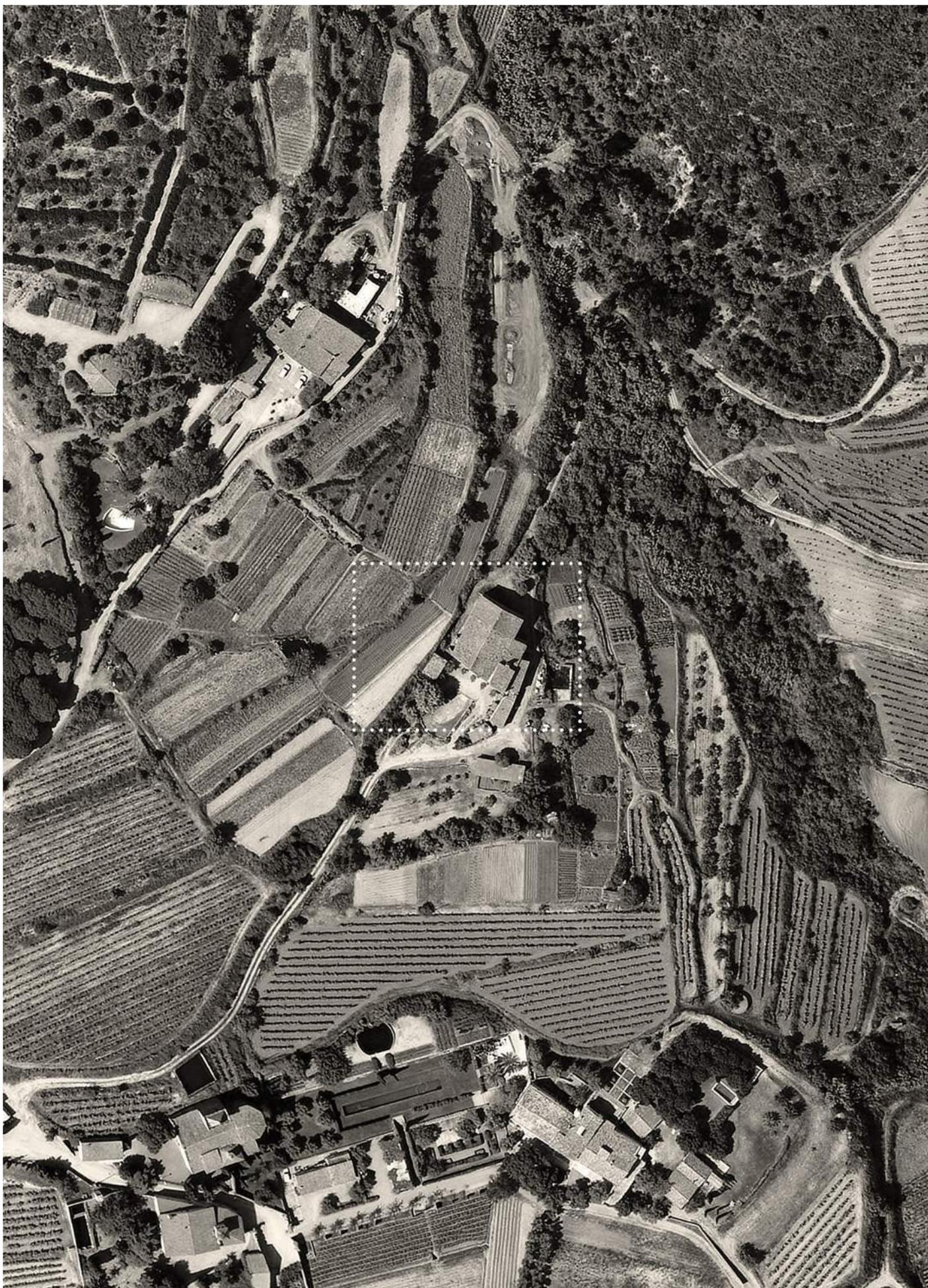
5 CAN FÀBREGUES

LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIII-XV

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudoeste

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação esporádica da família, habitação permanente dos caseiros e apoio à atividade agrícola

CONSERVAÇÃO

Razoável

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

16.07.2013

DESCRIÇÃO

Núcleo rural edificado a norte do centro urbano de Tiana, constituído por um grupo de dependências dispostas em correnteza até chegar ao edifício principal. O acesso a esta *masia* é feito por um caminho que termina num pátio definido por um grupo de edifícios em U, diante da fachada principal, passando por uma eira murada de forma praticamente retangular. A parte habitacional composta por dois pisos, de planta retangular recortada no canto nordeste, tem uma cobertura de duas águas e um corpo que emerge desta, orientado a leste, com uma água e com metade da profundidade deste volume principal. Dispostos perpendicularmente à fachada principal estão três corpos retangulares de um piso e cobertos com um telhado de uma água, dois na ala sudeste do pátio e um na ala oeste. A zona de transição entre a habitação e as dependências revela uma articulação delicada, adaptada para acomodar a entrada da habitação dos caseiros. Do outro lado da correnteza, a sudeste, numa cota inferior à do pátio sensivelmente 1m, é perceptível este corpo encostado ao edifício principal, de dois pisos e uma água, alinhado com os anexos agrícolas. Não muito distante deste está um tanque quadrangular, onde têm início os campos de cultivo.



ASPETOS MAIS RELEVANTES

- Apenas a fachada principal e a da casa dos *masovers* estão rebocadas e pintadas de branco. As restantes superfícies encontram-se em alvenaria de pedra à vista. A frontaria é assimétrica e os vãos estão dispostos a alturas distintas.
- Todos os vãos desta fachada, à exceção da janela tardogótica central, têm verga reta e não apresentam moldura. A janela tardogótica, desfasada do eixo da porta de entrada, simula um típico alfiz na parte superior, onde ressalta um arco com o desenho exterior conopial e interior polilobado com motivos decorativos. Os ângulos das ombreiras são formados por estreitíssimos colunelos com pequenos capitéis e figuras anexadas. A porta de entrada da habitação tem o habitual arco de volta perfeita com aduelas. Esta é flanqueada por dois bancos adossados ao edifício.
- A cobertura é rematada com beiral duplo.
- Em alguns vãos não rebocados é possível perceber que as ombreiras são reforçadas com tijoleira disposta em “pilhas” horizontais e que as vergas podem ser em tijoleira ou em madeira, como é o caso de dois vãos diminutos na fachada nordeste.
- Na empena noroeste há dois contrafortes com 1m de distância entre si.
- A eira é pavimentada com ladrilhos cerâmicos e não está completamente murada.





6 CAN ANDREU

LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme

Vista geral de Can Andreu

Vista parcial

Fachada principal

Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIV-XV

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudoeste

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação

CONSERVAÇÃO

Bom estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

16.07.2013

DESCRIÇÃO

A casa rural de Can Andreu e todo o seu conjunto construído estão implantados no alto de uma elevação que domina visualmente grande parte dos terrenos de cultivo da propriedade. A fachada principal é instantaneamente vista no caminho que lhe dá acesso, e que desemboca num pátio ladrilhado e ladeado a noroeste por um alpendre e um anexo agrícola, de contornos retangulares e cobertos com telhados de uma água, e a sudeste por uma pérgula encostada à *masia* e à guarda que protege este pátio elevado.

A habitação principal, de perímetro retangular recortado a noroeste, tem dois pisos e uma cobertura de duas águas com a cumeeira perpendicular à fachada principal. Nas traseiras encontram-se algumas dependências de forma retangular, de um piso e telhado de uma água, um tanto afastadas da habitação e dispostas perpendicularmente à fachada, criando um pátio. Não foi analisado o seu interior nem o interior das dependências.

A fachada principal, rebocada e pintada de branco, reflecte uma irregular distribuição dos vãos e uma variedade das suas dimensões e molduras. No piso térreo o portal desfasado do eixo central da cumeeira tem uma moldura com aduelas em arco de volta inteira e com o reboco recortado em relação às ombreiras.



ASPETOS MAIS RELEVANTES

- As três janelas deste piso têm verga reta e provavelmente têm molduras que estão rebocadas e caiadas. O piso superior tem duas janelas tardogóticas semelhantes, embora a de maiores dimensões esteja sobre a porta de entrada. Ambas são em cantaria com as molduras recortadas e com arcos com uma linha externa conopial e uma linha interna polilobada. As outras duas janelas da frontaria são diminutas e têm molduras de cantaria simples, embora com recortes.
- O telhado remata em beiral triplo.
- Existe um pequeno sino próximo de um vão do piso superior da fachada principal.



7 CAN ROS

LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Este

FUNÇÃO ACTUAL

Instalações da Sede do Coro de Juventude de Tiana

CONSERVAÇÃO

Bom

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

18.07.2013

DESCRIÇÃO

Pequena edificação integrada no centro urbano de Tiana junto à praça do Ajuntament, a uma cota superior e rodeado por outros edifícios na fachada sul e oeste. Este é um exemplo de *masia* que estaria integrada numa comunidade formada por outras casas rurais, como a Ca'l Anglada e a Can Matas, que vão ser descritas em seguida. O edifício rectangular de dois pisos e cobertura de duas águas apresenta uma fachada semelhante a tantas outras do grupo II, pelo seu portal de entrada construído com aduelas em arco de volta inteira e pelas duas janelas do tipo tardogótico do segundo piso. Não atinge uma simetria rigorosa, como se pode perceber pela linha demarcada pela cumeeira descentrada dos vãos.





8 CA L'ANGLADA - CASA MET

LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme

Vista parcial da fachada principal de Ca l'Anglada
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação

CONSERVAÇÃO

Razoável

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

18.07.2013

DESCRIÇÃO

Pequeno núcleo construído localizado em ambiente urbano, mal conservado e constituído por duas partes facilmente identificáveis: a *masia* de planta quadrilátera irregular, com dois pisos e telhado de duas águas, e a habitação mais recente, provavelmente construída no século XVI-II, encostada à empena nascente, de planta vagamente trapezoidal com três pisos e cobertura de duas águas rematada por uma platibanda. Existe ainda um pequeno corpo na empena poente virado para a rua e que antigamente tinha comunicação interna com a *masia*. Em frente a este conjunto edificado o pavimento encontra-se lajeado e parece revelar uma certa antiguidade, sobretudo na área circundante à entrada da casa, talvez validado pela marca do desgaste na soleira (passagem de carroças).

A configuração da fachada principal do edifício primitivo evidencia um esforço para atingir um certo rigor e simetria, impossibilitado pelo tramo direito, de cobertura sobrelevada e com dois vãos simples de verga reta no segundo piso, em oposição à janela tardogótica do tramo esquerdo. As janelas que flanqueiam a porta principal estão cobertas por um manto vegetal e por um banco em L adossado à fachada, dificultando a observação. Mas, segundo o levantamento de Bonet i Garí¹, teriam uma moldura em

¹ GARÍ, 1983: p. 217.



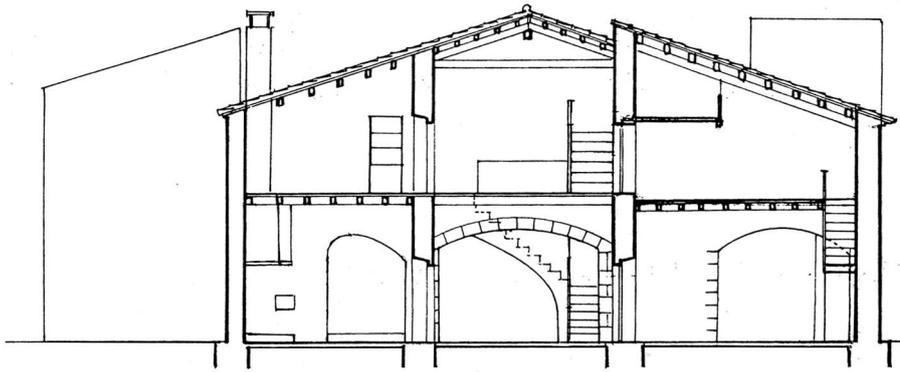
cantaria com verga reta. Não foi possível analisar o interior desta edificação.

O edifício recente tem uma linguagem distinta, modernizada e regida por uma rigorosa composição axial dos vãos da fachada, sobretudo no segundo e terceiro pisos, que não foram objectos de remodelações e ampliações, como é o caso do piso térreo, que alteraram a leitura da fachada. Os vãos não têm guarnições, com a exceção da pedra de peito, e existem algumas janelas de sacada com uma pequena varanda. A fachada, impecavelmente rebocada, é rematada por cornija e platibanda, que esconde o telhado.

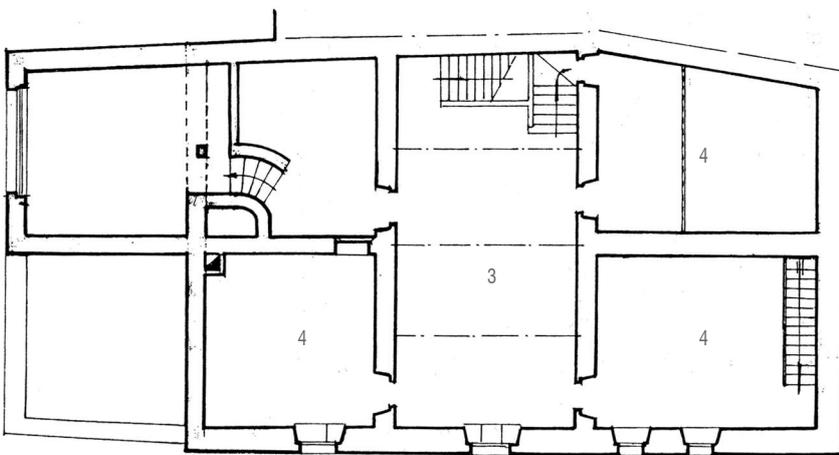
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- O portal é constituído por uma verga curva em tijoleira e ombreiras em pedra aparelhada, encimada pela inscrição da data de reconstrução (1672), sufocada pelo recente revestimento de cimento.
- Conserva duas janelas de tradição gótica, no piso superior, com conversadeiras nos vãos. Os arcos, apoiados sobre mísulas com enrolamentos decorativos, têm um desenho conopial externo e um desenho polilobado interno, enquadrados por um alfiz.



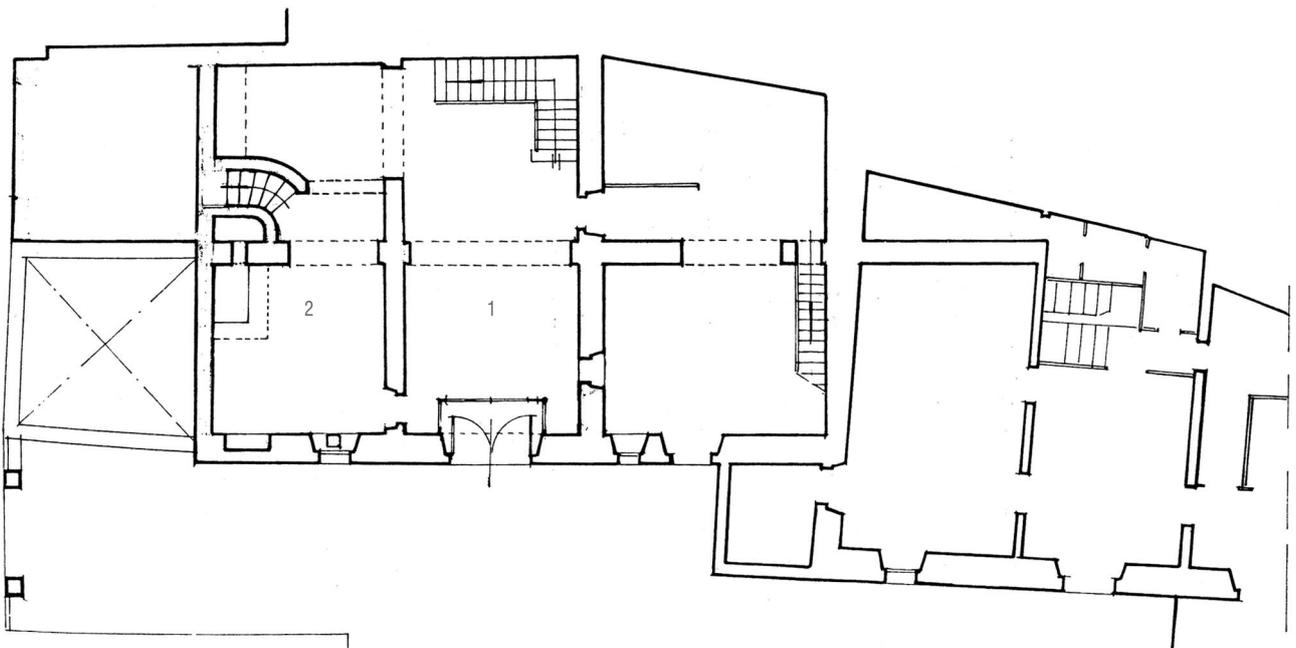


CORTE TRANSVERSAL 1
ESCALA 1:200



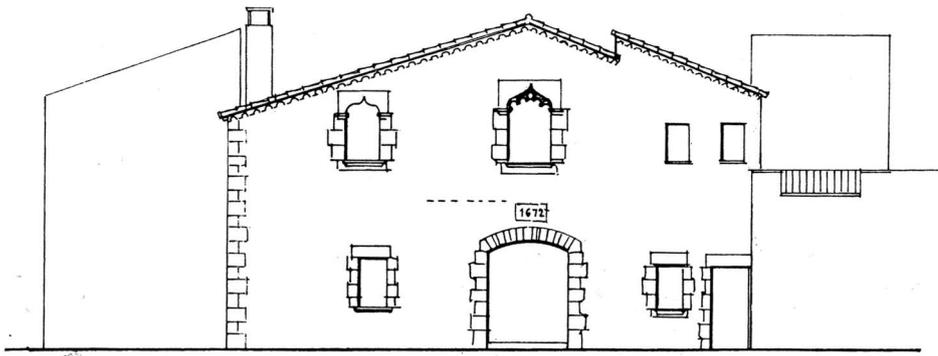
- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA
- 3. SALA
- 4. QUARTO

PISO 2
ESCALA 1:200

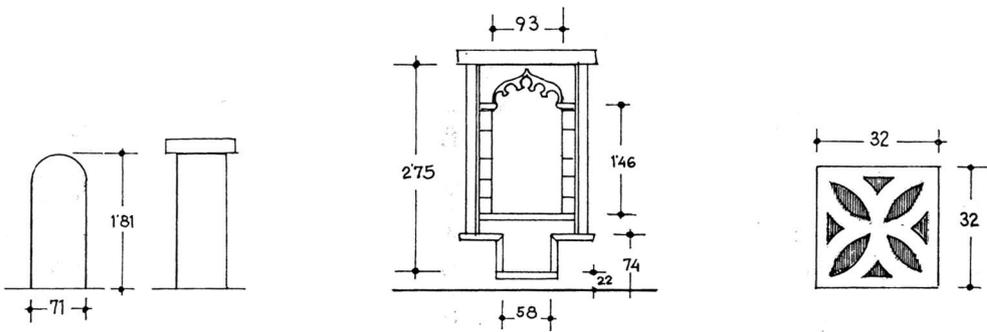


PISO 1
ESCALA 1:200





ALÇADO SUL
ESCALA 1:200



PORMENORES



9 CAN GAJETANO

LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme

Vista parcial de Can Gaietano
Vista parcial da fachada principal com mulher na lavoura
Fachada principal
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIV-XVI

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudoeste

FUNÇÃO ACTUAL

Devoluto

CONSERVAÇÃO

Ruína

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

19.07.2013

DESCRIÇÃO

Do antigo núcleo construído desta propriedade já só se encontra de pé a edificação principal, muito amputada e degradada, e um tanque, de forma retangular alongada, já sem água. A *masia* está inserida num pequeno aglomerado de moradias, mas consegue estabelecer contacto visual com a Can Costa a noroeste.

A *masia* tem uma planta vagamente trapezoidal de dois pisos, originalmente coberta por um telhado de duas águas que se prolongava até ao tanque, a nascente, e criava uma zona exterior coberta, provavelmente para desenvolver atividades relacionadas com a labuta rural.

Hoje a edificação encontra-se abandonada, parcialmente derrubada e com vestígios de uma tentativa de reabilitação interrompida. No entanto, ainda é possível reconhecer a sua estrutura essencial, nomeadamente o seus tramos, e a organização dos compartimentos principais. Tem quatro tramos contíguos e perpendiculares à fachada principal e um tramo transversal, correspondente à adega, que preenche toda a largura da edificação a tardoz. Apenas se conservou parte da cobertura do tramo central e do tramo direito e toda a secção poente parece ter entrado em ruínas. Surpreendentemente, existe parte de um tramo, o mais estreito, reservado às escadas em L que dão acesso ao segundo piso e estão encostadas à fachada, ao contrário da disposição habitual que seria ao fundo do tramo central.



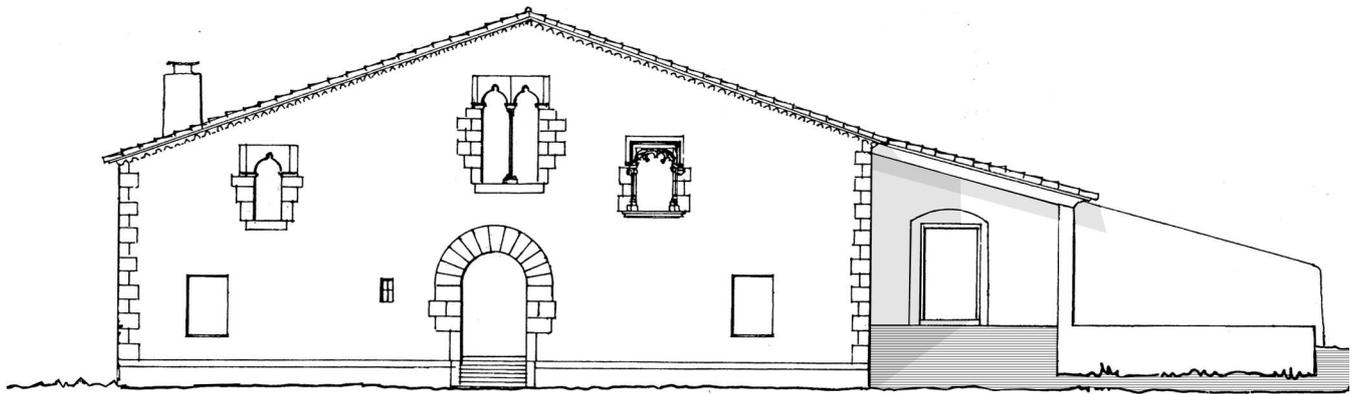
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- Tem três janelas góticas: uma janela geminada central do século XIV¹ com dois arcos que deveriam estar apoiados num colunelo, atualmente um suporte metálico, a janela direita do século XV² com um arco trilobado com motivos decorativos e, finalmente, à esquerda, uma janela de arco conopial deficientemente apoiada numa parede inacabada.
- O telhado remata em beiral duplo
- A *masia* é em grande parte construída em alvenaria de pedra com alguns elementos cerâmicos, rebocada e caiada, e excepcionalmente encontramos taipa para nivelar e subir as paredes. Os cunhais são reforçados com pedra aparelhada como praticamente todos os casos estudados.
- A sala, situada no segundo piso, apresenta dois arcos torais em cantaria apoiados em mísulas, um dos quais está emparedado com alvenaria de tijolo.
- A janela central tem uma conversadeira no interior.

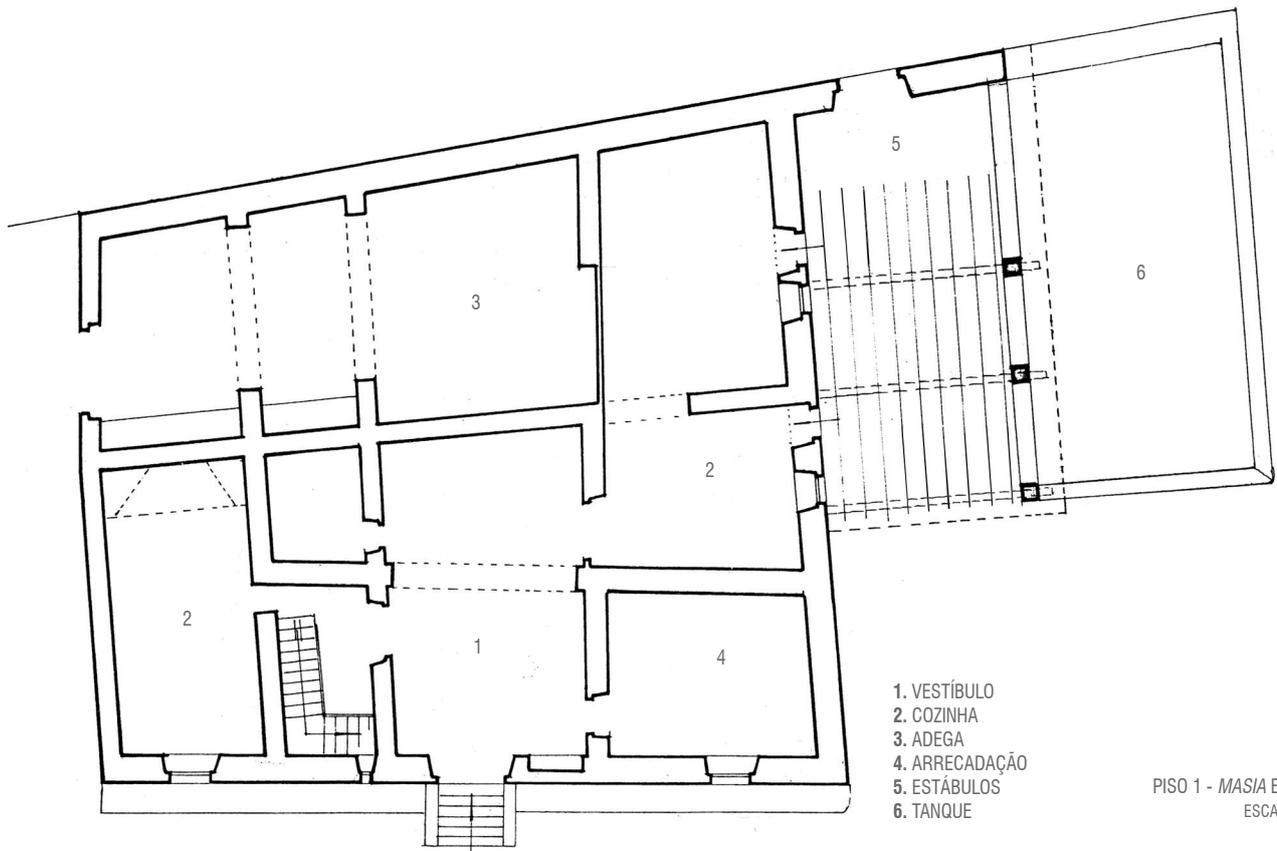


1 GARÍ, 1983: p. x

2 Idem.



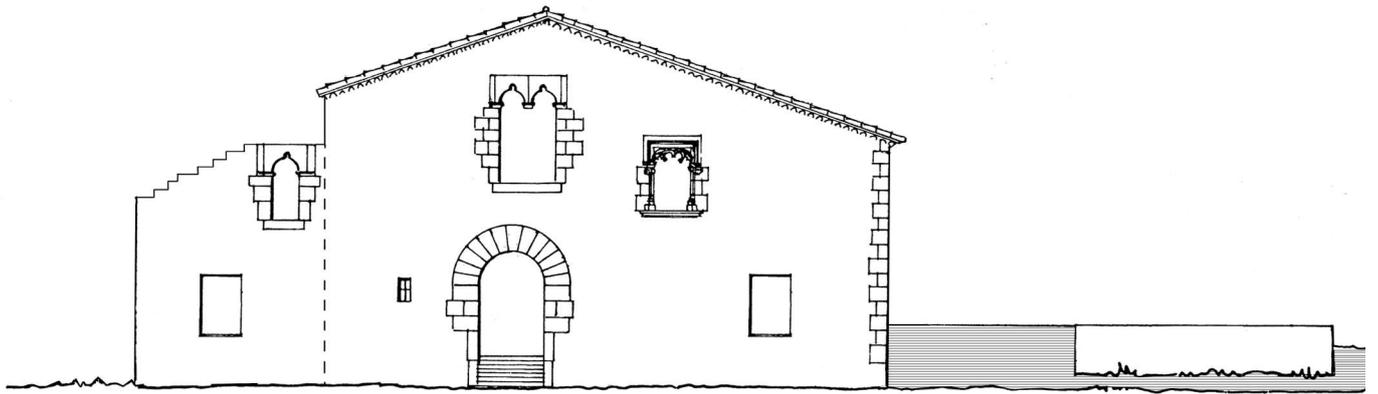
ALÇADO SUDOESTE - *MASIA* EM 1978
 ESCALA 1:200



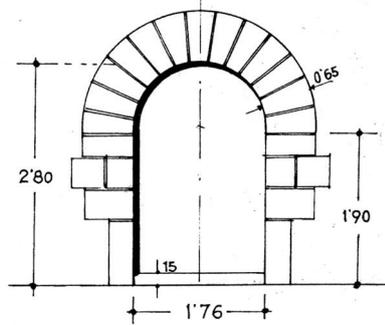
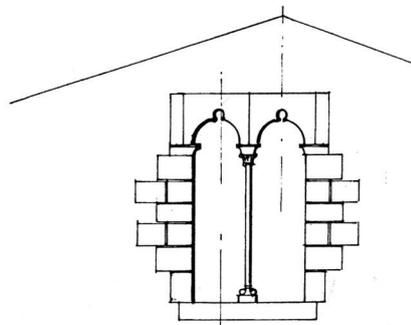
- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA
- 3. ADEGA
- 4. ARRECADAÇÃO
- 5. ESTÁBULOS
- 6. TANQUE

PISO 1 - *MASIA* EM 1978
 ESCALA 1:200

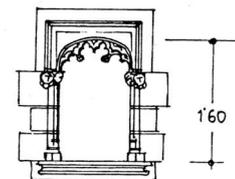
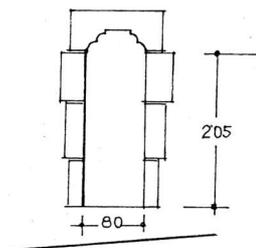
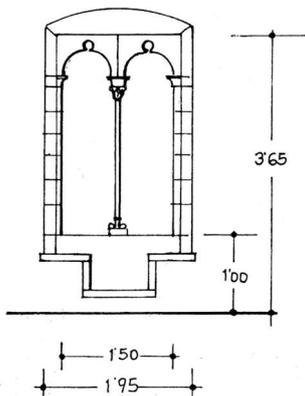




ALÇADO SUDOESTE - ATUAL
ESCALA 1:200



VÃOS
ESCALA 1:100



VÃOS
ESCALA 1:100

[Desenhos com base no levantamento de 1978, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]



10 CASA ALTA

LOCAL
Tiana

COMARCA
Maresme

Vista geral de Casa Alta
Vista interior da sala
Fachada principal

Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIV-XVI

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação

CONSERVAÇÃO

Razoável

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

19.07.2013

DESCRIÇÃO

O conjunto edificado da Casa Alta, como o nome sugere, ocupa um ponto elevado da propriedade, numa plataforma entre terrenos declivosos e cercado por um bosque a sul, que o torna despercebido na paisagem. A *masia*, inserida num rigoroso rectângulo, está ladeada, a nascente, por uma fiada de dependências com um ou dois pisos e coberturas de uma água e, a poente, por um recinto murado, espaço doméstico e de recreio da família (caseiros). Existe também um espaço fronteiro murado com a entrada a leste, constituída por um arco rebaixado executado com tijoleira posta a cutelo, posteriormente rebocado e caiado. Não foi possível aceder ao interior, contudo, tendo em conta os documentos existentes¹, é perceptível a estrutura base do tipo consolidado na edificação primitiva, que se reflete também na fachada principal assimétrica. A casa desenvolve-se ao longo do tardo com prováveis ampliações parcelares.



¹ GARÍ, 1983: p. 180

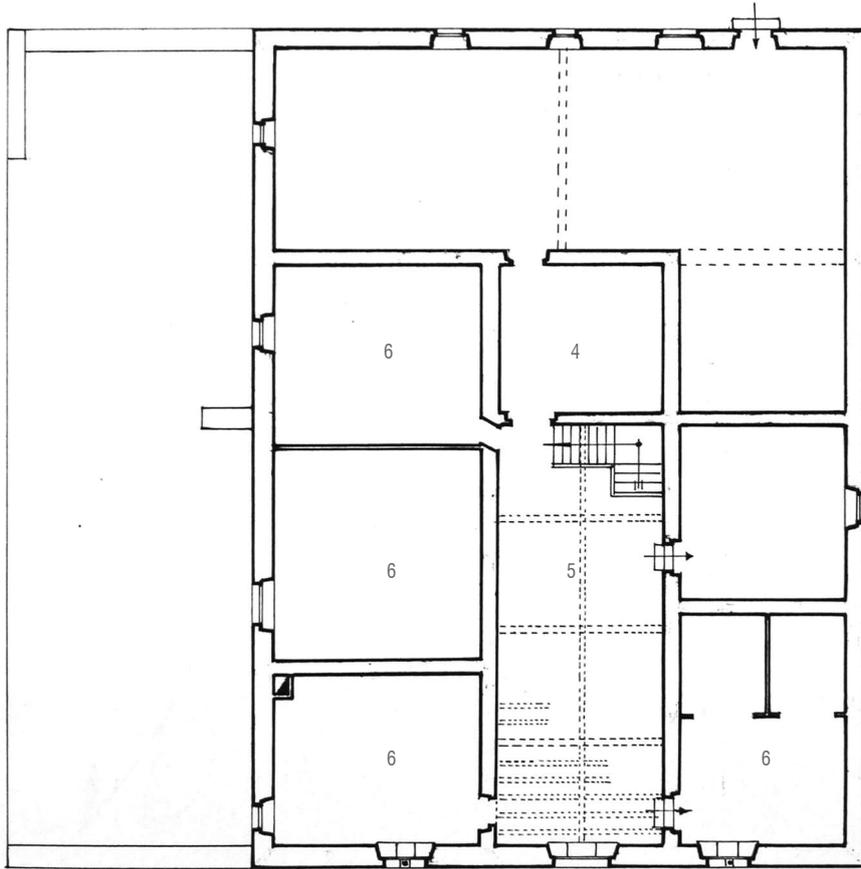
ASPETOS MAIS RELEVANTES

A sala inclui um sistema estrutural invulgar para sustentar a cumeeira, com escoras de madeira alongadas.

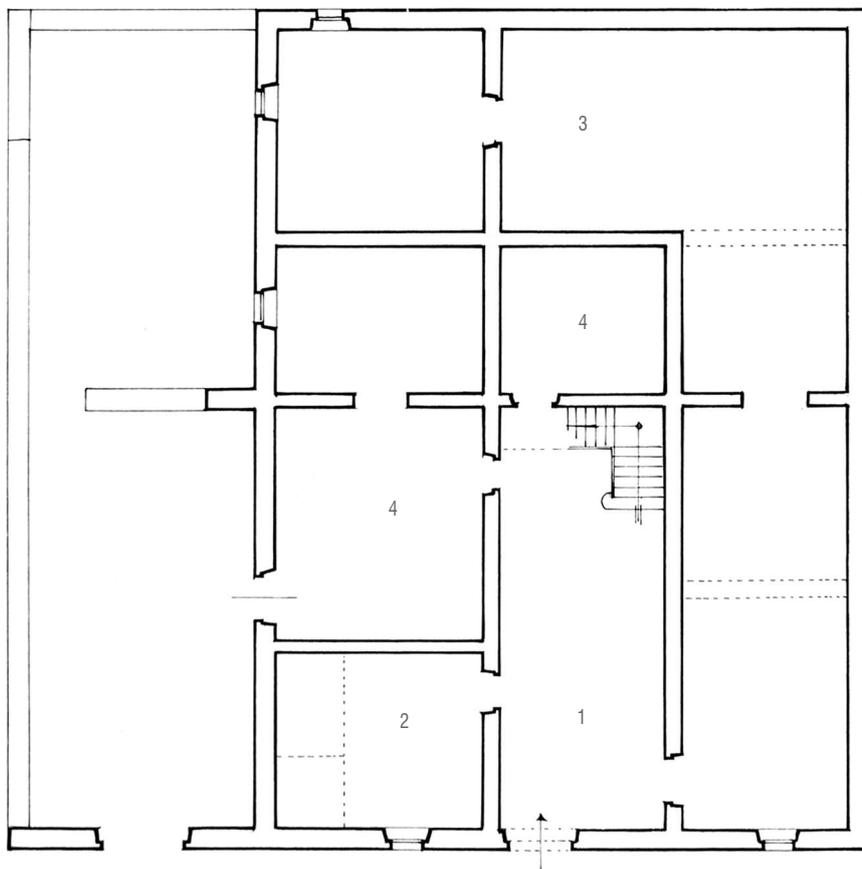
Tem dois ajimezes nos eixos laterais, atualmente sem o colonelo entre os dois arcos. É visível uma sugestão de alfiz sobre um remate decorativo e apoiado em pedra aparelhada. A janela central tem uma moldura simples em cantaria com um grande lintel onde está inscrita a data 166[6] e inclui uma espécie de esgrafitado classicizante a emoldurar o vão, tal como a janela esquerda.

O reboco caído na frontaria revela uma alvenaria de pedra e taipa sobretudo sobre os lintéis das janelas próximo da cobertura. Os cunhais são reforçados com pedra aparelhada.





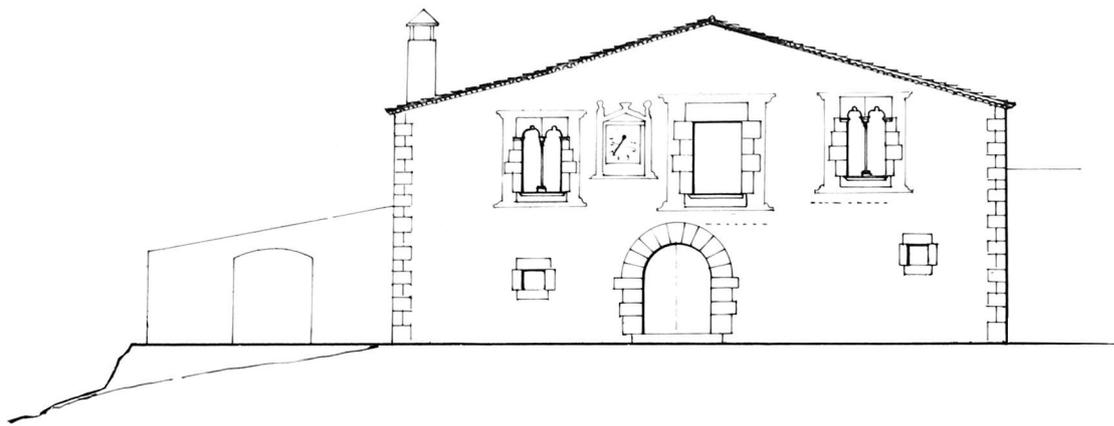
PISO 2
ESCALA 1:200



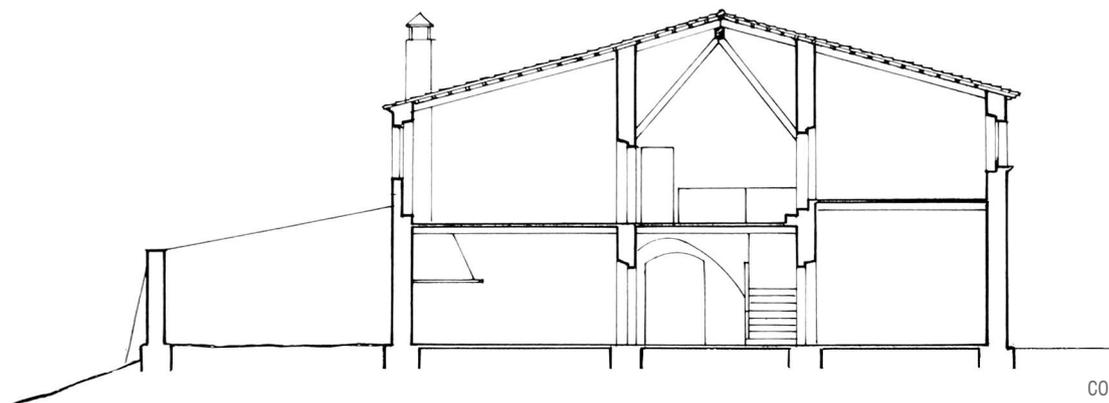
- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA
- 3. ADEGA
- 4. ARRECADADO?
- 5. SALA
- 6. QUARTO

PISO 1
ESCALA 1:200

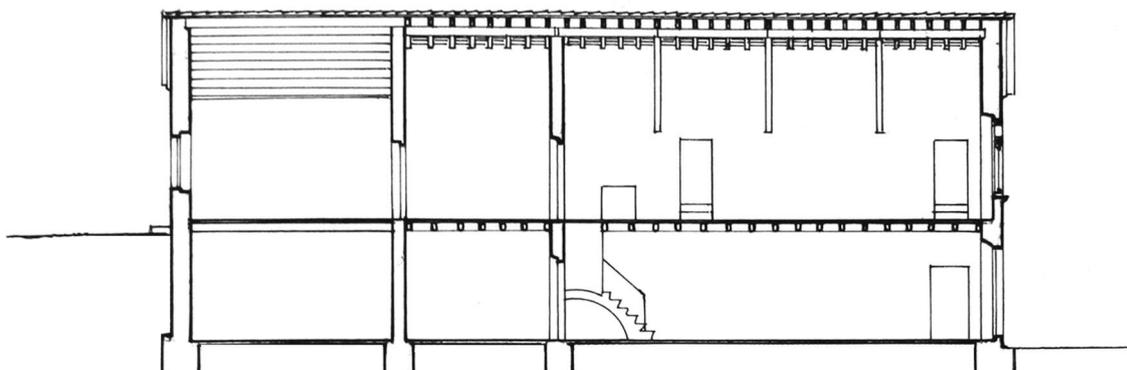




ALÇADO SUL
ESCALA 1:200



CORTE TRANSVERSAL 1
ESCALA 1:200



CORTE TRANSVERSAL 2
ESCALA 1:200

[Desenhos com base no levantamento de 1974, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]



11 CAN VILÀ

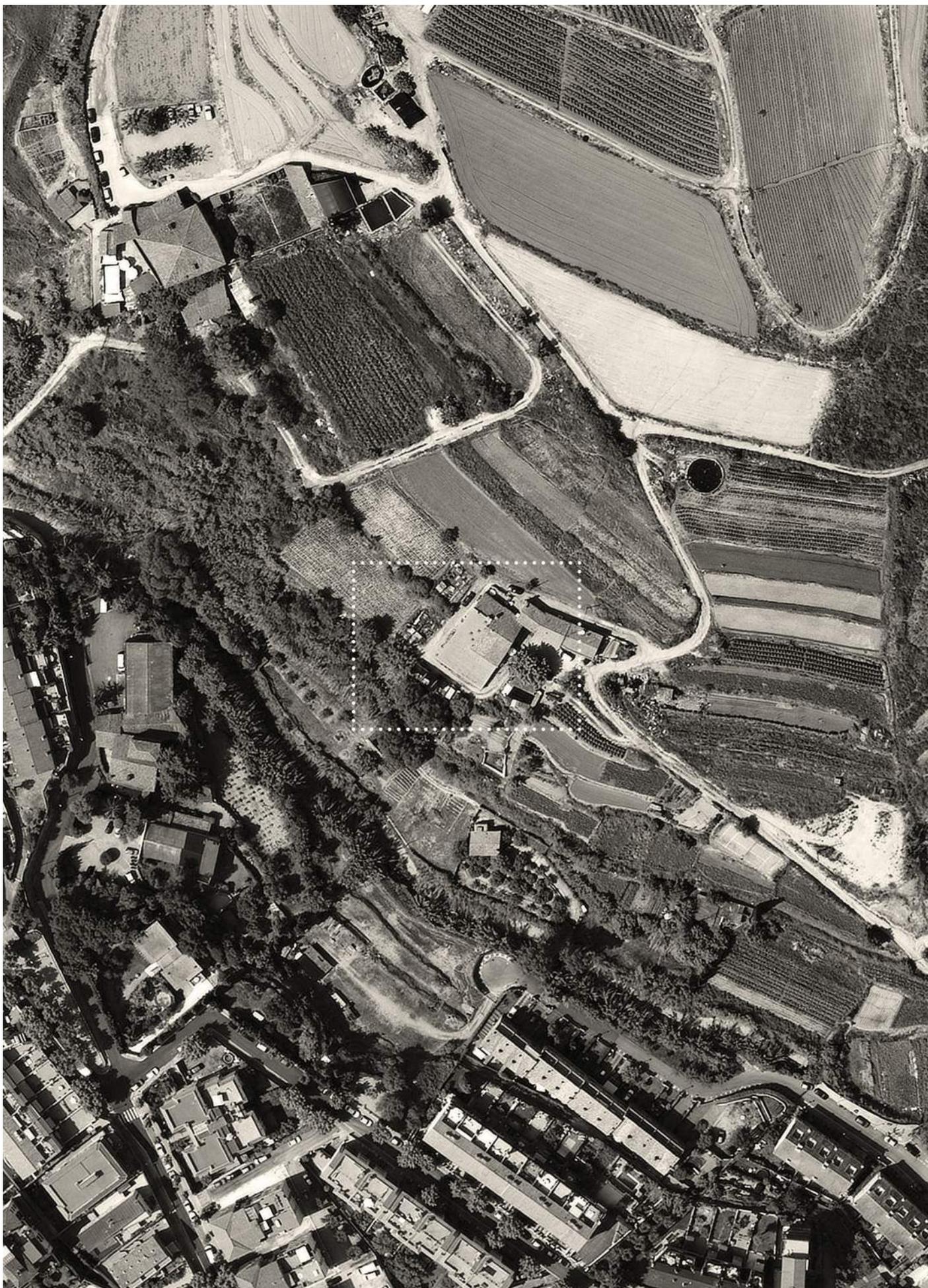
LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme

Fachada principal de Can Vilà
Interior do tramo central com escadas
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIV-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudeste

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação, apoio à atividade agrícola

CONSERVAÇÃO

Razoável

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

19.07.2013

DESCRIÇÃO

O núcleo edificado, actualmente formado por construções muito distintas na tipologia e na cronologia, dispostas em L, desenvolve-se a meio de uma colina, muito próximo da Can Roca e do tecido periférico de Tiana. A habitação original de contorno retangular com dois pisos e cobertura de duas águas, semelhante a muitas outras *masies* do Maresme do tipo II, encontra-se entalada entre os três edifícios modernos que se projectam perpendicularmente a partir do canto nordeste, e dois corpos que envolvem a habitação a poente e a tardoz. Ambos têm um piso, embora o corpo que está por trás tenha um grande pé-direito (quase duplo pé-direito) e coberto por um telhado de duas águas, em que uma delas se prolonga para cobrir o corpo lateral. O corpo a tardoz comunica internamente com a habitação. Os outros três edifícios do século XX, também de dois pisos e com cobertura de duas águas, causam uma certa perplexidade à aproximação: o desenho moderno da fachada lembra um prédio urbano.

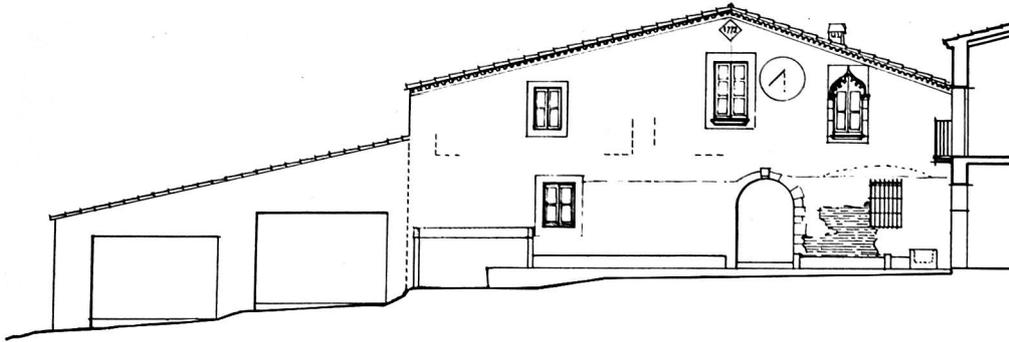
A propriedade é pontuada com outras pequenas dependências de apoio à actividade agrícola que ainda mantém. O espaço nuclear, de trabalho e de lazer do mas, é, sem dúvida, a área do interior do L.



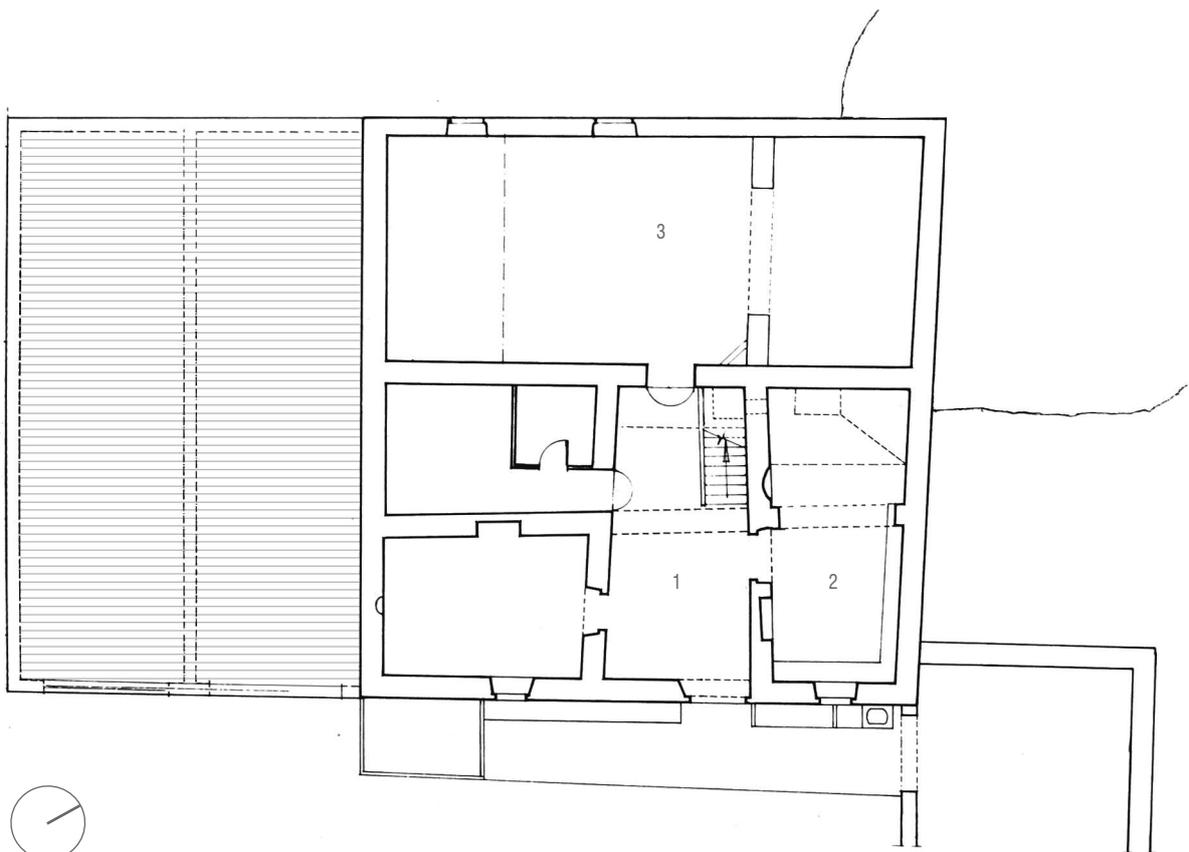
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A fachada assimétrica inclui um portal de arco de volta inteira com aduelas em pedra, desencontrado do eixo da cumeeira e flanqueado por dois bancos adossados. As duas janelas do piso inferior não apresentam moldura e têm verga reta. Os vãos do segundo piso estão a diferentes distâncias e alturas: destaca-se a janela do eixo lateral direito, com um desenho externo conopial e um desenho interno polilobado (do tipo gótico), e duas janelas com molduras simples em cantaria e com pedras de peito salientes.
- O telhado é rematado em beiral duplo.
- Apresenta uma estrutura base do tipo consolidado, ou seja, com três tramos, atravessados por uma parede portante, onde se abrem dois grandes arcos.



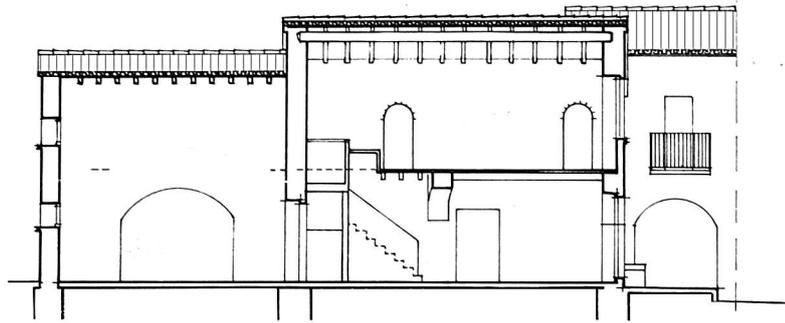


ALÇADO SUDESTE
ESCALA 1:200



- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA
- 3. ADEGA

PISO 1
ESCALA 1:200



CORTE TRANSVERSAL
ESCALA 1:200



12 CAN ORIACH

LOCAL

Teià

COMARCA

Maresme

Vista parcial da fachada principal de Can Oriach
Vista parcial da fachada principal
Fonte: GARÍ, 1983, p.239 e 241.



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIV-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudeste

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação, apoio à atividade agrícola

CONSERVAÇÃO

Razoável

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

22.07.2013

DESCRIÇÃO

O núcleo construído da Can Oriach está localizado num terreno a norte do centro urbano de Teià, onde a pendente é claramente mais acentuada em direção à *Serralada Litoral*, implantado no cimo de um monte que domina todos os campos em redor. O conjunto edificado aparenta uma existência feita de ampliações e remodelações constantes. A sua origem remonta ao século XIII, e está documentada desde 1269. A atual habitação está inscrita num retângulo, mais ou menos regular, predominantemente, com dois pisos e diferentes coberturas. A secção central da casa é constituída por um tramo em L, dividido pela escada que está apoiada na fachada principal, e por um tramo menor que preenche o ângulo interno do anterior. Ambos os tramos têm dois pisos e um telhado de duas águas. Na empena nordeste encosta um bloco paralelepípedo de dois pisos, coberto pelo prolongamento da água do telhado principal, onde só recentemente foi aberta uma passagem para a habitação. Serve de adega e de apoio à atividade agro-pecuária. No lado oposto estão encostados dois corpos de planta quadrada e com telhados de uma água: um de dois pisos, à frente, que lembra uma torre, e o outro de um piso, ambos com ligação ao interior da *masia*. Na fachada sudoeste existia uma correnteza de anexos adaptados ao terreno, atualmente reformados,



resultando num corpo em L de um piso, coberto por um telhado unificado de três águas. Foram também acrescentados dois corpos no tardo com telhados independentes de uma água e uma série de construções (pocilgos, capoeiras?) ao longo do muro de suporte da plataforma retangular, sobrelevada, que funciona como um pódio de entrada para a casa rural. A nordeste, numa cota inferior, está implantada uma grande edificação fabril, de planta retangular com estrutura metálica e telhado de duas águas em chapa de alumínio, para a produção e criação de coelhos.

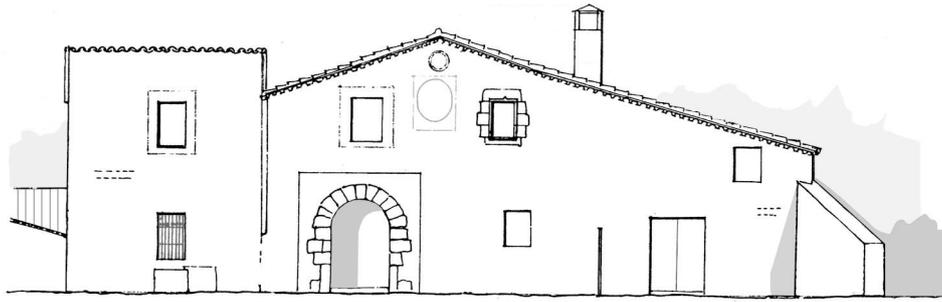
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A frontaria é assimétrica e todos os vãos têm uma moldura esgrafitada do tipo classicizante, inclusivamente no portal em arco de volta inteira com aduelas. São vãos simples sem guarnições (apenas ladrilho cerâmico no peito), à exceção de uma janela que expõe a sua construção em pedra aparelhada com as arestas chanfradas.
- O espaço exterior à frente da casa é parcialmente pavimentado com tijoleira.

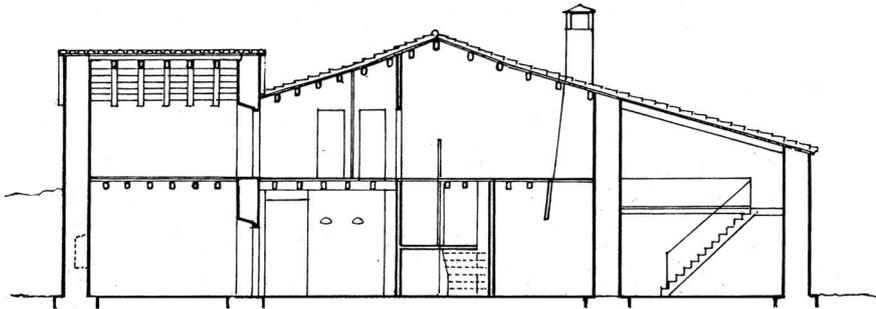
Há um relógio de sol na fachada principal, recentemente restaurado, com as datas das principais obras inscritas (1269, 1687 e 1999).

- O cunhal este da casa é reforçado por um grande contraforte coberto por telhas.
- O corpo nordeste encostado à masia foi muito reformado no interior, com a alteração da disposição da escada e substituição dos pavimentos por lajes de betão armado. Todas as superfícies encontram-se rebocadas a cimento.
- Conserva-se o pavimento do piso térreo da masia em ladrilho cerâmico quadrangular.
- Tem uma mirilla na parede das escadas.

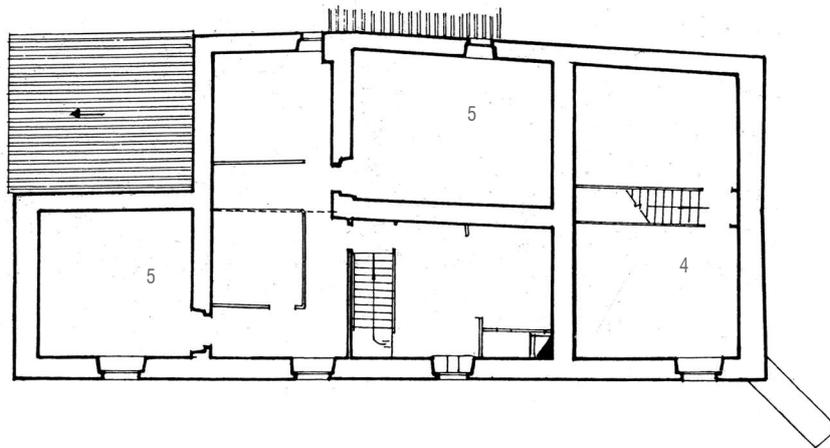




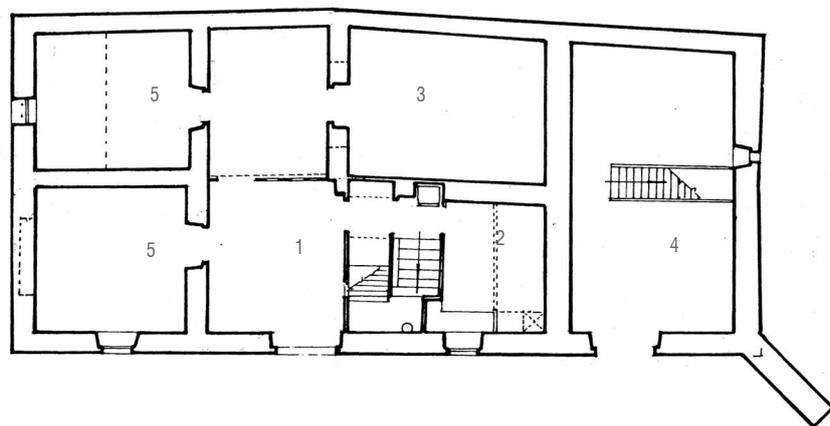
ALÇADO SUDESTE
ESCALA 1:200



CORTE TRANSVERSAL 1
ESCALA 1:200



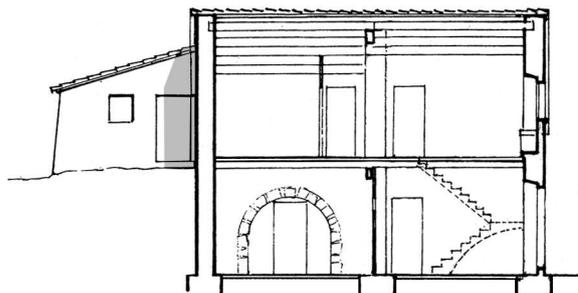
PISO 2
ESCALA 1:200



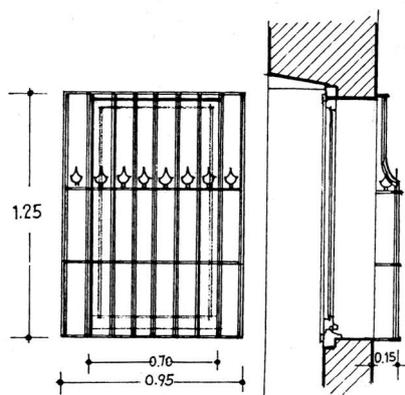
PISO 1
ESCALA 1:200



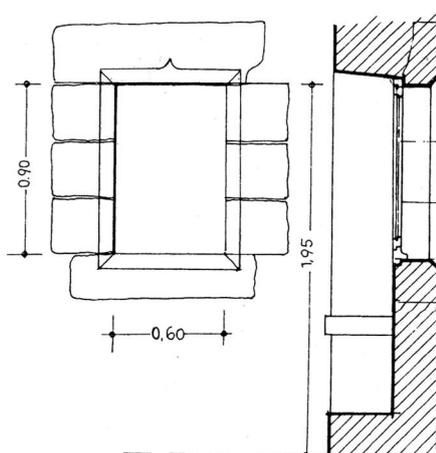
- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA
- 3. ADEGA
- 4. ARRECADAÇÃO
- 5. QUARTO



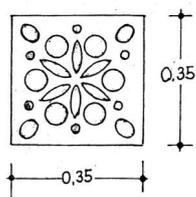
CORTE TRANSVERSAL 2
ESCALA 1:200



VÃO
ESCALA 1:100



VÃO
ESCALA 1:100



MIRILLA



13 CAN LLADÓ

LOCAL

Teià

COMARCA

Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIII-XV

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação, apoio à atividade agrícola

CONSERVAÇÃO

Razoável

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

22.07.2013

DESCRIÇÃO

Maso implantado numa plataforma pouco inclinada de um monte com declive apreciável. É constituído por um conjunto de corpos manifestamente resultantes de sucessivas ampliações que, para simplificar, pode descrever-se como um rectângulo recortado e com excrescências. O caminho de acesso, vindo de oeste, termina à frente da fachada principal, virada a sul, numa espécie de pódio retangular murado nas três faces com vistas para grande parte dos seus campos e para o centro de Teià.

A *masia*, de planta retangular regular de dois pisos e cobertura em telhado de duas águas, tem uma estrutura clássica com três pequenos tramos perpendiculares à frontaria e dois mais, dispostos transversalmente aos anteriores. As paredes desta edificação apresentam uma espessura considerável. Na empena leste está encostado um corpo, de um piso e uma água, com o mesmo comprimento dos três tramos perpendiculares à frontaria. No lado oposto está um pequeno volume de um piso com cobertura em terraço e ligado internamente à habitação. O tardo, por sua vez, é formado por uma amálgama de ampliações e dependências de um ou dois pisos, apesar do terreno subir ligeiramente. No extremo poente, bastante próxima do núcleo construído, está uma construção de planta retangular e uma água, em alvenaria de tijolo à vista, que alberga



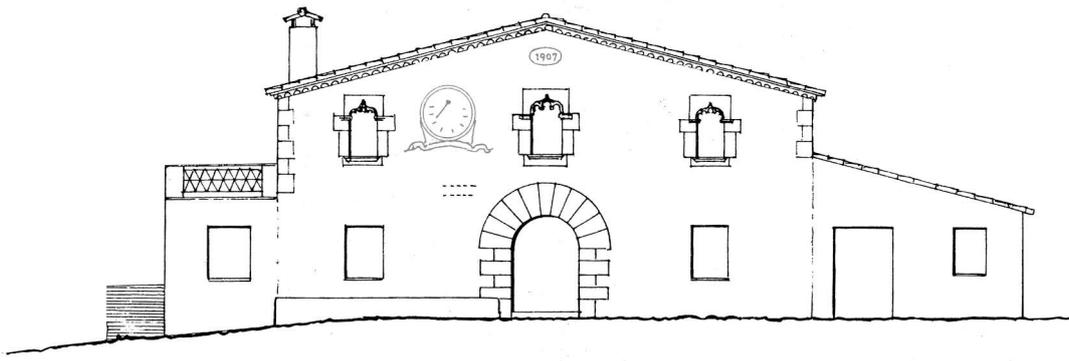
as capoeiras. Existem dois tanques retangulares geminados a norte do conjunto.

A fachada principal tem uma disposição praticamente simétrica com um eixo central, assinalado pela cumeeira, que atravessa uma janela e o portal de entrada. Estes vãos estão ladeados por mais duas janelas de cada lado, uma em cada piso. Existe um poial à esquerda do portal.

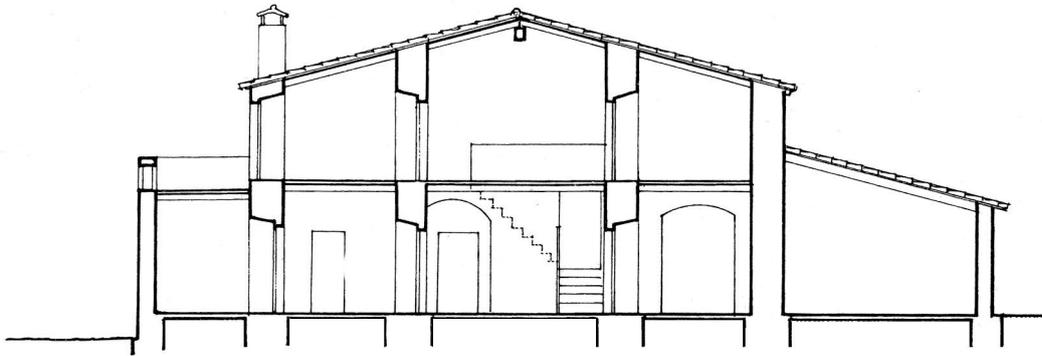
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A casa é construída em alvenaria rebocada e caiada, com um reforço de blocos de pedra aparelhada nos cunhais. São identificáveis diferentes revestimentos, ou períodos de execução, na frontaria, nomeadamente, ao nível do piso térreo, do piso superior e no limite da fachada com o telhado.
- Preserva duas janelas de arco conopial polilobado, inserido numa sugestão de alfiz e rematado por duas mísulas com motivos decorativos.
- Apresenta um relógio de sol na frontaria.
- Os vãos a tardoz apresentam uma forma genericamente quadrangular e foram executados em tijoleira. A falta de reboco permitiu ver a sua constituição.

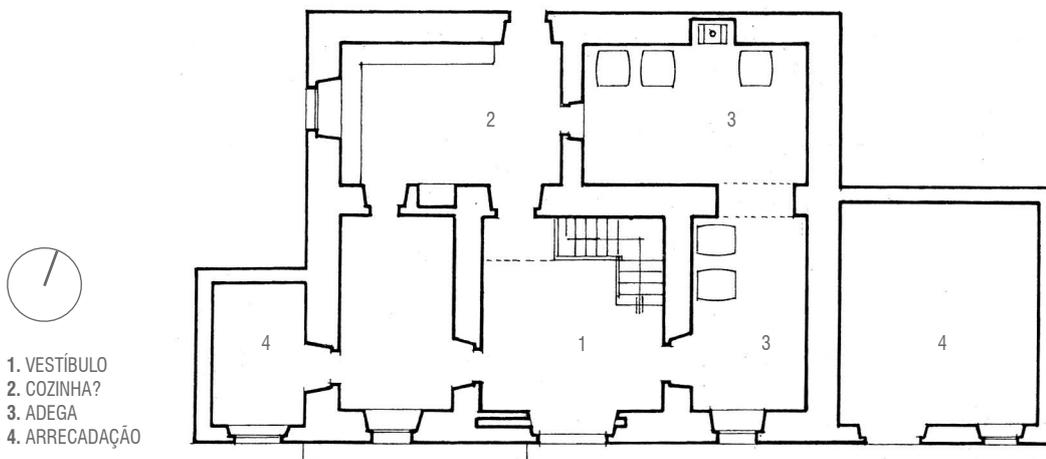




ALÇADO SUL
ESCALA 1:200



CORTE TRANSVERSAL 1
ESCALA 1:200



1. VESTÍBULO
2. COZINHA?
3. ADEGA
4. ARRECADAÇÃO

PISO 1
ESCALA 1:200



14 C'AL BASTÉ

LOCAL

Teià

COMARCA

Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIV-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudeste

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação

CONSERVAÇÃO

Razoável

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

23.07.2013

DESCRIÇÃO

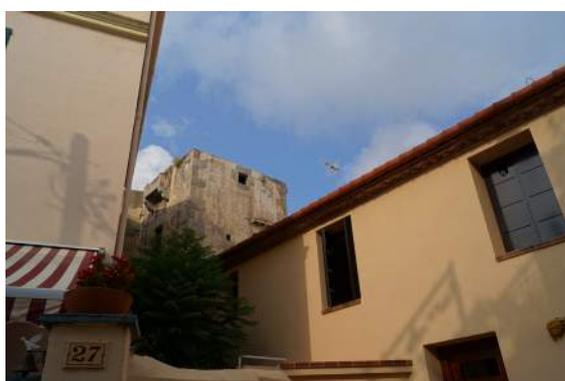
O conjunto construído que resistiu até hoje é apenas uma pequena parte do que foi C'al Basté, não havendo vestígios nem memória da atividade agrícola. Atualmente está inserido num contexto urbano, perto da Passatge de la Riera – via estruturante de Teià –, incrivelmente próximo de outras masies como Can Monnar, Can Pol e Can Barrera. A construção de planta retangular de dois pisos e cobertura de uma água inclui, no canto norte, uma torre de quatro pisos com uma cobertura plana (já não existe o telhado de duas águas documentado nos desenhos de Bonet i Garí). Tudo parece indicar que existia mais um ou dois tramos justapostos e cobertos por outra água simétrica. No entanto, no lugar desses possíveis tramos, encontramos hoje um edifício de dois pisos com cobertura em terraço. A casa, recentemente reabilitada, apresenta um pequeno pátio de entrada murado, a poente, e um novo esquema de vãos. No lugar da porta na fachada principal está uma janela de peito e também foram abertas outras duas janelas na fachada oeste. Não foi possível analisar o interior desta edificação, mas segundo os dados obtidos¹, o tramo é dividido por uma parede estrutural enviesada.

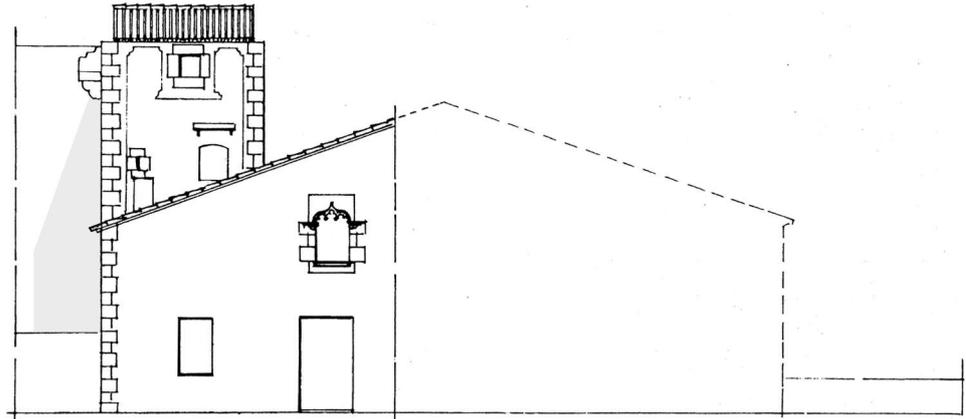


¹ GARÍ, 1983, p. 225.

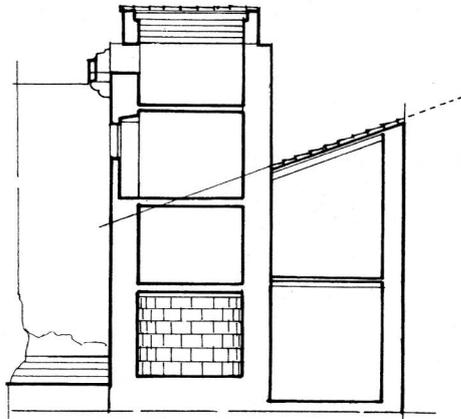
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A torre tem uma planta quadrada exteriormente e no interior dos três pisos superiores, contudo, no piso térreo a planta interior é circular. Está parcialmente rebocada no exterior, sendo possível ver a sua constituição em alvenaria de pedra e o reforço nos cunhais com blocos de pedra aparelhada. Os vãos são pequenos e estão dispersos e têm molduras simples de pedra aparelhada.
- Preserva uma janela rematada em arco conopial (do tipo tardogótico) na frontaria.
- O telhado remata em beiral sobre cornija com três fiadas de tijoleira.

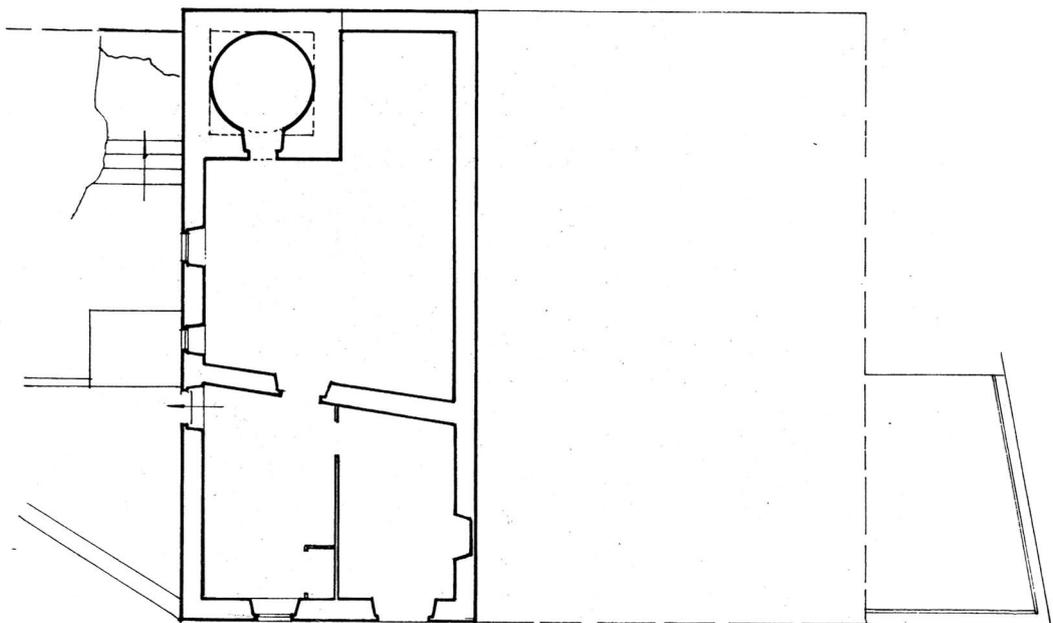




ALÇADO SUDESTE
ESCALA 1:200

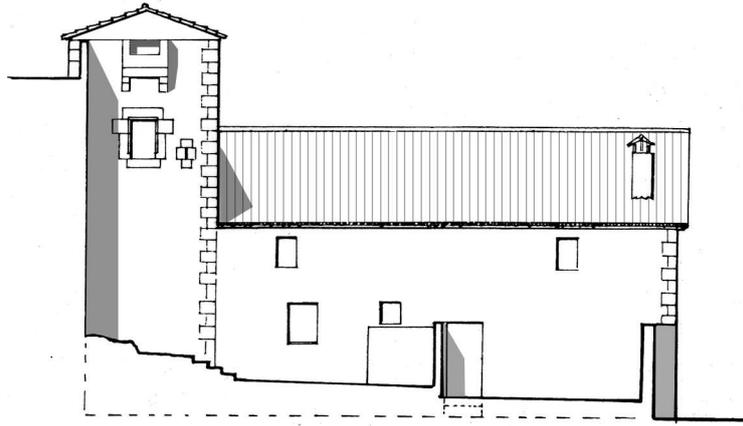


CORTE TRANSVERSAL
ESCALA 1:200

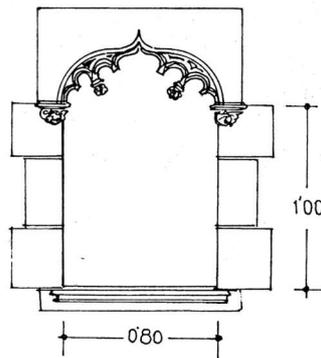


PISO 1
ESCALA 1:200





ALÇADO SUDOESTE
ESCALA 1:200



VÃO
ESCALA 1:100



15 CAN BOQUET

LOCAL
Alella

COMARCA
Maresme

Vista geral de Can boquet
Vista parcial da fachada principal
Fonte: GARÍ, 1983, p. 228.



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudoeste

FUNÇÃO ACTUAL

Adega

CONSERVAÇÃO

Bom estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

24.07.2013

DESCRIÇÃO

A Can Boquet está implantada numa cota intermédia de uma encosta que termina no perímetro urbanizado de Alella, na Riera Coma Clara, dominando visualmente grande parte dos terrenos de vinha da propriedade. O caminho que atravessa a propriedade, vindo de sudeste, termina à frente da fachada principal, numa plataforma elevada de contorno irregular. A habitação principal, de planta quadrada com dois pisos e cobertura de duas águas, tem a fachada posterior contra o terreno, a nordeste, onde se encosta uma pequena torre de secção quadrangular e três pisos, coberta por um telhado de duas águas (as suas fundações têm início, sensivelmente, ao nível do segundo piso da masia). À aproximação ressalta imediatamente o volume perpendicular à fachada principal, encostado à empena esquerda, de planta retangular alargada com dois pisos e cobertura de duas águas. Uma observação mais cuidada permite perceber que este corpo é uma ampliação recente, apesar de tentar aproximar a sua linguagem construtiva com as pré-existências (vãos com molduras em cantaria, o remate do beiral, etc). A sua forma pouco credível, pela altura desproporcionada em relação à largura do corpo, a cobertura de duas águas para um vão tão pequeno e os materiais de aspeto recente, levam a crer que se trata de uma construção da segunda



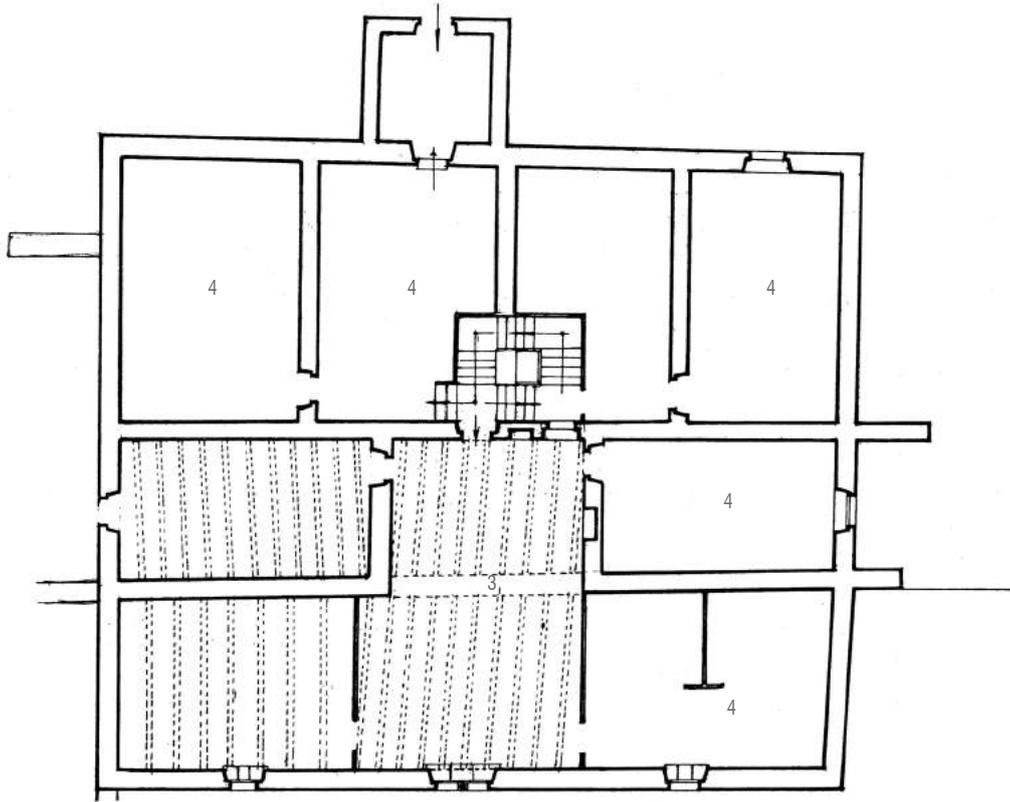
metade do século XX.

A fachada principal da masia apresenta uma composição praticamente simétrica: no piso térreo o portal, com aduelas em arco de volta inteira, está centrado com o eixo marcado pela cumeeira e é encimado por um ajimez. Este, por sua vez, é ladeado por duas janelas também do tipo gótico.

ASPETOS MAIS RELEVANTES

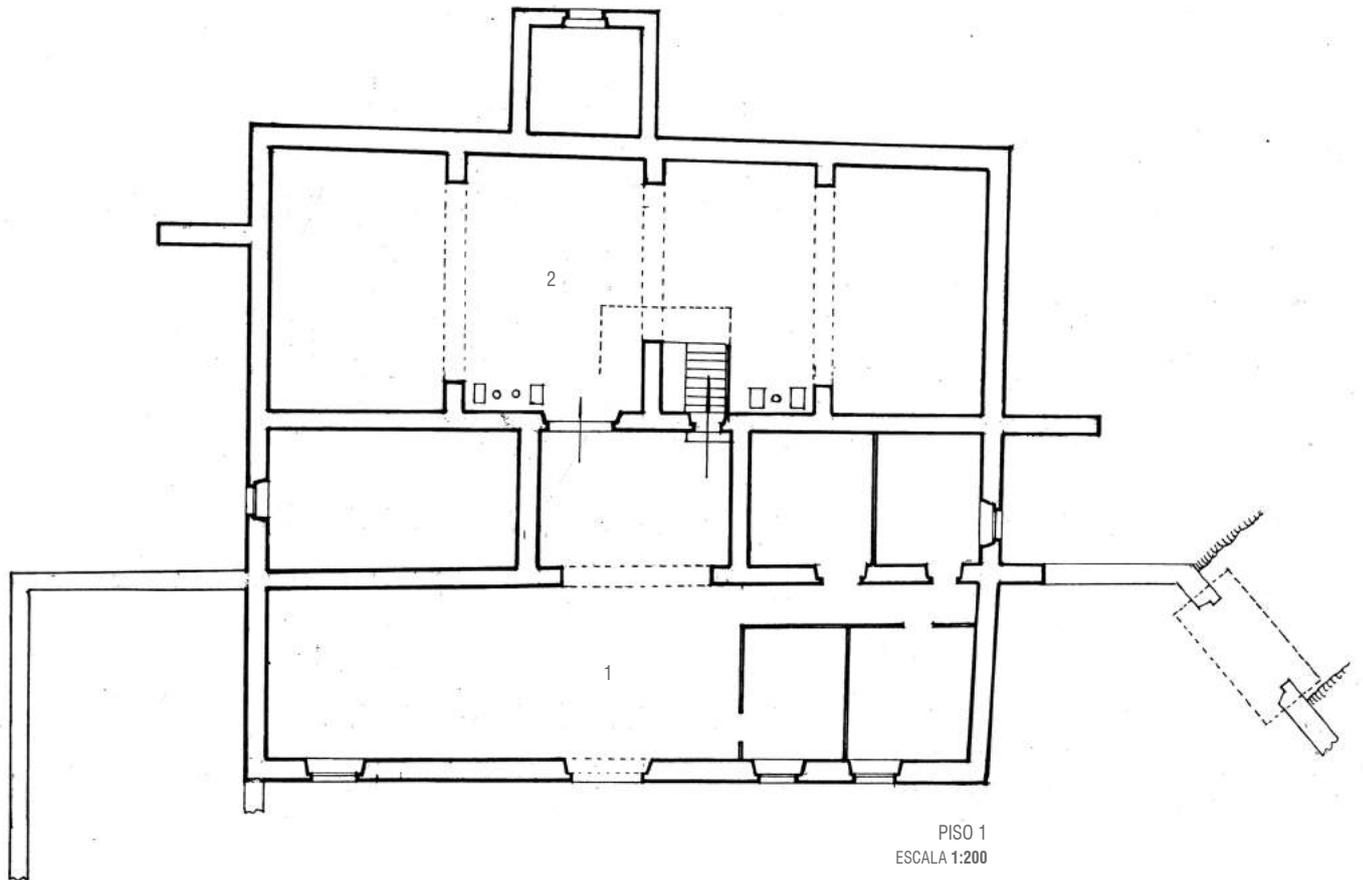
- Não foi possível aceder ao interior da casa, mas tendo em conta os documentos existentes **NOTA**, é possível entender a configuração interna da masia que não está projectada de acordo com o tipo clássico. As duas primeiras fileiras de tramos estão organizadas paralelamente à fachada principal, ou seja, com as paredes portantes dispostas transversal e paralelamente à frontaria. A fiada posterior é composta por quatro tramos perpendiculares ao tardoiz cuja soma das larguras preenche toda a largura da edificação.
- O telhado da habitação principal remata em beiral triplo com as duas fiadas interiores de telhas argamassadas.



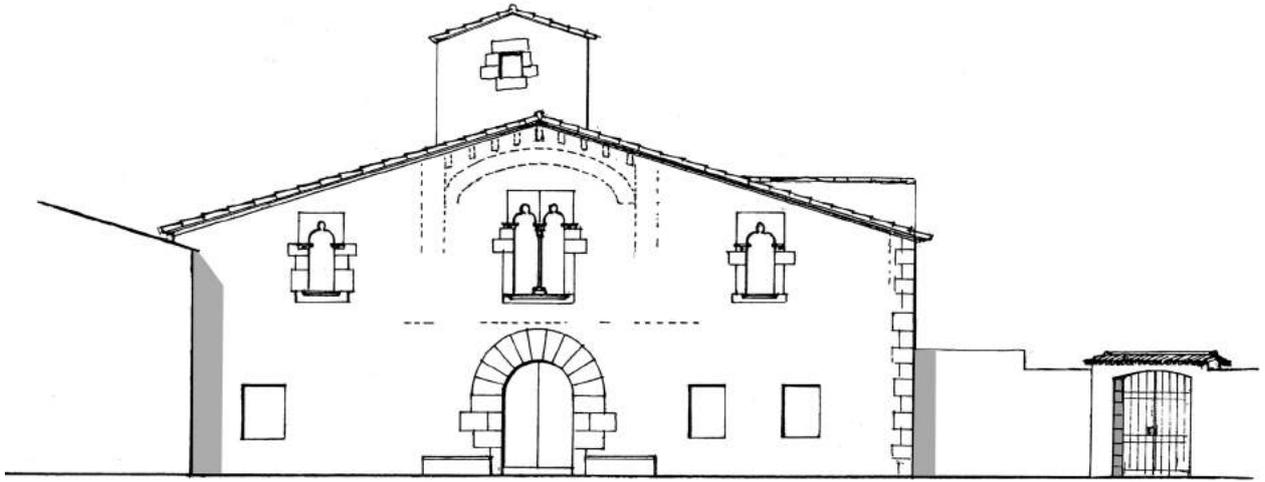


- 1. VESTÍBULO
- 2. ADEGA
- 3. SALA
- 4. QUARTO

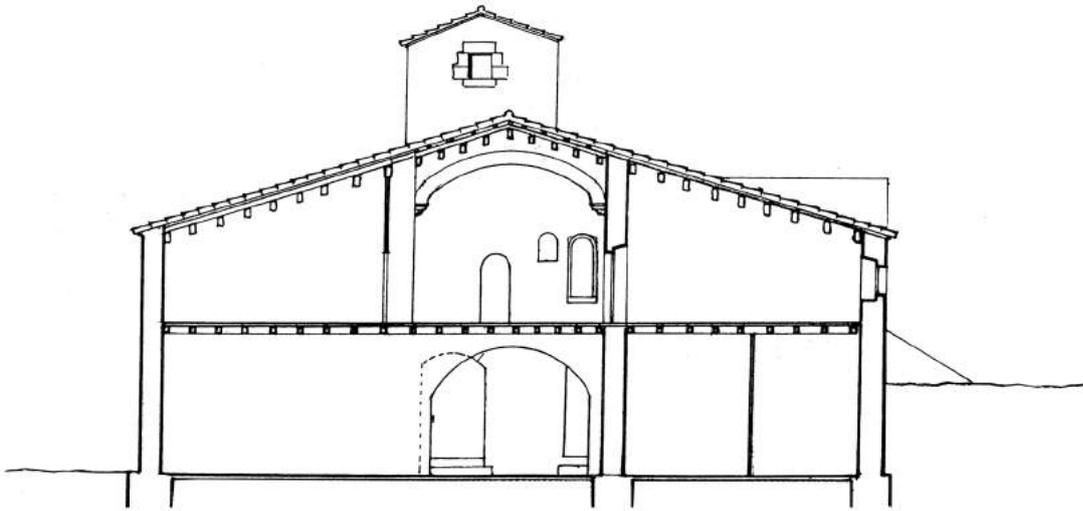
PISO 2
ESCALA 1:200



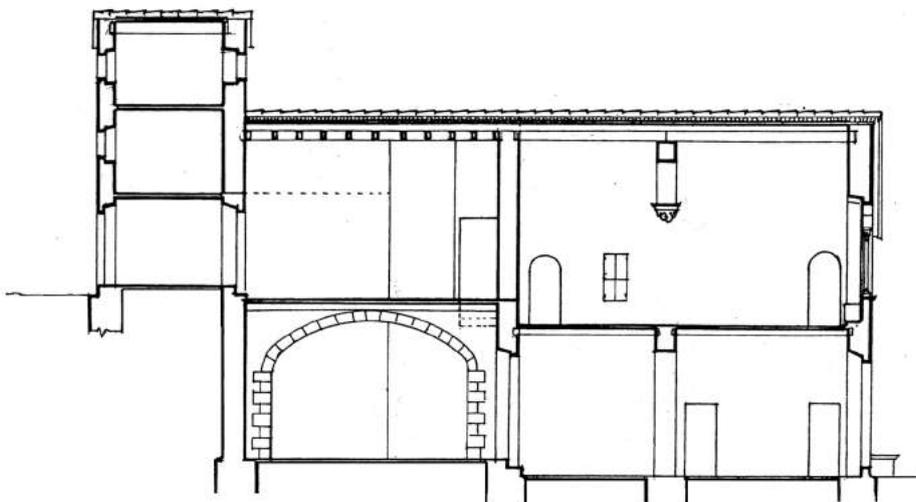
PISO 1
ESCALA 1:200



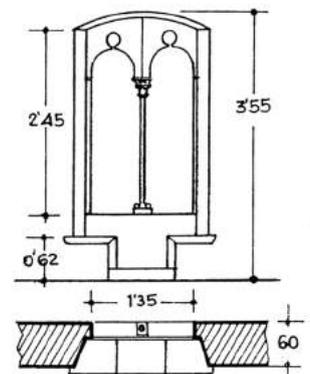
ALÇADO SUL
ESCALA 1:200



CORTE TRANSVERSAL 1
ESCALA 1:200

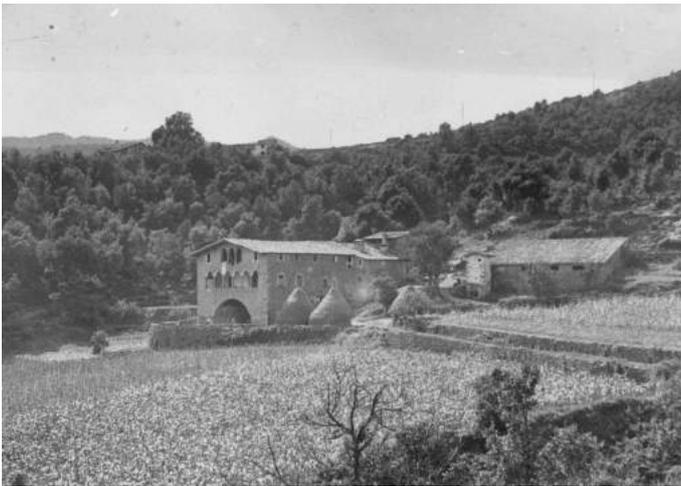


CORTE TRANSVERSAL 2
ESCALA 1:200



VÃO
ESCALA 1:100

[Desenhos com base no levantamento de 1974, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]



16 ELS CALLÍS

LOCAL

Sant Salvador de Bianya

COMARCA

Garrotxa

Vista geral de Els Callís

Vista parcial

Vista parcial das fachadas sul e este

Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo II

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XV-XVIII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Oeste

FUNÇÃO ACTUAL

Pousada de turismo rural

CONSERVAÇÃO

Bom estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

27.07.2013

DESCRIÇÃO

Esta *masia*, situada numa vertente da montanha de Capsacosta, próxima do pequeno núcleo de Sant Salvador de Bianya, constitui um exemplo paradigmático das *masies* com galerias dos vales de Olot. O caminho de acesso, vindo de norte, passa pelo limite poente do conjunto edificado, terminando num pátio definido por um grupo de edifícios que formam aproximadamente um U. O conjunto é formado: pela *masia*, de perímetro retangular com três pisos e telhado de duas águas, que, na fachada leste, atinge a cota mais baixa do núcleo construído; por um corpo adossado à empena poente da *masia*, de planta retangular com dois pisos, coberto pelo prolongamento de uma das águas da edificação principal; por um outro volume, encostado a este último, de contorno retangular com três pisos e cobertura em telhado de duas águas, com uma passagem abobadada no piso térreo; por um alpendre, de forma retangular alongada, que se projeta a sul, e remata o pátio. Existe, ainda, uma grande dependência, a norte, de planta quadrada com alguns recortes e telhado de uma água, que acompanha a inclinação do terreno.

O pátio empedrado, aberto a sul, acaba por se tornar o espaço de entrada e, presumivelmente, terá sido o espaço de trabalho e de recreio da família, quando esta se dedicava à exploração agro-pecuária, embora não tenha uma

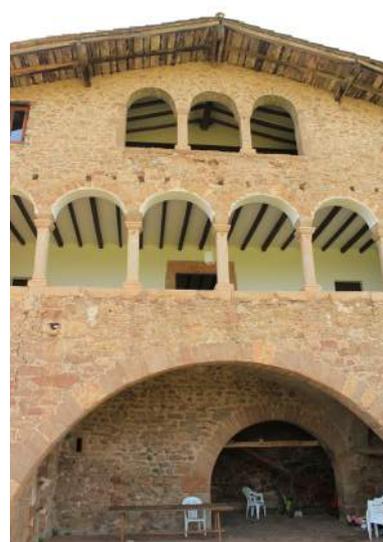


fachada de receção tão distinta como as fachadas principais dos outros casos de estudo. Efetivamente, a fachada mais impressionante está virada a leste, resguardada do caminho de acesso, com dois pisos de galerias que dominam visualmente os terrenos da propriedade e que permitem ter vistas sobre o vale de Bianya. Esta fachada, absolutamente simétrica, marcada por um eixo que atravessa a cumeeira, tem, no piso térreo, um grande arco rebaixado em cantaria, que permitia o acesso aos estábulos e lojas agrícolas da *masia*. Este primeiro piso era precedido por um espaço abobadado e ladeado por dois arcos de volta inteira, virados para as fachadas laterais, atualmente entaipados ou parcialmente entaipados. Nos pisos superiores desta fachada abrem-se as galerias, formadas por arcos de volta perfeita sobre pequenas colunas de pedra. Em frente à fachada está um recinto revestido a pedra, com um muro curvo no extremo leste, que serviria como espaço de apoio à atividade rural.

A configuração atual da masia não apresenta alterações significativas desde 1765, data da reforma mais significativa ¹. A edificação principal tem uma distribuição interior clássica, com um tramo central correspondente à sala e dois tramos laterais que acomodam os quartos.

ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A construção é em alvenaria de pedra; na zona dos cunhais é reforçada com silhares.
- A cobertura da *masia* estende-se sobretudo na fachada leste, expondo a sua estrutura e o tabuado de madeira sob o telhado.
- Os vãos têm molduras de pedra aparelhada com lintéis de verga reta e pedra de peito saliente. A porta de entrada da edificação principal e a porta que dá acesso à galeria, no segundo piso, têm moldura em cantaria com as arestas chanfradas e a inscrição da data de execução (1765 e 1756, respetivamente).
- As zonas habitacionais têm os pavimentos revestidos a tijoleira.



¹ MONER, PLA, RIERA, 1981: p.76.

TIPO III
MASIA ABASTADA
Casa rural de três pisos com telhado de duas águas orientadas para as fachadas laterais





17 MAS COLL

LOCAL
Alella

COMARCA
Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo III

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI-XIX

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudeste

FUNÇÃO ACTUAL

Restauração

CONSERVAÇÃO

Bom

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

11.07.2013

DESCRIÇÃO

O núcleo construído da Can Coll está localizado num terreno a norte do centro urbano de Alella, onde a pendente é claramente mais acentuada em direção à *Serralada Litoral*. Este núcleo tem tido uma existência feita de ampliações, remodelações e adaptações constantes. O edifício principal, que inclui as construções mais antigas do *mas*, é constituído por um grande bloco paralelepípedo com alguns recortes, resultado da adição de volumes ao longo do tempo, dividido em três pisos e com uma cobertura de duas águas. Na fachada poente foi adossado um corpo estreito de galerias com dois pisos e um telhado de uma água. A nascente, um corpo de planta retangular, quase trapezoidal, é projectado para a frente da fachada principal, encerrando o pátio com um ângulo convexo. Tem dois pisos, é coberto por um telhado de duas águas e tem uma galeria corrida com balaustrada no piso superior. Todas estas secções comunicam internamente.

No passado Can Coll era constituída por apenas dois pisos, tendo sido acrescentado um terceiro piso no decurso da segunda metade do século XVIII (tem a data 1776 inscrita na verga da porta), com a conseqüente reforma dos vãos da fachada principal, atualmente, dotada de uma rigorosa composição axial, simetria e erudição.

Com efeito, este exemplar exhibe uma frontaria única com-



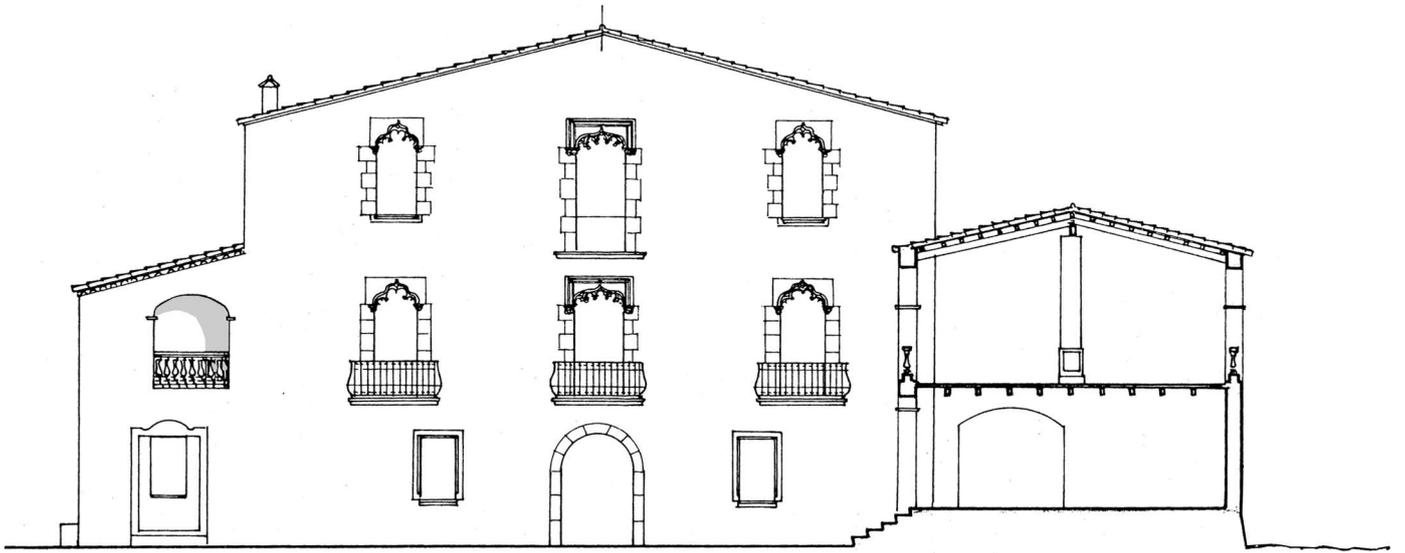
posta por seis vãos trabalhados do tipo tardogótico, nos respetivos pisos superiores, sendo quatro deles de sacada. O segundo piso é marcado pelos três vãos avarandados com guardas em ferro, claramente adaptados para satisfazer o gosto da época oitocentista. No eixo central estão as duas janelas de sacada mais nobres, com o alfiz projectado por uma cornija que se apoia em mísulas com figuras decorativas e o arco apresenta uma linha externa conopial e uma linha interna pentalobada. Os vãos do piso térreo têm moldura simples de pedra com verga reta e arestas chanfradas. Os vãos dos eixos laterais apresentam o mesmo desenho, face externa conopial e face interna polilobada. Fica a dúvida se foram todos construídos e reformulados na mesma época ou se os vãos do último piso foram inspirados a partir das molduras mais antigas existentes. Tanto as consolas das varandas como os peitoris dos vãos do primeiro e terceiro piso são recortados. Os dois vãos do primeiro piso têm duas namoradeiras.

Efetivamente, as ampliações e remodelações, das quais o conjunto foi alvo, elevaram o estatuto da Can Coll que seria uma *masia* mais modesta e passou a ser uma casa com características mais senhoriais.

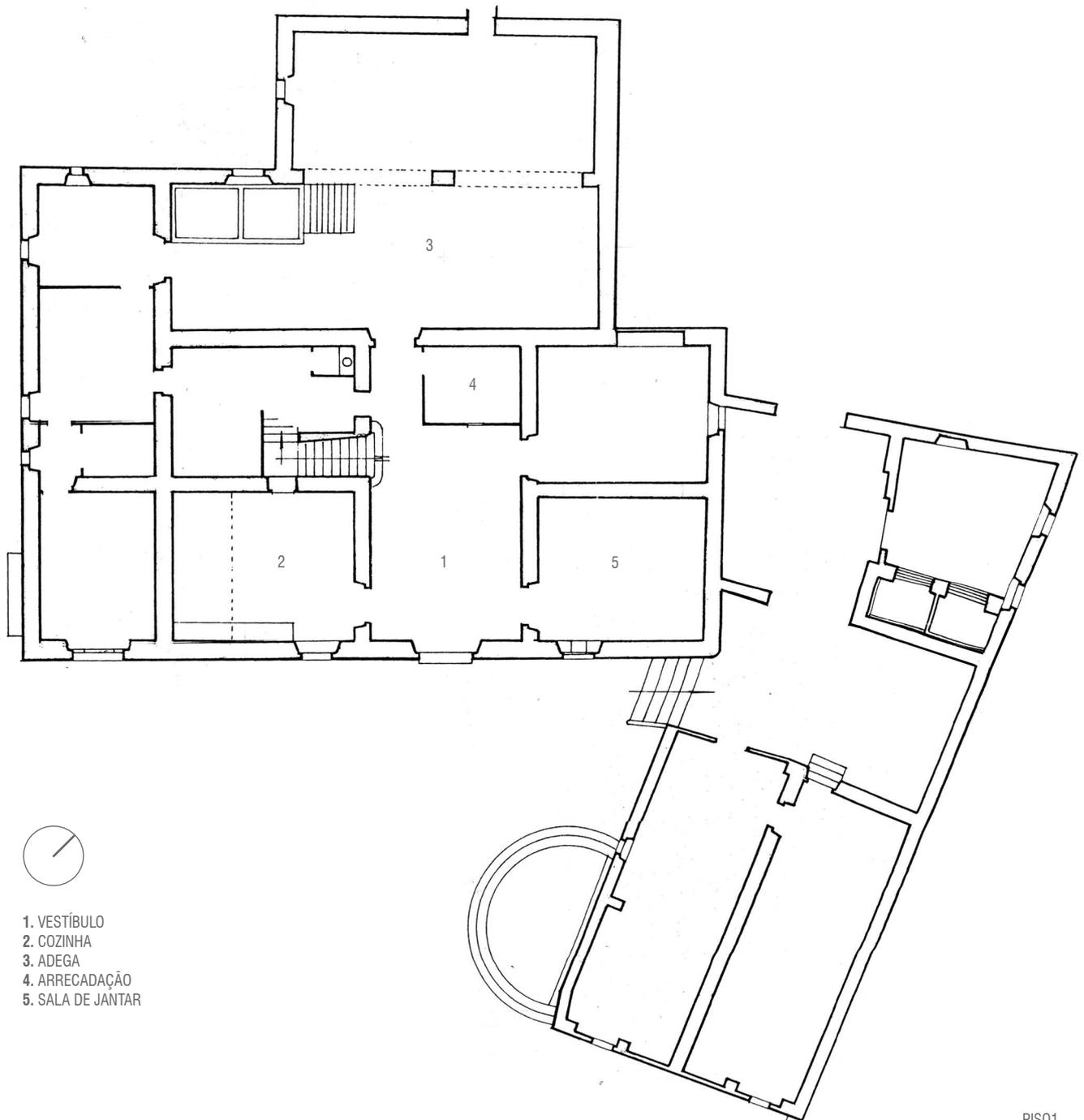
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A porta de entrada do corpo adossado a poente tem uma moldura simples de cantaria com a verga reta na face inferior e curva na superior.
- A adega, constituída pelos dois tramos posteriores da masia, inclui cinco abóbadas tabicadas (tipo abobadilha) e separadas por arcos torais rebaixados.
- O soco e os espelhos dos primeiros três lances da escada interior são revestidos a azulejos, azuis e brancos, e provavelmente coevos das obras realizadas no século XVIII. Esta escada é iluminada por uma abertura zenital na cobertura.
- Beiral duplo.
- O corpo das galerias aparenta ter sido bastante modernizado, pelo menos ao nível do segundo piso, pois apresenta nas quatro faces vãos em arco de volta perfeita, fenómeno improvável, com colunas cujo relevo superior simula um capitel. As paredes mestras ou colunas no interior do segundo piso foram substituídas por pilares metálicos que suportam a estrutura de madeira da cobertura.





ALÇADO SUDESTE
ESCALA 1:200



- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA
- 3. ADEGA
- 4. ARRECADAÇÃO
- 5. SALA DE JANTAR



18 CAN TEIXIDOR

LOCAL

El Masnou

COMARCA

Maresme

Vista geral de Can Teixidor
Fachada principal
Vista parcial da capela à esquerda e do terraço à direita
Fonte: GARÍ, 1983, p. 285 e 289.



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo III

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Oeste

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação?

CONSERVAÇÃO

Bom

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

26.05.2013

DESCRIÇÃO

O conjunto edificado da Can Teixidor ocupa o ponto mais alto da propriedade, numa espécie de pequeno promontório com uma vista soberba sobre a costa e sobre o mar. Mantém-se uma pequena área de campos cultivados ao seu redor, sendo sobretudo delimitado a norte por algumas moradias e a sul pela Estrada Nacional N-2, junto à zona costeira. À aproximação ressalta imediatamente o arco de dimensões apreciáveis, que permite a entrada para o pátio murado e circundado por uma correnteza de dependências que compõem o *mas*. O arco é ladeado por dois corpos: a sul por um anexo de planta quadrada, de um piso e de telhado de uma água e a norte por uma pequena capela inserida num perímetro retangular com alguns recortes e uma pequena abside semicircular encimada por uma semicúpula revestida por telhas em forma de escamas esmaltadas azuis e brancas. A edificação principal inclui um grande aglomerado de corpos de diferentes tamanhos e variadas coberturas unidos sob um perímetro irregular. Como pano de fundo está o corpo de três pisos, coberto com um telhado de duas águas orientadas para as fachadas laterais, e de onde ressalta a composição dos vãos segundo eixos verticais. Deste conjunto edificado individualiza-se a torre de planta quadrada encostada ao corpo principal, de quatro pisos, com cobertura em terraço e coroaamento.

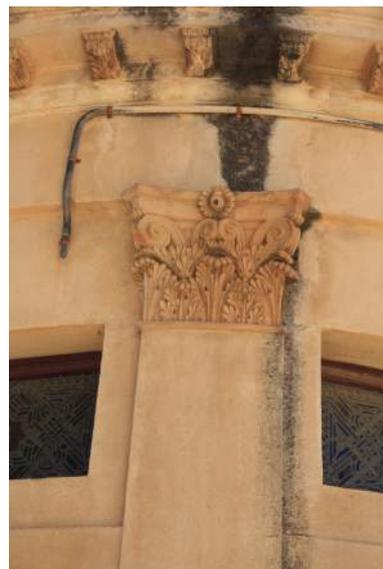


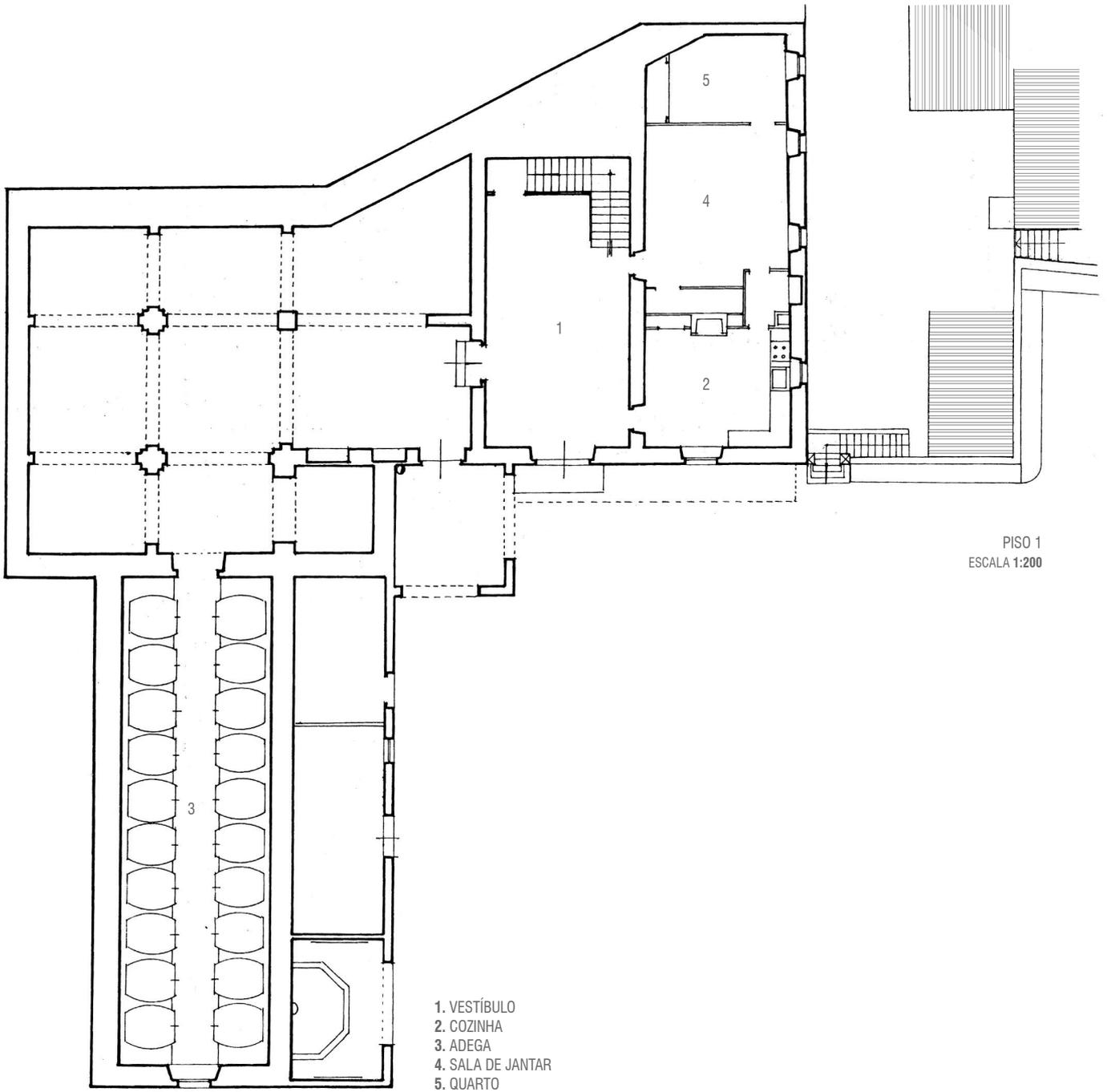
No canto formado por estes dois volumes encontra-se adossado um pequeno corpo de planta quadrada com dois pisos e telhado de uma água com uma espécie de alpendre com arcada no piso superior. A secção norte do núcleo edificado é uma ampliação para reforçar a parte habitacional da *masia*, tem três pisos e uma cobertura resultante do prolongamento da água do telhado principal. Alinhado com este último e com a torre é projectado a poente, perpendicularmente à fachada principal, um último corpo de contorno retangular de um só piso e cobertura em terraço que alberga a adega, uma fonte e outras dependências agrícolas. Todos estes corpos têm comunicação interna. Existe ainda a casa dos caseiros a sul, no limite da propriedade, com três pisos, acessível por diferentes cotas: pelo pátio, descendo umas escadas exteriores junto à fachada sul do edifício principal e encostadas ao muro de suporte, que levam a uma plataforma inferior, ou ao nível da N-2. A casa gera diferentes plataformas e pátios, com pequenas escadas externas, de modo a vencer o desnível e, inclusivamente, parte do edificado tem a função de muro de suporte. De planta genericamente retangular com algumas excrescências e com cobertura de duas águas, a casa dos encarregados acomoda a sua habitação, algumas dependências e as instalações de um moinho de água alimentado pelo grande tanque que delimitava o conjunto construído a nordeste. Esta é provavelmente a *masia* com a maior diferença altimétrica entre a base construída e o topo, além de incluir um impressionante corpo para a adega, atestando um passado de grande dinamismo agrário, com especial relevância na produção de vinho, tema importante no Maresme. Fica a dúvida se a janela central, do eixo do portal de entrada, é realmente tardogótica ou neogótica, uma vez que no registo de Bonet i Garí este vão seria uma janela de sacada de moldura simples que dava acesso a uma varanda com uma consola praticamente da largura da frontaria, atualmente inexistente.



ASPETOS MAIS RELEVANTES

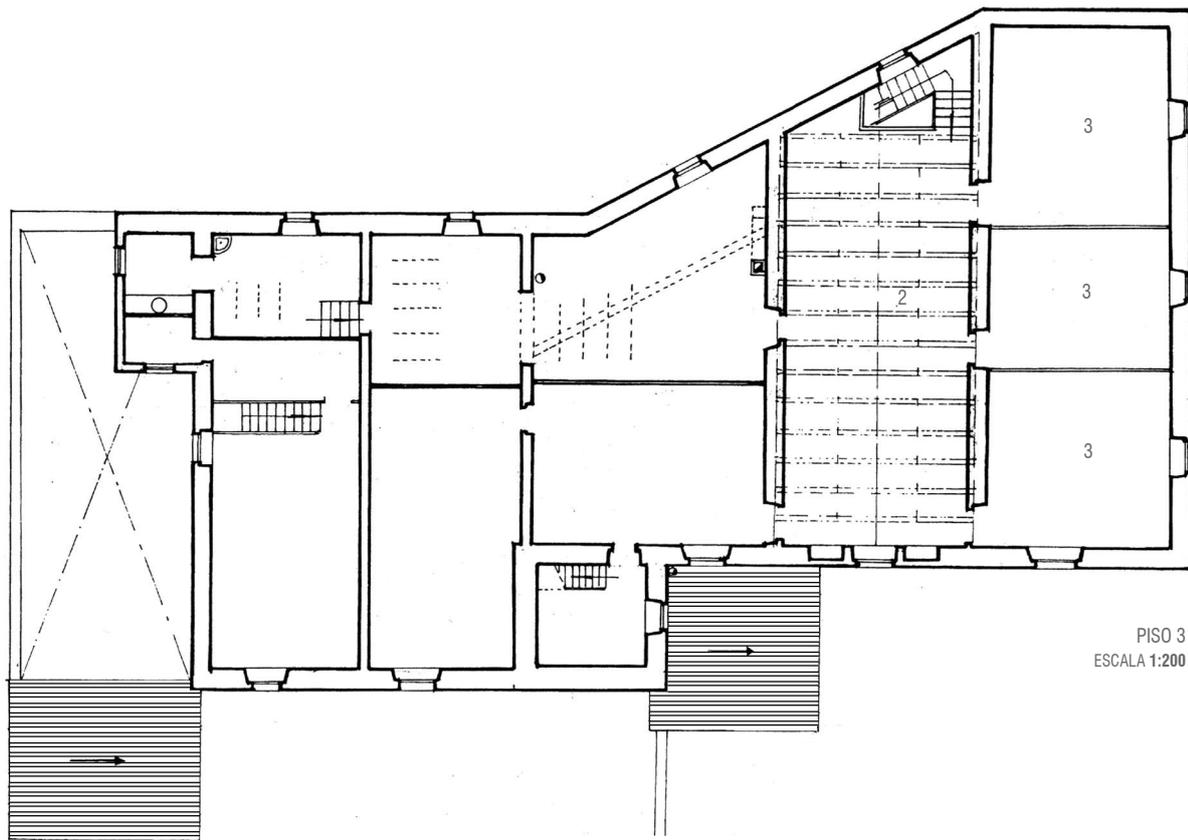
- A entrada para o recinto é constituída por um arco de volta inteira com duas pilastras, encimadas por capitéis jónicos sobre uma arquitrave recortada e rematada com uma cornija e tríglifos. No edifício principal encontra-se uma cornija dentada ao nível do beiral, que realça o frontão de expressão mais clássica.
- Apresenta o desenho do escudo de armas da família na fachada principal.
- Grande parte dos vãos do edificado têm molduras de cantaria simples caiada.
- A porta de entrada da capela tem uma moldura classicizante, em cantaria, com uma cornija sobre o lintel e uma estrela em relevo a meio desta. As ombreiras simulam pilastras.
- A abside da capela inclui também pilastras com capitéis coríntios entre cada pequeno vão. A semicúpula é apoiada por pequenas mísulas com enrolamentos decorativos.





PISO 1
 ESCALA 1:200

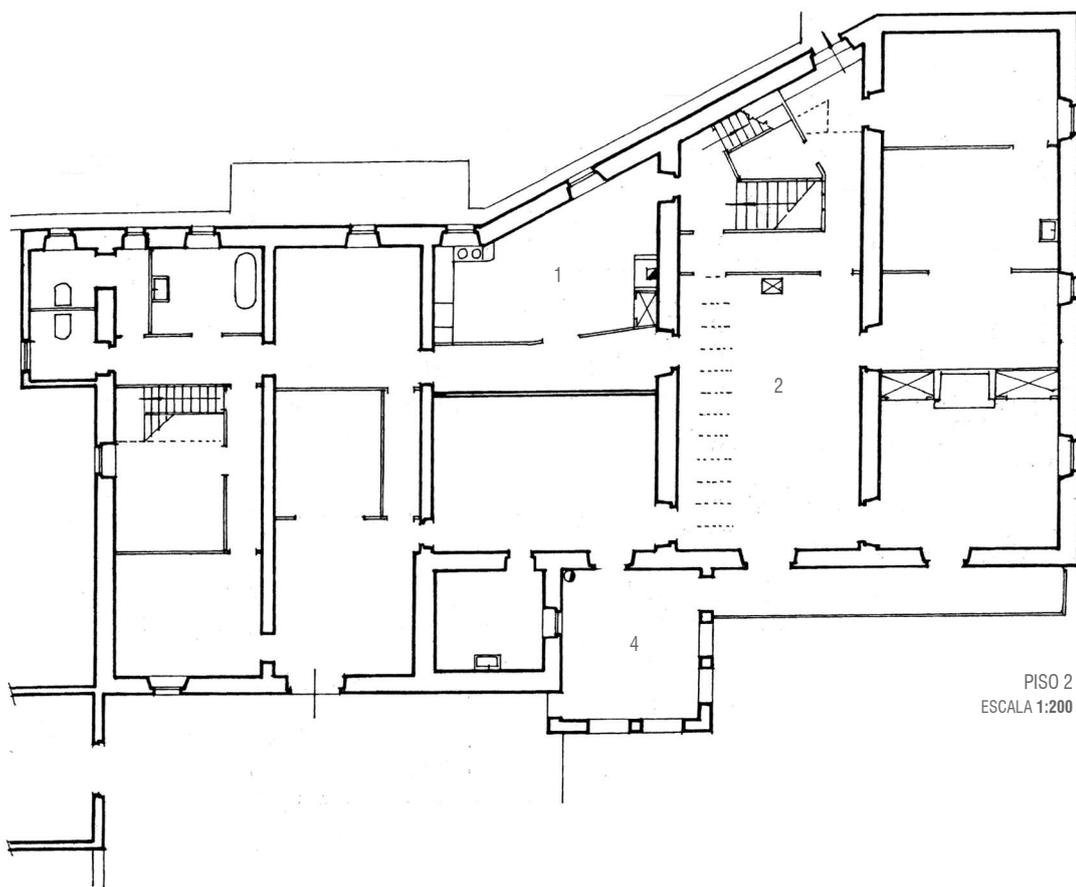




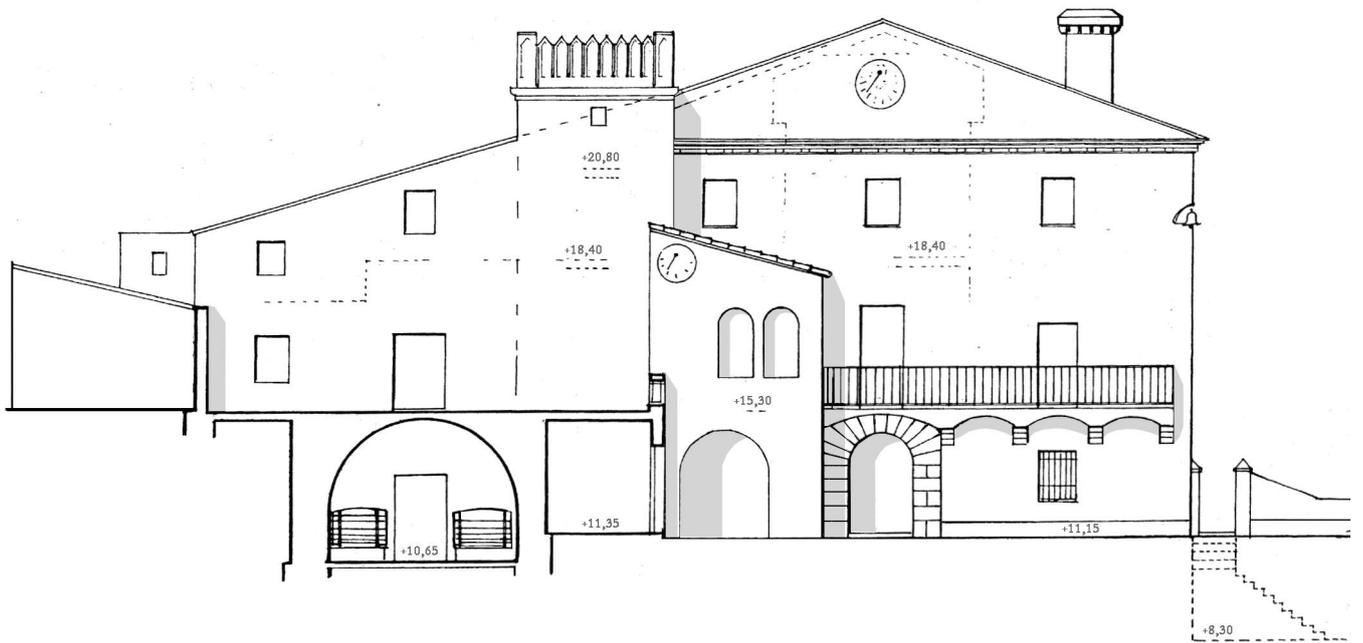
PISO 3
ESCALA 1:200



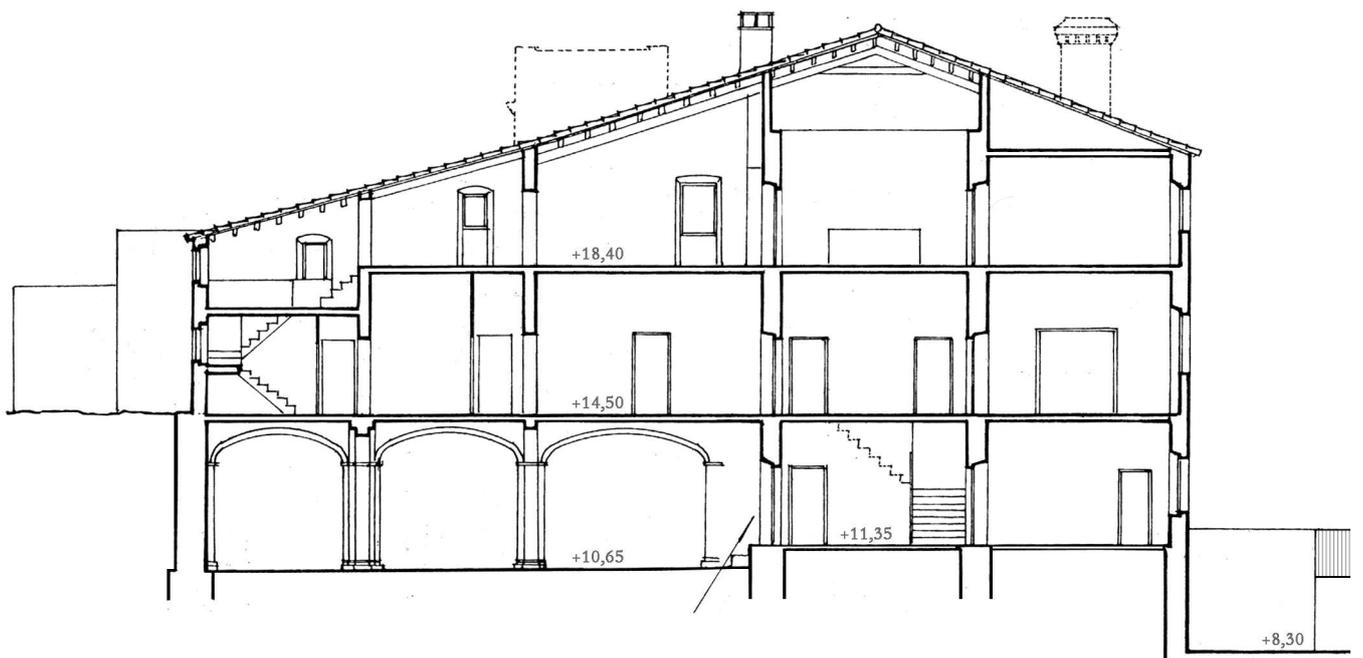
- 1. COZINHA
- 2. SALA
- 3. QUARTO
- 4. GALERIA



PISO 2
ESCALA 1:200

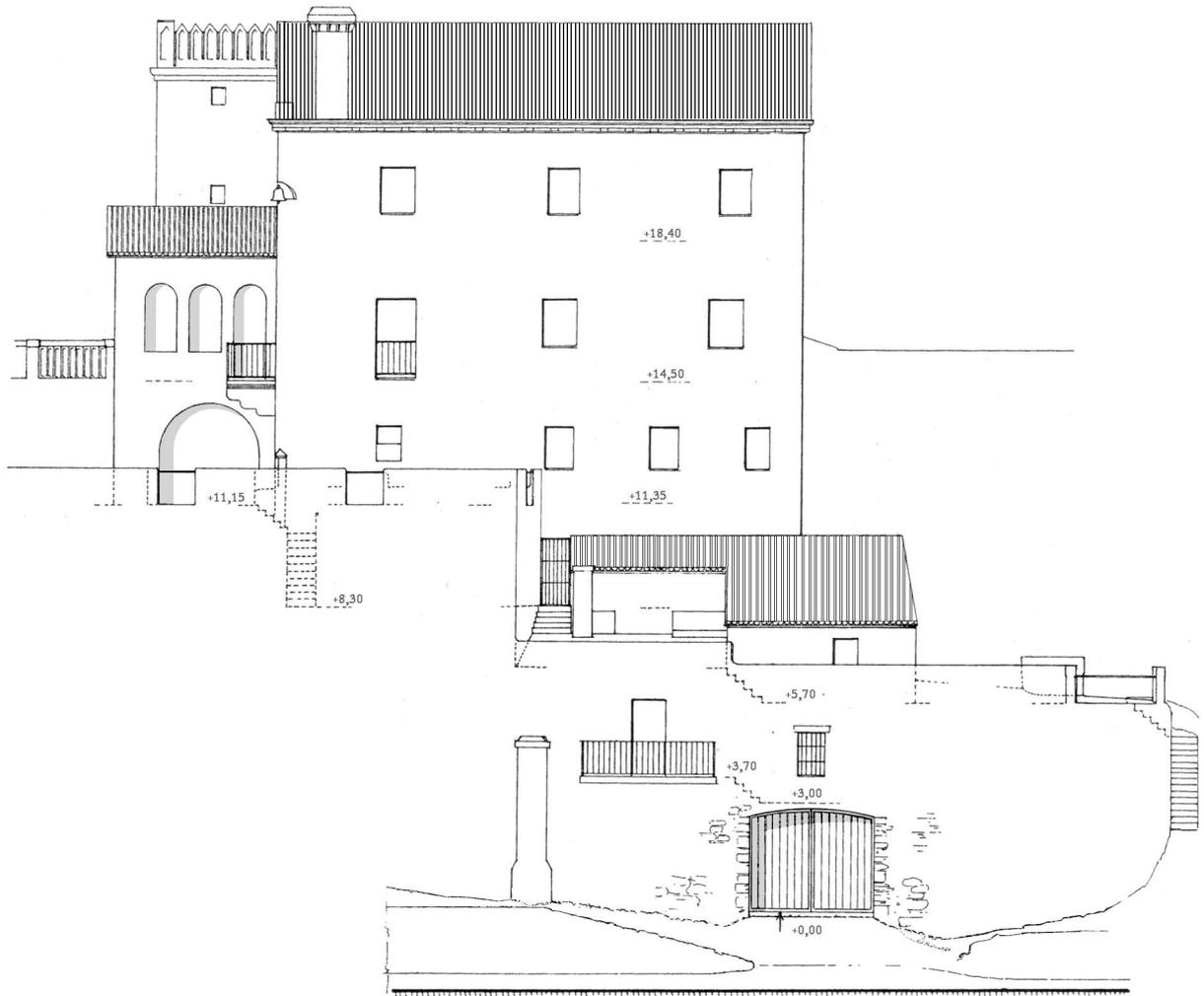


ALÇADO OESTE
ESCALA 1:200

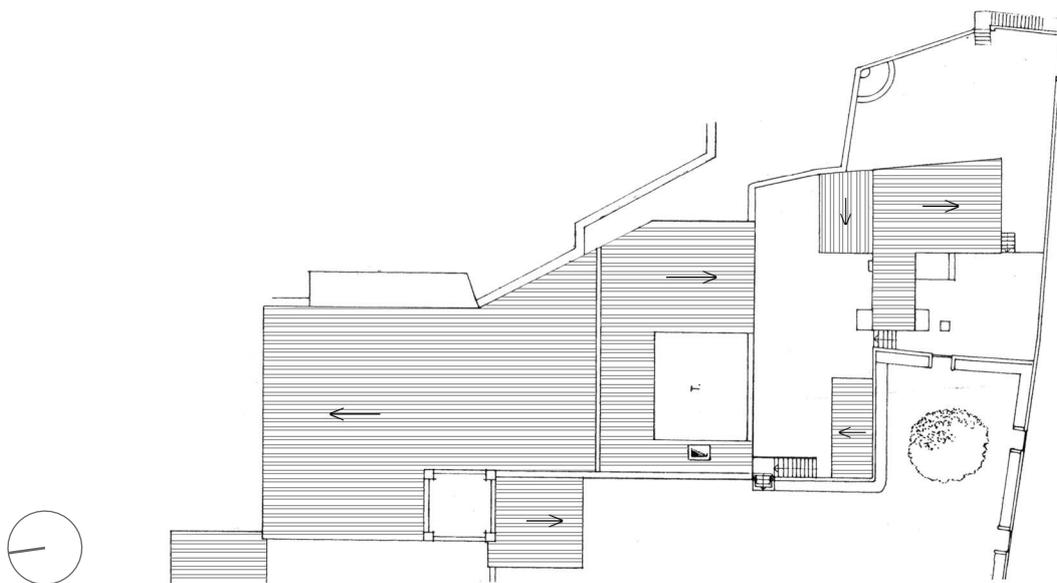


CORTE TRANSVERSAL 1
ESCALA 1:200

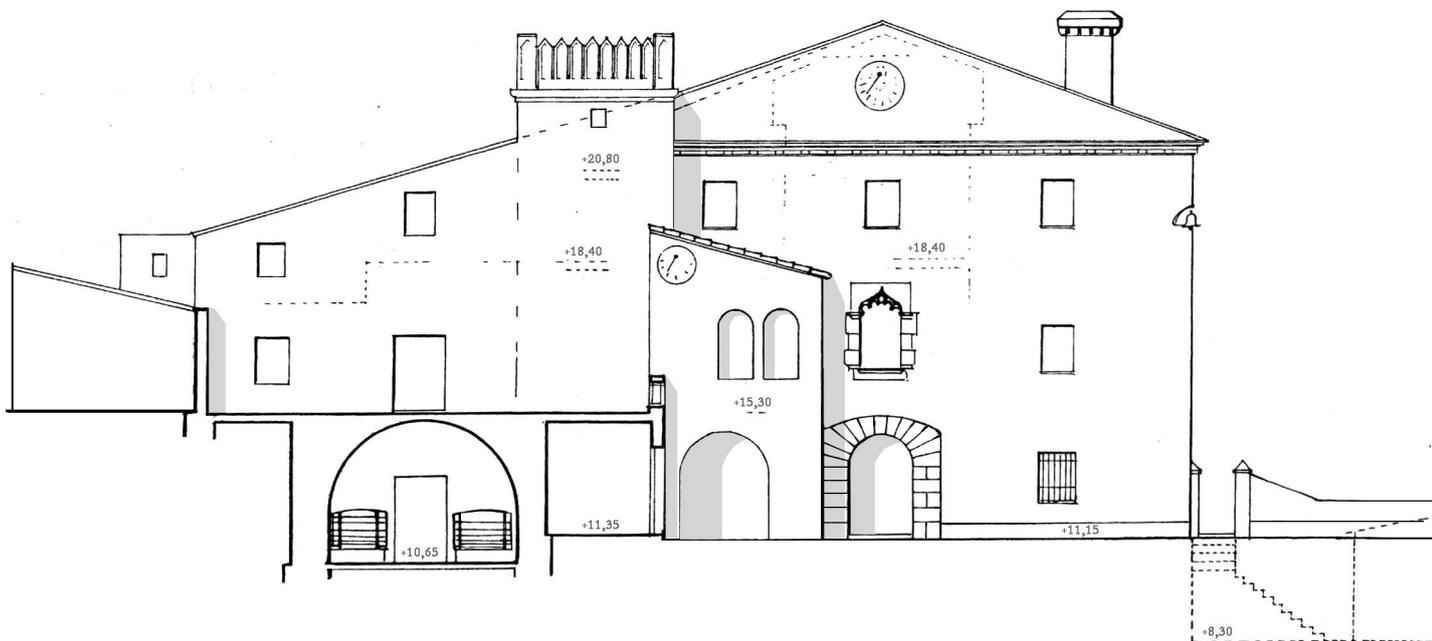
[Desenhos com base no levantamento de 1980, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]



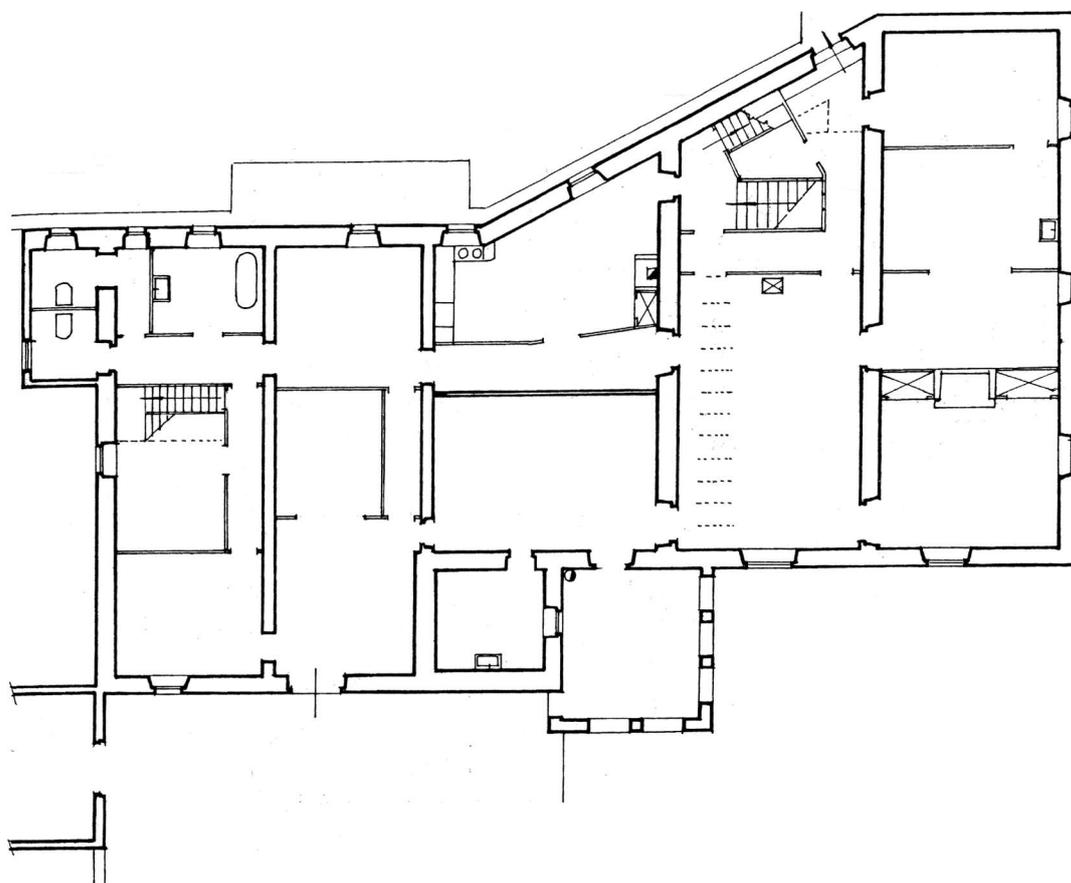
ALÇADO SUL
ESCALA 1:200



COBERTURAS
ESCALA 1:400

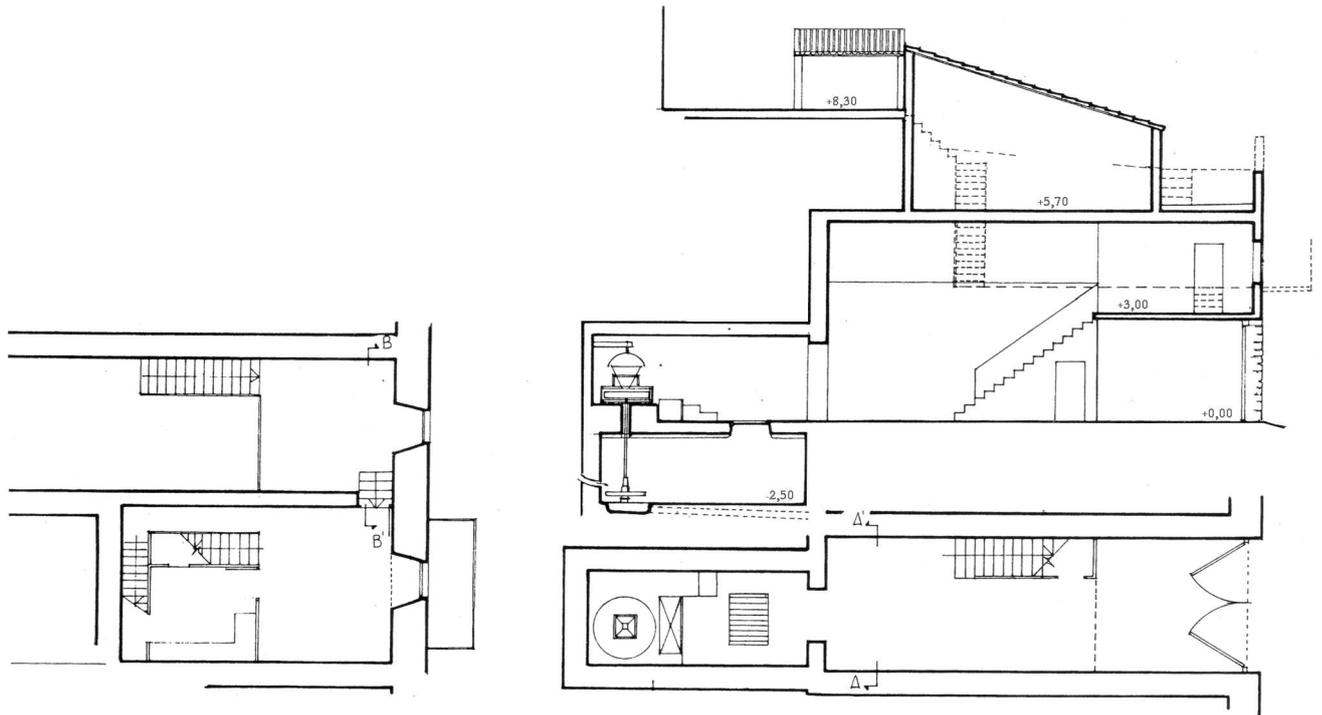


ALÇADO OESTE - ATUAL
 ESCALA 1:200

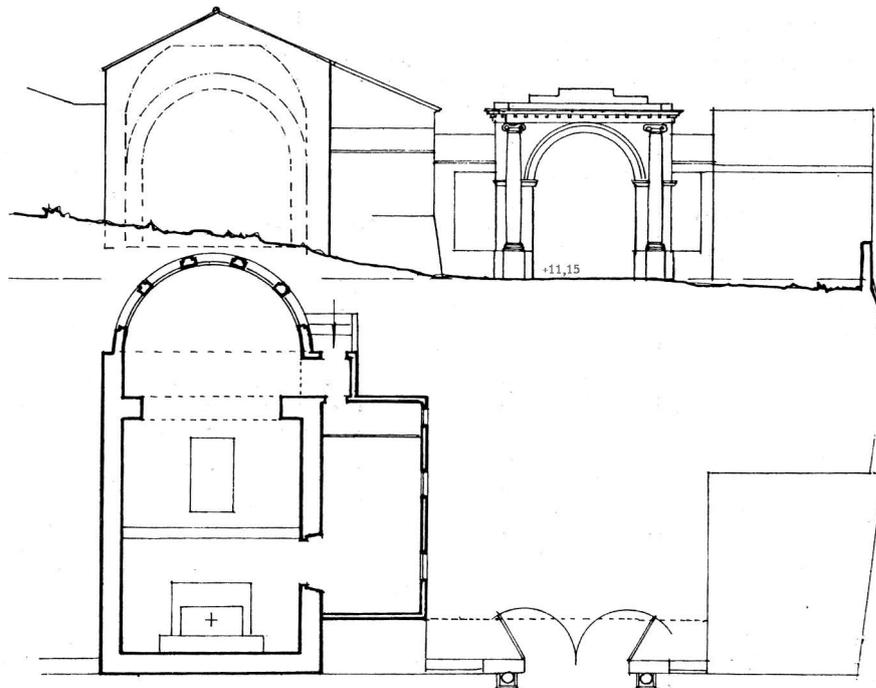


PISO 2 - ATUAL
 ESCALA 1:200

[Desenhos com base no levantamento de 1980, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]



DEPENDÊNCIAS E MOINHO
ESCALA 1:200



CAPELA
ESCALA 1:200

[Desenhos com base no levantamento de 1980, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]

19 CAN BROSSA

LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme



TIPO

Grupo III

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação

CONSERVAÇÃO

Bom estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

16.07.2013

DESCRIÇÃO

O núcleo edificado da Can Brossa está implantado num dos limites da sua propriedade, rodeado, a norte, pela Ermida de *La Mare de Déu de l'Alegria*, antiga igreja da paróquia de Tiana documentada desde 1018 (embora o edifício atual seja do século XVI e tenha sido bastante reformulado no século XVIII), e, a leste, pela propriedade da Can Cirera. Este conjunto de propriedades é atravessado por um caminho, Camí de l'Alegria, que dá acesso a qualquer uma destas edificações.

A edificação principal da Can Brossa, de perímetro grosseiramente rectangular, com a fachada principal virada a sul, é ladeada a nascente por um portão e por uma dependência de um piso com telhado de duas águas. A propriedade é delimitada a sul, a poente e, em parte, a norte por um muro, de modo mais ou menos regular, onde se encostam dois tanques no canto nordeste. A edificação é composta por um corpo de forma praticamente quadrangular com três pisos e cobertura de duas águas com as pendentes na direção este/oeste. Adossado à empena este está outro corpo de forma quadrilátera irregular com dois pisos e cobertura de quatro águas, de onde emerge, no local do vértice, uma pequena torre de planta quadrada com um telhado de quatro águas. A tardoiz está encostado um corpo de forma triangular com dois pisos e coberto com um telhado de uma água.



ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A fachada principal apresenta uma simetria típica das *masies* do tipo III, irrepreensível, com um desenho unificador e os três eixos verticais dos vãos bem definidos. É marcada pelas três janelas de sacada do segundo piso. O portal é constituído por um arco rebaixado com aduelas, enquanto os restantes vãos têm vergas retas e não apresentam molduras, com a exceção da janela central do segundo piso com uma moldura em cantaria simples e com o rebocado recortado. No corpo a leste, ao nível do segundo piso, distinguem-se as galerias com aberturas, relativamente pequenas, com arcos de volta perfeita em três paredes. Os vãos das sobrantes fachadas são diminutos e não evidenciam qualquer regra compositiva. Têm uma forma retangular simples e não apresentam moldura, pois provavelmente foi coberto pelo espesso reboco a que a casa foi sujeita.
- O telhado é rematado com um beiral sobre cornija.
- Relógio de sol, da fachada principal, grava as datas 1626-1948.



20 CAN CIRERA

LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo III

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XV-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudoeste

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação permanente e apoio à atividade agrícola.

CONSERVAÇÃO

Bom estado, embora muito alterado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

16.07.2013

DESCRIÇÃO

A propriedade da Can Cirera encontra-se nas traseiras da Ermida de *La Mare de Déu de l'Alegria* e a leste da Can Brossa, fazendo fronteira com estas duas edificações. A entrada é feita por uma portão ladeado por duas elevações do muro, formando pilares, encimadas por cornijas. O caminho que leva ao conjunto habitacional é um eixo direto a partir da entrada, acompanhado por uma fileira de árvores no lado direito e um pequeno muro de 40cm que protege do desnível dos campos cultivados. Efectivamente, desta perspectiva é possível ver a extensão dos seus da sua área agrícola que é construída em plataformas de diferentes níveis. Do lado esquerdo, logo à entrada, está um corpo de forma retangular com uma pequena excrescência na extremidade da fachada norte, de um piso e com um telhado de uma água, destinado à habitação dos caseiros. Mais adiante, ainda do lado esquerdo do caminho da entrada, estão construídos vários recintos ajardinados a diferentes níveis, com um espelho de água retangular e um tanque.

A parte habitacional é composta por uma soma de volumes que resulta num perímetro retangular recortado.

O corpo por onde é feita a entrada principal da *masia* evidencia uma cicatriz da sua primitiva realidade: o edifício de três pisos é coberto com um telhado de duas águas desiguais, com as pendentes direccionada a noroeste/



sudeste, tendo em vista a cumeeira perpendicular à fachada principal. O conhecimento da estrutura construtiva da *masia* do tipo consolidado leva, portanto, a supor o colapso do tramo direito cuja água é menor. Posteriormente devem ter começado a encostar-se os dois corpos retangulares de dois pisos com telhado de duas águas com as cumeeiras paralelas à fachada do edifício original. Perpendicularmente a este conjunto é projectado um outro corpo na fachada sudeste, de perímetro retangular, de um piso e com cobertura em terraço, que oferece uma outra entrada precedida por dois grandes arcos de volta inteira. Este núcleo construído já foi alvo de várias transformações sendo difícil de interpretar do ponto de vista funcional. Existem ainda outras dependências a tardoz e a sudeste do edifício principal.

ASPETOS MAIS RELEVANTES

- As janelas são geralmente simples de verga reta com as pedras de peito mais largas que as ombreiras e as vergas. Apenas as duas janelas do eixo central e uma janela do corpo direito têm molduras de pedra aparelhada à vista.
- A porta de entrada principal e outros vãos do corpo esquerdo ao nível do piso térreo são formados por arcos rebaixados de aduelas.
- O espaço fronteiro está demarcado por um pavimento em ladrilho cerâmico.
- O telhado é rematado em beiral duplo sobre cornija.



21 CASINO TIANA

LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo III

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XV-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Clube desportivo

CONSERVAÇÃO

Razoável

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

18.07.2013

DESCRIÇÃO

A *masia* associada ao Casino de Tiana está implantada numa propriedade que atualmente acomoda um clube desportivo para os residentes deste povoamento, não havendo vestígios nem praticamente memória da atividade agrícola. A antiga edificação, de planta retangular, recortada no canto nordeste, com três pisos e telhado de duas águas, quase parece estar abandonada, servindo apenas de despensa e para alguns eventos esporádicos do clube. Existe outro edifício, construído no século XVIII, que se encosta em parte da fachada poente a uma cota superior, que já albergou um casino e hoje tem um restaurante. A *masia* tem um perímetro grosseiramente retangular bastante recortado, com dois pisos e cobertura em terraço. A restante propriedade está rodeada por vários campos de ténis e uma piscina.



ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A fachada principal apresenta-se assimétrica, com um reboco tosco, parcelar e com algumas falhas, exibindo a alvenaria de pedra ou de tijolo, sobretudo a partir do segundo piso. O eixo marcado pela cumeeira revela o desfasamento dos vãos em relação a este e a maior extensão da água direita parece denunciar a ampliação da *masia* com mais um tramo.
- Os vãos têm molduras de pedra aparelhada com lintéis de verga reta ligeiramente trabalhados na parte inferior.
- A janela central é de sacada e encimada por uma pedra de armas
- No terceiro piso estão quatro vãos seguidos de menores dimensões, com arcos rebaixados, molduras chanfradas e peito de ladrilhos cerâmicos.
- Existe uma janela com moldura do tipo classicizante, em cantaria, enquadrado na parte superior por um toro em sugestão de alfiz apoiada por mísulas antropomórficas. As ombreiras são côncavas e rematadas de cada lado por dois colunelos que são unidos por uma base bem demarcada.





22 CAN MAGAROLA

LOCAL
Alella

COMARCA
Maresme

Vista geral de Can Magarola
Vista parcial
Fachada principal

Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo III

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Instalações do Ajuntament de Alella (antigo museu municipal)

CONSERVAÇÃO

Bom estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

24.07.2013

DESCRIÇÃO

O núcleo construído da Can Magarola está localizado num terreno a nordeste do centro urbano de Alella, numa plataforma a uma cota superior à da Riera Coma Clara, artéria estruturante da vila, e ladeado a nascente por um bosque. O acesso à masia é feito por um caminho que serpenteia a propriedade até chegar a um recinto murado de perímetro irregular, de onde se pode observar a frontaria da edificação principal. O conjunto é, essencialmente, constituído por um bloco paralelepípedo dividido em três pisos e com uma cobertura em telhado de duas águas de onde emerge, no canto sudeste, uma torre de planta retangular de quatro pisos com ameias recortadas. A tardoz estão encostadas duas dependências de planta retangular, uma com telhado de duas águas e outra com telhado de uma água.

A masia apresenta uma estrutura clássica de três tramos alongados, ladeada por outros dois que se vêm confrontados com a pendente do terreno. O tramo esquerdo está implantado a uma cota inferior, juntamente com o tramo que lhe é adjacente, tem dois pisos e uma cobertura em terraço. O tramo direito, também de dois pisos, está encostado ao terreno.

Aparentemente, as primeiras obras para a construção da masia tiveram início em 1359, na época denominada por

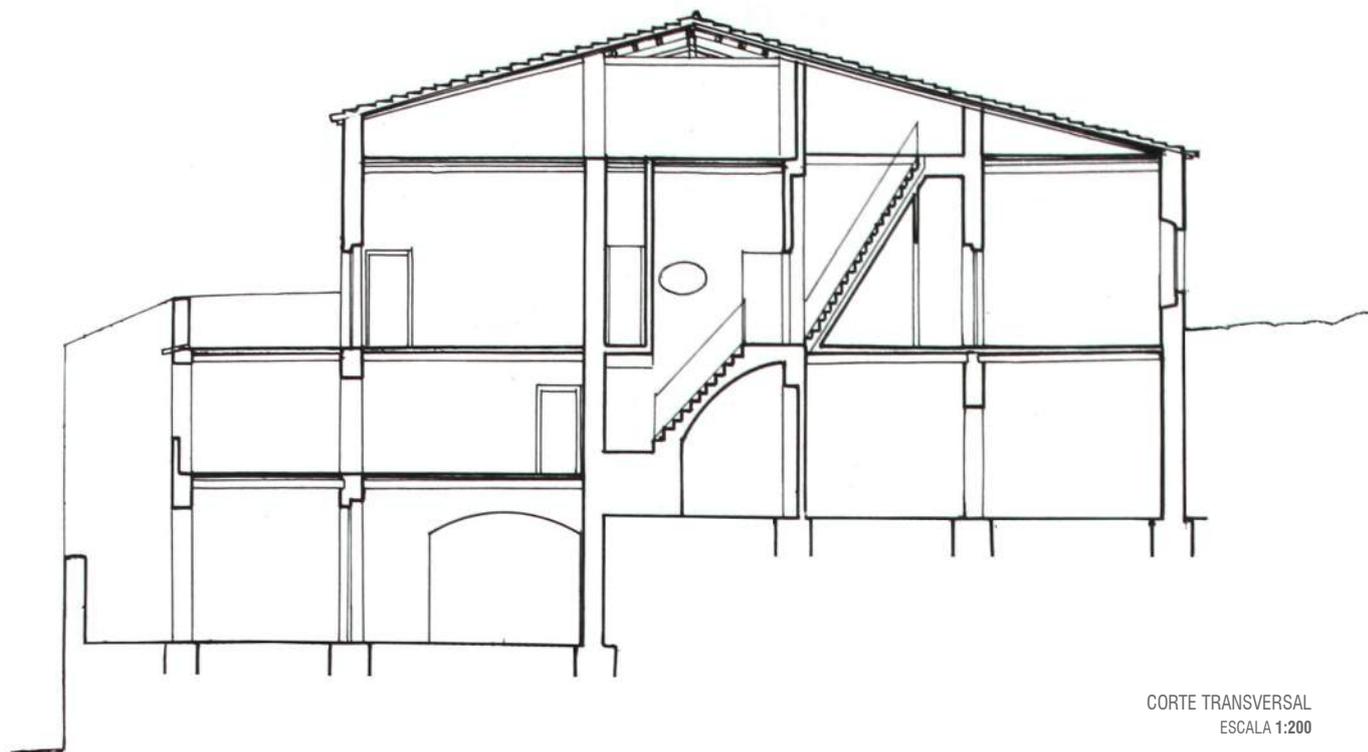


Mas Oller, pois era propriedade de Pere Oller. Em 1625, Pere de Magarola adquiriu-a e alterou o seu nome que se conservou até à actualidade. A estrutura base do tipo consolidado de três tramos deve ter sido concluída no século XVII, como atesta a inscrição na fachada principal (“Fet 1656”), e posteriormente foi objeto de algumas ampliações e remodelações (“Refet 1772”).

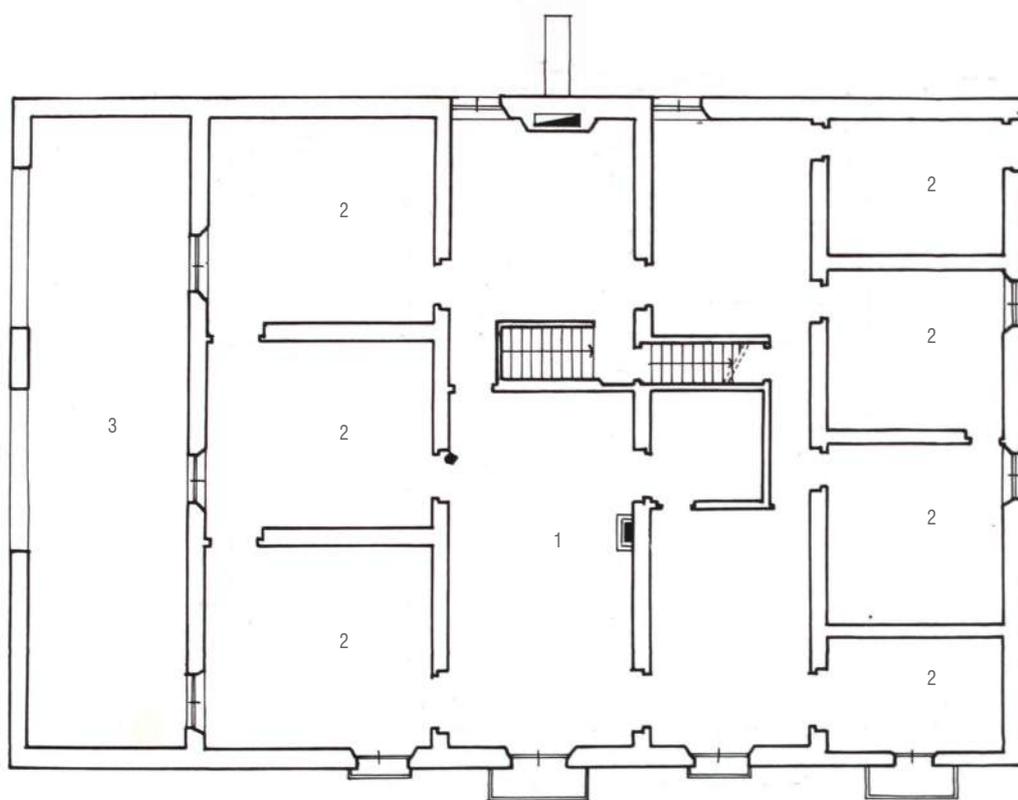
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- O bloco central da fachada principal é dotado de uma composição de vãos praticamente simétrica, com um eixo central marcado pela cumeeira. O portal de entrada, composto por grandes aduelas em arco de volta perfeita, está ladeado por dois poiais e duas janelas em cantaria com a verga reta e as arestas chanfradas.
- A fachada principal tem três janelas de sacada com molduras em pedra, com a vergas retas e as arestas chanfradas. A janela central é encimada por um relógio de sol (com a inscrição: “Per als camins/ del cel/ el sol va/ fent via” e “Mira quina/ hora es/ i aprofita/ al dia”).
- Existe outro vão avarandado no segundo piso da torre, com uma consola apoiada sobre mísulas e uma guarda em alvenaria rebocada e caiada.
- Na fachada poente abrem-se dois pares de arcos de volta inteira em cada piso, executados com tijoleira.





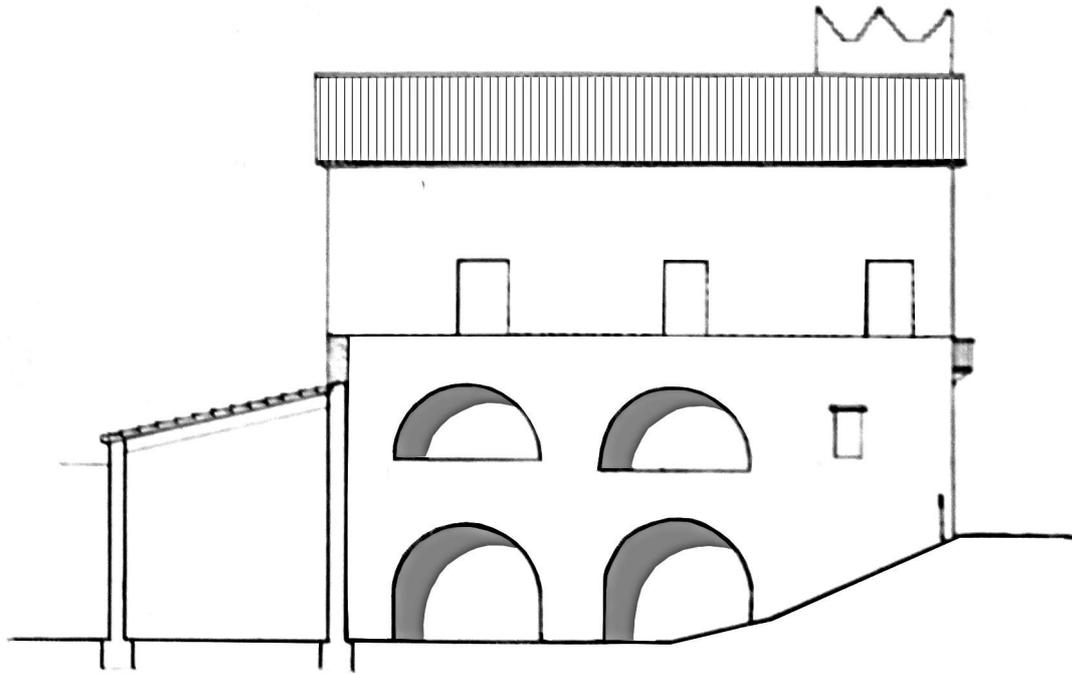
CORTE TRANSVERSAL
ESCALA 1:200



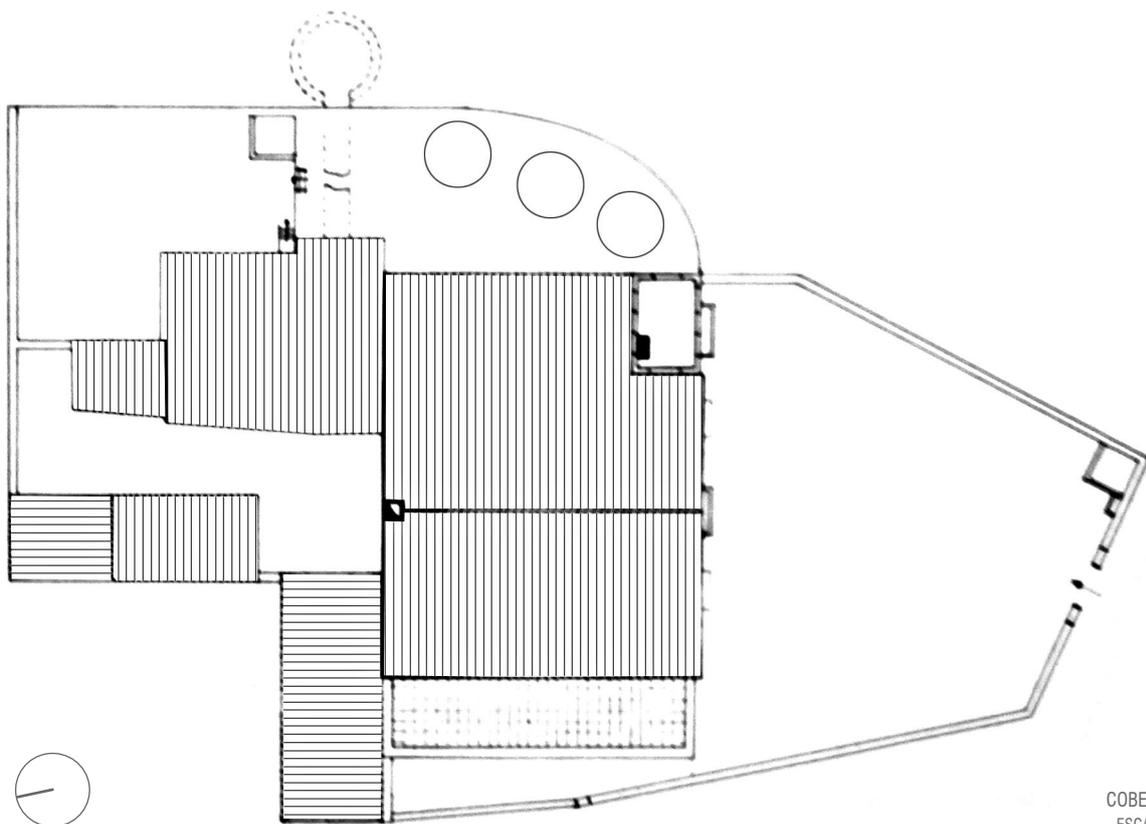
PISO 2
ESCALA 1:200



- 1. SALA
- 2. QUARTO
- 3. GALERIA



ALÇADO OESTE
ESCALA 1:200



COBERTURAS
ESCALA 1:400

[Desenhos com base no levantamento de 1976, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]



23 CAN VIGUETÀ

LOCAL

La Pinya

COMARCA

Garrotxa

Vista geral de Can Vigueta
Fachada principal
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo III

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XV-XVIII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação, apoio à atividade pecuária

CONSERVAÇÃO

Razoável

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

27.07.2013

DESCRIÇÃO

O núcleo construído da Can Viguetà está situado fora do perímetro urbano de Olot, a sudoeste do centro da vila, ladeado por um bosque a norte. O *mas* inclui uma edificação principal, de contorno genericamente retangular com uma saliência, uma nova habitação de dois pisos e telhado de duas águas, próxima da fachada poente da *masia*, duas dependências de planta retangular e telhado de duas águas, a leste do conjunto, e uma série de armazéns para a criação e produção de bovinos, a nordeste. O caminho de acesso ao *mas* deriva da estrada GIV-5224, a sul, numa cota inferior, desembocando num pátio de terra batida formado pelas duas dependências que alojam animais e pela edificação principal.

A *masia* está encostada ao terreno, que se eleva a norte, permitindo o seu acesso a diferentes cotas – característica da arquitetura rural de montanha. A edificação está dividida em três pisos: o piso térreo, que antigamente acomodava os estábulos e que hoje serve apenas para guardar os utensílios e ferramentas de trabalho; o segundo piso destinado à habitação; o sótão para armazenar o produto das colheitas. Além da comunicação interna entre os diferentes níveis da *masia*, estes podem ser acedidos pelo exterior a diferentes cotas: o piso térreo tem uma entrada na fachada sul, o segundo piso pode ser acedido pela fachada nascente e o



sótão tem o seu acesso ao exterior a tardoz (norte). Apesar de ter sofrido algumas remodelações interiores, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, apresenta uma disposição clássica, com a sala a meio e os quartos nos tramos laterais. Na empena leste está encostado um corpo, de planta retangular com um piso e cobertura em terraço, que serve para arrumação.

A fachada principal tem uma composição simétrica, ao nível do segundo e terceiro pisos, com um eixo central assinalado pela cumeeira. Ambos os pisos têm galerias: o segundo piso é formado por quatro arcos abatidos e o terceiro piso sustenta a estrutura da cobertura com três pilares centrais. Este corpo das galerias foi, seguramente, adicionado posteriormente à edificação original e pode ser comprovado pelo diferente tipo de alvenaria utilizado nas empenas.

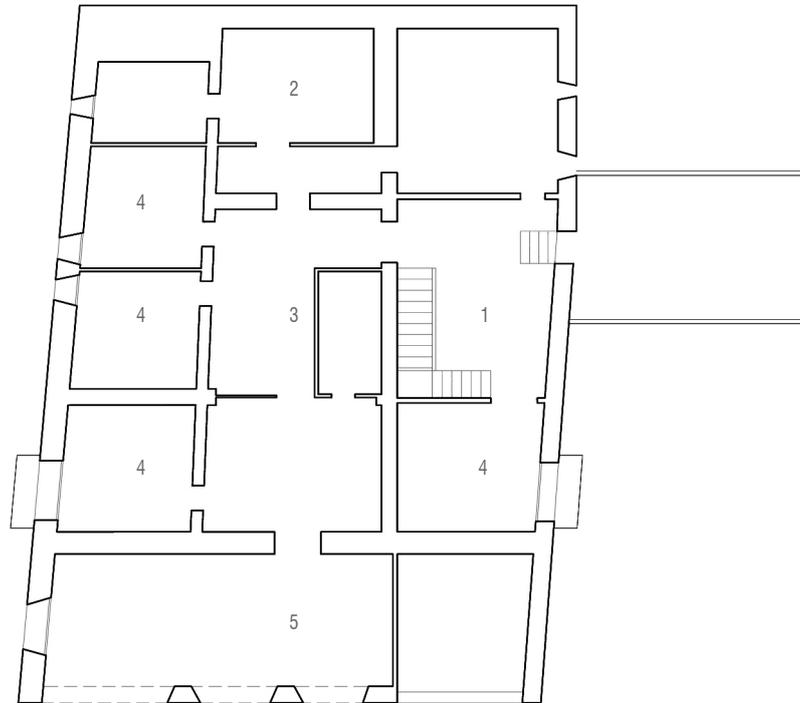
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A edificação principal não está rebocada e, portanto, é possível ver as diferentes alvenarias de pedra e alguns remendos com alvenaria de tijolo.
- O primeiro piso, antigamente destinado aos animais, é coberto por abóbadas de arestas rebocadas, o que impedia a passagem de cheiros para os pisos superiores.
- A galeria do segundo piso é coberta por abobadilha cerâmica entre uma estrutura de vigas de betão.
- Existem três vãos no segundo piso, dois na fachada poente e um na fachada nascente, com moldura em cantaria com as arestas chanfradas. A porta de acesso ao sótão, na fachada norte, tem uma moldura em tijoleira a meia-vez com as arestas chanfradas.
- O telhado e a estrutura de vigas de madeira que o suporta estendem-se para lá dos limites das paredes de carga e, entre esta estrutura de madeira e as telhas, está uma camada ladrilhos cerâmicos pintados. Este é um aspeto construtivo típico da Catalunha húmida.
- Os cunhais sudoeste e sudeste da *masia* são reforçados por contrafortes.

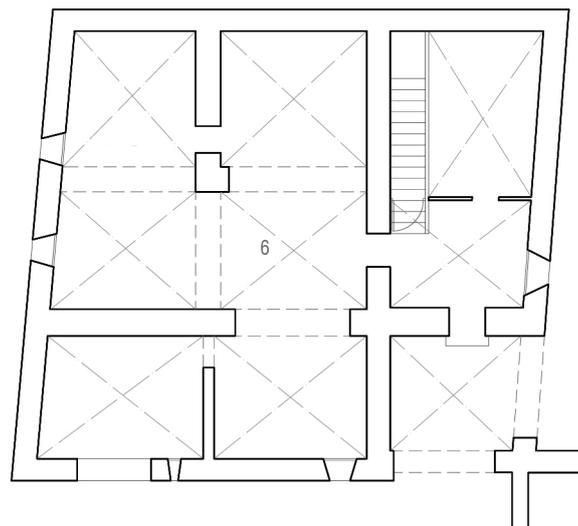




- 1. VESTÍBULO
- 2. SALA
- 3. COZINHA
- 4. QUARTO
- 5. GALERIA
- 6. ESTÁBULOS



PISO 2
ESCALA 1:200



PISO 1
ESCALA 1:200

TIPO IV|A

MASIA BASILICAL

Casa rural com um tramo central elevado coberto por um telhado de duas águas orientadas para as fachadas laterais





24 CAN CASALS

LOCAL
Alella

COMARCA
Maresme

Fachada principal de Can Casals com pessoas à janela
Fachada principal de Can Casals
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo IV|A

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIV-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudeste

FUNÇÃO ACTUAL

Devoluto

CONSERVAÇÃO

Em fase de reabilitação

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

11.07.2013

DESCRIÇÃO

Can Casals está atualmente inserida no limite do terreno de um condomínio privado em Alella, não muito longe das *masies* anteriormente descritas. O núcleo edificado deste *mas* parece ter sido consideravelmente reformulado desde o estudo de Bonet i Garí . Constituído por um *massia* de tipo basilical de três pisos e cobertura de duas águas, ressaltando o tramo central elevado que apenas atinge metade do comprimento deste volume principal; encostado a este corpo, na parede nordeste, está um anexo de dois pisos e telhado de uma água. Existem, atualmente, mais dois corpos que não foram documentados nos desenhos do estudo *Masies del Maresme*¹, embora aparentem uma certa antiguidade. Um dos corpos está adossado à parede sudoeste, tem dois pisos e cobertura de uma água, a sua planta é tendencialmente quadrangular, embora com uma saliência na esquina com o edificado quinhentista. Por último, existe ainda outro corpo de planta quadrilátera irregular de um piso e cobertura de uma água, afastado do núcleo construído, originando um pátio resguardado por um portão.



¹ GARÍ, 1983: p. 334.

A distribuição interior é feita de acordo com o tipo consolidado, ou seja, com os três tramos contíguos, perpendiculares à fachada principal. Possivelmente o edifício do tipo basilical (com apenas os três primeiros tramos) é a construção mais antiga do conjunto, como se pode atestar pelo corpo central elevado, que tem apenas o comprimento do tramo, não se estendendo até ao tardo. O crescimento da *masia* é feito de modo convencional, com a construção de corpos na fachada norte e lateralmente tendo em conta o desenho da fachada principal.

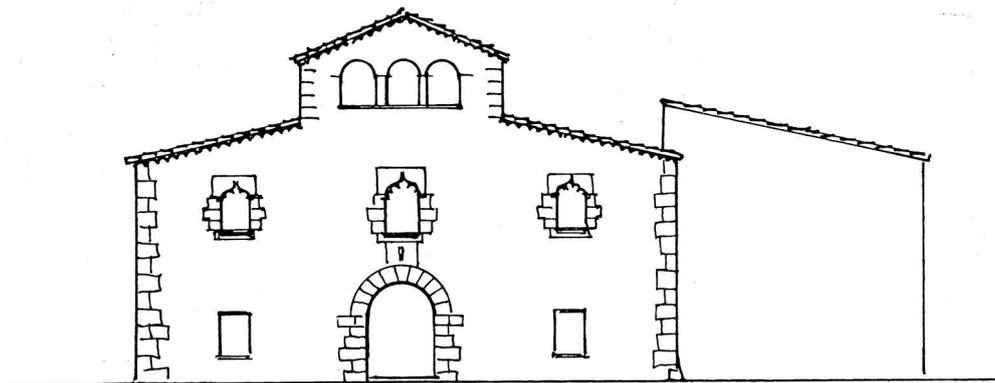
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A configuração da fachada principal evidencia algumas alterações recentes, comparando com o estudo de Bonet i Garí²: o corpo anexo a nascente, antigamente com uma cobertura sobrelevada, está hoje ao mesmo nível do telhado adjacente e com a mesma pendente; foi executado um novo vão de moldura simples neste corpo; a janela pertencente ao sótão, antigamente composta por três pequenos arcos em volta perfeita, tem hoje uma moldura simples em cantaria, com um bujardado distinto de todos os outros vãos. Os dois vãos que flanqueiam a porta principal têm moldura em pedra com verga reta e um deles é caiado. As janelas do piso superior simulam um alfiz com um arco conopial integrado e apoiado sobre mísulas com figuras decorativas.
- O telhado é rematado em beiral duplo. As portas interiores são geralmente baixas (1.70m) e algumas delas foram fechadas para cumprir o projecto de reabilitação.
- A fachada posterior inclui, além dos vãos e aberturas recentemente executados na reabilitação, duas janelas possivelmente em pedra com o desenho caiado de uma moldura classicizante.
- Os vãos do segundo piso têm todas namoradeiras no interior.

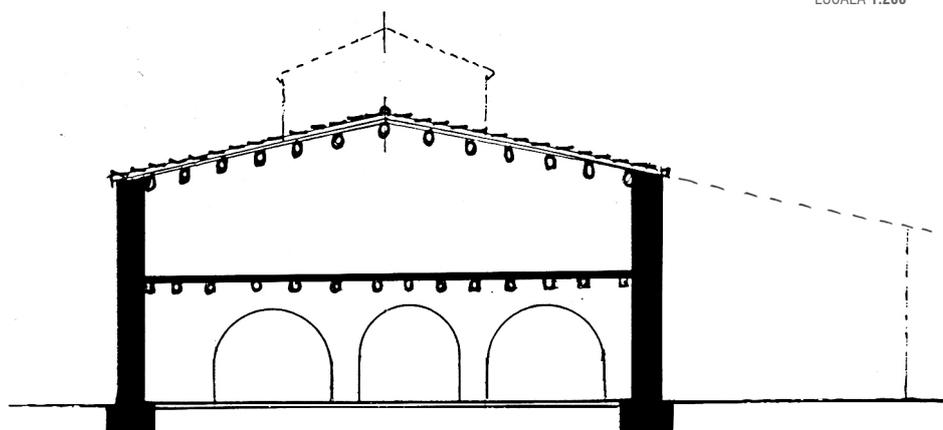


² GARÍ, 1983: p. 334.

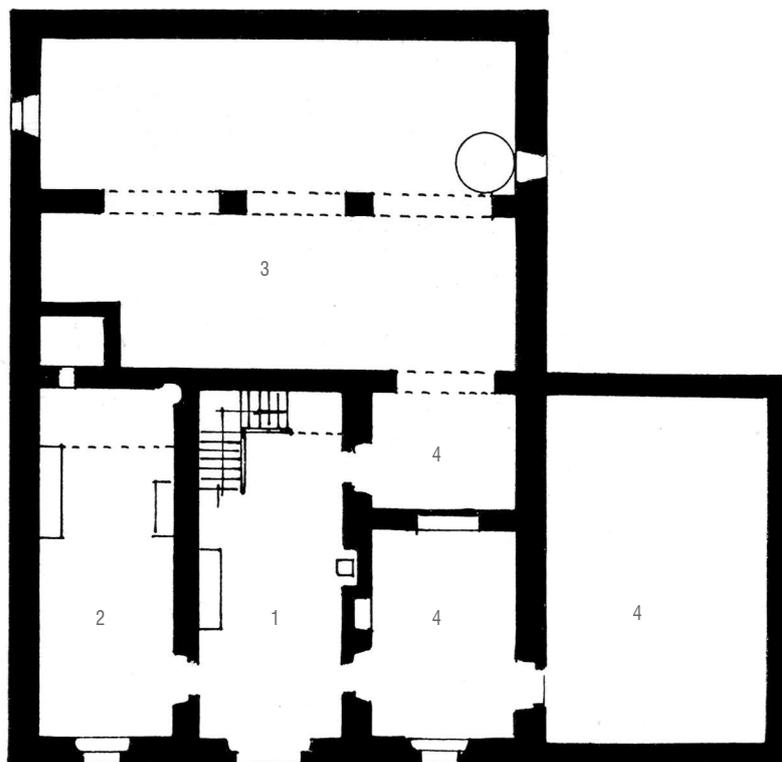




ALÇADO SUL
ESCALA 1:200



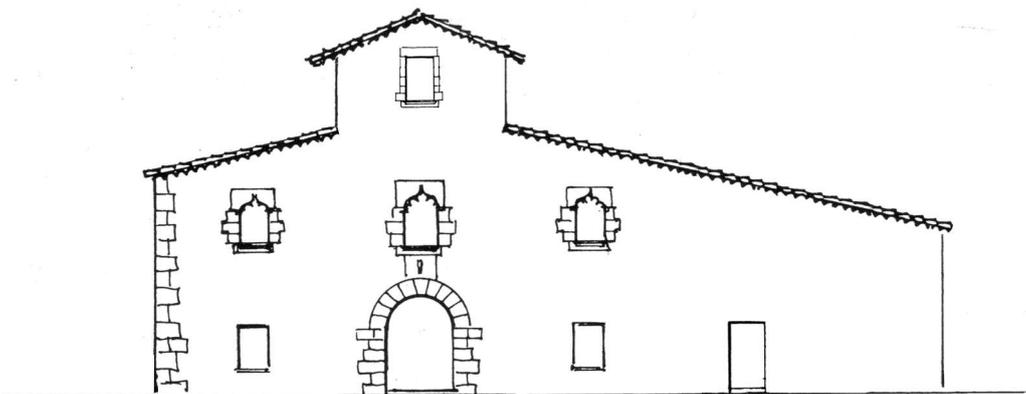
CORTE TRANSVERSAL
ESCALA 1:200



- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA
- 3. ADEGA
- 4. ARRECADAÇÃO?

PISO 1
ESCALA 1:200

[Desenhos com base no levantamento de GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]



ALÇADO SUL - ATUAL
ESCALA 1:200



25 CAN TORREDÀ

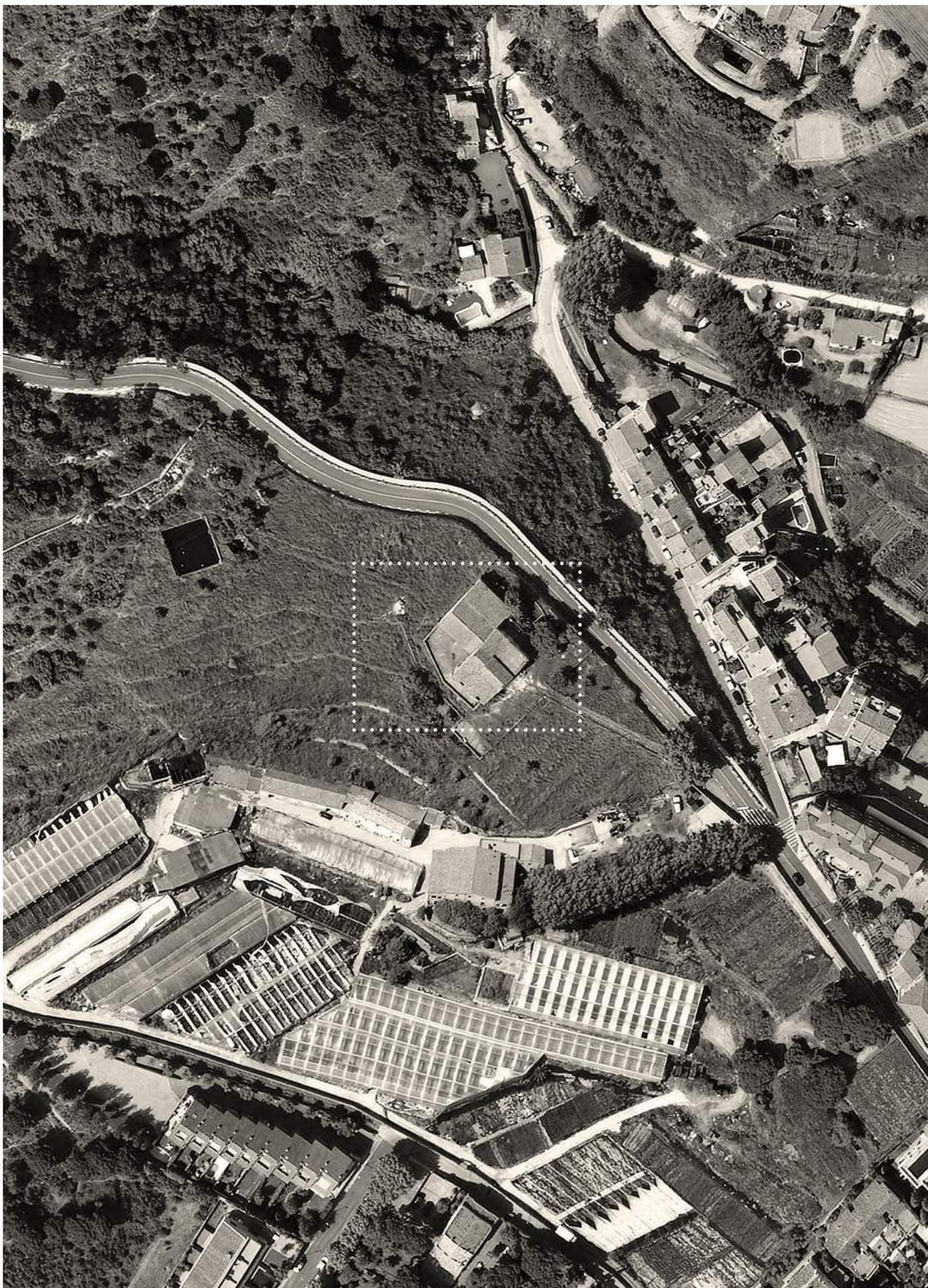
LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme

Vista geral de Tiana com a Can Torredà à esquerda
Fachada principal
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo IV|A

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIX

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudeste

FUNÇÃO ACTUAL

Devoluto

CONSERVAÇÃO

Mau

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

16.07.2013

DESCRIÇÃO

O núcleo construído da Can Torredà está posicionado no alto de um cerro na periferia de Tiana, permitindo-lhe ter vistas sobre a própria vila e sobre o mar. Um extenso muro protege a propriedade a nascente e a norte da Carretera Badalona a Mollet que atravessa o centro urbano. A sul é delimitada por outra propriedade composta em grande parte por um aglomerado de estufas. O perímetro do conjunto construído é sensivelmente retangular, com apenas um recorte a leste. O edifício principal de três pisos, no qual não foi possível entrar, é constituído por um tramo central elevado, que não se estende até toda a profundidade do corpo construído e tem uma cobertura de duas águas com a cumeeira perpendicular à fachada principal. Os corpos laterais têm a mesma orientação da pendente mas a um nível inferior. Por trás escondem-se algumas dependências: um edifício de dois pisos e telhado de duas águas e um corpo que se encosta a leste, também de dois pisos e um telhado de uma água sobrelevado.

Inclui um corpo de um piso com cobertura em terraço que acompanha a fachada poente dos vários corpos. Este é um exemplo de *masia* com um núcleo construído compacto, do qual apenas se destaca um tanque quadrangular a noroeste para abastecer a antiga zona agrícola.



ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A fachada individualiza toda a parte central, pela sua composição estritamente simétrica, que ocupa mais de dois terços do comprimento total da frontaria.
- Todos os vãos têm verga reta e não têm moldura, à exceção do portal de entrada que é construído com pequenas aduelas em arco de volta inteira, atualmente fechado com uma parede de tijolo e com uma porta retangular metálica.
- O eixo central dos vãos inclui ainda, ao nível do segundo piso, uma janela de sacada com uma pequena varanda com guarda em ferro e consola emoldurada e três diminutas janelas no sótão. As outras duas janelas de sacada nos eixos laterais têm consolas menos emolduradas.





26 CAN MATAS - CAN BARATAU

LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo IV|A

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIV

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Biblioteca municipal

CONSERVAÇÃO

Bom estado (muito reformulada interiormente)

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

18.07.2013

DESCRIÇÃO

Atualmente muito transformado, o edifício único implantado a pouco metros a norte da Ca'l Anglada, alberga uma biblioteca municipal que devido à reconversão perdeu toda a sua memória da atividade rural. Tem uma planta genericamente quadrada com dois pisos cobertos por um telhado de duas águas e um tramo central que atinge os três pisos (visto que é do tipo IV) também este coberto com duas águas. Certas partes do telhado estão sobrelevadas. Existe um pequeno recinto ajardinado em L, a sul e a nascente da edificação, estando de seguida rodeados por uma envolvente urbana (semi-urbana?).

ASPETOS MAIS RELEVANTES

- À aproximação ressaltam imediatamente as características modernas introduzidas recentemente na reconversão da *masia* em equipamento público, sem deixar qualquer vestígio material de como seria o interior. Conserva o portal de entrada com aduelas, desencontrado da cumeeira, e os vãos da fachada principal, com a exceção da janela do sótão, são todos janelas de sacada, incluindo os vãos do piso inferior, algo inédito.







27 CAN COSTA

LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo IV|A

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XV

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudoeste

FUNÇÃO ACTUAL

Devoluto

CONSERVAÇÃO

Mau estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

18.07.2013

DESCRIÇÃO

A propriedade da Can Costa encontra-se hoje abandonada e completamente alheia às actividades económicas antigamente desenvolvidas no terreno. Está localizada numa área limítrofe da vila, não muito longe do Ajuntamento de Tiana, orientada perpendicularmente ao caminho com que faz fronteira. Existe um portão de entrada que separa o terreiro em frente à fachada principal da rua.

O conjunto edificado é constituído essencialmente pela antiga *masia* do tipo IV e uma amálgama de dependências encostadas ao tardo e à empena nascente. O corpo principal, de perímetro rectangular, tem dois pisos em grande parte da área de implantação, excetuando o eixo/tramo central que apresenta três pisos. Este é coberto com um telhado de duas águas e os tramos laterais por apenas uma água cada um. A tardo está adossado um volume transversal que acompanha a largura do edifício original, com dois pisos e uma água. De seguida, encostado a este último, está um corpo de um piso com cobertura em terraço que tem à sua frente um tanque rectangular. Existe ainda outro volume de um piso com cobertura em terraço encostado à fachada leste e dois pequenos anexos próximos deste núcleo construído.

A frontaria está organizada segundo um eixo de simetria com o portal ao meio e duas janelas de cada lado.



ASPETOS MAIS RELEVANTES

- Foi construída uma passagem em ponte que liga o segundo piso da *masia* ao terreno do outro lado do caminho que está a uma cota superior. O mais provável, portanto, é que este terreno fizesse parte da propriedade.
- No centro da fachada principal está também uma grande varanda, ao nível do segundo piso, apoiada por duas estreitas colunas e com guardas de balaústres em ferro e três pequenos arcos de volta inteira no sótão. Os vãos não apresentam guarnição.
- A cobertura do alpendre e o pavimento da varanda é feita com *revoltó ceràmic*.





28 CAN MORA

LOCAL

Teià

COMARCA

Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo IV|A

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIV-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação

CONSERVAÇÃO

Bom estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

22.07.2013

DESCRIÇÃO

A propriedade está inserida na margem direita da principal artéria de Teià, Passatge de la Riera, e é acedida por um caminho, Torrent Can Mora, que desemboca a sul do núcleo construído, claramente elevado em relação aos campos de cultivo situados a poente. À aproximação é possível entender o pátio de entrada rodeado pela *masia* original, por uma nova edificação perpendicular à *masia*, a nascente e de características modernas, e por um conjunto de árvores que completam o recinto a ocidente e a sul.

A edificação principal tem uma planta rigorosamente retangular com duas pequenas excrescências no canto sudoeste, de um piso e uma água, que acolhem um lavadouro e uma arrecadação. A *masia*, catalogada dentro do tipo basilical, apresenta, portanto, dois pisos na maior parte do retângulo de implantação e um corpo central elevado com três pisos. O novo edifício, por sua vez, é formado por um retângulo irregular que soma diferentes corpos com coberturas e pisos distintos. Genericamente o conjunto edificado tem dois pisos, no entanto, existem algumas secções de apenas um piso e uma água ou com cobertura em terraço. Esta nova habitação, datada de 1881, provavelmente bastante reformulada durante a segunda metade do século XX, está encostada ao tramo



direito da masia, que foi integrado na construção mais recente durante as partilhas. O tramo posterior do edifício original também se encontra atualmente separado da casa (foram entaipados os vãos que faziam a sua comunicação tanto no primeiro como no segundo piso) para gerar uma nova habitação.

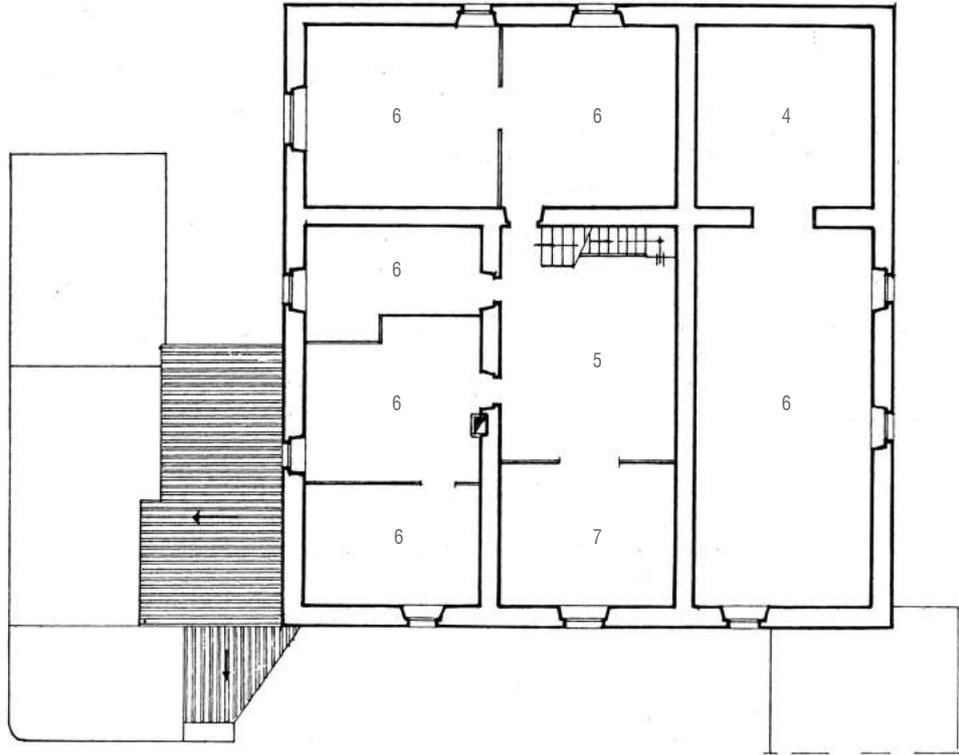
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- O terceiro piso do tramo central foi acrescentado em 1677 (segundo a inscrição no lintel da janela), o que prova a evolução natural das masies do tipo II, de dois pisos e cobertura de duas águas, para as masies do tipo basilical (tipo IV). Este acréscimo respondia às exigências práticas da produção agrícola para armazenar as colheitas.
- A fachada principal é dotada de uma rigorosa composição simétrica dos vãos, com um eixo central marcado pela cumeeira, excetuando a porta de entrada no tramo direito (possivelmente alterada aquando da construção da nova habitação). A *masia* é construída em alvenaria de pedra rebocada e caiada, com um reforço de blocos de pedra aparelhada nos cunhais.
- O segundo piso inclui três janelas de arco conopial rebaixado e polilobado (de tipo gótico – século XV), apoiado em blocos de pedra aparelhada. O bujardado das cantarias dos vãos parece ter sido retocado.
- O portal de grandes aduelas em arco de volta inteira encontra-se em perfeito estado de conservação e integra a pedra de armas da família.
- A configuração interna da masia está projectada de acordo com o tipo clássico. Os três tramos estão justapostos e colocados perpendicularmente à fachada principal (apesar do tramo esquerdo incluir uma parede portante que o divide em dois quadrados). Atrás deste conjunto foi adicionado um tramo transversal.
- A parede das escadas tem uma mirilla.
- O segundo piso encontra-se aparentemente intocado. O pavimento é composto por ladrilhos cerâmicos.

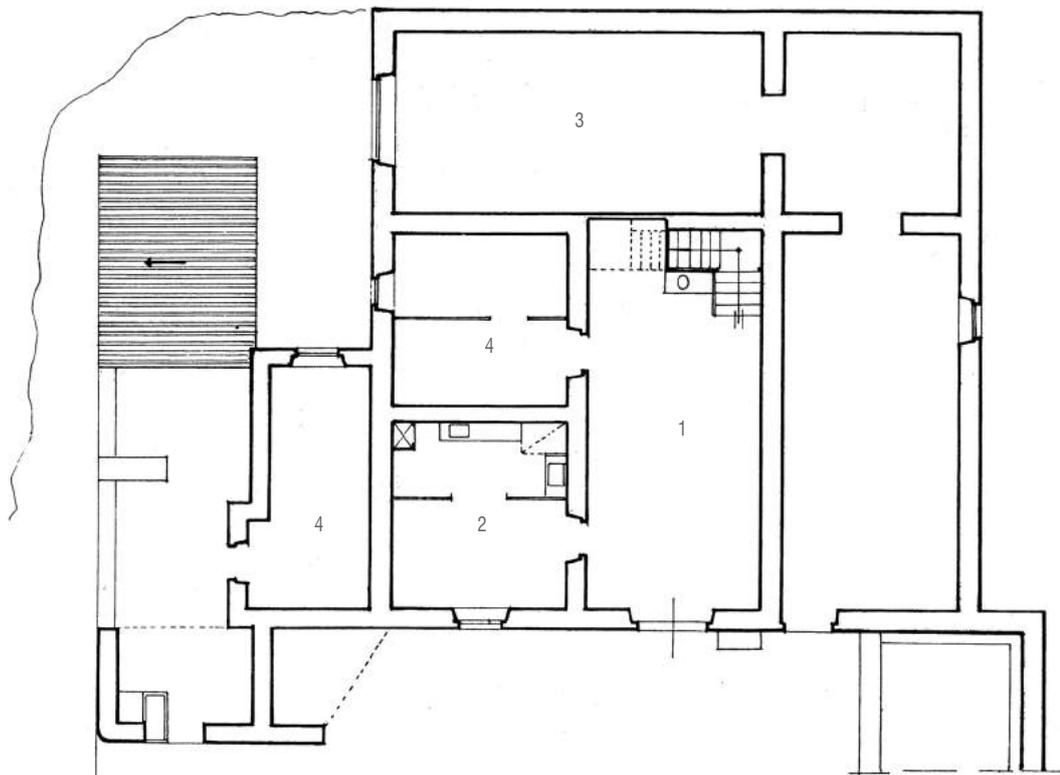




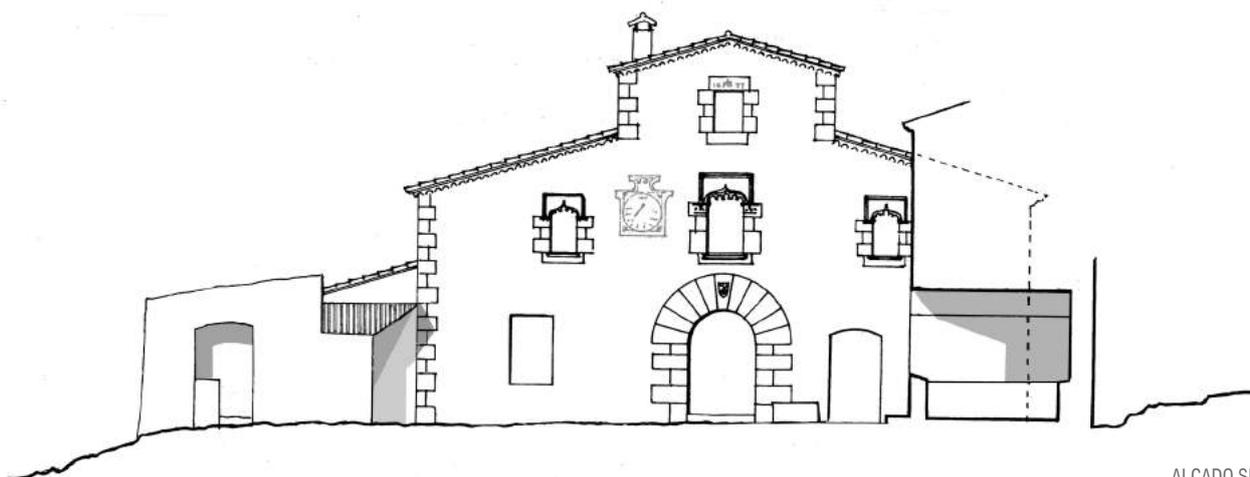
- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA
- 3. ADEGA
- 4. ARRECADAÇÃO?
- 5. SALA
- 6. QUARTO



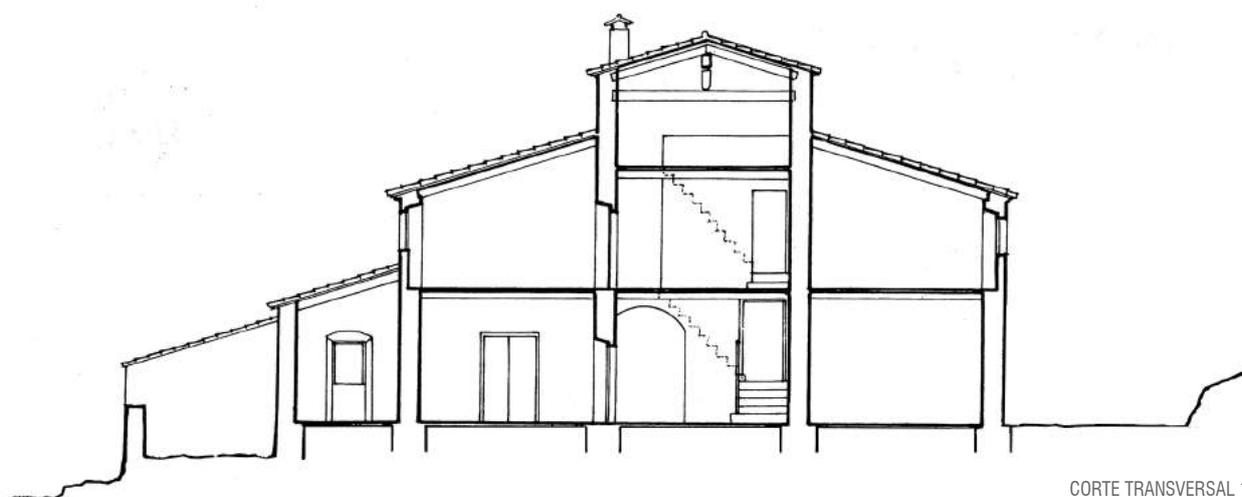
PISO 2
ESCALA 1:200



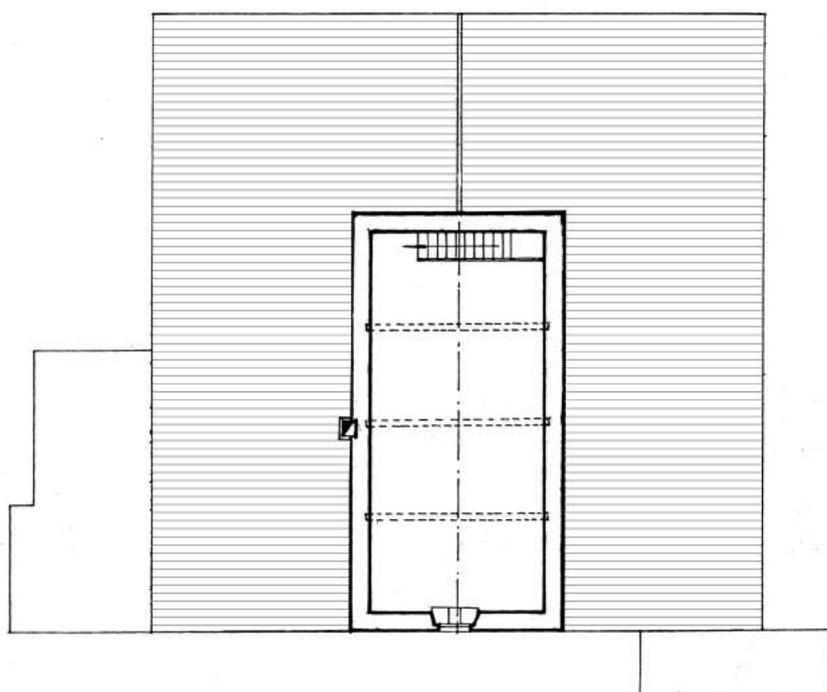
PISO 1
ESCALA 1:200



ALÇADO SUL
ESCALA 1:200

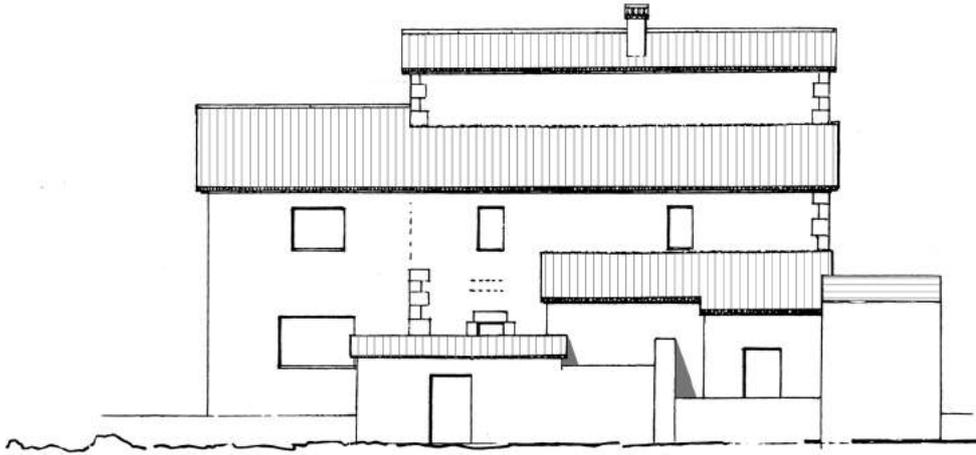


CORTE TRANSVERSAL 1
ESCALA 1:200

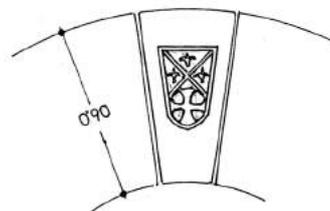
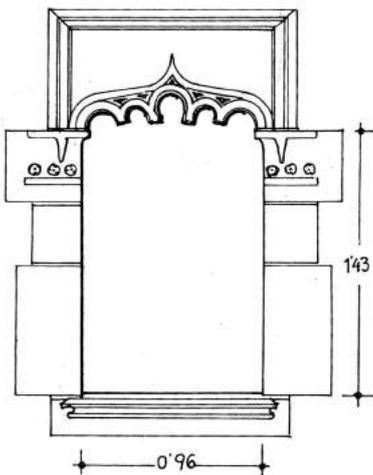
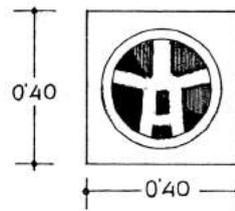
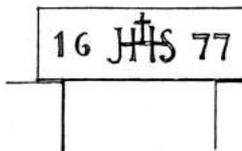


PISO 3
ESCALA 1:200

[Desenhos com base no levantamento de 1978, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]



ALÇADO OESTE
ESCALA 1:200



PORMENORES DOS VÃOS



29 CAN MONNAR - CAN MONAC

LOCAL

Teià

COMARCA

Maresme

Vista lateral da fachada oeste e sul de Can Monnar
Fachada principal
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo IV|A

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIII-XV

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Devoluto, apoio à atividade agrícola

CONSERVAÇÃO

Em fase de reabilitação

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

23.07.2013

DESCRIÇÃO

Casa rural implantada numa pequena elevação a norte da C'al Basté, acedida por um caminho que faz fronteira a norte com o núcleo edificado de perímetro grosseiramente retangular. As restantes faces estão rodeadas por pequenas parcelas de terreno cultivadas. A edificação principal tem uma planta retangular com dois pisos e telhado de duas águas, interrompido pelo tramo central que se eleva para criar mais um piso, também coberto por um telhado de duas águas. Por trás deste tramo individualiza-se uma torre de planta quadrada com quatro pisos e cobertura em terraço. Na fachada posterior está encostada, na parte nascente, uma outra habitação de dois pisos e cobertura de duas águas, perpendicular à edificação principal, que esboça um pátio delimitado a norte e a oeste por um muro.

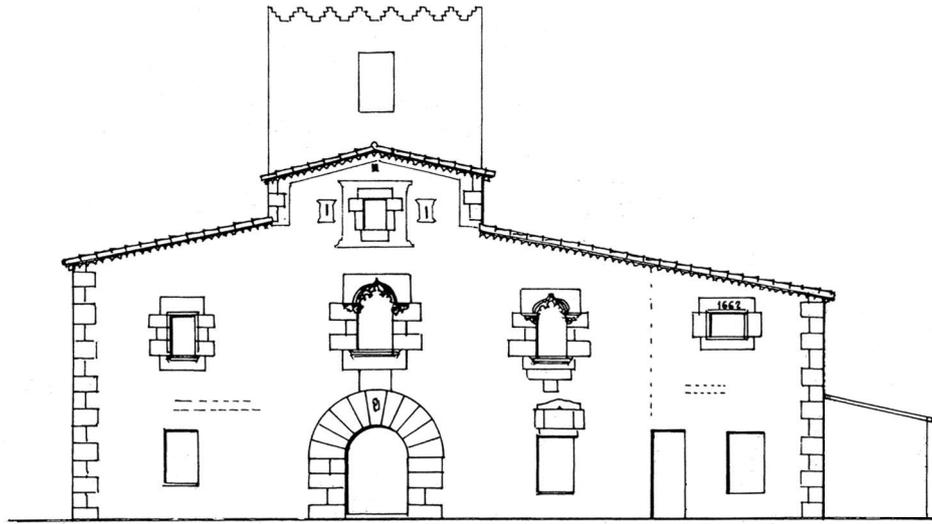
A *masia*, antigamente com uma frontaria simétrica, apresenta um quarto tramo encostado à empena leste, provavelmente adicionado no século XVII (tem a data 1662 inscrita no lintel da janela do segundo piso), tal como o terceiro piso destinado ao sótão, e uma pequena dependência adossada ao quarto tramo. A água direita da edificação está subdividida e ligeiramente sobrelevada na secção posterior (talvez para vencer o desnível a norte).



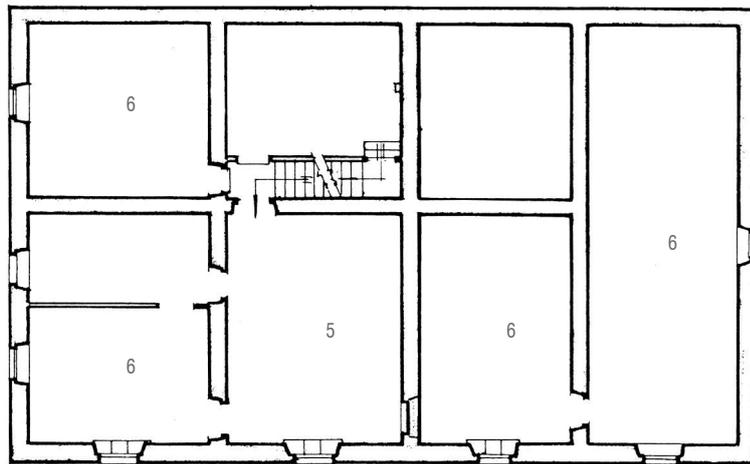
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A frontaria apresenta, no eixo central, um notável exemplar de vão do tipo gótico em arco conopial inserido num alfiz e suportado por duas mísulas muito trabalhadas com figuras decorativas (do século XV). O portal em arco de volta inteira, também ao centro, erguia na aduela central o escudo da família. Os restantes vãos têm uma moldura rectangular simples em cantaria (em alguns casos com a pedra de peito saliente). É de notar a janela correspondente ao sótão e a janela da empena oeste que apresentam as arestas chanfradas. Esta última tem ainda uma inscrição no lintel com a data de execução (1657) e o autor (fran g[b]onach).
- O telhado remata em beiral duplo argamassado entre as duas fiadas de telhas e está sobre uma cornija de tijoleira. O telhado da habitação anexa remata em beiral triplo.
- A torre, atualmente utilizada como depósito de água, inclui no topo ameias recortadas, com algumas falhas.

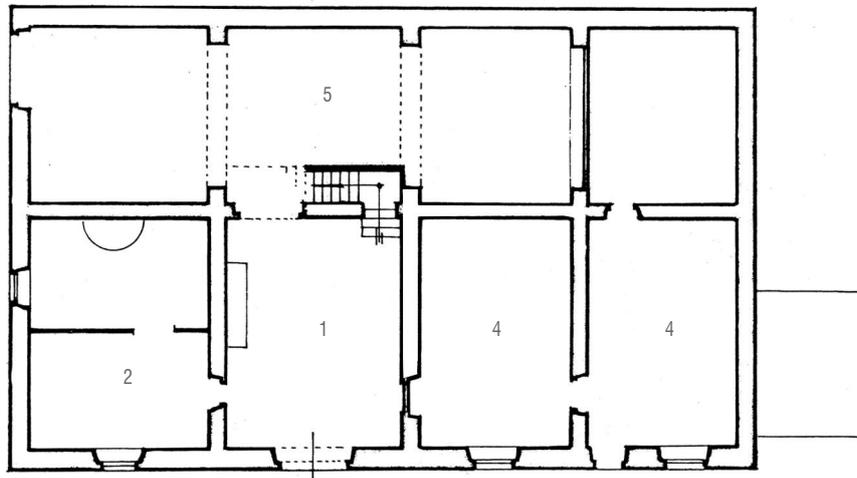




ALÇADO SUL
ESCALA 1:200



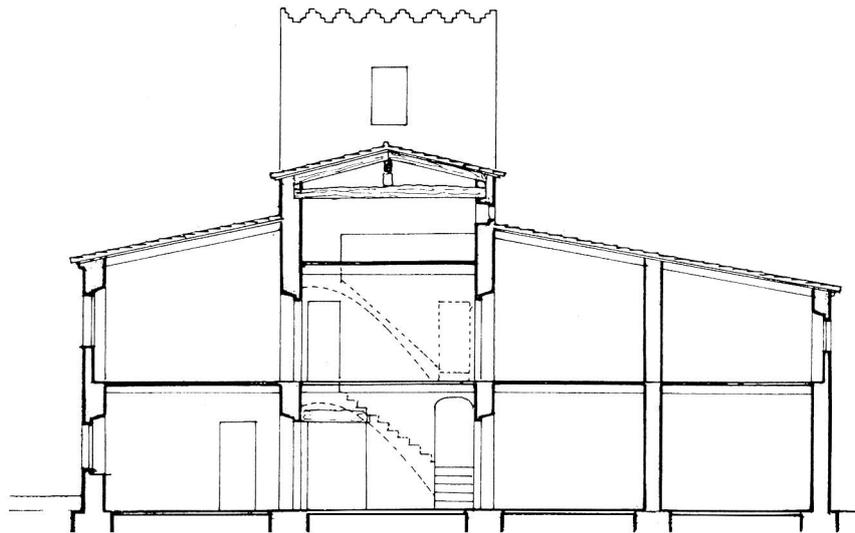
PISO 2
ESCALA 1:200



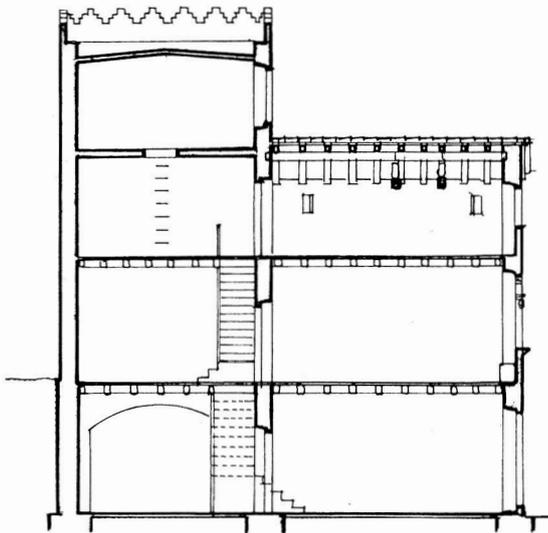
PISO 1
ESCALA 1:200



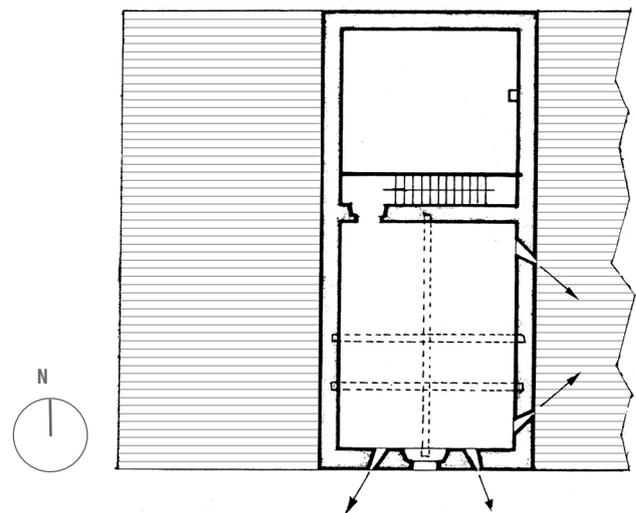
1. VESTÍBULO
2. COZINHA
3. ADEGA
4. ARRECADAÇÃO
5. SALA
6. QUARTO



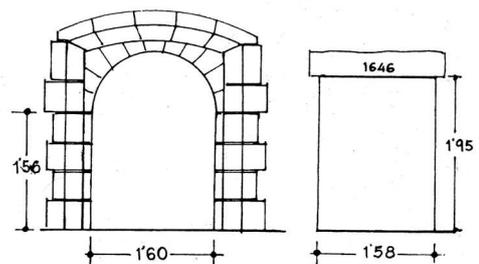
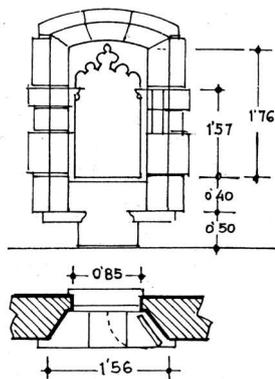
CORTE TRANSVERSAL 1
ESCALA 1:200



CORTE TRANSVERSAL 2
ESCALA 1:200



PISO 3
ESCALA 1:200



VÃOS
ESCALA 1:100

[Desenhos com base no levantamento de 1976, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]

30 CAN TITÓ SERRA

LOCAL

Alella

COMARCA

Maresme

Vista geral de Can Andreu

Vista parcial

Fachada principal

Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo IV|A

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudeste

FUNÇÃO ACTUAL

Devoluto

CONSERVAÇÃO

Ruína

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

24.07.2013

DESCRIÇÃO

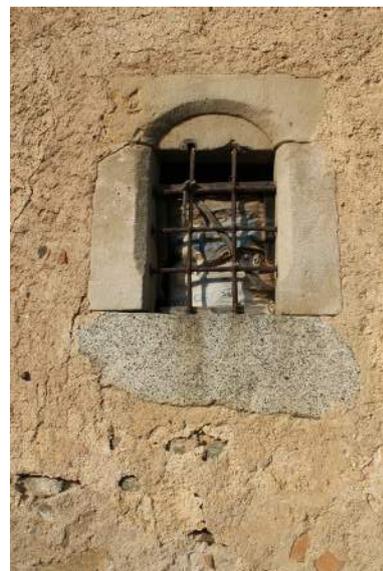
A pequena casa rural, implantada num limite da propriedade que faz fronteira com a Riera Coma Clara, encontra-se hoje abandonada e muito degradada, rodeada de campos cultivados pelos proprietários que construíram uma nova habitação principal a norte. A edificação, de planta quadrada, pertence ao tipo IV|A e, portanto, tem dois pisos e um tramo central com um terceiro piso. A organização interna está, rigorosamente, de acordo com a estrutura do tipo consolidado: três tramos de forma retangular alargada com a escada ao meio, sem as ampliações e adaptações que, em muitos casos, desvirtuam o esquema original. Efetivamente, este é um dos exemplos mais evidente e sintético do sistema modular que está na base da arquitetura rural da Catalunha.

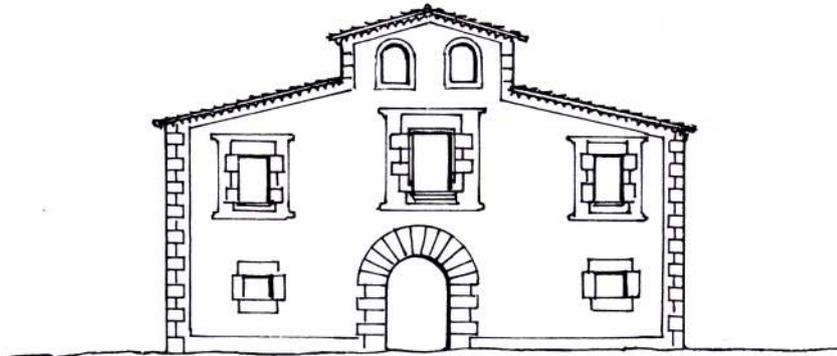
Este edifício, provavelmente, antes de se tornar uma ruína era a casa dos *masovers*. Por outro lado, tendo em conta que as *masoveries* apresentam geralmente sua estrutura tipológica mais clara, devido à economia de meios e à menor contaminação de intervenções “cultas”, poderia dar-se o caso de esta edificação ser a *masoveria* de outro mas próximo (como a Can Magarola, por exemplo, que dista de 170 m). O seu estado de degradação acelerado facilita o estudo da sua constituição.



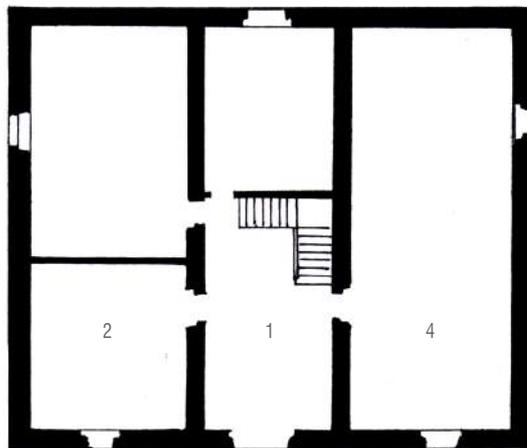
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A maioria das paredes da casa é construída em taipa rebocada e caiada, com camadas de cerca de 5cm separadas por fiadas de pequeníssimas pedras, sobre um embasamento de alvenaria de pedra, ou nalguns casos pontuais, alvenaria de tijolo. A empena nascente está praticamente toda construída com alvenaria de pedra. Os cunhais são reforçados com silhares.
- As janelas da fachada principal têm uma moldura em cantaria com verga reta, arestas chanfradas e pedra de peito saliente, com exceção dos dois vãos correspondentes ao sótão, que são em arco de volta inteira, aparentemente sem qualquer pedra ou tijolo na sua constituição (apenas uma abertura na taipa). Incluem uma moldura esgrafitada do tipo classicizante ou vestígios da sua existência passada. A técnica do esgrafitado é também utilizada para emoldurar o contorno da frontaria.
- Existe ainda uma janela na empena poente, de moldura em cantaria, com um arco de volta inteira esculpido no lintel e arestas chanfradas. As restantes janelas da casa têm verga reta de madeira e ombreiras em tijoleira.
- O telhado é rematado em beiral duplo.





ALÇADO SUDESTE
ESCALA 1:200



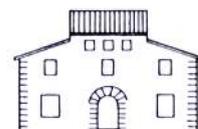
- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA?
- 3. ARRECADAÇÃO?

PISO 1
ESCALA 1:200

TIPO IV|B

MASIA BASILICAL

Casa rural com um tramo central elevado coberto por um telhado de duas águas orientadas para as fachadas principal e posterior



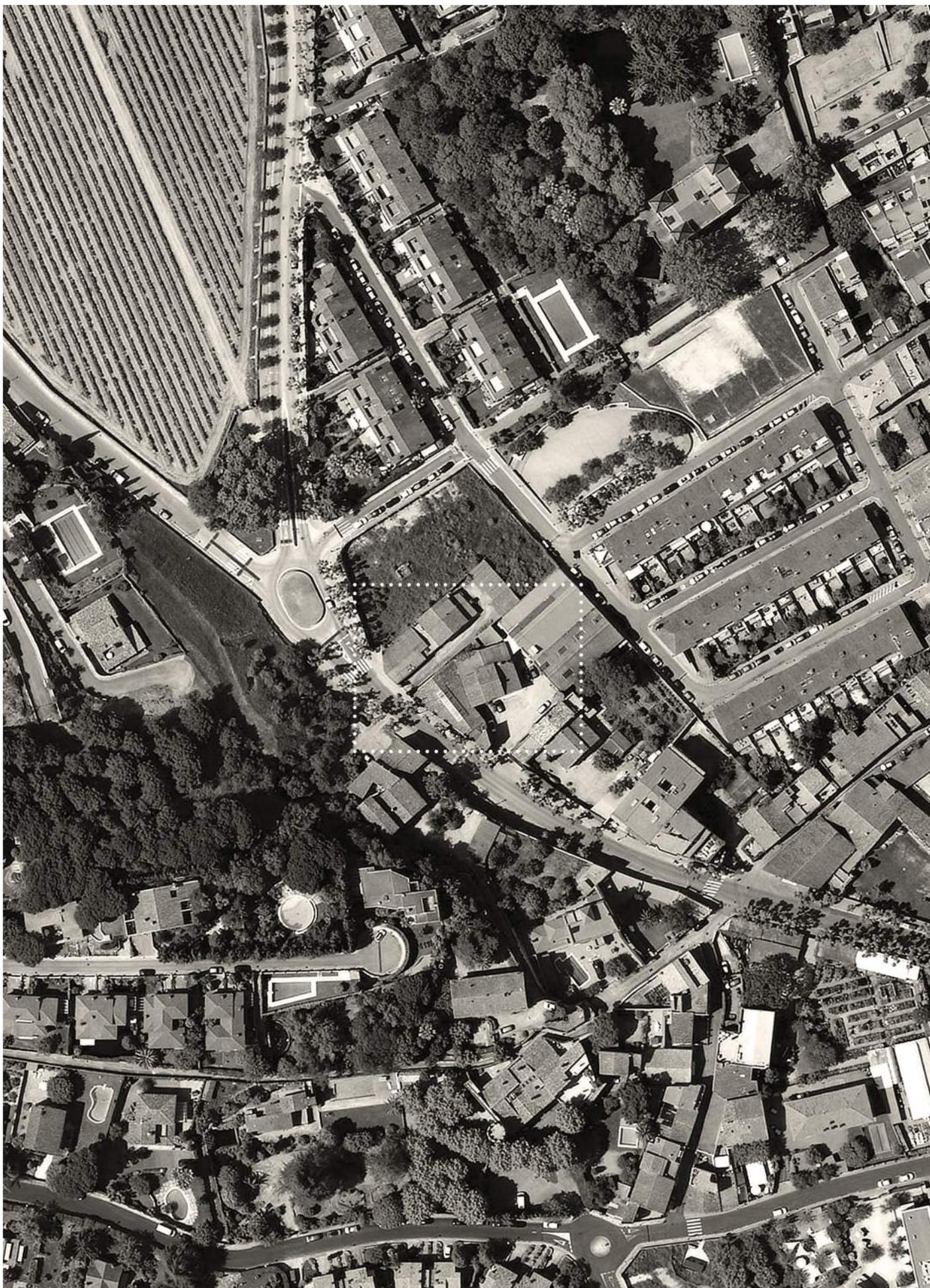
31 CAN MANYÉ

LOCAL

Alella

COMARCA

Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo IV|B

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XV

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Devoluto

CONSERVAÇÃO

Mau

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

12.07.2013

DESCRIÇÃO

Can Manyé, localizada perto de uma das principais vias de Alella, Riera Coma Fosca, está atualmente escondida entre armazéns e construções industriais. A primeira notícia da existência desta *masia* data de 1673 quando Pau Cabesa comprou a casa ao senhor Famosa, antigamente conhecida como Mas Grau, apesar da estrutura arquitetónica apontar para uma origem mais antiga. No início do século XX foi adquirida pela empresa Textil Mañé, que reformou o seu interior para o adaptar às novas exigências de carácter industrial.

O seu estado de degradação e abandono atual dificultam a leitura do próprio modelo de *masia*, pois não se enquadra em nenhum dos tipos propostos neste trabalho nem em outra qualquer classificação, pela sua cobertura invulgar. A edificação original de perímetro retangular tem dois pisos e um tramo central com uma cobertura distinta do restante volume. Este tramo é achatado, ao contrário do que acontece com as *masies* basilicais, sendo coberto por um telhado de duas águas em que a cumeeira está paralela à fachada principal.

Os dois tramos laterais têm cada um uma água orientada para as empenas. Ao tardo encosta outro tramo transversal da largura do edifício, igualmente com dois pisos e coberto com o prolongamento do telhado já existente.



Na fachada da oeste *masia* arranca um edifício de planta trapezoidal com apenas um piso e cobertura de duas águas, provavelmente esventrado para acomodar as antigas instalações industriais. Termina a sul com a elevação de um volume de altura de dois pisos e telhado de uma água. Atualmente esta ampliação é um espaço recreativo multifuncional para os habitantes de Alella.

ASPETOS MAIS RELEVANTES

- A fachada principal, de organização simétrica, tem todas as janelas em cantaria com as vergas retas, as do piso superior têm as molduras com reboco recortado em relação às ombreiras, enquanto as do piso térreo estão rebocadas na íntegra.
- A edificação principal é construída em alvenaria de pedra rebocada de modo muito tosco.
- O telhado remata em beiral duplo.





32 CAN UMBERT

LOCAL
Mongat

COMARCA
Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo IV| B

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sul

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação permanente

CONSERVAÇÃO

Razoável

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

20.07.2013

DESCRIÇÃO

A propriedade Can Umbert está situada no núcleo urbano do município de Mongat, entre a auto-estrada C-32 (em direção a Mataró) e a costa, rodeada por edifícios pluri-familiares a sudoeste e moradias a nordeste. A *masia* está num limite da propriedade separada do resto do terreno por uma estrada que atravessa a urbanização (Ronda 8 Març). Tem uma planta vagamente quadrangular, com algumas excrescências, formada por diversos corpos, de entre os quais emerge uma torre de defesa de planta quadrada com três pisos e telhado de uma água com a pendente orientada para a empena, provavelmente objeto de uma reforma. O volume central, cuja estrutura corresponde ao tipo IV|B, tem uma planta quadrada com dois pisos na maior parte da área implantada (grosso da área) e um piso extra no tramo central. Este último tem um telhado de duas águas em que a cumeeira está colocada paralelamente ao tardo. O restante volume é coberto por duas águas direcionadas para as fachadas laterais, em que uma delas tem uma parte desnivelada. Na fachada posterior encostam-se duas dependências de um piso e uma água, das quais uma está delimitada no topo nordeste por um tanque quadrado. Finalmente, uma fiada de anexos de um piso projeta-se para sudoeste a partir da torre.

Fonte: Estudi de rehabilitació de la *masia* Ca L'UmbertFonte: Estudi de rehabilitació de la *masia* Ca L'UmbertFonte: Estudi de rehabilitació de la *masia* Ca L'UmbertFonte: Estudi de rehabilitació de la *masia* Ca L'Umbert

A edificação principal tem uma estrutura bastante semelhante à do tipo consolidado: tem três tramos justapostos e perpendiculares à fachada principal, um dos quais está dividido em pequenos retângulos e incorporou a torre. Posteriormente devem ter sido acrescentadas mais duas unidades, uma transversal alongada e outra de planta quadrada, que acompanham a largura do edifício. Ambas estão ligadas internamente à habitação.

ASPETOS MAIS RELEVANTES

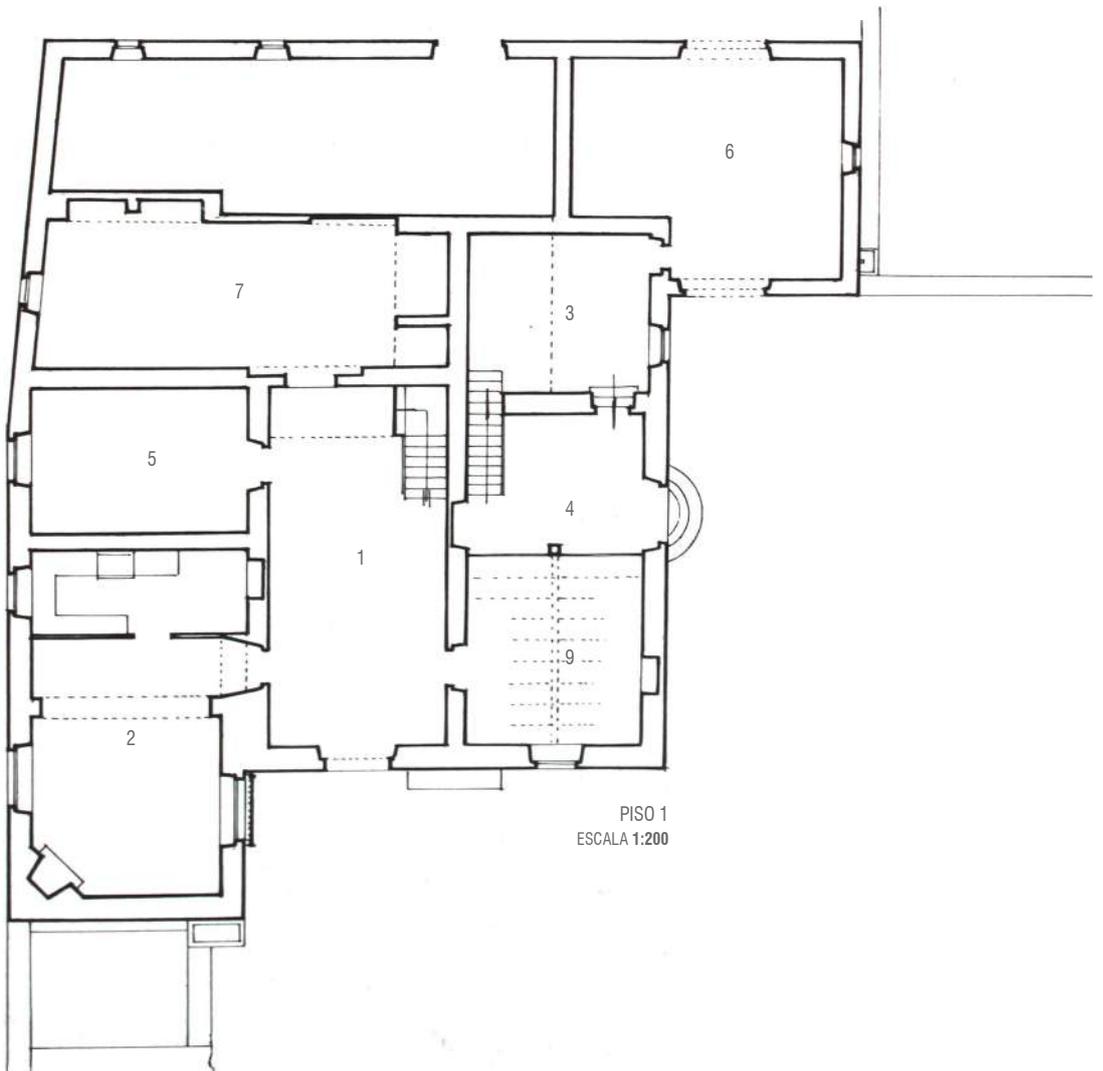
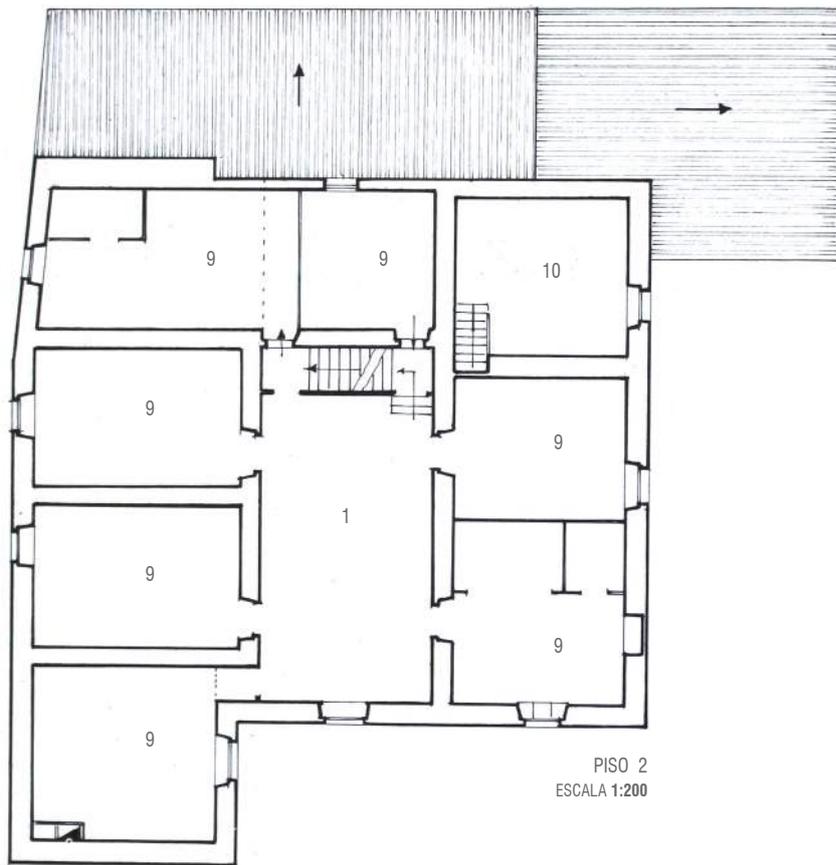
- A torre é construída em alvenaria de pedra de grés vermelho, reforçada nos cunhais por blocos toscos de pedra aparelhada. A parte superior da torre, sobretudo a face virada a nordeste, evidencia uma franja em alvenaria de pedra mais fina composta também por alguns elementos cerâmicos, seguramente, para nivelar a torre e acomodar uma cobertura em telhado. Tem ao todo cinco vãos de pequenas dimensões, distribuídos em três faces, com molduras em pedra aparelhada e lintel, envolvidas por um esgrafitado classicizante. Apresentam uma pedra de peito protuberante e por baixo uma pequena abertura para disparar em caso de ataque.
- Os restantes vãos da masia têm moldura simples em cantaria, algumas rebocadas e caiadas.
- O telhado é rematado com uma imbricació.
- Foi aberto um grande vão em arco rebaixado, em tijolo a cutelo, na base da torre (piso térreo).



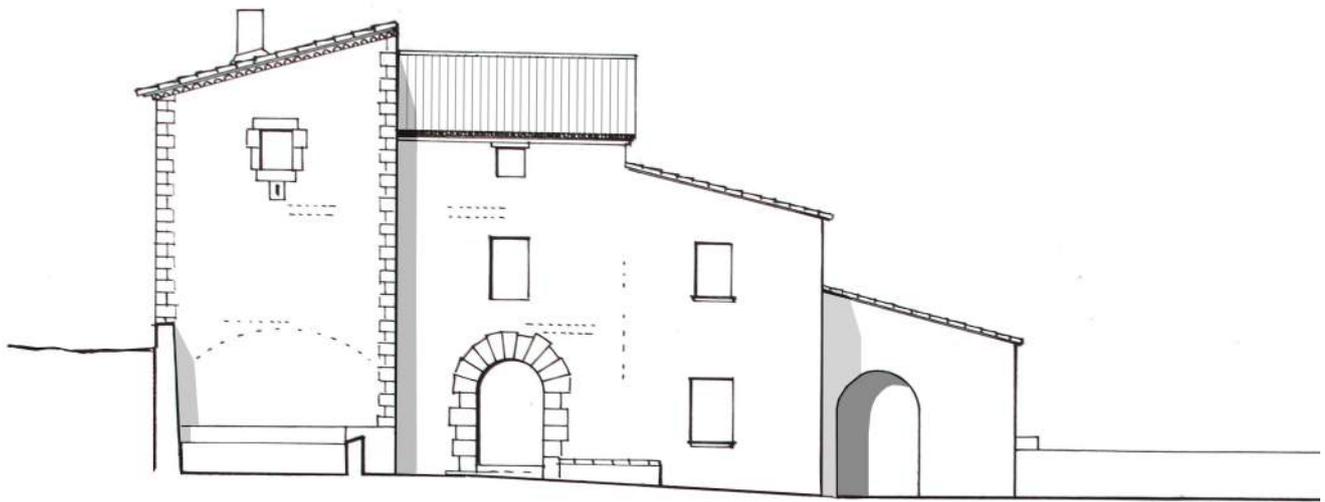
Fonte: Estudi de rehabilitació de la masia Ca L'Umbert



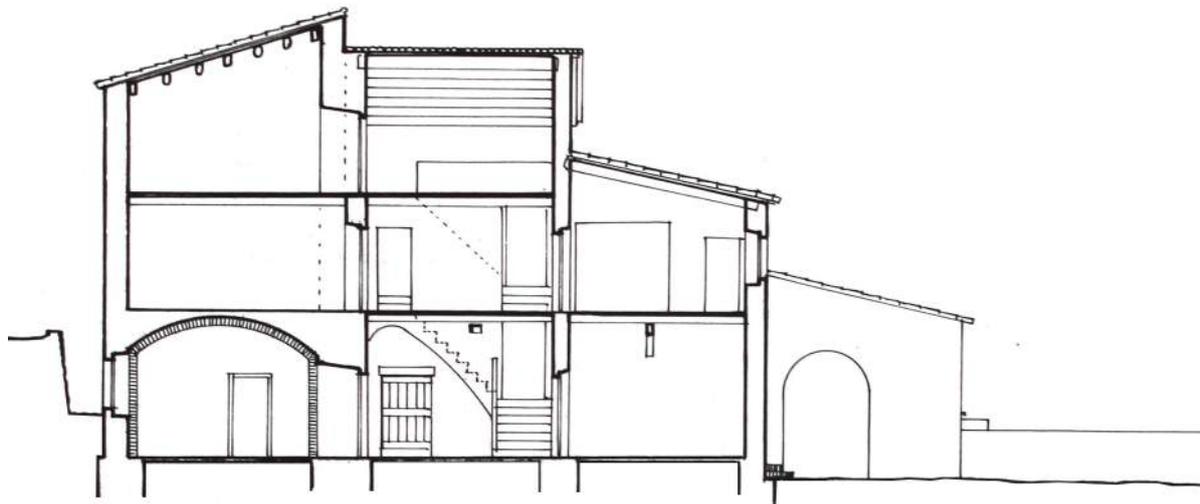
Fonte: Estudi de rehabilitació de la masia Ca L'Umbert



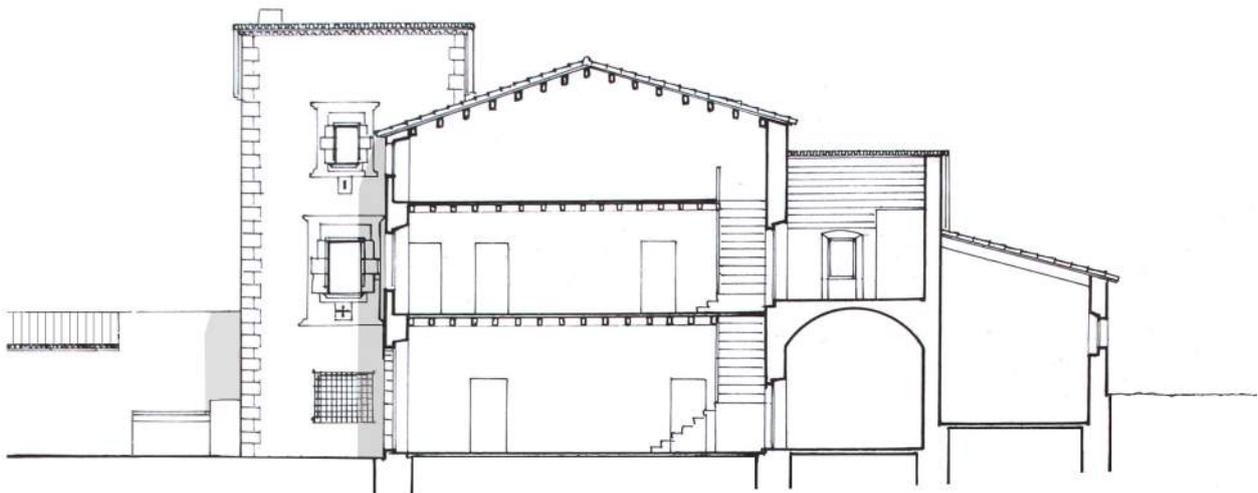
- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA
- 3. COZINHA DOS MASOVERS
- 4. SALA DOS MASOVERS
- 5. ARRECADAÇÃO
- 6. PALHEIRO?
- 7. ADEGA
- 8. SALA
- 9. QUARTO
- 10. QUARTO DOS MASOVERS



ALÇADO SUL
ESCALA 1:200



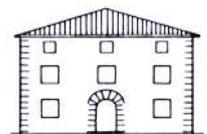
CORTE TRANSVERSAL 1
ESCALA 1:200



CORTE TRANSVERSAL 1
ESCALA 1:200

[Desenhos com base no levantamento de 1977, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]

TIPO V
MASIA SENHORIAL
Casa rural de três pisos e telhado de quatro águas





33 CAN ROCA

LOCAL

Tiana

COMARCA

Maresme

Vista geral de Can Roca
Vista parcial da fachada principal
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo VI

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Oeste

FUNÇÃO ACTUAL

Restaurante

CONSERVAÇÃO

Bom estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

19.07.2013

DESCRIÇÃO

Grande conjunto edificado de aspeto bastante compacto, quase como uma fortaleza em certas perspetivas, formado por um amontoado de volumes encostados à edificação principal. Esta tem um contorno genericamente quadrangular irregular com três pisos e telhado de quatro águas. No enfiamento dos limites da fachada leste está um recinto murado de forma retangular e fora deste dois tanques geminados, um quadrangular e outro trapezoidal. As restantes fachadas têm numerosos anexos e ampliações encostados, de diferentes dimensões e com coberturas variadas, de um ou dois pisos e apenas uma água, exceto a capela que é coberta por um telhado de duas águas. É provável que as construções anexas à fachada sul sejam relativamente recentes, pois não foram documentadas nos desenhos de 1975¹. Em frente à fachada principal surge um pátio, gerado pela construção das dependências à sua volta, acessível por um portão que se abre num corpo situado entre a capela e a *masia*. Este corpo inclui o braço mais pequeno de uma arcada em L, cujo braço maior está adossado à habitação por uma cobertura em terraço. A outra entrada é feita a uma cota superior, ao nível do segundo piso, pela fachada nascente, depois de passar o portão de arco abatido em cantaria do muro norte.

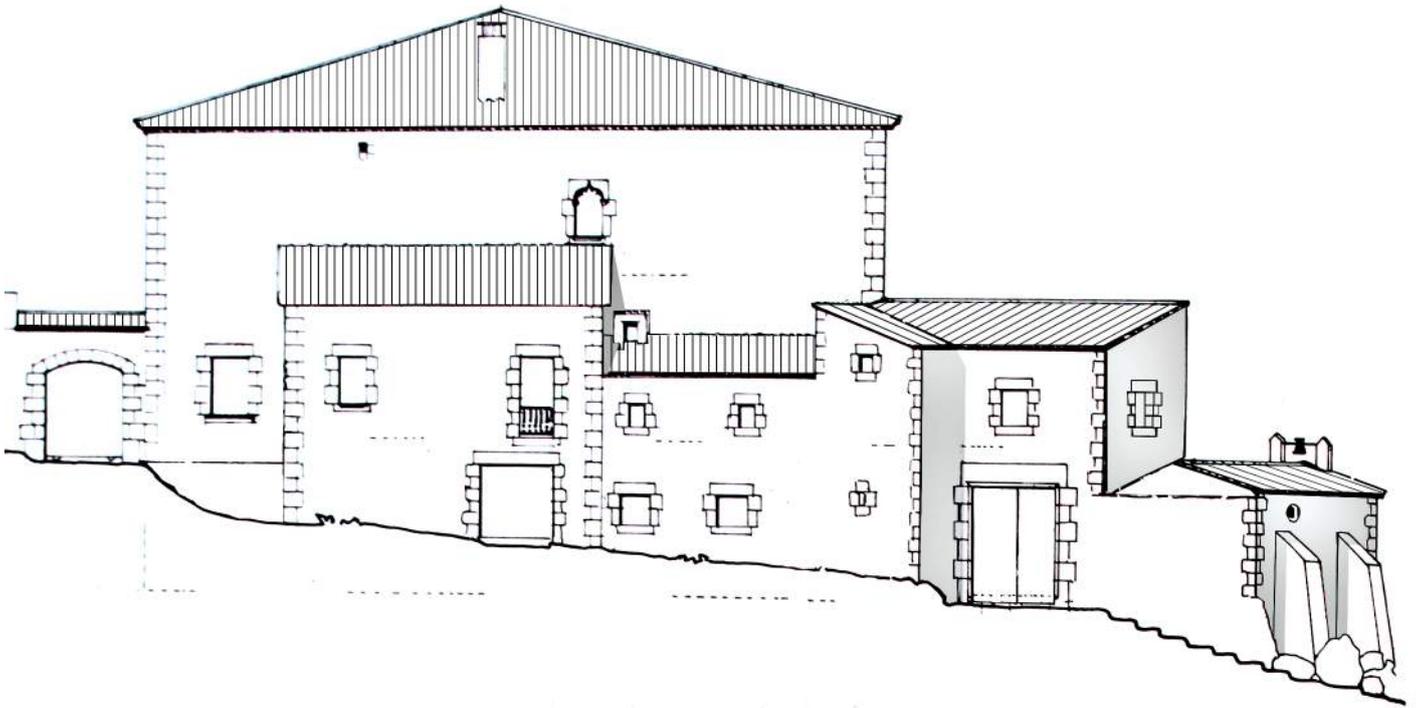


¹ GARÍ, 1983: p. x
214

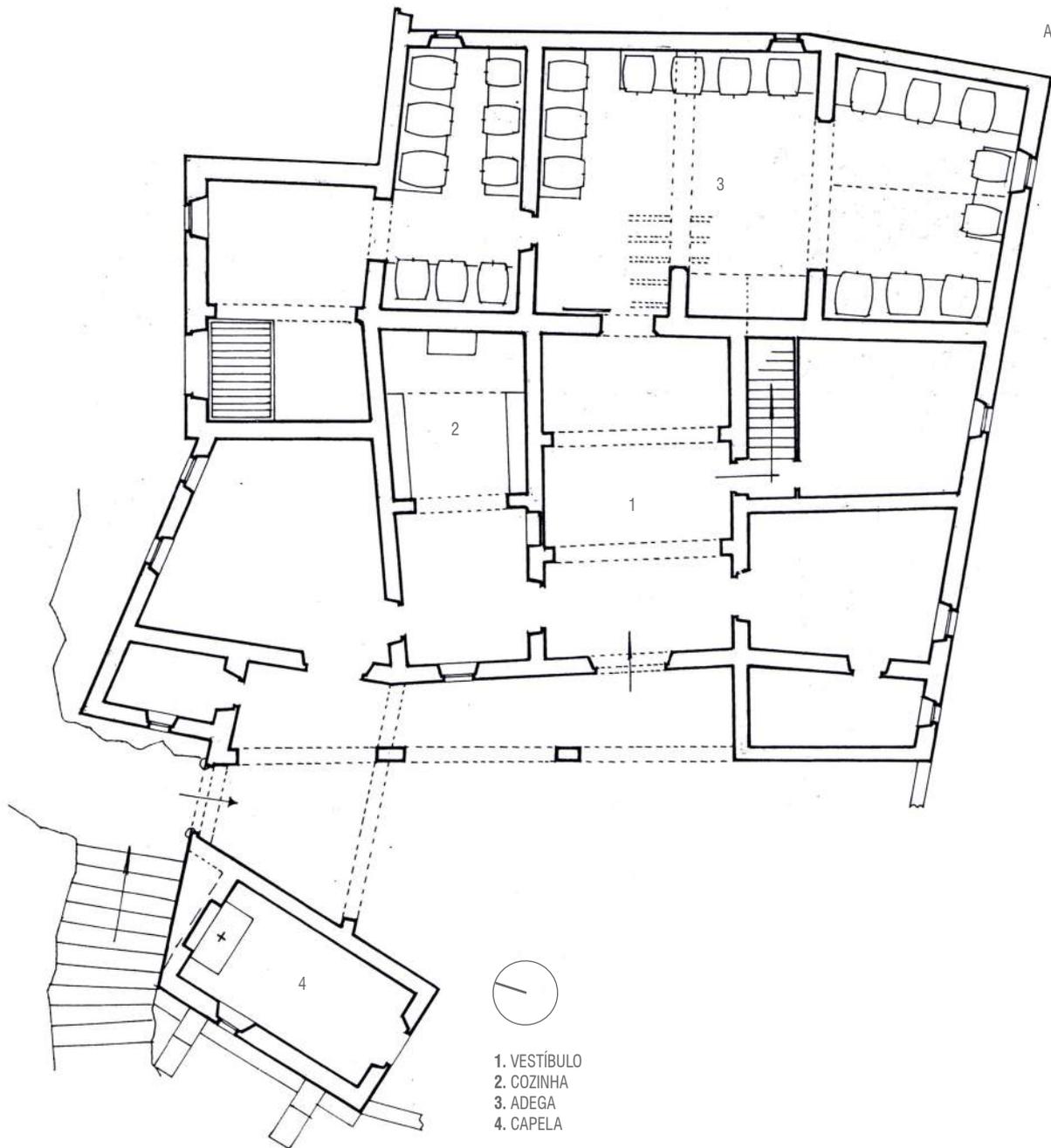
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- Os vãos da frontaria, a partir do segundo piso, estão submetidos a uma composição ordenada e axial. As três janelas do segundo piso são de sacada para permitir o acesso ao terraço. Todas têm molduras chanfradas em cantaria, mas as que dão para o terraço são encimadas por uma cornija.
- A edificação principal tem na fachada norte uma pequena janela gótica de arco conopial com um desenho interior trilobado e com enrolamentos decorativos. A pedra de peito é saliente.
- O terceiro piso, além das fachadas portantes, apresenta apenas uma parede mestra contínua, a meio do volume e paralelo à fachada principal, e pequenos troços de parede dispersos. A compartimentação é executada com paredes não estruturais.
- As três janelas do piso superior têm namoradeiras no interior.
- A empena poente da capela, onde se inicia o declive, é reforçada por dois grandes contrafortes.



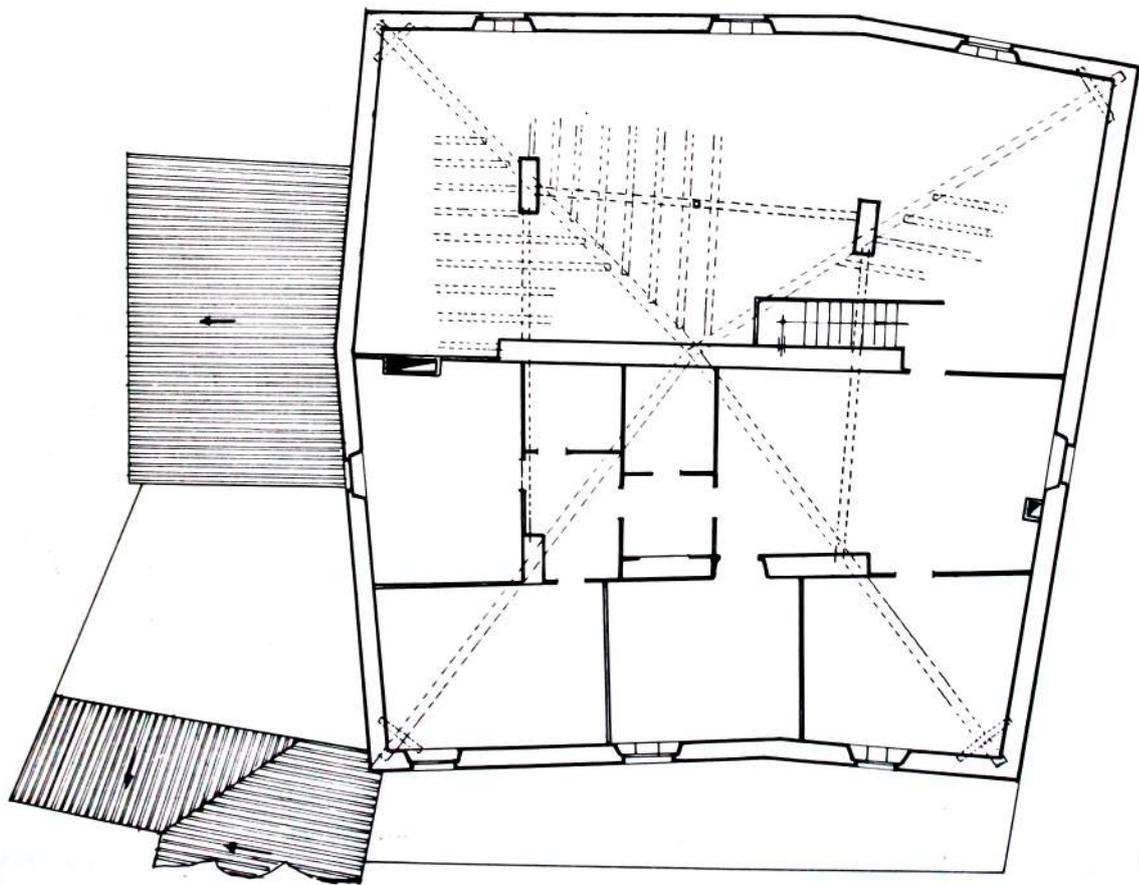
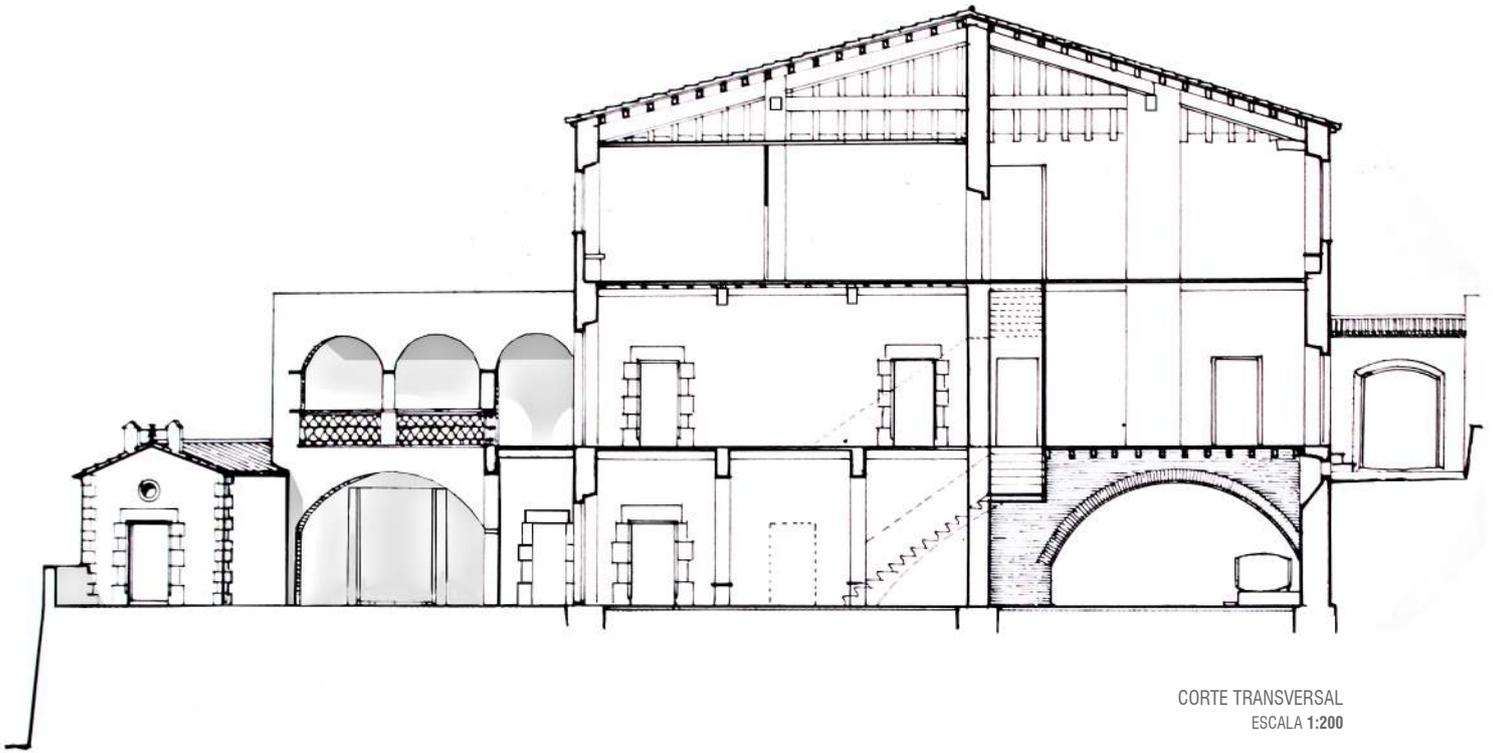


ALÇADO NORTE
ESCALA 1:200



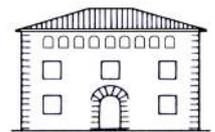
PISO 1
ESCALA 1:200

- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA
- 3. ADEGA
- 4. CAPELA



[Desenhos com base no levantamento de 1975, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]

TIPO VI
MASIA SENHORIAL COM GALERIAS
Casa rural de três pisos e telhado de quatro águas com galerias no sótão





34 CAN CALDERÓ

LOCAL
Alella

COMARCA
Maresme

Vista geral de Can Calderó
Fachada principal
Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo VI

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XIV-XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Oeste

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação

CONSERVAÇÃO

Bom estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

25.07.2013

DESCRIÇÃO

Maso inserido numa plataforma elevada sobre o centro urbano de Alella, que ganha uma pendente considerável a nascente. O caminho de acesso, vindo de sul, passa por uma zona arborizada e termina à frente da fachada principal, virada a oeste, numa espécie de pódio retangular murado na face poente, onde é visível uma piscina a uma cota inferior. O conjunto edificado é manifestamente resultante de sucessivas ampliações que, para simplificar, pode descrever-se como um retângulo recortado e com excrescências, referindo-nos ao núcleo mais antigo, e, perpendicularmente a este, projeta-se uma nova habitação, da segunda metade do século XX, de perímetro retangular e com telhado de duas águas.

Este núcleo edificado, de dimensões apreciáveis, é formado por construções de diferentes épocas que denunciam um grande investimento agrário. A sua origem remonta ao século XIII, e está documentada desde 1292, segundo Camps i Arboix¹. Na frontaria observamos um corpo central, de três pisos e cobertura em telhado de quatro águas, ladeado por uma torre na empena norte, também de três pisos, com cobertura em terraço e com ameias recortadas. A torre, não construída por motivos de defesa, está

Fonte: www.poblesdecatalunya.cat/

¹ Cit. por GARÍ, 1983: p. 397.

inserida na habitação, e serve sobretudo como símbolo de nobreza no todo edificado. Existe ainda uma capela, a tardoz, alinhada com um dos tramos do corpo central e com três entradas possíveis (uma pela habitação e duas pelo exterior), um corpo de um piso e cobertura em terraço, na empena sul, e um pequeno conjunto construído, de um piso, que flanqueia a torre e o corpo central na empena norte. Este conjunto termina num terraço, na extremidade poente.

A fachada principal tem uma organização rigorosa, cuja parte central está organizada segundo um eixo de simetria, com o portal, de arco de volta inteira de aduelas, e a janela central a meio. Todos os vãos têm molduras simples em cantaria. No segundo piso foram abertas quatro janelas de sacada, objeto de uma remodelação do século XVIII², e no último piso encontramos as típicas galerias de pequenos arcos de volta inteira, em toda a extensão do corpo central, das casas senhoriais de telhado de quatro águas.

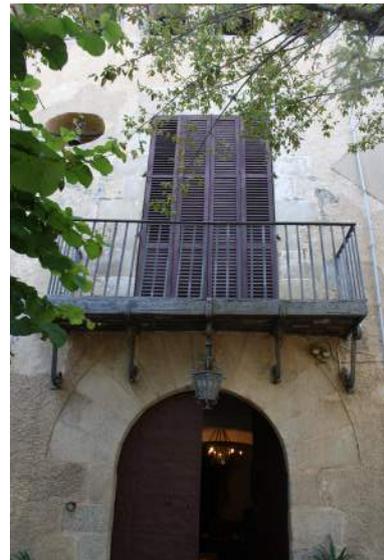
No piso térreo ficavam as lojas e a adega, que ainda hoje preserva duas prensas para fazer vinho, antigo produto de excelência desta *masia*. Na sua configuração interna é evidente a existência de três tramos contíguos e perpendiculares à frontaria. O tramo central tem três arcos torais rebaixados entre três abóbadas tabicadas e o tramo esquerdo acomoda uma despensa e as escadas que dão acesso ao nível superior. Existem ainda dois pequenos compartimentos, adjacentes ao tramo das escadas, que correspondem à base da torre e à base do volume com cobertura em terraço. O corpo transversal posterior corresponde à adega.

A habitação principal, de uma riqueza admirável, ocupava o segundo piso, com a capela. Obras em profundidade realizadas já no século XX alteraram a configuração interna do terceiro piso e substituíram o pavimento, por uma laje de betão armado, e a estrutura de madeira do telhado, por uma nova estrutura de madeira, sem pilares.

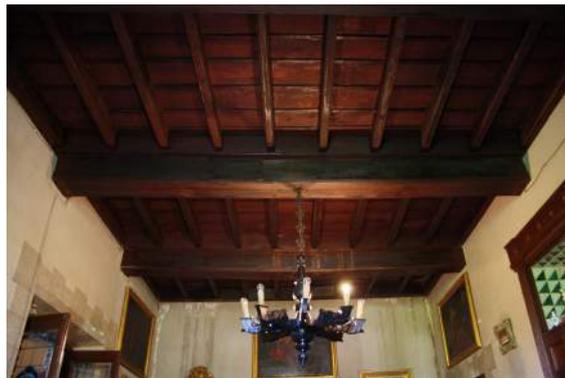
ASPETOS MAIS RELEVANTES

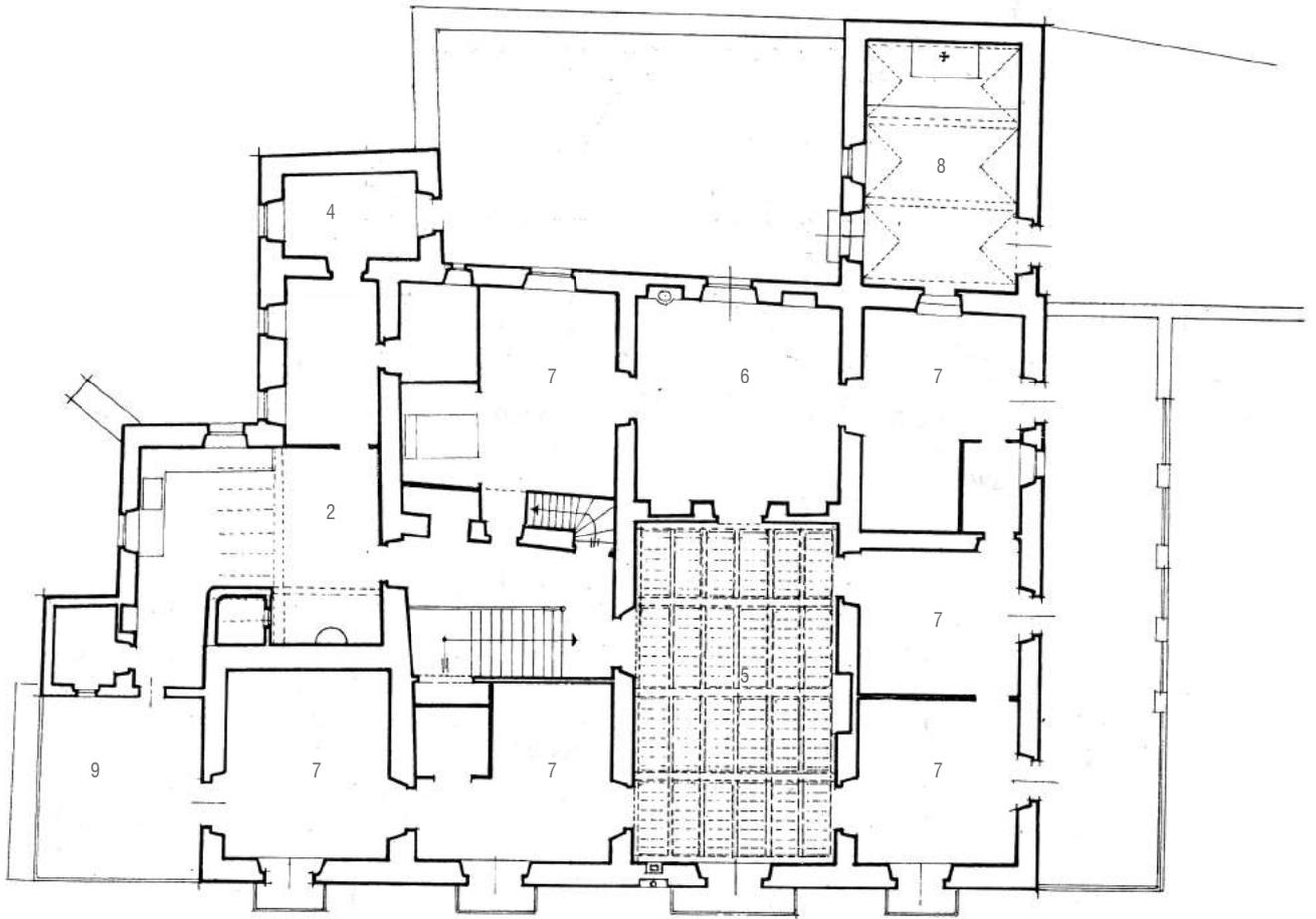
- A adega tem seis grandes arcos torais rebaixados e é coberta maioritariamente por *revoltó ceràmic*, e por vigas de madeira num dos tramos.
- A cobertura da sala, situada no tramo central, apresenta uma estrutura de madeira com vigas trabalhadas e as portas têm uma moldura pintada a imitar pedra aparelhada. Existem ainda, neste piso, um lavado (na sala de jantar) e diferentes nichos, para adoração de santos, em azulejo pintado. Conserva grande parte do mobiliário antigo.
- Algumas portas têm vitrais.

² GARÍ, 1983: p. 397.

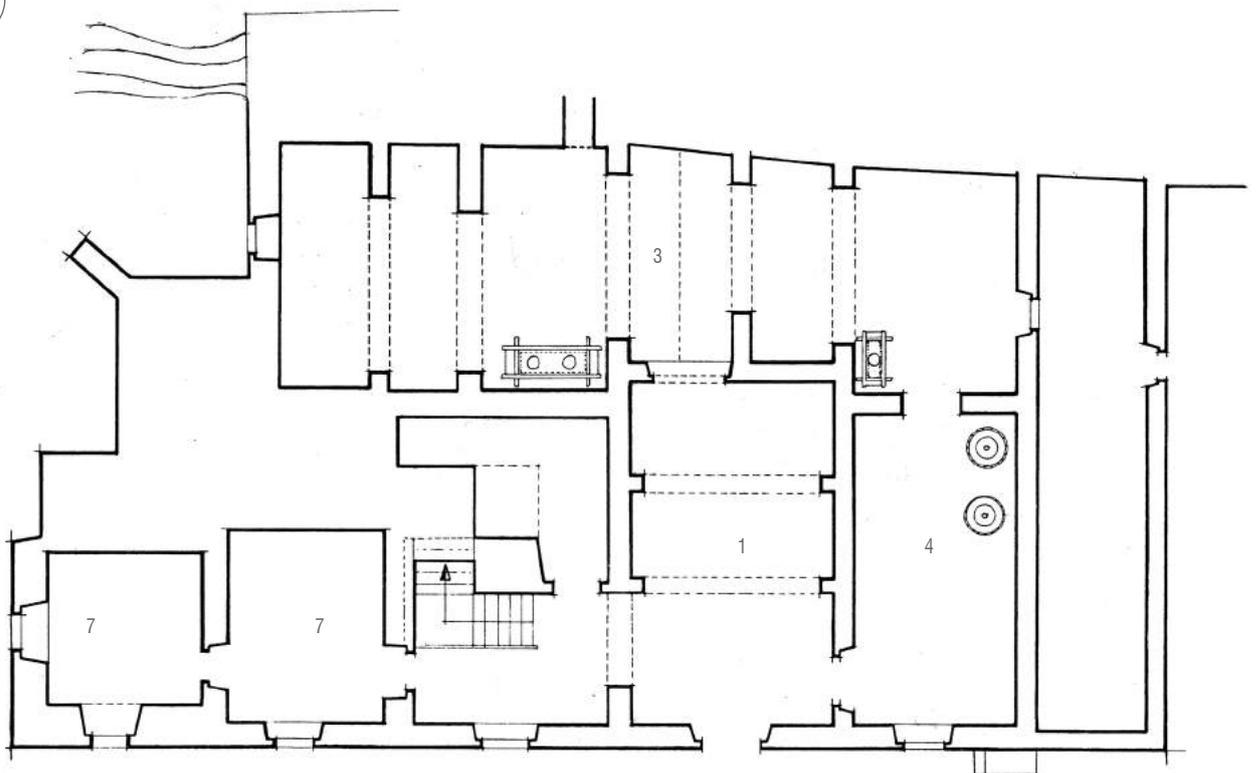


- A varanda central tem uma estrutura trabalhada em ferro com pavimento cerâmico.
- A capela, de adoração a Mare de Déu de Núria, tem uma cobertura em abóbada de berço com penetrações apoiadas em pequenas mísulas de forma triangular. Foram pintadas faixas decorativas nas nervuras, um friso e um soco a imitar pedra em todo o perímetro interior da capela. Sobre as duas portas de acesso ao exterior estão pintados os símbolos de Alella, o escudo e uma asa.



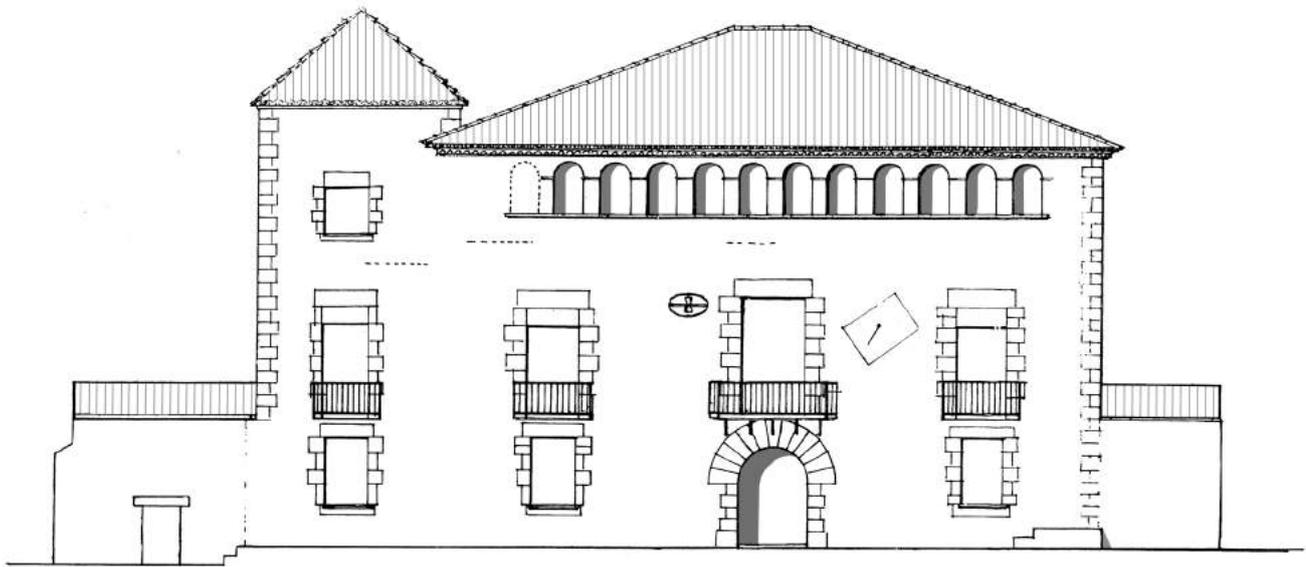


PISO 2
ESCALA 1:200



- | | | |
|--------------|-------------------|------------|
| 1. VESTÍBULO | 4. ARRECAÇÃO | 7. QUARTO |
| 2. COZINHA | 5. SALA | 8. CAPELA |
| 3. ADEGA | 6. SALA DE JANTAR | 9. TERRAÇO |

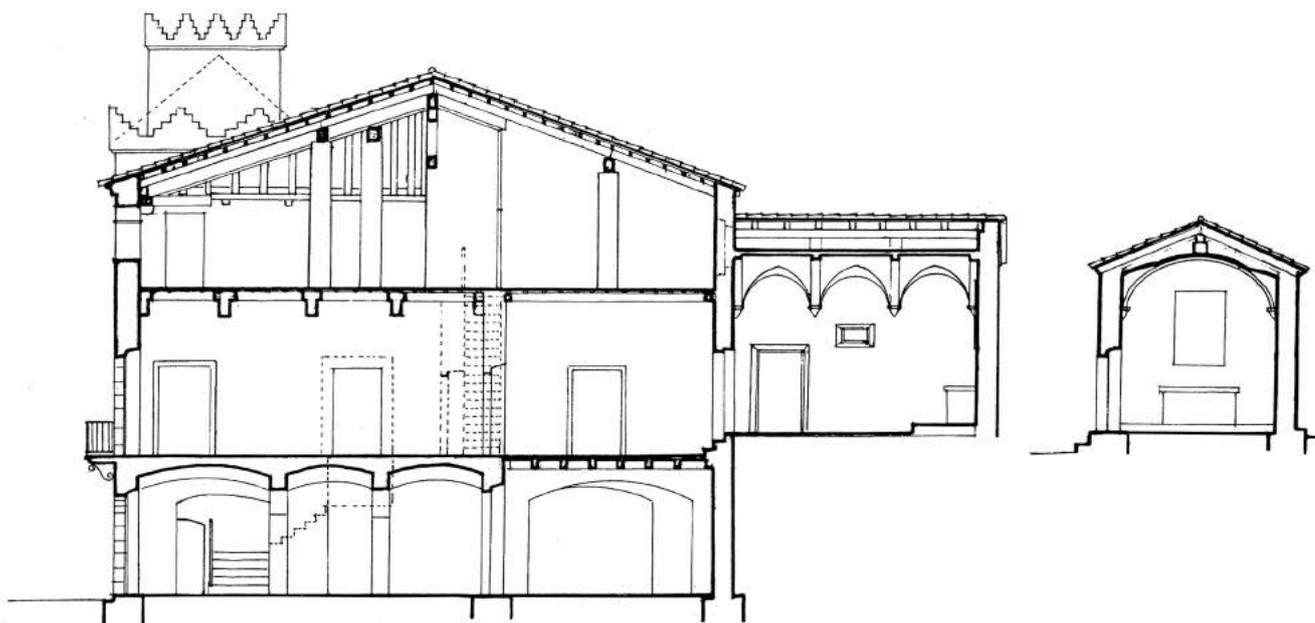
PISO 1
ESCALA 1:200



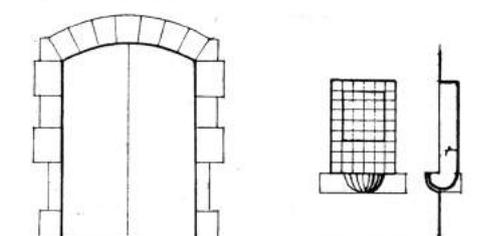
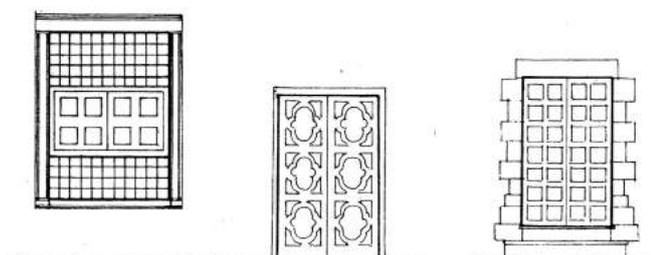
ALÇADO OESTE
ESCALA 1:200



CORTE TRANSVERSAL 1
ESCALA 1:200

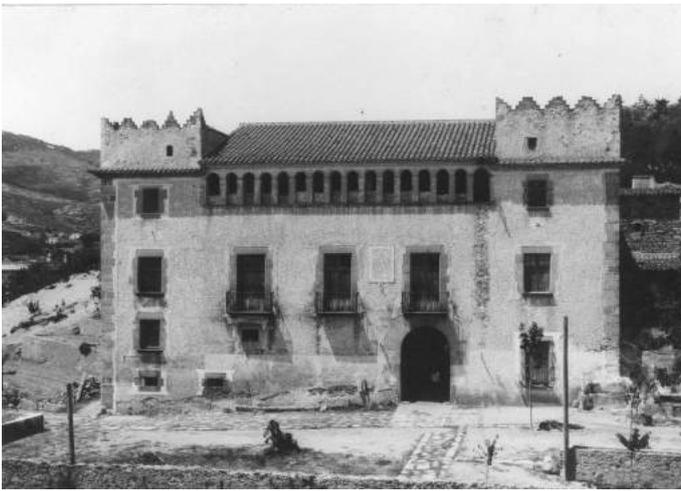


CORTE TRANSVERSAL 2
ESCALA 1:200



PORMONERES
ESCALA 1:100

[Desenhos com base no levantamento de 1973, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]



35 CAN POL

LOCAL
Teià

COMARCA
Maresme

Fachada principal de Can Pol
Fachada posterior
Vista interior da adega

Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo VII

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI -XVII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudeste

FUNÇÃO ACTUAL

Devoluto

CONSERVAÇÃO

Mau estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

23.07.2013

DESCRIÇÃO

A propriedade da Can Pol, apesar de a habitação estar desocupada, ainda hoje se dedica à agricultura, como é perceptível pelas vinhas que crescem no terreno a sul. Está localizada numa espécie de pequeno promontório com uma vista sobre Teià e, portanto, sobre as duas *masias* referidas anteriormente, Can Pol e C'al Basté. O núcleo edificado, resultante do somatório de sucessivas ampliações e transformações, é constituído por um grupo de corpos, de diferentes pisos e coberturas, inscritos num retângulo com algumas excrescências, rodeado a sul por um pátio murado, ligado ao caminho de acesso ao *mas*, e por um terreiro que envolve as restantes faces do perímetro da casa senhorial. Existem dois tanques de planta quadrada, um pequeno no canto sudeste da edificação e outro de maiores dimensões no cimo da propriedade. Ligeiramente afastada da fachada nascente encontra-se uma única dependência de forma retangular alongada que serve de apoio à atividade agrícola.

Este conjunto construído é possivelmente um dos maiores, dentro dos exemplares estudados, formado por construções de diferentes épocas que denunciam um grande dinamismo agrário. A fachada principal, dotada de um rigor arquitectónico manifestado pela composição axial dos vãos, inclui um corpo central de três pisos flan-



queado por duas torres (também de três pisos), incluídas na habitação, que servem sobretudo como um distintivo de nobreza no todo edificado. E, apesar do piso térreo apresentar um portal de entrada descentrado do eixo de simetria e alguns vãos dispersos, nota-se o esforço compositivo da fachada: pelo alinhamento vertical das janelas de ambas as torres, pelas três janelas de sacada do segundo piso que preenchem a parte central e pelas galerias de pequenos arcos de volta inteira entre as duas torres.

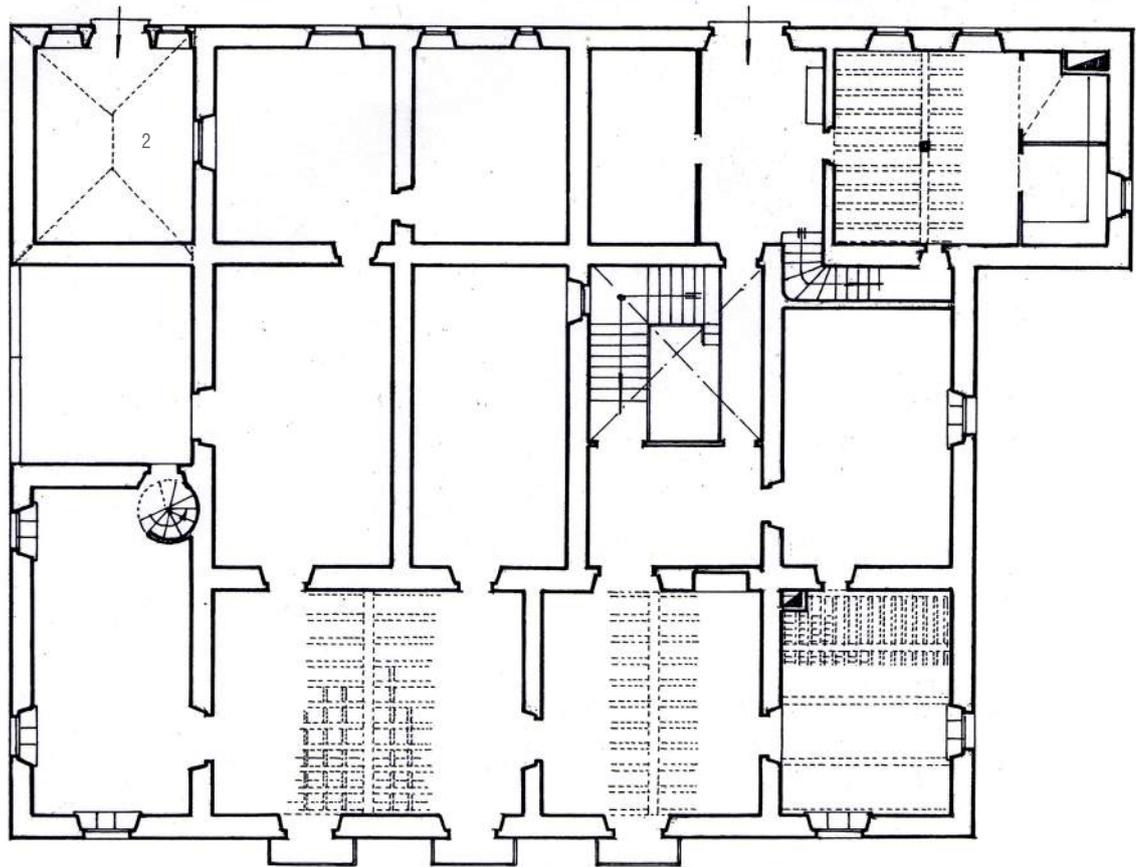
A fachada posterior revela, por outro lado, a natureza volumétrica do conjunto. No primeiro plano estão quatro corpos contíguos de planta retangular de dois e três pisos (um dos quais está praticamente enterrado devido ao desnível entre a frontaria, no ponto mais baixo, e o tardo no ponto mais alto), individualizando-se o volume mais alto, que tem um portal atualmente entaipado, e a capela coberta por um telhado de quatro águas. Os três corpos à sua esquerda têm apenas uma água. No segundo plano é perceptível a existência de um corpo com telhado de duas águas, sensivelmente ao centro, um outro volume de apenas uma água na empena leste e um corpo de um piso com cobertura em terraço por trás da capela. O estudo da planta comprova a existência de mais um tramo destinado às escadas.

Apesar do seu estado de degradação, é clara a importância dada à frontaria e às torres que estão rebocadas (ou melhor rebocadas), ao contrário das empenas e do tardo que exibem a alvenaria de pedra e tijolo.

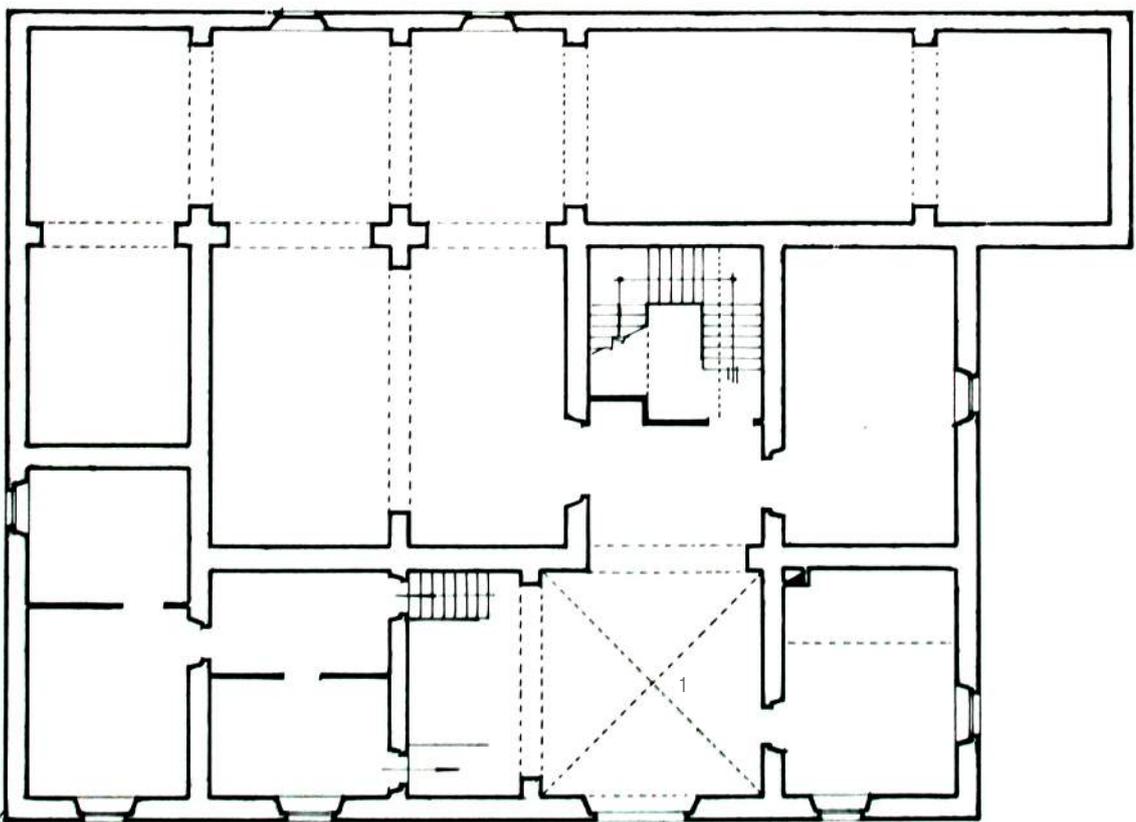
ASPETOS MAIS RELEVANTES

- As torres estão coroadas com ameias recortadas e simulam uma continuação do beiral do corpo central, através da inclusão de uma fileira de telhas.
- No segundo piso da frontaria existem três janelas de sacada de igual distância entre si com molduras em cantaria com as arestas chanfradas e inscrições nos lintéis.
- Quase todos os vãos têm as arestas chanfradas e apresentam vestígios de uma moldura esgrafitada do tipo classicizante, exterior à moldura de cantaria de verga reta. As janelas das torres, na frontaria e nas empenas, estão especialmente trabalhadas nos chanfros e nas pedras de peito.
- O telhado da capela assenta na parede segundo uma curvatura semelhante à de um telhado de tesouro do Algarve e é rematado em beiral duplo sobre uma cornija bem evidente.
- Tem um relógio de sol quase indetectável na fachada principal da *masia*.
- O portal a tardo, em arco de volta inteira, está construído em tijoleira posta a cutelo.





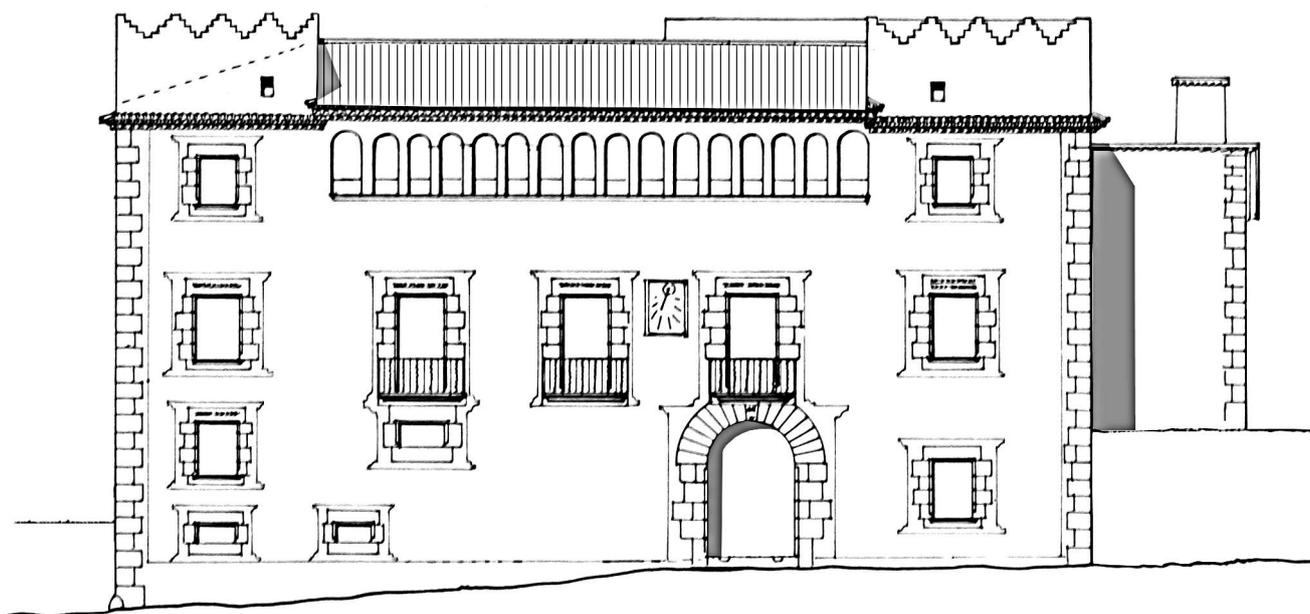
PISO 2
ESCALA 1:200



PISO 1
ESCALA 1:200



- 1. VESTÍBULO
- 2. CAPELA

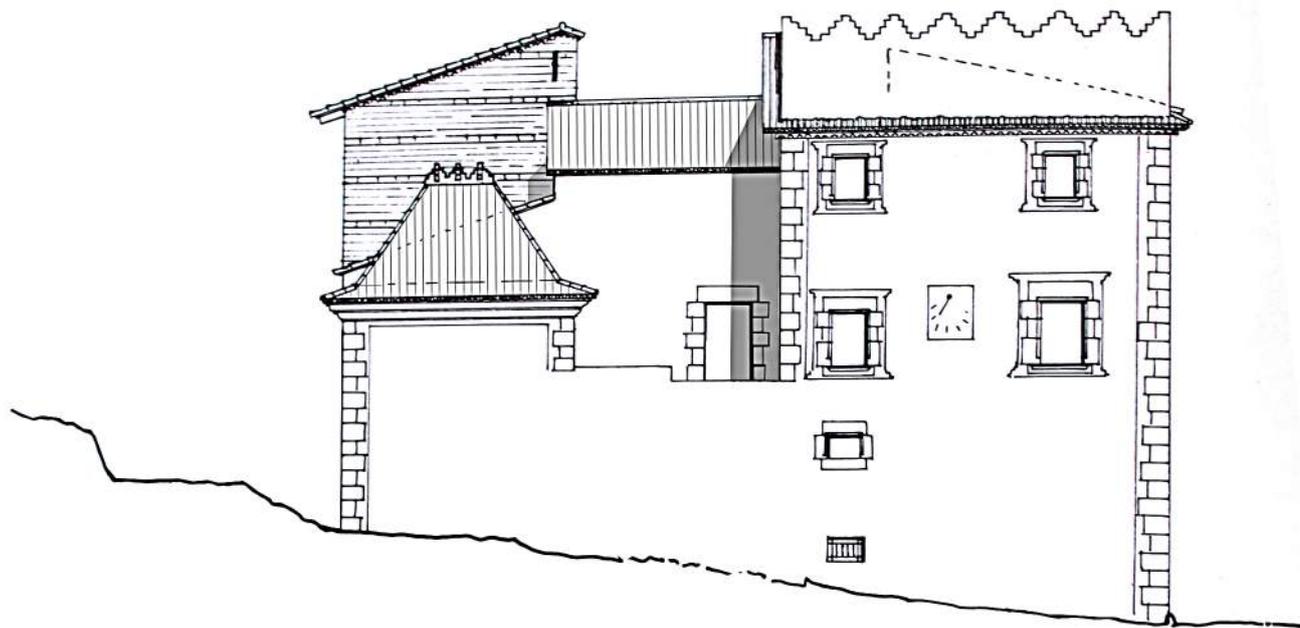


ALÇADO SUDESTE
ESCALA 1:200

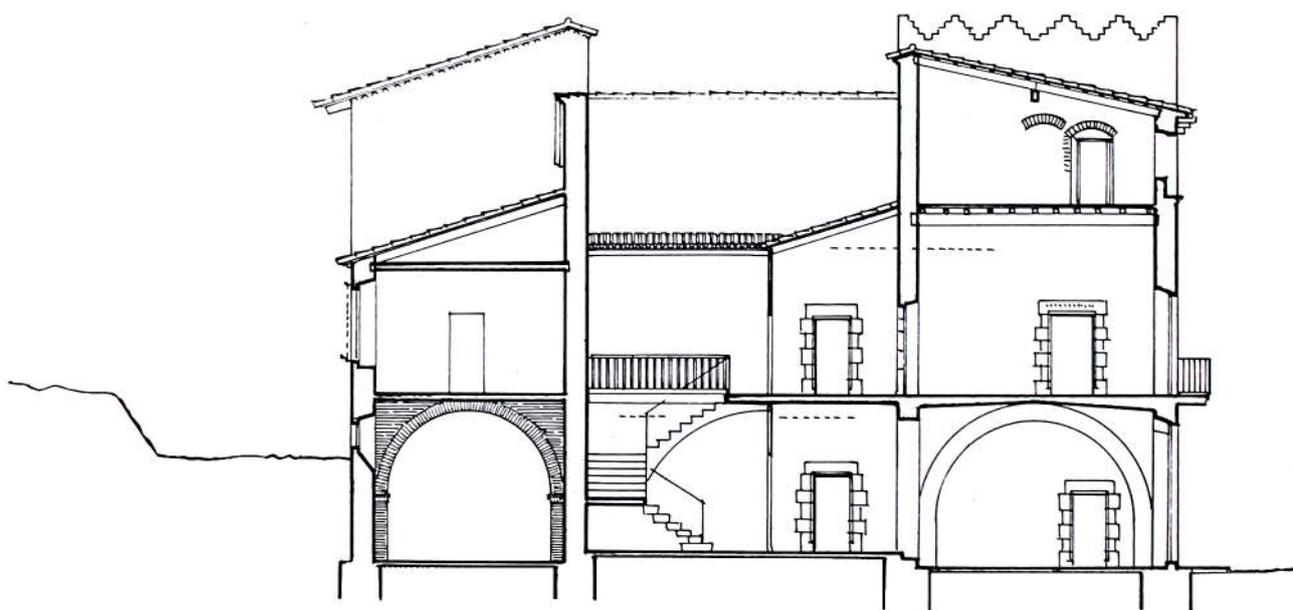


ALÇADO NORDESTE
ESCALA 1:200

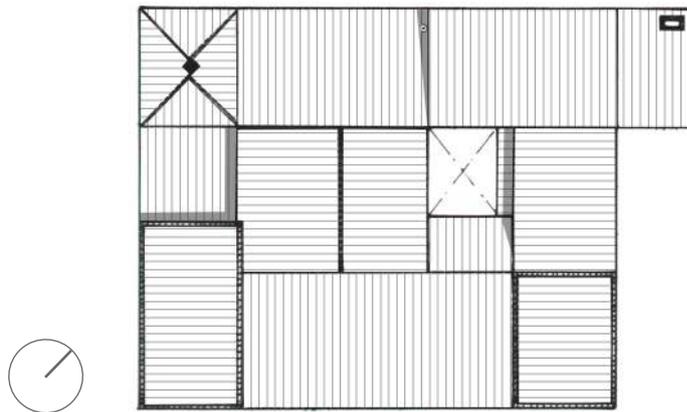
[Desenhos com base no levantamento de 1975, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]



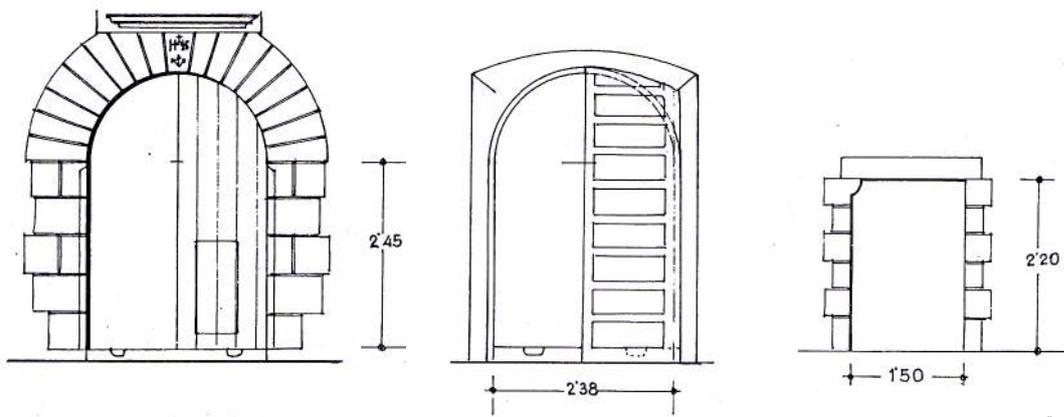
ALÇADO SUDOESTE
ESCALA 1:200



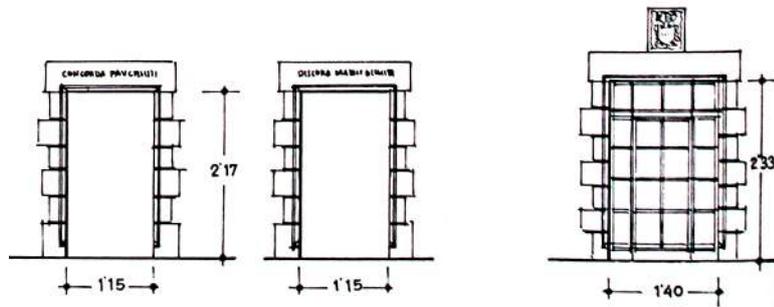
CORTE TRANSVERSAL
ESCALA 1:200



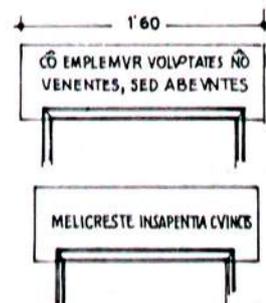
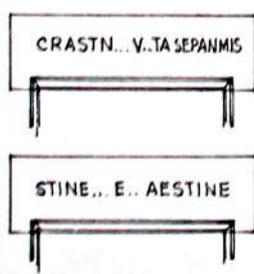
COBERTURAS
ESCALA 1:200



VÃOS
ESCALA 1:100



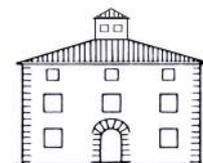
VÃOS
ESCALA 1:100



INCRICÔES DOS VÃOS DA
FACHADA PRINCIPAL

[Desenhos com base no levantamento de 1975, GARÍ (1983), redenhados por José Pedro Cardoso]

TIPO VII
MASIA SENHORIAL COM TORRE
Casa rural de três pisos e telhado de quatro águas com uma torre central





36 EL VENTÓS

LOCAL

Olot

COMARCA

Garrotxa

Vista geral de El Ventós
Fachada principal

Fonte: Arxiu Fotogràfic del Centre Excursionista de Catalunya



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Grupo VI

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVIII

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

Sudoeste

FUNÇÃO ACTUAL

Habitação sazonal da família, habitação permanente dos caseiros e apoio à atividade agrícola

CONSERVAÇÃO

Bom estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

27.07.2013

DESCRIÇÃO

Grande propriedade rural, distanciada do centro urbano de Olot, com um conjunto edificado delimitado, a nordeste, pela Carretera Santa Pau e com uma grande extensão de terrenos, a sul. O acesso à *masia* é feito por um caminho, a noroeste, que deriva da estrada já mencionada, até chegar a um portão de entrada anexado à casa dos *masovers*. A *masia* tem uma planta genericamente quadrada com uma saliência correspondente à capela, de um piso e com telhado de uma água, adossada à fachada noroeste. As fachadas nordeste e noroeste estão encostadas ao terreno, que está a uma cota superior, equiparando-se ao segundo piso, numa espécie de plataforma elevada, destinada ao espaço de recreio da família, e que pode ser acedida por duas escadas, uma na fachada sudoeste e outra na fachada sudeste.

A *masia*, de porte senhorial, tem três pisos: o piso térreo, que albergava as cavalariças e as lojas agrícolas, e dois pisos superiores para a habitação, com galerias exteriores em toda a extensão das fachadas sudeste e sudoeste. Sensivelmente ao centro do edifício ergue-se uma torre, inserida na habitação, com dois pisos extra e cobertura em telhado de quatro águas, tal como a cobertura da edificação principal. O edifício não tem uma configuração interna do tipo consolidado. Os quatro tramos que compõem a *masia* têm

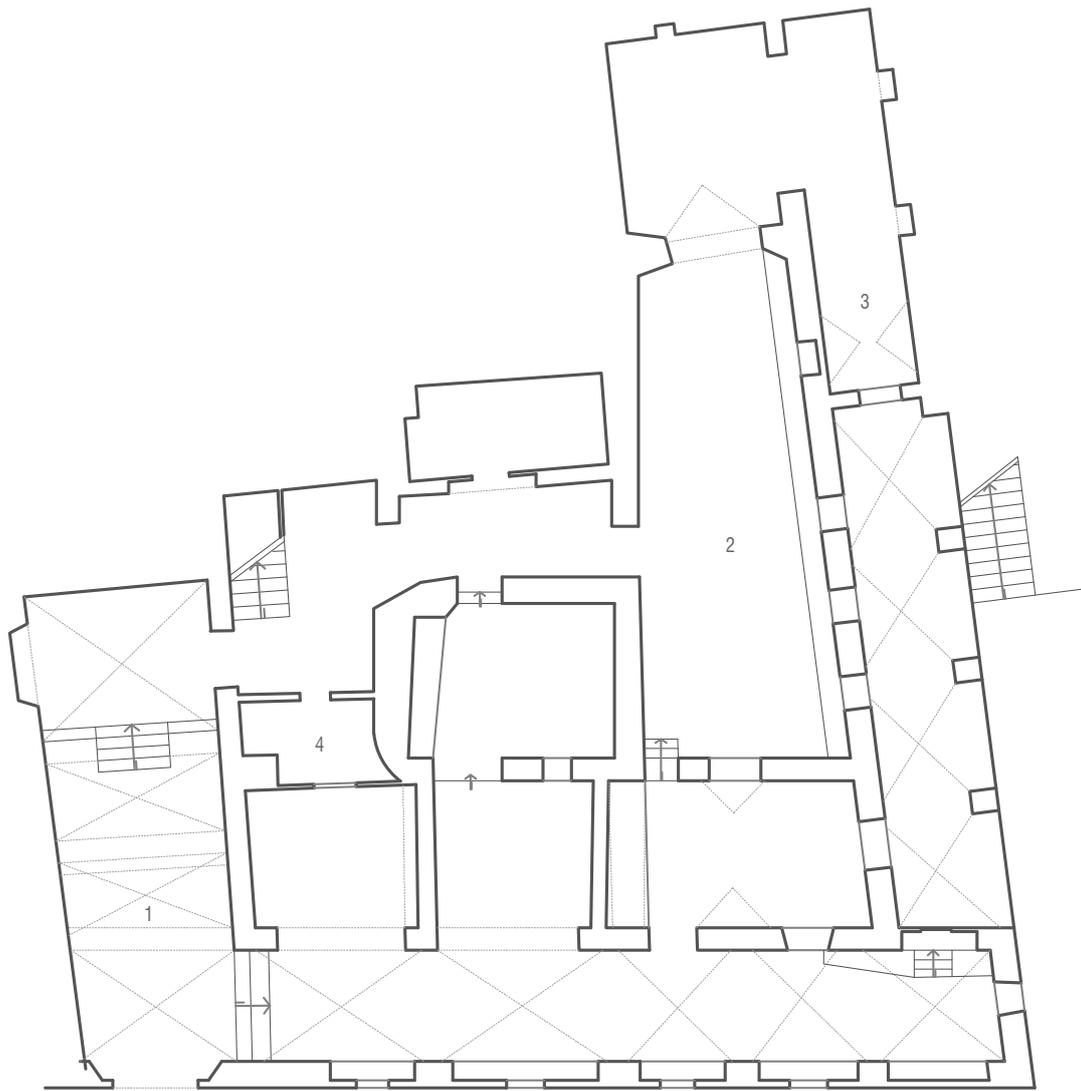


uma organização, de certo modo, cruciforme, marcada pelos eixos das salas e do vestíbulo, e completada por compartimentos intercomunicantes. A sala, no segundo piso, e a biblioteca, no terceiro piso, são, efetivamente, os espaços mais importantes e centrais da *masía*. As escadas foram construídas desafogadamente, estão iluminadas por uma abertura zenital e ocupam, igualmente, uma posição central, ao lado do vestíbulo.

ASPETOS MAIS RELEVANTES

- O edifício está todo rebocado. Existem apenas alguns vãos com moldura em cantaria visível.
- As galerias que percorrem as duas fachadas são cobertas por um vigamento de madeira em ambos os pisos, embora no segundo piso, entre cada viga, foi executado um pequeno arco com abobadilhas cerâmicas rebocadas (*revoltó de guix*), e no terceiro piso, sobre o vigamento, está uma esteira de caniço revestida com argamassa.
- As galerias são dotadas de vários detalhes classicizantes, como a balaustrada no terceiro piso, as pilastras e as meias colunas embutidas nos arcos centrais de ambos os pisos. No segundo piso todos os pilares têm um leve relevo, que se assemelha a uma pilastra. O pavimento é composto por de pequenos ladrilhos cerâmicos quadrados.
- O piso térreo é coberto por abóbadas de aresta rebocadas.
- Os compartimentos do segundo piso são geralmente abobadados e requintadamente pintados, de modo a criar um ambiente faustoso.
- A capela é coberta por uma abóbada de berço com penetrações que dão lugar a duas pequenas janelas.
- O telhado é rematado em beiral simples sobre uma cornija formada por três fiadas de ladrilhos cerâmicos pintados na superfície inferior.

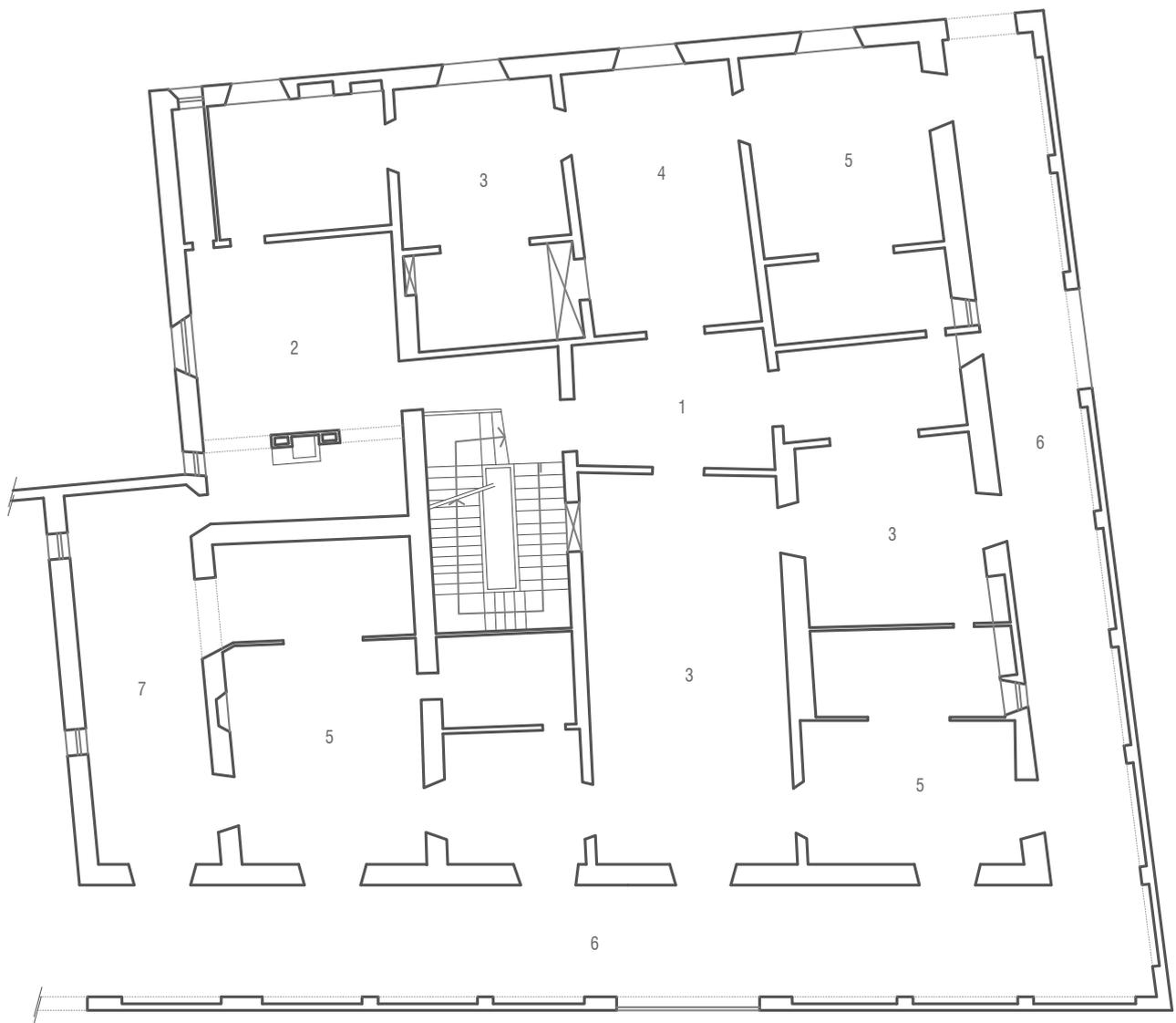




PISO 1
ESCALA 1:200



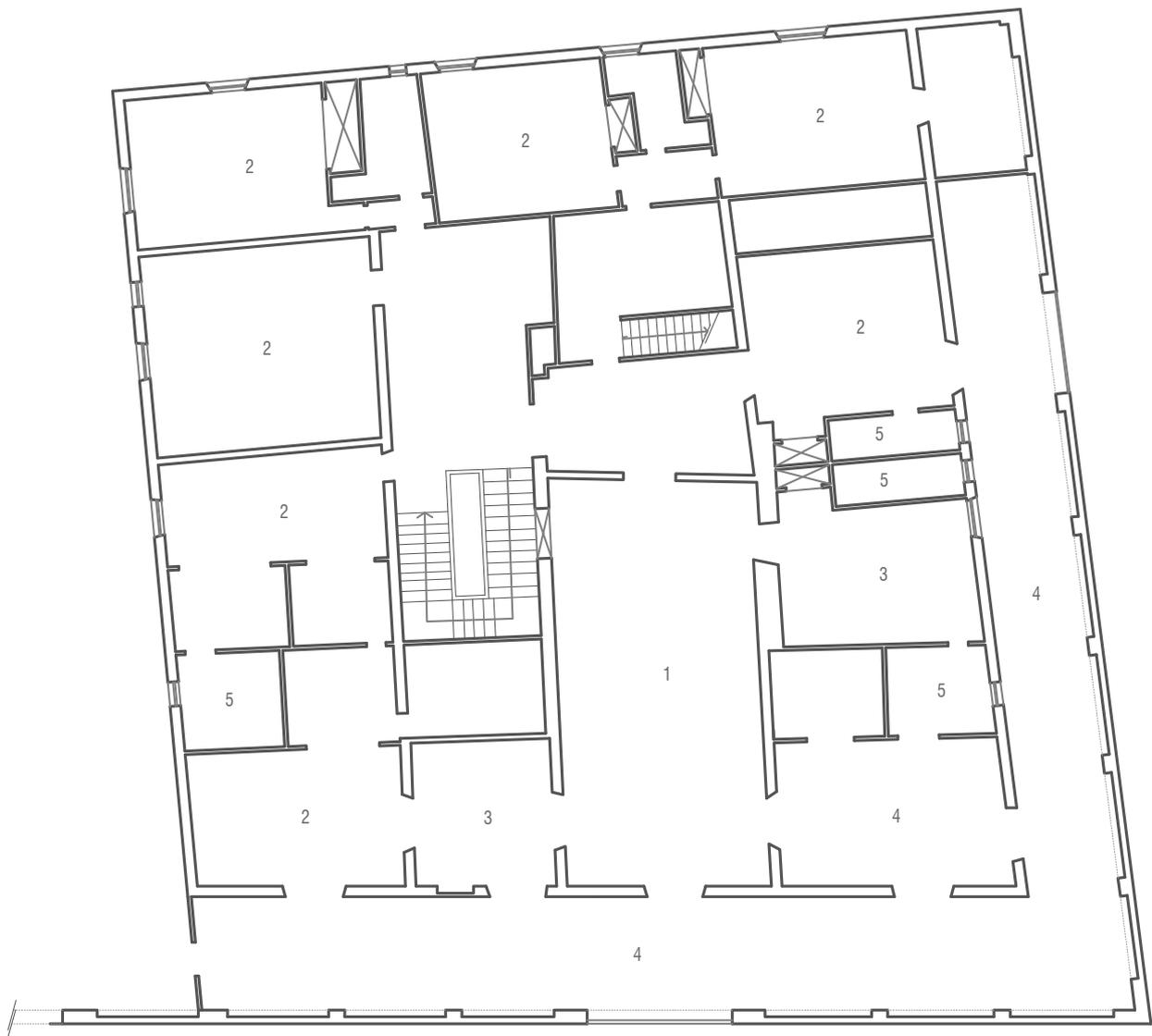
1. ENTRADA DO CARRO
2. ESTÁBULOS
3. FORNO DE PÃO
4. ESPAÇO PARA A LENHA



PISO 2
ESCALA 1:200

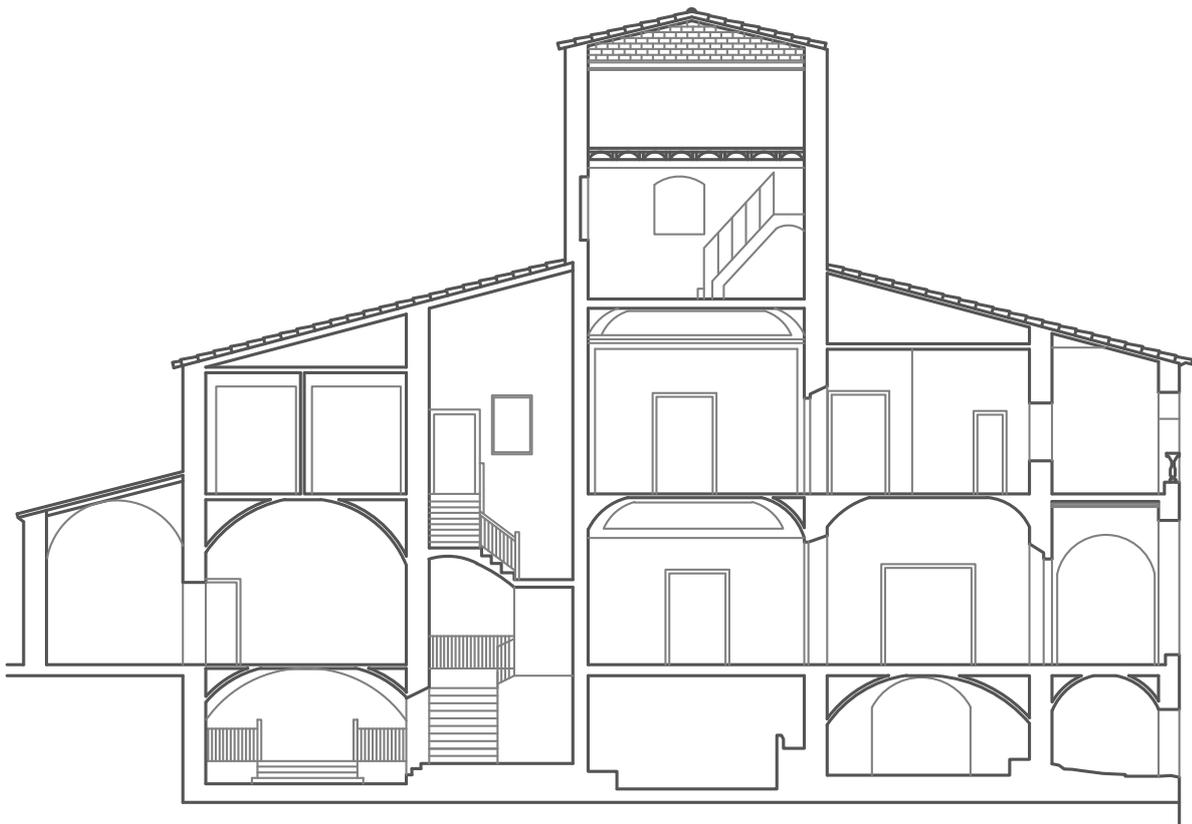


- 1. VESTÍBULO
- 2. COZINHA
- 3. SALA
- 4. SALA DE JANTAR
- 5. QUARTO
- 6. GALERIA
- 7. CAPELA



PISO 3
 ESCALA 1:200

- 1. BIBLIOTECA
- 2. QUARTO
- 3. SALA
- 4. GALERIA
- 5. INSTALAÇÃO SANITÁRIA



CORTE TRANSVERSAL
ESCALA 1:200

TORRE DE DEFESA

37 TORRE CA L'ALSINA

LOCAL

Mongat

COMARCA

Maresme



Fotografía Aérea (ICC). Escala aproximada 1:1500

TIPO

Torre

PERÍODO CONSTRUTIVO MAIS RELEVANTE

XVI

ORIENTAÇÃO FACHADA PRINCIPAL

-

FUNÇÃO ACTUAL

Elemento turístico

CONSERVAÇÃO

Bom estado

DATA DO TRABALHO DE CAMPO

20.07.2013

DESCRIÇÃO

Da antiga *masia* de Ca l'Alsina, derrubada em 1987, apenas sobrevive a torre de defesa construída durante o século XVI. A sua existência no conjunto edificado teria todo o sentido, uma vez que este está implantado na zona costeira, bastante próximo da linha de mar, sujeito aos ataques de corsários. Atualmente encontra-se inserido numa franja urbanizada entre a linha ferroviária e a beira-mar. A torre tem quatro pisos com cobertura em terraço.

ASPETOS MAIS RELEVANTES

- Tem uma planta absidal – semicircular na face sul e rectangular na face norte.
- A sua construção é executada em alvenaria de pedra com reforço de blocos de pedra aparelhada nos cunhais.
- Existem duas janelas de moldura em cantaria, uma pequena porta em arco de volta inteira com tijoleira posta a cutelo e uma porta com ombreiras e verga reta também com tijoleira.



